



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**O AUMENTATIVO COMO EXPRESSÃO DE HIERARQUIA NA LÍNGUA
TUKANO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**

**São Carlos
2021**



Universidade Federal de São Carlos

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**O AUMENTATIVO COMO EXPRESSÃO DE HIERARQUIA NA LÍNGUA
TUKANO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**

ROGER ALFREDO DE MARCI RODRIGUES ANTUNES
Bolsista CAPES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal de São
Carlos, como parte dos requisitos obtenção do
título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes, realizada em 31/08/2021.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde (UFSCar)

Prof. Dr. Renato Miguel Basso (UFSCar)

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon (UnB)

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto (UNICAMP)

Prof. Dr. Ednei de Souza Leal (SEESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

“As línguas indígenas constituem um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil.

[...]

Cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. Cada nova estrutura linguística que se descobre pode levar-nos a alterar os conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana.”

Aryon Dall'Igna Rodrigues (1966)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, por ter me criado com várias dificuldades impostas pela vida e pela saúde.

À minha querida Jéssica, que entrou na minha vida, me conquistando profundamente, pelo grande incentivo para a realização desta tese, sobretudo, pela compreensão, carinho e doçura. Você é uma pessoa bela e admirável em essência. Sem você na minha vida, o meu mundo seria diferente.

Ao Prof. Cleber, meu orientador, pelos conselhos acadêmicos e de vida, pelo apoio, pela paciência, por acreditar em mim, por me orientar com muita sapiência e por ser muito compreensivo. Você é um modelo de pessoa e profissional, não só para mim, mas para todo o mundo.

Ao Prof. Renato, pelos conselhos acadêmicos e intelectuais que sempre ajudaram a modelar minha forma de pensar.

Ao Prof. Thiago, que se dispôs a ser minha banca avaliadora, pelas valiosas sugestões, essenciais para que este trabalho avançasse satisfatoriamente.

Ao Ednei, pelas nossas longas conversas sobre vários temas da linguística, nos nossos grupos de estudos, e pelos conselhos sobre a vida. Além disso, sou muito grato por todo o apoio que recebi ao escolher essa temática.

Ao Prof. Aquiles, que se dispôs a ser minha banca avaliadora, pelas valiosas sugestões e apoio durante todo o desenvolvimento desse projeto.

Aos Profs. Marília Blundi e Oto Vale, por sempre terem me apoiado nessa jornada acadêmica e por aceitarem fazer parte da minha banca de defesa.

Aos amigos do Grupo de Estudos em Semântica Referencial: Yan, Fernanda Jane, Paulo, Isaac e Tainara.

Aos novos amigos que fiz nesta etapa da vida: Ignácio, Fabrício, Flora e Marcos.

Ao Hans, meu amigo aventureiro. Ao Michal, meu amigo mais aventureiro

ainda, que me ajudou durante o trabalho de campo no Amazonas em 2019.

À Profa. Maria Sílvia, que me ajudou muito com seus contatos em São Gabriel da Cachoeira. Além, é claro, de João Paulo, orientando da professora, que foi, por muitas vezes, meu companheiro de discussões no DL sobre a temática de línguas indígenas.

Aos amigos de mais longa data, que ainda estiveram presentes nesta etapa da vida: Thiago, Priscila, André, Dante, Pedro e Júlia.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado nos corredores, corrimãos e salas da Universidade: Nelson, Renata, André, Madá, Marina e Júlio.

Aos meus gatos Rony, Eva, Mia, Ares e Jade, que me ensinaram a levar a vida de uma forma mais tranquila.

À CAPES pela bolsa concedida.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as ancoragens indexicais que representam hierarquia na língua tukano (família étnico-linguística do Alto do Rio Negro na Amazônia), observando seu uso pronominal. É sabido que diferenças hierárquicas comumente são, de alguma forma, representadas em interações linguísticas e são motivadas no âmbito social por relações consanguíneas, religiosas, financeiras, dentre outras diferentes esferas. No que diz respeito às línguas indígenas, a que estudamos tem sido muito produtiva em relação ao uso de um marcador hierárquico, o qual se diferencia das ancoragens pronominais prototípicas. Isso significa que a língua tukano pode ser capaz de representar características extralinguísticas entre seus falantes, mais especificamente dentro do contexto familiar. Para realizar essa pesquisa, entrevistas foram feitas por meio da aplicação de um protocolo semi-guiado de investigação. Os questionários consistiram na validação de sentenças criadas por linguistas e informantes nativos. Além disso, por ser uma análise semântico-pragmática, que depende de opções contextuais, foi também pedido aos falantes nativos que selecionassem as sentenças mais eficientes, dentre várias de conteúdos similares. Sendo assim, conseguimos identificar uma partícula que vai de acordo com a nossa hipótese inicial, de que essa língua possui honoríficos. Nossa análise mostrou que, quando falantes de tukano precisam se comunicar, em certos contextos, como falando com um sujeito mais velho, por exemplo, o morfema aumentativo é utilizado durante sua interação. O principal exemplo que ilustra nosso objeto de estudos é **mi'ihó yi'ire kumupatá mi'ttiasa'**, que significa “você traz a cadeira para mim?”, sendo **mi'î** → você; e o sufixo **-hó** → o aumentativo, que usado por pessoas mais novas (filhos, por exemplo) em conversas com pessoas mais velhas (pais, tios, avós, etc.) é o cerne do fenômeno em questão. Isso significa que processos distintos acontecem quando os falantes se direcionam para pessoas do mesmo nível que elas, assim como quando ancoram figuras superiores nos seus contextos discursivos. Assim, realizamos análises que descrevem o fenômeno sobre dois campos, ao mesmo tempo diferentes e complementares, que são a dimensão expressiva (POTTS, 2005; 2007 e FORTIN, 2011) que, por meio de representações formais, nos permite demonstrar o funcionamento do aumentativo como escala etária / honorífica e não somente espacial, como esse morfema comumente é utilizado, por exemplo em português; e a honorificação (LEVINSON, 2007 [1983]), que busca definir o fenômeno por um viés relacionado às questões pragmáticas da comunicação. Dessa maneira, nós esperamos colaborar com o estudo das formas de representação da hierarquia social como um elemento universal nas línguas naturais, objetivando contribuir para os estudos de Semântica e Pragmática. Também buscamos contribuir para a descrição da língua tukano.

Palavras-chave: Análise semântico-pragmática. Língua tukano. Dimensão Expressiva. Honoríficos. Aumentativo.

ABSTRACT

This work aims to investigate the indexical anchorages that present social hierarchy in the Tukano language (ethnic and linguistic family from South America) regarding its pronominal use. It is well known that among various spheres of relations social hierarchies are somehow represented in the speech and are motivated in social groups by consanguineous, religious and financial relations. As far as indigenous languages are concerned, the Tukano language has been very productive in relation to the use of hierarchical markers, which differentiate from their conventional pronominal anchorages. It means that in the family contexts this language is rich in the representation of distance among their speakers. To carry out this research, interviews of native speakers of Tukano had been performed through the application of semi-directed investigation protocol. The questionnaires consisted of the validation of sentences created by linguists for the natives. Besides that and because it is a semantic-pragmatic analysis, being dependent on contextual options, it was also requested for the natives to select the most applicable sentence among many different situational contents. The analysis showed that in certain situations when Tukano speakers need to communicate, for instance as speaking to a superiorized subject, the augmentative morpheme occurs within their speech forms, according to this research's initial hypothesis. A good example of this phenomenon is the sentence: **mi'ihó yi'ire kumupatá mi'itiasa'**, that means "could big you bring the chair?" (here **mi'î** → you and **-hó** → the enhanced suffix) which would be used by a child or younger person to address his parent or an elderly within the family. This means different linguistic procedures are used depending on whether the speaker, in his speech context, addresses someone of the same level or a superior figure. To test that hypothesis various analyses had been carried out under two different but complementary fields. First, the Expressive Dimension (POTTS, 2005; 2007 and FORTIN, 2011) which allows to conclude that this morpheme works on a temporal degree, not only on a spatial degree, as the augmentative morpheme is used to be represented. Secondly, the Honorification (LEVINSON, 2007 [1983]) that permits to define the phenomenon through the point of view of pragmatics. This work intends to contribute to the study of representation of the social hierarchy of Tukano individuals as an universal element in natural languages within both fields of Pragmatics and Semantics. Furthermore, it will hopefully bring more attention to the Tukano language and to contribute to its revitalization.

Keywords: Semantic-pragmatic analysis. Tukano Language. Expressive Dimension. Honorifics. Augmentative.

LISTA DE ABREVIATURAS GRAMATICAIS

- +f → feminino
- f → não-feminino
- 1, 2, 3 → primeira, segunda e terceiras pessoas
- AN → animado
- AS → asserção
- AUM → aumentativo
- CAT → catafórico
- CENTRIF → centrífugo (→ **a**)
- CENTRIP → centrípeto (→ **'ti**)
- CREF → câmbio de referencial
- DAT → caso sintático dativo
- DED → modalidade dedutiva (evidencialidade dedutiva)
- DIM → diminutivo
- ESPEC → especificador (→ **ta**)
- FAB → forma de abóbora (→ **wa**)
- FOC → focalizador (funciona como indicação de locativo na maioria das vezes → **pi**)
- FRUST → frustrativo (→ **mi**)
- FUT → futuro
- IMP-DIS → imperativo de distância (-sã') (quando se faz um pedido para uma pessoa distante)
- IMPL → implicativo (muito usado em condicionais e orações com funcionamento subordinado)
- IMP → imperativo (direto → **ya**; indireto → **'ato**)
- INAN → inanimado
- INC → incontável
- IND → elemento indefinido ou não encontrado em gramáticas (auxiliares específicos)
- INT → interrogativo
- MASC → masculino
- MS → mesmo sujeito
- NEG → negativo
- OUT-PES → outras pessoas (tu, nós, ..)

P → pronome

PAN → forma de panela (→ **ti**)

PAS-CAD → passado caducado

PAS-REC → passado recente

PASS → passado normal

PL → plural

PRES → presente

REF → referencial (é utilizado para marcar objetos sintáticos → **re**)

REP → modalidade reportativa (evidencialidade reportativa)

RET → forma retilínea (→ **gi**)

ROL → forma roliça (→ **ga**)

SENT → modalidade sentida (evidencialidade sentida)

SG → singular

TUB → forma tubular e oca (→ **wi**)

VIST → modalidade vista (evidencialidade vista)

LISTA DE SIGLAS GERAIS

- AEITY → Associação Escola Indígena Tukano Yupuri
CCI → Centro de Culturas Indígenas da Universidade Federal de São Carlos
CEDEM → Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia
CIMI → Conselho Indigenista Missionário
DL → Departamento de Letras
FUNAI → Fundação Nacional do Índio
GESeR → Grupo de Estudos em Semântica Referencial
GU → Gramática Universal
IBGE → Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA → ONG Instituto Socioambiental da Amazônia
OBL → Olimpíada Brasileira de Linguística
PIB → Povos Indígenas do Brasil
SGC → São Gabriel da Cachoeira - AM
SIL → Summer Institute of Linguistics
UFSCar → Universidade Federal de São Carlos
WALS → The World Atlas of Language Structures

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS PARA A LINGUAGEM FORMAL

ACIDs → Alleged Conventional Implicature Device (supostos dispositivos de implicatura convencional)

AG → Adjetivo gradual

AIE → Amplitude do intervalo emocional

C_A → Agente do contexto

CD → Contribuição descritiva

CE → Contribuição expressiva

CI → Conventional implicature (implicatura convencional)

C_j → Juiz do contexto

C_T → Tempo do contexto

C_w / W → Mundo do contexto (*world*)

C_ε → Propriedades expressivas do contexto

C → Contexto

d → Expressão abstrata de medida/grau (*degree*)

e^a → Tipo lógico para argumento *at-issue*

e^c → Tipo lógico para argumento do conteúdo expressivo

e → Tipo lógico para argumentos/indivíduos

I_d → Índice à direita (limite do intervalo)

I_e → índice à esquerda (limite do intervalo)

I → Índice expressivo

MCE → Mudança contextual feita por um expressivo

m → Parâmetro de medida (em grau)

PMIE → Ponto médio do intervalo emocional

sse → se e somente se

stnd → grau standard de comparação

t^a → Tipo lógico para sentença (*at-issue*)

t^c → Tipo lógico para sentença do conteúdo expressivo

t → Tipo lógico para sentenças

ε → Tipo para expressivos

\wedge → E

α → Conteúdo imediato

$\beta \rightarrow$ Conteúdo expressivo

$\delta \rightarrow$ Operador pressuposicional

$\lambda \rightarrow$ Função lambda

$\mathbb{R}^* \rightarrow$ Conjunto dos números reais

$\varphi \rightarrow$ Representação de um adjetivo gradual

$\psi \rightarrow$ Conteúdo pressuposto / pressuposição

$\in \rightarrow$ Pertence

$\notin \rightarrow$ Não pertence

$\cap \rightarrow$ Operador down (tem a função de criar um indivíduo a partir de uma propriedade)

$\approx \rightarrow$ Alteração de contexto

$\sqsubseteq \rightarrow$ Contido

$\bullet \rightarrow$ Separador do conteúdo imediato (*at-issue*) do conteúdo expressivo

$\geq \rightarrow$ Maior ou igual a

$\exists \rightarrow$ Existe

$\emptyset \rightarrow$ Vazio

LISTAS DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1. Tronco Tupi	31
Figura 2. Tronco Macro-Jê	32
Figura 3. Família Tukano.....	32
Figura 4. Mapa do Rio Uaupés e da cidade de SGC.	36
Figura 5. Mapa do rio Uaupés e dos grupos étnicos da região.	38
Figura 6. Mapa de vogais do IPA (com marcação das vogais do tukano).	43
Figura 7. Funcionamento dos evidenciais.	49
Figura 8. Diagrama do percurso teórico sobre o aumentativo em tukano.	61
Figura 9. Exemplo de concordanciamento da ferramenta AntConc.	128
Figura 10. Diagrama de tipos de adjetivos.	155
Figura 11. Árvore genealógica em tukano.	174
Figura 12. Gradiente de parametrização da hierarquia em línguas.	186
Figura 13. Gramatização ou contextualização da hierarquia social.	187
Gráfico 1. Frequência de aplicação dos questionários.....	70
Gráfico 2. Frequência de uso em números absolutos das respostas que continham aumentativos em discursos reportados e diretos no questionário VII aplicado em SP e no AM.	120
Gráfico 3. Frequência estatística de predileção pelo aumentativo em tipos de sentença/contexto entre todos os questionários.	121
Quadro 1. Classificadores em tukano.	45
Quadro 2. Exemplos da produtividade derivativa nominal.	48
Quadro 3. Paradigma de “conjugações” verbais.	50
Quadro 4. Relação de formas testadas para o uso do aumentativo em objetos.	126
Quadro 5. Termos de parentesco testados nos questionários.	173
Tabela 1- Dados gerais dos participantes	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. A LÍNGUA TUKANO: UMA BREVE APRESENTAÇÃO	24
1.1. Historiografia da descrição das línguas indígenas no Brasil	24
1.1.1. Troncos e famílias linguísticas brasileiras	30
1.1.2. O contato entre as línguas	33
1.2. Os povos e a língua tukano	35
1.2.1. Algumas impressões sobre línguas indígenas no perímetro urbano de São Gabriel da Cachoeira	38
1.2.2. Gramáticas e materiais desenvolvidos em tukano	40
1.2.3. Visão geral da língua.....	41
1.2.3.1. Fonética e Fonologia: dos tons à ortografia.....	42
1.2.3.2. Morfologia e um pouco além.....	44
1.2.3.3. Sintaxe: ordem e função de alguns elementos	56
2. METODOLOGIA	60
2.1. Procedimentos éticos	64
2.1.1. Recrutamento participantes em São Carlos – SP.....	64
2.1.2. Recrutamento de participantes em São Gabriel da Cachoeira – AM.....	65
2.1.3. Fichas dos participantes e armazenamento das informações.....	66
2.1.4. Comitê de Ética.....	67
2.2. Elaboração dos questionários	68
2.2.1. Informações importantes	69
2.2.2. Estratégias de elaboração.....	70
2.2.3. Problemas encontrados nos primeiros questionários	77
2.2.4. Questionários efetivos	79
2.2.4.1. Questionários aplicados no interior de SP	79
2.2.4.2. Questionário VII aplicado em São Gabriel da Cachoeira	86
2.2.4.3. O questionário digital	95
2.3. Considerações sobre a elaboração e aplicação dos questionários	110
3. O AUMENTATIVO COMO EXPRESSÃO DE HIERARQUIA NA LÍNGUA TUKANO	112
3.1. Dêixis ou indexicais com aumentativos: uma junção (in)comum	113
3.1.1. Os usos do aumentativo na língua tukano	118

3.1.1.1. O aumentativo na avaliação de imagens	122
3.1.1.2. A busca pelo aumentativo em textos escritos	127
3.1.1.3. A indexicalidade dos sujeitos na língua tukano	131
3.2. A dimensão expressiva como explicação para o fenômeno	137
3.2.1. Potts e o plano expressivo	139
3.2.2. A teoria de Fortin e a gradação dos expressivos	153
3.2.3. O aumentativo como significado expressivo	165
3.3. Gramaticalização da hierarquia: de volta à nossa hipótese inicial	167
3.3.1. O questionário recusado	168
3.3.2. Os pronomes lexicalizados	170
3.3.2.1. Os termos de parentesco na língua tukano	174
3.3.3. A hipótese não comprovada sobre o honorífico enunciativo	175
3.3.4. O (in)certo honorífico em primeira pessoa do plural.....	179
3.3.5. O que outros honoríficos nos dizem sobre a figura feminina	182
3.3.6. O aumentativo como honorífico	185
3.3.7. Classificação do aumentativo e suas combinações.....	188
3.4. Considerações sobre a análise semântico-pragmática	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS	197
APÊNDICE I — TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	207
APÊNDICE II — FICHAS DE INFORMANTES	213
APÊNDICE III — QUESTIONÁRIOS.....	218
APÊNDICE IV – TABELAS DOS GRÁFICOS	280
APÊNDICE V – LISTA COMENTADA DE REFERÊNCIAS A MATERIAIS EM TUKANO	283
APÊNDICE VI – LISTA EXPLICATIVA DE FORMAS TESTADAS (EM PORTUGUÊS)	289

INTRODUÇÃO

É sabido que diferenças hierárquicas comumente são, de alguma forma, representadas em interações linguísticas e são motivadas no âmbito social¹ por relações consanguíneas, religiosas, financeiras, dentre outras diferentes esferas. No que diz respeito às línguas indígenas, a língua tukano tem sido produtiva em relação ao uso de um marcador hierárquico responsável por diferenciar a relação que existe entre os indivíduos em uma interação.

Sendo assim, após observações iniciais a essa língua, decidimos por nos aprofundarmos na temática, pois um trabalho de descrição linguística com a temática indígena caminha no sentido de trazer à sociedade ocidental e científica elementos de interesse, levando, conseqüentemente, a contribuir com a preservação, revitalização e manutenção das línguas e dos costumes dos povos indígenas.

Devido ao fato da Universidade Federal de São Carlos ser um polo de políticas inclusivas para a comunidade indígena, a possibilidade de realização desse trabalho nos surgiu em 2016, quando, em conversas informais com alunos indígenas pela UFSCar, percebemos que a língua tukano era um campo linguístico muito rico e pouco estudado.

Dessa maneira, com o avanço de nossa investigação, foi possível observar que, quando os falantes dessa língua se comunicam, em determinados contextos, como estando próximo a um familiar mais velho, por exemplo, há a necessidade de uso do aumentativo. Isso quer dizer que uma sentença² como (1)³, a seguir, por mais que funcione em determinados casos, ainda não é a predileta quando há a necessidade de marcação

¹ Devemos ter em mente que desde o início partimos dessa premissa neste trabalho – de que não nos associaremos a fatores sociais (ou sócio-históricos), mas ao fenômeno linguístico gramatical circunstancial (ou sócio-pragmático) responsável pelos honoríficos e pelo plano expressivo, pois a noção de superioridade social discursiva não diz respeito aos campos estudados por nós pelo seu fator dependente da cultura de um povo.

² Como a língua tukano possui uma grande complexidade gramatical, o que faz com que muitos morfemas diferentes sejam utilizados nas sentenças presentes nesta tese, optamos por não seguir estritamente as regras de Leipzig (2008) para elaboração de glosas. Devido à nossa temática e às particularidades dessa língua, exibiremos as glosas da seguinte maneira: primeiramente as sentenças grafadas em língua tukano, em negrito; na linha abaixo haverá sua transliteração para a língua portuguesa, em itálico; na sequência haverá a sentença em tukano desmembrada por hífens (-) em morfemas e, na linha abaixo, justificados aos morfemas, haverá a sua classificação morfológica, que poderá ou não ser concatenada por (.) ponto caso incida mais de uma classificação para a sequência; e por fim, dentro de aspas duplas, haverá a tradução para a língua portuguesa.

³ Devido ao grande número de exemplos, sua numeração será reiniciada em cada um dos Capítulos.

hierárquica durante a enunciação.

(1) **yì'îre kumupatá mi'îtiasa'**⁴

para mim cadeira traga

yì'î - re kumupatá mi'îtia - sa'

eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS⁵ (SENT.OUT-PES)

“traz a cadeira para mim”

Em nossas análises, identificamos que um pai, devido à sua posição hierárquica, na hora de pedir uma cadeira para um filho, pode fazer uso da sentença (1). Porém, um filho que faz um pedido ao pai é induzido pelas adequações de sua língua a dizer (2) - que veicula uma informação extra.

(2) **mi'îhó yì'îre kumupatá mi'îtiasa'**

vocêzão para mim cadeira traga

mi'î - hó yì'î - re kumupatá mi'îtia - sa'

você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzão traz a cadeira para mim”

⁴ O morfema **-sa'**, nos questionários utilizados como ferramenta da pesquisa (cf. Capítulo 2) e em alguns exemplos presentes no decorrer deste texto, por vezes apresenta-se ortograficamente como **-sã**, devido à utilização dos exemplos dos próprios participantes para a elaboração dos questionários. Isso também se deve ao fato da língua tukano não possuir, até o momento, regras ortográficas estritas.

⁵ A abreviatura IMP-DIS significa, segundo a gramática de Ramirez (1997a), imperativo de distância. Porém, não necessariamente deve estar associado ao conceito de imperativo que estamos acostumados cujo significado é o de uma ordem (para essa concepção de IMP, há o morfema **-ya**). No entanto, o morfema **-sa'** está mais relacionado à enunciação de um pedido, sendo que os participantes da interação não estão próximos. Isso significa, para este exemplo (1), que a cadeira não está próxima do falante, que não está próximo de seu interlocutor.

Nos testes que realizamos, percebemos que o uso do aumentativo, em alguns contextos, carrega informações que não são somente espaciais (tamanho), mas etáticas⁶, como a idade dos participantes e o grau de proximidade e / ou distanciamento entre eles. Por conta disso, resolvemos nos aprofundar nessa temática, partindo da hipótese de que há honoríficos na língua tukano, cujo comportamento é muito próprio⁷. Dessa forma, para entendermos melhor a questão de nossa hipótese inicial - da gramaticalização da hierarquia social -, vamos ilustrar brevemente, a seguir, o tema principal que abordaremos nesta pesquisa.

Em 1960, Brown e Gilman descreveram as diferenças entre *you* e *thou* do inglês e mencionaram o distanciamento entre as referências nos enunciados, que existe em outras línguas europeias, como o francês *tu / vous* e o espanhol *tu / vosotros*. Com o avanço das teorias no campo da pragmática, começaram a surgir trabalhos sobre a marcação da hierarquia social em línguas como o japonês como os de Harada (1976) e Toribio (1990). Anos depois, Levinson (2007 [1985]) resumiu, que esse fenômeno, nomeado dêixis social, diz respeito à codificação de distinções sociais relativas aos papéis dos participantes, particularmente a aspectos da relação social entre o falante e o(s) destinatário(s) ou entre falante e algum referente.

Recentemente, pesquisas que sobre morfemas que tratavam dessa marcação hierárquica, chamados honoríficos, foram mais descritos na língua japonesa por Okamoto (1997; 1999) e Pizziconi (2003), na língua coreana por Brown (*et al.*, 2014) e na língua persa por Izadi (2015). Para ilustrar melhor essa temática na literatura, visitemos o exemplo de Pizziconi (2003, p. 1475, nossa glosa⁸) sobre a língua japonesa (3). Nele, fica evidente a marcação hierárquica, pois, segundo o autor há pelo menos três maneiras distintas de dizer a mesma coisa (“hoje é sábado”), entretanto, deve haver, obrigatoriamente, a distinção do público que ouvirá essas frases.

⁶ Por informações etáticas, entende-se informações referentes à idade. Assim, optamos por utilizar esse termo em nossas análises haja a vista que não se trata simplesmente de uma informação sobre a idade dos falantes, mas sim sobre o grau de respeito que se é instaurado graças à essa informação expressiva expressada pelo aumentativo.

⁷ Até o momento não foi possível constatar outras línguas que possuíssem essa função pragmática materializada pelo uso do aumentativo. Isso se deve ao fato de os manuais e gramáticas não se focarem tanto em descrições semânticas e pragmáticas.

⁸ A glosa apresentada a seguir não segue as orientações de Leipzig (2009). Isso se dá pelo fato de termos obtido esses exemplos da autora Pizziconi (2003) e em seu próprio trabalho não há glosa. As traduções foram feitas por nós.

- (3) a. **kyoo wa doyoobi da**
hoje - sábado é - verbo ser/estar (para situações informais)
- b. **kyoo wa doyoobi desu**
hoje - sábado é - verbo ser/estar (para situações formais)
- c. **kyoo wa doyoobi degozai masu**
hoje - sábado é - verbo ser/estar (para situações muito formais)

O exemplo (3-a) diz respeito a uma prática discursiva coloquial, entre amigos, (3-b) entre familiares ou, por exemplo, pessoas conhecidas que se encontrem porventura nos espaços públicos, e (3-c) em contextos de congressos e palestras formais. Podemos observar que nessa língua, o honorífico se apresenta no verbo, neste exemplo no “ser/estar”. Em línguas ocidentais que temos mais contato, como o espanhol ou inglês, podemos, também, identificar certa marcação hierárquica ao se referir a determinadas pessoas, por meio de elementos lexicalizados (pronomes de tratamento), como em (4):

- (4) a. O senhor poderia pegar essa cadeira?
 b. Sim, senhor!
 c. Vossa excelência confirma o veredicto?
 d. Para abrir nosso evento nesta noite, vossa magnificência, o Reitor!

No que tange à organização social do povo tukano⁹, existem trabalhos etnológicos, como o de Pedroso (2013), que nos mostra como é a organização desse grupo nos dias atuais. Dessa maneira, partimos da premissa de que esse povo, além de ser fragmentado em clãs, possui diversas outras “distinções familiares hierárquicas”, como, por exemplo, a figura máxima dentro de uma família ser um sogro, chamado *manhehkũ*.

⁹ É possível encontrar o resumo da sua organização social do povo tukano a partir do material de divulgação na página da ONG Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>>. Acesso pela última vez em: 31/10/2020..

Dentre as outras designações específicas, para as pessoas mais velhas, há *nhehkã*¹⁰, para sacerdotes, *pa'y* e *kumũ*, para irmão mais velho, *ma'mi*, e caçula, *ahkabihi*.

Dessa maneira, para a realização deste trabalho, mobilizamos conceitos do plano expressivo e dos indexicais, com o intuito de buscar subsídios suficientes para testar nossa hipótese de que há marcação hierárquica social (sentido de distanciamento) por meio de elementos linguísticos gramaticalizados, dentro de situações específicas de fala, como na realização de um pedido, em (1) e (2).

Como fundação teórico-metodológica norteadora, adotamos a ideia popperiana de elaboração de hipóteses falseáveis por evidências empíricas, trabalhando com o método hipotético-dedutivo próprio das abordagens formais em linguística. Aplicando essa metodologia, buscamos identificar os mecanismos linguísticos - semântico-pragmáticos — utilizados para ancorar os sujeitos hierarquicamente superiores e inferiores nos contextos de fala.

Conforme fomos nos aprofundando no nosso objeto de estudos, percebemos que as teorias de Potts (2005; 2007) e Fortin (2011) a respeito da dimensão expressiva proposicional eram úteis para nos ajudar a entender melhor o fenômeno estudado. Por conta disso, resolvemos nos aprofundar nelas e seguir suas práticas e ferramentas lógicas para realizar formalizações das ocorrências do uso do aumentativo como honorífico. Para isso, levamos em consideração, precisamente, as situações hierarquicamente especificadas, para que obtivéssemos a certeza da proposição que o devido plano expressivo carregava. Com isso, percebemos, basicamente, que o uso do aumentativo não somente carrega informações sobre as dimensões, como também informações etáticas, como a idade dos sujeitos presentes na enunciação, na língua tukano

Quanto à organização desta pesquisa, optamos por dividi-la em três grandes capítulos que seguem o progresso da investigação. No primeiro deles, é traçado um breve panorama historiográfico da descrição linguística de línguas indígenas brasileiras, culminando no ponto principal para essa seção — a língua tukano. Assim, no âmbito linguístico, são levantados, resumidamente, os elementos gramaticais mais pertinentes da língua tukano para a melhor compreensão das análises presentes nos capítulos seguintes.

¹⁰ Em todo este trabalho, optamos por utilizar a grafia das palavras advindas dos próprios participantes, pois logo início de seu desenvolvimento, não possuíamos um material robusto de base para consulta e análise gramatical. Somente alguns meses após o início desta pesquisa que conseguimos acesso ao material de Ramirez (1997abc). Portanto, é possível observar que no decorrer deste trabalho a grafia de mesmas palavras pode sofrer pequenas variações, que são resultado, justamente, das consultas ao material do autor. Isso é mais observado no final do Capítulo 2, no qual trazemos informações a respeito da elaboração dos questionários.

Para dar sequência, no segundo capítulo são expostas as questões pertinentes aos caminhos que foram sendo tomados para a coleta de dados, desde as problemáticas identificadas durante a construção dos questionários, até os dados estatísticos sobre sua aplicação e informações elididas sobre os informantes. Esse capítulo é marcado pela sua estrutura metodológico-descritiva singular, pois os caminhos para a construção dos questionários, não tão comuns dentro dos campos de estudos da semântica e pragmática formais, foram desenvolvidos por nós.

Por fim, o terceiro capítulo traz a análise do fenômeno em si, pautada sobre discussões teóricas a respeito dos indexicais (cf. Kaplan, 1989) e significado expressivo (cf. Potts, 2005, 2007 e Fortin, 2011). É importante notar que nossa passagem pelas ferramentas formais que esses teóricos dispunham foram responsáveis pela argumentação pragmática da existência do honorífico em tukano, observado nos usos do aumentativo. Consolidando, assim, o termo usado no título desta tese — uma análise semântico-pragmática.

Vale ressaltar que todo o modelo do material utilizado para a coleta de dados, como os questionários e fichas de participantes, foram desenvolvidos por nós e estão presentes integralmente nos Apêndices, ao final desta tese.

1. A LÍNGUA TUKANO: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Neste capítulo contextualizamos a língua tukano no cenário das línguas nativas brasileiras. Primeiramente, traçamos um panorama historiográfico da descrição de línguas indígenas em nosso território, que culminou, no século XX, com os estudos mais aprofundados e tipológicos. Em seguida, nos focamos em questões gramaticais sobre os elementos linguísticos mais pertinentes da língua tukano que servirão para a compreensão das análises desenvolvidas neste trabalho.

1.1. Historiografia da descrição das línguas indígenas no Brasil

Ao longo de um primeiro período de descrições de línguas no Brasil, em momento anterior ao consolidamento da linguística como ciência, a primeira gramática desenvolvida a partir de uma língua indígena foi a ‘A Arte de Grammatica da Lingoa Mais Usada na Costa do Brasil’, criada no século XVI pelo Padre José de Anchieta. É interessante notar que esse material se deu devido à necessidade de comunicação inicial dos portugueses, que chegaram ao Brasil, com os nativos. Devido à formação católica de Pe. Anchieta e das tradições de ensino e aprendizado da época, as línguas cujo Padre havia estudado antes de chegar aqui eram, substancialmente, europeias. Além disso, a língua que se manteve como privilegiada até então era o latim, que, como língua eclesiástica, vinha sendo estudada e utilizada nas celebrações da Igreja. Como consequência, a primeira gramática de uma língua não europeia da América portuguesa, se baseou no único instrumento que havia na época, i.e., nos elementos gramaticais de acordo com os moldes pré-elaborados das gramáticas latinas.

Das diversas línguas faladas no Brasil do século XVI e XVII, só foi realizada a descrição gramatical de duas delas e, por consequência, desenvolvidas as suas gramáticas (ALTMAN, 2012, p. 14): “[...] do Tupi (=Tupinambá) e do Kiriri [...] todas escritas em português e publicadas, pela primeira vez, em Portugal”. A língua Tupinambá, nos dialetos descritos, originou a Língua Geral Amazônica, que, segundo Altman (2012), foi a língua

utilizada pelos colonizadores portugueses na região amazônica e hoje é conhecida como o Nheengatu (RODRIGUES, 1996). Essa língua (ALTMAN, 2012, p. 17), juntamente com a Língua Geral Paulista, foram “[...] variedades históricas e geográficas do mesmo subconjunto de línguas da família Tupi-Guarani, aquela que foi disseminada ao longo da costa brasileira do Atlântico, do sul até a região amazônica.” Além dessas duas línguas gerais, também existiu uma língua de contato baseada no Guarani, na fronteira entre o Paraguai e o Brasil (RODRIGUES, 1996).

Um fato pertinente a ser destacado é a forma com que as gramáticas dessas línguas foram elaboradas. Segundo Altman (2003), as primeiras gramáticas brasileiras tomaram como parâmetro as chamadas gramáticas humanistas¹¹, que surgiram na Europa durante a formação dos Estados Nacionais e tiveram o objetivo de ensinar a estrutura das línguas, de forma a introduzir posteriormente os estudantes à língua latina.

Há uma diferença de cunho teórico considerável entre esse tipo de disciplina e a gramática tradicional: nem a gramática geral nem a gramática comparada apresentam diretamente objetivos práticos, elas procuram produzir enunciados empíricos, quer dizer, verificáveis e falseáveis [...]. (Auroux, 1992, p. 137).

A tradição humanista, que marcou um tempo da Linguística, começa a se encerrar com a Gramática de Port-Royal, que, embora ainda tivesse o viés didático (ARNAULD & LANCELOT, 2001), justamente retoma à tradição especulativa.

Para ilustrar esse fato, o historiador da gramatização Sylvain Auroux (1992) faz um panorama sobre a origem das gramáticas e as preocupações metalinguísticas dos povos durante o tempo, de modo a levantar o percurso histórico do conteúdo das gramáticas. Com isso, a necessidade de criação de uma metalinguagem para as línguas, segundo Auroux, é considerada uma tecnologia que foi responsável por mudar a vida humana em vários aspectos. Além disso, Leal (2015, p. 24) afirma que esse conteúdo metalinguístico é mais reflexivo que o conhecimento epilinguístico e fornece subsídios mais úteis para a confecção de gramáticas. De forma complementar, Borges Neto (2012) assume que a gramática é um gênero textual responsável pela tradição de desenvolvimento do pensamento linguístico.

¹¹ Basicamente, as gramáticas humanistas tiveram uma função prática imediatista de descrever e expor a estrutura das línguas vulgares de forma simplificada, em oposição às tradições anteriores de gramáticas escolásticas filosóficas.

Em consequência disso e da evolução do pensamento na Europa, os portugueses que aqui chegaram já dispunham de certa carga de conhecimento tido como dominante para a época. Com isso, e com o fato de a sociedade ser de base religiosa, as pessoas que dominavam os estudos e, por consequência, as descrições linguísticas, estavam necessariamente associados à Igreja. Segundo Ilari & Basso (2014, p. 62), “as línguas indígenas foram utilizadas para a catequese católica e, por esse motivo, tornaram-se desde o início um importante objeto de estudo”. Sendo assim, as abordagens gramaticais entendidas até então serviram de subsídios para a elaboração das gramáticas no Brasil. As línguas indígenas acabaram sendo “enquadradas” dentro da forma de pensar europeia, no sentido de que a descrição da língua e as formulações das gramáticas não teriam outra motivação que não fosse o contato imediato com os nativos, da forma mais rápida e simplificada possível. Essa simplificação foi chamada de “corrupção das línguas indígenas” por Altman (2012, p. 19). O exemplo que mais ilustra esse fato é a gramática de Anchieta, que, em poucas páginas, de uma forma esquemática e simplificada, desenrola um manual genérico interlinguístico das línguas com as quais ele obteve contato. Como afirmam Ilari & Basso (2014), embora houvesse uma variedade de línguas indígenas no Brasil, na época do descobrimento, houve a necessidade de criar línguas gerais. Essas, consideradas línguas francas, foram desenvolvidas com as ferramentas das quais os portugueses dispunham na época. Vale a pena notar que um dos fatores facilitadores para as línguas gerais terem origem no tronco tupi possivelmente foi a recorrência de línguas desse tronco pela costa do país, onde os europeus se instalaram inicialmente.

Durante o período colonial no Brasil, pouco se discutiu sobre políticas linguísticas em relação às línguas indígenas. Até certo ponto na história, a Igreja possuía o controle sobre o ensino e descrição das línguas, que acontecia, notoriamente, para fins religiosos. Como ruptura a esse sistema e com o intuito de incorporar os indígenas à sociedade dos brancos, em 1757, o braço direito do rei de Portugal, o ministro Marquês de Pombal, decretou a proibição de línguas que não fossem a língua portuguesa nas escolas (Ilari & Basso, 2014).

Dando sequência à cronologia, somente ao final do Império, D. Pedro II, um conhecedor das ciências e artes com habilidades em línguas estrangeiras, se empenhou no conhecimento das línguas indígenas do Brasil na época, principalmente o Tupi. Isso fez com que atraísse movimentos literários e incentivasse pesquisas etnográficas, linguísticas e naturalistas, que foram responsáveis pelo resgate aos elementos nacionalistas (SOARES et

al., 2013, p. 22).

Muito tempo depois, em um segundo período de descrições linguísticas, já iniciado pela influência indireta do Imperador, antropólogos e linguistas, no início do século XX, começaram a descrever algumas línguas e culturas pelo Brasil. Exemplos desses antropólogos pioneiros, podemos citar Karl Von den Steinen, um alemão que estudou o bakairí, Curt Nimuendajú, criador de um importante mapa¹² etnolinguístico do Brasil, etc. (Barbosa, 2004, p. 58).

Num terceiro momento de descrição linguística abrangente das línguas brasileiras, houve um investimento internacional, advindo de fundações estrangeiras de caráter religioso, que fizeram uma parceria com as universidades brasileiras. Dessa forma, os primeiros missionários-linguistas começaram a atuar aqui na década de 40 do século XX e o Summer Institute of Linguistics (SIL) chegou aqui em 1956. Devido à organização e grande difusão dos linguistas deste instituto, um vasto material a respeito das línguas indígenas foi criado e muitas línguas, pela primeira vez, tiveram registro e documentação¹³. Alguns anos depois, todas as informações coletadas foram centralizadas por Aryon Rodrigues (1986) e até hoje são a única documentação descritiva que boa parte dessas línguas¹⁴ possui.

A publicação do linguista Mattoso Câmara (1965) foi um dos primeiros livros científicos¹⁵ publicados no Brasil a respeito das línguas indígenas. Tendo o seu título 'Introdução às línguas indígenas brasileiras' (1965) se dedicou especialmente à transmissão de conhecimentos de linguística geral para quem objetivava os estudos das línguas indígenas e sua história no Brasil, diferentemente da obra de Rodrigues (1986), que não visou substituir a obra já existente de Mattoso, mas complementá-la com as informações a respeito da distribuição das línguas hoje faladas no Brasil. Além disso, em outra abordagem, a referida obra de Mattoso Câmara serviu de base teórica para a formação dos

¹² É possível encontrar informações sobre este linguista e ter acesso ao mapa nesta página: <http://www.etnolinguistica.org/autor:curt-nimuendaju>

¹³ Não nos cabe neste trabalho discutir o intuito com que essas instituições religiosas tinham. Existem muitos pontos positivos e negativos sobre as suas práticas e por uma questão ética optamos por ser neutros.

¹⁴ Em meio a isso, West (1980), com financiamento e parcerias do SIL, realizou uma das descrições e documentações sobre a língua tukano. Embora seja considerada uma das pioneiras, é o material do Padre Antonio, datado da década de 1940.

¹⁵ Joaquim Mattoso Câmara Jr. foi um linguista muito importante no e ao Brasil. Tendo realizado seus estudos nos Estados Unidos, trouxe muito da visão estruturalista norte-americana (sapiriana, bloomfieldiana e harrisiana) ao Brasil.

missionários filiados Summer Institute of Linguistics (SIL)¹⁶ no Brasil.

Por outro lado, o livro ‘Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas’ (1986), de Aryon Dall’Inha Rodrigues, surgiu após o início dos trabalhos de descrição das línguas indígenas, patrocinado pelas missões religiosas, e se originou de uma série de artigos publicados entre 1982 e 1985 no jornal mensal ‘Porantim’, que era o veículo informativo do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Esses artigos tiveram como objetivo divulgar, de forma sistemática, os conhecimentos existentes sobre as línguas indígenas do Brasil (RODRIGUES, 1986). Foram organizadas e catalogadas as famílias das mais de 170 línguas faladas em todo o território brasileiro, em uma obra única até então não realizada. Até os dias atuais é uma das obras mais ricas que expõe a diversidade das línguas indígenas do território nacional.

Para consolidá-la, foi necessário o trabalho em conjunto de muitos linguistas, antropólogos, naturalistas e missionários (RODRIGUES, 1986, p. 7). Embora a motivação de uma parte desse grupo não tenha sido meramente científica, os frutos do trabalho de descrição linguística, nessa época, foram imensos e de grande valia para a sociedade. Infelizmente, o contato das várias etnias que vivem no Brasil com a cultura nacional e globalizada, além da indevida aplicação de políticas de proteção às culturas indígenas, são responsáveis, nos dias atuais, pelo processo de extinção de muitas das línguas faladas no Brasil (RODRIGUES, 2014).

Nos parágrafos a seguir trataremos informações sobre alguns materiais que trabalham com a temática das línguas indígenas. A elaboração desse conteúdo se dá sempre em meio científico. Segundo a página oficial do diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq¹⁷, existem em torno de 44 grupos de estudos sobre línguas indígenas. Em nosso departamento na UFSCar há o grupo LEETRA, cujo principal foco é o estudo de literatura ameríndia e suas traduções.

Quanto aos periódicos que trabalham exclusivamente com a temática da descrição de línguas indígenas, há a revista ‘LIAMES: Línguas Indígenas Americanas’, da Universidade de Campinas, a ‘Revista Brasileira de Línguas Indígenas’ da Universidade Federal do Amapá e a Revista Brasileira de Linguística Antropológica da UnB. Tais revistas publicam artigos sobre descrições e fenômenos linguísticos identificados em

¹⁶ Foi uma das primeiras e mais importantes instituições de descrição de línguas indígenas no Brasil. Patrocinados por fundações religiosas internacionais, visava levar material religioso às línguas e comunidades afastadas presente no globo.

¹⁷ http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

línguas indígenas do continente americano. Em 2014, a revista ‘DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada’, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, publicou uma edição especial em homenagem ao linguista pioneiro Aryon D. Rodrigues, contendo seus artigos póstumos, entrevistas e trabalhos de seus orientandos e relacionados.

Durante os anos de 2004 e 2010, a Coordenação Geral de Estudos e Pesquisas da FUNAI realizou um trabalho de divulgação científica sobre temas indigenistas, em parceria com diversas universidades pelo país. Essa parceria culminou na publicação de sete edições de sua revista com coletâneas de artigos.

Recentemente, em 2019, dois livros de linguistas foram publicados dentro da temática indígena, com objetivo de abranger, por mais que seja brevemente, uma vasta parte das línguas brasileiras. O livro ‘Línguas Indígenas e Gramática Universal’, organizado por Marcus Maia e Bruna Franchetto, traz aplicações a análises, segundo a teoria chomskyana de algumas línguas encontradas aqui no Brasil. Um dos intuitos desse livro, provavelmente foi o de desmistificar o gerativismo, que já havia sido colocado em cheque por outros estudos em línguas indígenas¹⁸. Além disso, o livro faz uma boa análise de uma vasta gama de fenômenos linguísticos. Em contrapartida, o livro ‘Línguas Indígenas: tradição, universais e diversidade’, da Luciana Storto, além de trazer análises de fenômenos específicos que ocorrem em algumas línguas, busca expor, de maneira mais atualizada, o panorama tipológico brasileiro, haja visto que outro material de mesma abrangência é a obra de Rodrigues (1986), publicada há 33 anos.

Em formato digital, uma das ferramentas mais atualizadas para se ter contato com informações relativas a essas línguas é o banco de dados da ONG Instituto Socioambiental, que funciona desde 1994 e tem como uma de suas linhas de atuação a preservação cultural dos povos indígenas no Brasil. Como resposta à sociedade, a página desse instituto é um arcabouço de divulgação de informações linguísticas e antropológicas sobre os povos indígenas brasileiros.

Após esse panorama historiográfico sobre a produção de material sobre línguas brasileiras, a seguir, vamos expor, brevemente, a variedade de línguas faladas em nosso território.

¹⁸ Daniel Everett (2008), ao estudar a língua brasileira Pirahã no PA, contestou a recursividade gramatical prevista pela Gramática Universal gerativista.

1.1.1. Troncos e famílias linguísticas brasileiras

Segundo dados recentes da SIL International (2009), atualmente são falados mais de 150 línguas e dialetos indígenas no Brasil. Antes da chegada dos colonizadores, estima-se que esse número passava de mil.

Segundo o site da ONG ISA (2019), atualmente, somente 25 povos têm mais de cinco mil falantes de línguas indígenas, que são: Apurinã, Ashaninka, Baniwa, Baré, Chiquitano, Guajajara, Guarani (Ñandeva, Kaiowá, Mbya), Galibi do Oiapoque, Ingarikó, Huni Kuin, Kubeo, Kulina, Kaingang, Mebêngôkre, Macuxi, Munduruku, Sateré Mawé, Taurepang, Terena, Ticuna, Timbira, Tukano, Wapichana, Xavante, Yanomami, e Ye'kwana.

Existem dois grandes troncos linguísticos no Brasil. O maior e que teve o primeiro contato com os europeus que chegaram aqui é o tronco Tupi. As línguas guaranis, assim como Nheengatu e a Língua Geral Paulista fazem parte desse tronco linguístico, além de outras famílias, línguas e dialetos exibidos a seguir:

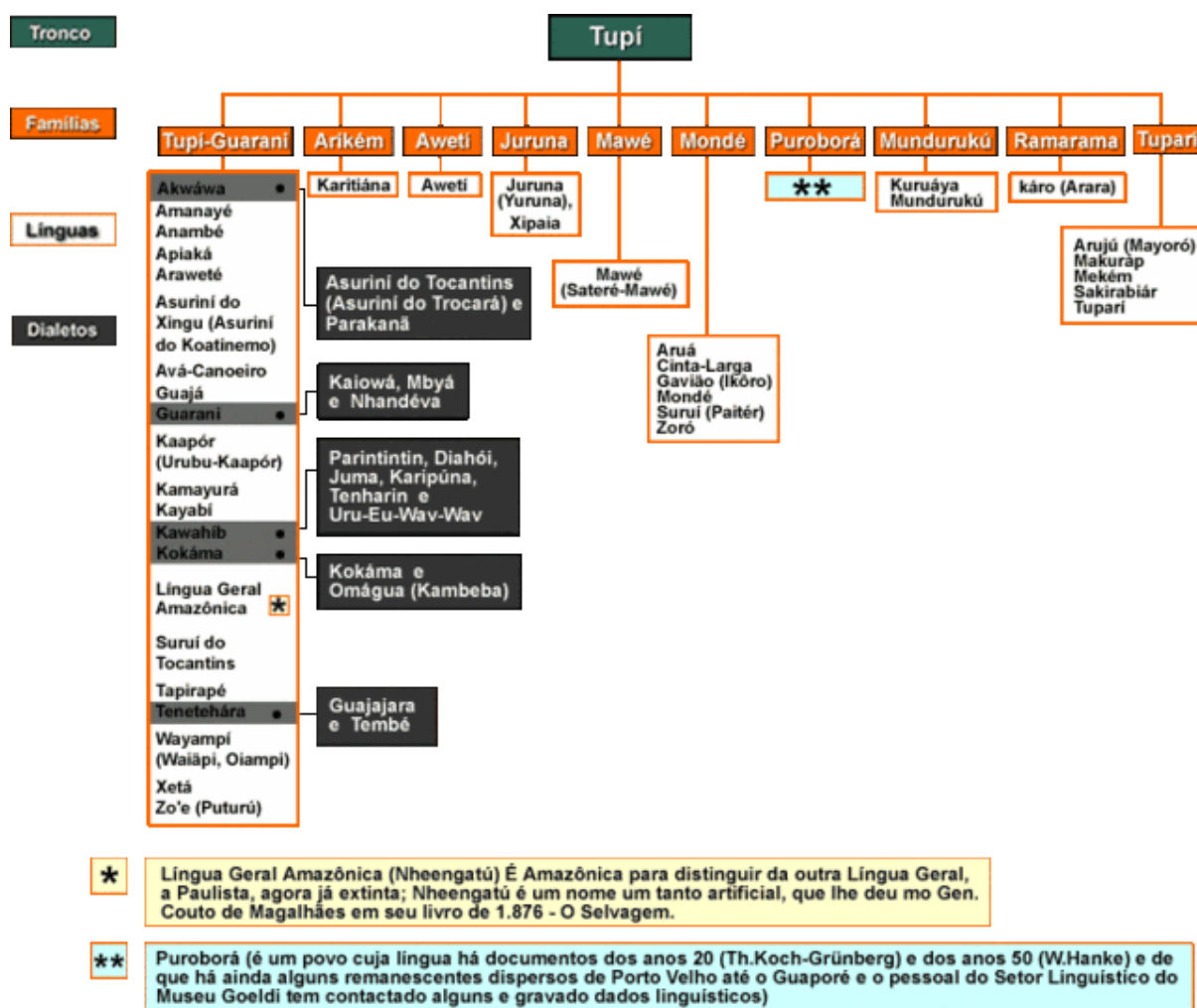


Figura 1. Tronco Tupi.

Fonte: ONG ISA, por meio de Rodrigues (1986).

O segundo tronco linguístico que compreende boa parte das línguas brasileiras é o Macro-Jê. Um dos povos mais conhecidos que fala línguas deste tronco linguístico é o povo Xavante, como podemos ver a seguir:

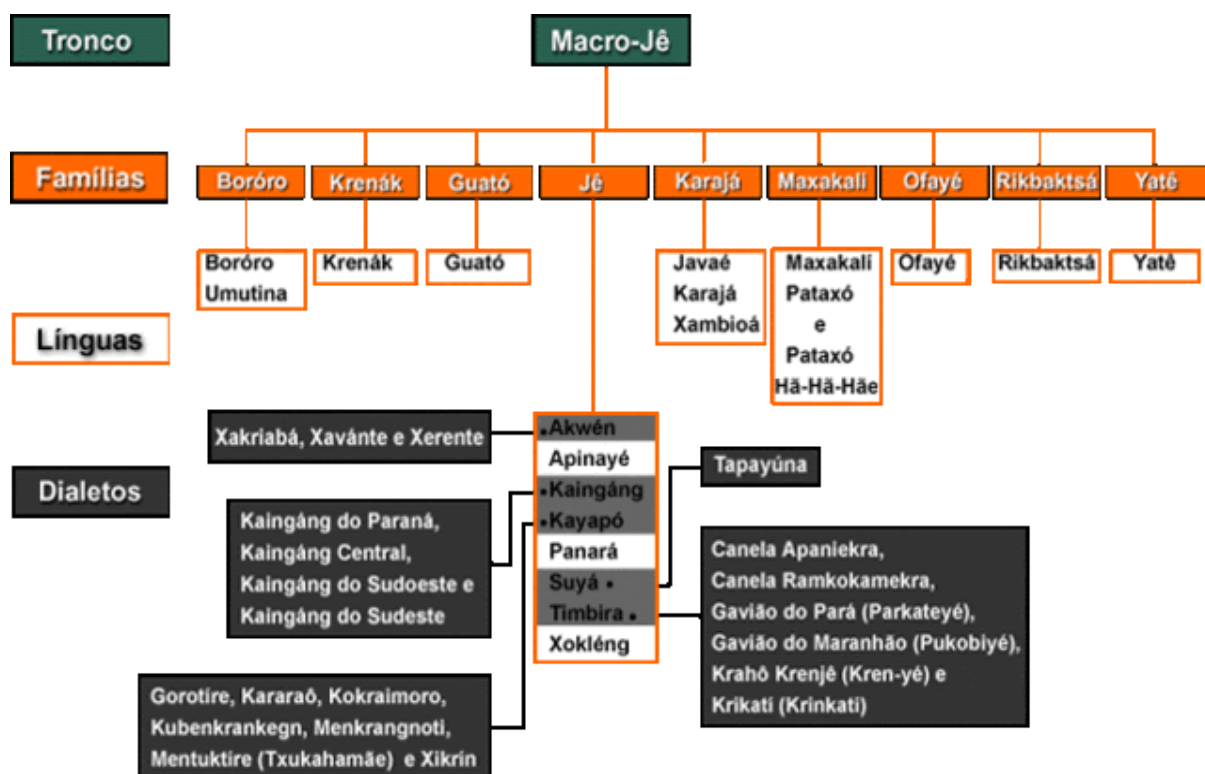


Figura 2. Tronco Macro-Jê.

Fonte: ONG ISA, por meio de Rodrigues (1986).

Existem outras línguas que fazem partes de famílias isoladas ou até são línguas isoladas no Brasil, como por exemplo: Aikaná, Arawá, Arúak, Guaikuru, Iranxe, Jabutí, Kanoê, Karib, Katukína, Koazá, Makú, Mura, Nanambikwára, Pano, Trumái, Tikúna, Tukano, Txapakúra e Yanomami. Este trabalho tem como foco uma língua de família isolada. Trouxemos a seguir as línguas que fazem parte da família tukano:

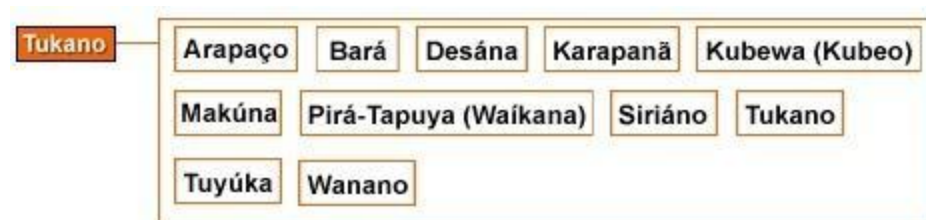


Figura 3. Família Tukano.

Fonte: ONG ISA, por meio de Rodrigues (1986).

Nos esquemas anteriores pudemos observar a presença majoritária de dois troncos linguísticos em nosso território e isso nos faz ter dúvidas quanto à variedade de línguas faladas no Brasil.

Vale ainda ressaltar que, embora existam aproximadamente 150 línguas faladas no Brasil atualmente, a diversidade de fenômenos gramaticais é muito vasta. Saindo dos moldes indo-europeus de gramática, é possível observar muitos elementos linguísticos que refletem, em muitos casos, a complexidade dessas línguas e povos, podemos observar, em nossa própria língua objeto, fenômenos como tonicidade fonética¹⁹ e evidencialidade semântica²⁰ que, também presentes em outras línguas espalhadas pelo globo, e que podem motivar reflexões sobre a universalidade de alguns fenômenos linguísticos.

Contudo, não podemos deixar de tratar, do contato em que essas línguas tiveram com a língua falada no território brasileiro, o português. Para isso, no item subsequente, vamos trazer, simplificadamente, algumas justificativas para possíveis mudanças nas línguas brasileiras oriundas deste convívio.

1.1.2. O contato entre as línguas

Por um bom tempo a Sociolinguística Variacionista foi tida como um estudo dos padrões coletivos de comportamento linguístico (LUCCHESI, 2009), integrando fatores sociais no desenvolvimento das línguas durante anos. Essa área de estudos parte da premissa de que a variação linguística nunca é aleatória, mas segue padrões estritos, que são atrelados a valores socialmente estáveis, como descreveu Labov (1969, apud LUCCHESI et al., 2009).

Os campos de pesquisa dentro da Sociolinguística têm desenvolvido, desde seu início, formas de analisar a língua em relação à sociedade (TARALLO, 1990). Porém, acabou por não ter seu foco no contato de línguas distintas e sociedades distintas. A variação linguística se preocupa em descrever os fenômenos que ocorrem nas línguas em

¹⁹ Como veremos nos subcapítulos subsequentes, a língua tukano possui três tons.

²⁰ Como veremos nos subcapítulos subsequentes, embora nomeados por Ramirez (1997abc) como “modalidade”, a língua tukano expressa semanticamente elementos de evidencialidade.

relação aos seus parâmetros extralinguísticos, como classe social, faixa etária, sexo, etnia e estilo.

Segundo Lucchesi et al. (2009), além das perspectivas sociolinguísticas de mudança linguística e das teorias da uniformidade, a Teoria Gerativa também serviu para a explicação das adaptações que as línguas em contato têm sofrido. Isso quer dizer que as mudanças que ocorrem não estão relacionadas somente à capacidade da estrutura da língua materna de se misturar e afrouxar para a língua em contato, mas estão relacionadas a uma capacidade mental, justificada pela Gramática Universal (CHOMSKY, 2009).

A melhor explicação para a mudança das línguas frente ao seu contato com outras línguas e povos não necessariamente tem que ser fruto dos fatores extralinguísticos, mas dos próprios mecanismos internos e mentais. Uma análise que leve em consideração esses aspectos está mais suscetível a justificar o contato entre as línguas, haja visto que a variação interna das línguas ainda é considerada um tipo de parametrização que não afeta seu todo. Isso quer dizer que, por mais que as línguas variem quanto aos parâmetros sociais, não variam em sua estrutura universal de gramática. Com isso, podemos encontrar fundamentações e justificativas gerativistas ao fenômeno responsável pelas possíveis mudanças ocorridas na língua tukano, nos trabalhos de Chomsky (2002, 2006, 2009).

Nesse sentido, é importante ressaltar que, no nosso recorte da língua tukano estudada no momento, não podemos fazer afirmações dos elementos gramaticais que possam ter sido suprimidos pelo seu contato com as outras línguas de sua família e, principalmente, com a língua portuguesa, que chegou de uma maneira mais hegemônica. O que podemos afirmar é o que Maia et al. (2019, p. 10) afirma que não somente essa língua, mas todas as 150 línguas indígenas brasileiras, numa perspectiva gerativista, são bem formadas, lógicas e governadas pelos mesmos princípios que regem qualquer outra língua humana.

Em conversas informais com falantes das línguas presentes em SGC, muitos deles, além de assumirem a língua portuguesa como “progresso”, diziam não conhecer a gramática²¹ de sua própria língua, assim como conheciam a gramática do português (classificação de verbos, morfemas, etc.). Embora esses falantes fossem fluentes em suas línguas nativas, foram ensinados a valorizar a do colonizador.

²¹ Pela língua tukana ter sido ágrafa por muito tempo e por terem um contato ocidentalizado recentemente, os falantes por muitas vezes, não estudaram suas línguas de uma forma reflexiva e gramatical como é ensinada a língua portuguesa nas escolas do Brasil, por exemplo. Isso os faz terem a falsa impressão de que não tem domínio sobre sua própria língua.

Contudo, após esse breve panorama sobre a formação das línguas indígenas e as possíveis influências que podem receber da língua portuguesa, a seguir introduziremos a segunda seção deste capítulo, cujo tema é a língua tukano em si. Dessa maneira, nos subcapítulos seguintes trataremos de informações importantes a respeito da língua e dos povos tukano.

1.2. Os povos e a língua tukano

Os povos falantes de línguas tukano²² vivem às margens dos afluentes do Rio Uaupés (afluente do Alto do Rio Negro – AM). Segundo Rodrigues (1986), à época, havia um total de 40.000 falantes de línguas da família tukano, hoje, segundo o último censo dos povos indígenas brasileiros da ONG ISA – Instituto Socioambiental²³, existem em torno de 11.000 no Brasil e cerca de 18.000 na Colômbia.

Mesmo compartilhando as culturas e línguas de uma mesma origem, os tukanos são multilíngues e se dividem, no Alto do Rio Negro, em diversos grupos, chamados de clãs. Isto é, há certa variância²⁴ entre as línguas faladas por esses povos, pois possui contato direto com as etnias: *Arapaso*²⁵, *Bará*, *Barasana*, *Desana*, *Karapanã*,

²²“Os índios que vivem às margens do Rio Uaupés e seus afluentes – Tiquié, Papuri, Querari e outros menores – integram atualmente 17 etnias, muitas das quais vivem também na Colômbia, na mesma bacia fluvial e na bacia do Rio Apapóris (tributário do Japurá), cujo principal afluente é o Rio Pira-Paraná. Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental (apenas os Tariana têm origem Aruak) e participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sócio-cultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este, por sua vez, faz parte de uma área cultural mais ampla, abarcando populações de língua Aruak e Maku. As etnias que estão na região do Rio Uaupés são, além dos Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, Makuna, Mírity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana, Tukano, Tuyuca, Kotiria, Tatuyo, Taiwano, Yuruti (as três últimas habitam só na Colômbia). Estão no noroeste da Amazônia, às margens do Rio Uaupés e seus afluentes. O total populacional é de 11.130 no Brasil (em 2001) e 18.705 na Colômbia (em 2000).”

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tukano>

²³ <https://www.socioambiental.org/pt-br>

²⁴ Essa variância pode ser entendida como qualquer variância entre línguas de mesma família que conhecemos. No caso da nossa língua, português faz parte da mesma família que espanhol ou catalão e, por conta disso, muitas palavras e construções são similares, porém com particularidades. Por exemplo, durante os trabalhos de campo, tivemos contato com falantes de tuyuka que falavam tukano. Para ilustrarmos esse aspecto variacional da família tukano, traremos o cumprimento matinal “Wakatí mi’i?” (que pode ser traduzido literalmente por “Acordar você?”) /waka’tí mi’i?/ que em tuyuka é dito da seguinte forma “Uākāi mú?” pronunciado /ũākāi mã?/, sendo as principais diferenças fonéticas, tendo estrutura gramatical e etimologia vocabular bem parecida.

²⁵ Segundo relatos de participantes oriundos desta etnia, seus falantes já não utilizam sua língua própria e

*Kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tariana*²⁶, *Tuyuca, Kotiria, Tatuyo e Taiwano*. Cada uma dessas etnias possui uma fala (língua / dialeto)²⁷ particular, algumas com mais, outras com menos documentação²⁸. É importante notar que elas podem ser compreendidas pelos falantes da família tukano, devido a sua proximidade linguística²⁹.

Para contextualizarmos melhor o espaço em que esses povos habitam, a seguir, na Figura 4, há um mapa da localização do Rio Uapés e da cidade de SGC:

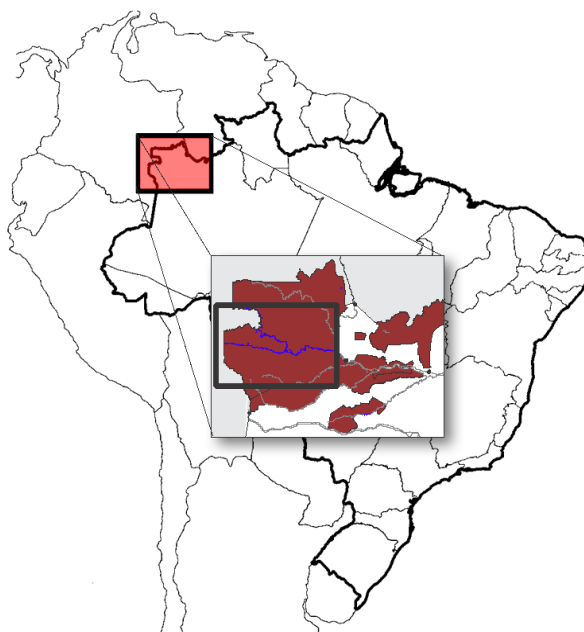


Figura 4. Mapa do Rio Uaupés e da cidade de SGC.

Fonte: Instituto Socioambiental.

Em se tratando da língua tukano, vale ressaltar que foi adotada pela maioria dos falantes das línguas de sua família, listadas acima, inclusive por membros da etnia

adotaram para comunicação somente a língua tukano.

²⁶ Segundo relatos de participantes oriundos desta etnia, seus falantes já não utilizam sua língua própria e adotaram para comunicação somente a língua tukano. Em alguns rituais, segundo eles, a extinta língua tariana é utilizada.

²⁷ O linguista Ramirez (1997abc) nomeia sua obra como “Fala Tukano dos Yepâ-masa”. Ela se foca na descrição e documentação específica da língua tukano mais falada na região.

²⁸ Depois da língua tukano comum, a língua tuyuka é a segunda mais bem documentada dessa família de línguas.

²⁹ Um dos possíveis motivos para essa proximidade é o fato de esses povos são exogâmicos, ou seja, fazem casamentos entre os membros de distintos clãs para que haja miscigenação (AZEVEDO, 2004).

tariano, que falavam uma língua da família aruak. Embora a etnia tukano Yepâ-masa, em si, não seja muito grande em números e devido ao seu caráter de língua franca³⁰ na região, segundo Ramirez (1997), havia cerca de 10.000 falantes. Hoje em dia, segundo os dados disponibilizados pelo Instituto Socioambiental do último censo, realizado em 2001, há cerca de 30.000 falantes de línguas da família tukano, mais especificamente 11.000 no Brasil e 18.000 na Colômbia.

As etnias tukanas supracitadas possuem um sistema exogâmico (AZEVEDO, 2004), o que faz com que muitas de suas gerações tenham se misturado e, por consequência, as línguas tenham entrado em contato. Talvez essa mistura, em algum momento, fez com que a língua de uma das etnias “dominantes”, os Yepâ-masa, se sobressaísse dentre as outras e se tornado língua mais falada em algumas regiões.

Hoje em dia, em conversas informais com os participantes da pesquisa, essa visão exogâmica tem mudado. Até algumas gerações passadas, a tradição de casamento entre diferentes clãs era muito recorrente. Nos dias atuais, devido à ocidentalização,³¹ costumes como esse parecem ter mudado, principalmente com os indígenas que têm tido maior contato com a área urbana de SGC³². Isto é, a cidade, embora concilie muitas etnias indígenas da região e possua a língua tukano, baniwa e nheengatu como cooficializadas, ainda é um espaço de organização ocidental, de administração e comportamento nos moldes que observamos em qualquer cidade brasileira.

Para localizarmos melhor os povos de que estamos comentando, a seguir, na Figura 5, há um mapa dos territórios indígenas na região:

³⁰ Devido ao uso massivo de tukano em determinadas localidades da região e várias etnias saberem se comunicar nessa língua, há a possibilidade dessa língua ser considerada franca, já que favorece o contato entre diferentes povos, especialmente em comunidades compartilhadas entre várias etnias.

³¹ Esse termo é empregado a tudo o que vem de fora da organização indígena da região de SGC, que se consolidava até o aparecimento do homem branco e das duas formas de administração.

³² Segundo relatos dos participantes dessa pesquisa, moradores da região de SGC, os indígenas têm cada vez mais migrado para a cidade e se adequando aos costumes trazidos de outras cidades. Além disso, muitos jovens se alistam no quartel militar na cidade de SGC devido à perspectiva de trabalho e carreira oferecidos, em contrapartida às possíveis oportunidades de ocupações na cidade.

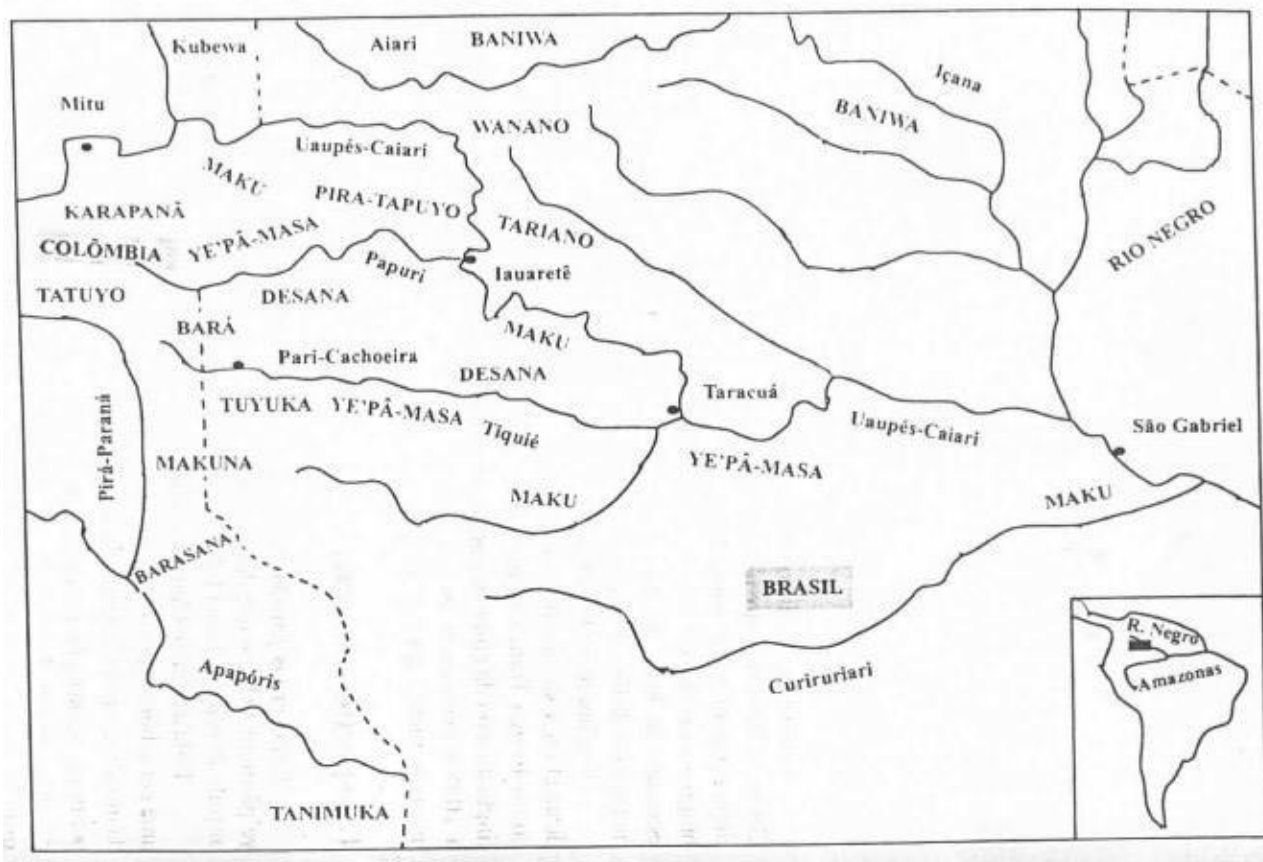


Figura 5. Mapa do rio Uaupés e dos grupos étnicos da região.

Fonte: Ramirez (p.10, 1997a).

A seguir traremos algumas impressões sobre as línguas indígenas em SGC. Isto é, exporemos, brevemente, relatos e observações que obtivemos enquanto estivemos nesta localidade em relação ao incentivo de uso das línguas indígenas para comunicação cotidiana.

1.2.1. Algumas impressões sobre línguas indígenas no perímetro urbano de São Gabriel da Cachoeira

Durante o trabalho de campo em SGC, percebemos que dentro das famílias

das pessoas que viviam nas cidades havia bastante diversidade étnica devido à união matrimonial de indivíduos de etnias diferentes presentes na região. É muito comum encontrar famílias nas quais algum membro (o pai, ou o avô, ou a mãe) era falante de tukano, e os parentes próximos descendentes não eram falantes. Esse exemplo poder ser aplicável para as outras línguas³³ faladas na localidade.

Por meio dos relatos dos participantes desta pesquisa foi possível perceber a falta de estímulo quanto às línguas indígenas que está na sociedade. Desde o início do campo em 2019, na cidade de Manaus percebemos que há uma divisão social³⁴ entre os povos da floresta e o homem branco. Infelizmente essa divisão afeta até a cidade com a maior população indígena do Brasil³⁵. Mesmo sendo resguardados, com certidão de nascimento indígena, em conversas informais percebemos que muitos habitantes da cidade preferem incentivar seus filhos a falar a língua portuguesa em detrimento de suas línguas nativas. Assim, essa passou a ser a língua mais falada e privilegiadamente incentivada pelos pais.

No que diz respeito às línguas indígenas da localidade, na cidade de SGC, a língua indígena mais falada ainda é o nheengatu, uma língua oriunda do tupi e imposta pelos missionários a muitas etnias da região (RODRIGUES, 1996; ALTMAN, 2012). O povo baré, por exemplo, perdeu sua língua nativa e passou, em determinada parte da história, a fazer uso da língua nheengatu. De acordo com os participantes da pesquisa, outras etnias, tais como os arapasu e os tarianos, que possuíam línguas de famílias e troncos diferentes, pelo contato com os tukano, acabaram adotando essa língua para comunicação entre si no seu dia-a-dia³⁶.

³³ Segundo dados da ONG ISA, são aproximadamente 18 línguas faladas na região (2017). <<https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%A0dcias?id=185631>>. Porém, segundo GOMES (2003), SGC é constituída por 23 povos indígenas pertencentes a cinco famílias linguísticas: Tukano Oriental, Aruak, Yanomami, Japurá-Uaupés (Maku) e Tupi (Nheengatu falado pelos povos Baré, Werekena e parte dos Baniwa do baixo rio Içana), falantes entre 20 a 23 línguas indígenas.

³⁴ Quando passamos por Manaus para embarcar à SGC, manauaras que conversaram conosco, em muitas das vezes, expunham suas impressões apoiadas em concepções equivocadas, preconceituosas, a respeito dos indígenas que viviam na cidade. Para contextualizar melhor os preconceitos a esses povos, que perpassam séculos e permanecem até os dias atuais, a antropóloga Lúcia Rangel realizou várias falas e entrevistas sobre a temática. Para saber mais sobre uma delas, acesse a página: <<https://amazonia.org.br/2017/04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida/>>. Além disso, não podemos deixar de lembrar que, em um viés mais científico, há o trabalho de revisão da literatura de MILANEZ et al. (2019) a respeito do preconceito aos povos indígenas.

³⁵ Segundo dados do IBGE (2020), a cidade com mais indígenas do Brasil é SGC.

³⁶ Um dos participantes desta pesquisa, com ascendência tariana, por exemplo, conseguia entender algumas palavras da língua baniwa devido à sua semelhança com a antiga língua tariana (já considerada extinta), que era falada pelo seu povo e pertencia à família aruak (a mesma da língua baniwa).

Por conseguinte, para complementar as informações sobre os povos e a língua tukano, a seguir traremos, resumidamente, informações sobre alguns materiais escritos em língua ou sobre a língua tukano.

1.2.2. Gramáticas e materiais desenvolvidos em tukano

Existem alguns materiais escritos em ou sobre a língua tukano até a presente data (cf. lista comentada de referências a materiais em tukano, no Apêndice V). Um trabalho recente e bem interessante é um compilado de dissertações de mestrado desenvolvidas totalmente em tukano, realizados pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no ano de 2018. A compilação, intitulada “Reflexividades Indígenas”, contendo quatro dissertações, pode ser adquirida no site oficial da editora. Somente é disponibilizada na página do acervo da Universidade a tradução para o português dos projetos em questão.

Em contrapartida, no que se refere a provavelmente um dos primeiros trabalhos sobre a língua tukana, embora em português, a ‘Pequena Gramática e Dicionário da Língua Tucana’, do Padre Antônio Giaccone deve ser mencionada. Ela foi escrita e patrocinada pela Missão Salesiana do Rio Negro e é disponibilizada digitalizada na página da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú³⁷. Infelizmente, esse material não apresenta data, mas, devido ao aspecto da digitalização, parece datar de antes da primeira gramática, desenvolvida por West (1980), com financiamento do SIL.

A gramática mais recente impressa em português e de difícil aquisição. É o trabalho desenvolvido na região pelo grupo religioso Salesiano – cujos religiosos linguistas, a convite da diocese local e financiados pela Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia – CEDEM, em 1997, fizeram uma releitura da gramática de tukano em espanhol de West (1980). O material dos missionários é composto por uma gramática, um dicionário e um livro didático que carregam como autor o linguista francês Henri Ramirez. Essas obras formam todos intitulados ‘A Fala Tukano dos Ye’pâ-masa’ (1997).

A Bíblia também foi traduzida para a língua tukano. Durante o trabalho de

³⁷ <http://www.etnolinguistica.org/>

campo em SGC, o pesquisador responsável buscou nas igrejas e nas comunidades essa versão da Bíblia. Além disso, em conversas informais com os participantes desta pesquisa e seus familiares, há anos houve a distribuição de uma tiragem de exemplares da Bíblia completa para os tukano, porém, nenhuma dessas pessoas havia um exemplar ou podia afirmar qual era a editora ou o grupo religioso que fez a tradução.

Após muito tempo de busca de materiais impressos e digitais em tukano, quando o trabalho de campo já havia terminado, na loja de aplicativos Play Store³⁸ do sistema Android, foi encontrada uma versão do Novo Testamento, realizada pelo grupo Wycliffe³⁹, no ano de 2009. Essa tradução⁴⁰, no formato de .PDF, pode ser adquirida gratuitamente na página da fundação Scripture Earth⁴¹.

Assim, após esse panorama sobre os materiais textuais desenvolvidos sobre ou em tukano, passemos então para uma breve introdução sobre essa língua para que possamos, na sequência, explorar suas características e fenômenos mais detalhadamente.

1.2.3. Visão geral da língua

Este subcapítulo faz um apanhado rápido com algumas informações importantes sobre a língua tukano e descobertas que acidentalmente acabaram sendo realizadas. É importante ressaltar que, dentre o vasto panorama de fenômenos linguísticos que compreendem sua complexidade gramatical, somente alguns elementos puderam ser listados a seguir, devido a questões de espaço e de pertinência.

As divisões presentes neste subcapítulo se dão por meio das descrições da língua tukano nos níveis de análise linguística: do fonético ao sintático. Além disso, as informações gramaticais presentes a seguir contam com comentários advindos dos nossos trabalhos de campo. É importante ressaltar que o leitor observará, principalmente em notas de rodapé, nossas próprias conclusões ilustrativas sobre alguns fenômenos observados na língua tukano que destoavam da gramática de Ramirez (1997a).

³⁸ https://play.google.com/store/apps/details?id=org.scriptureearth.tuo.b.nt.apk&hl=pt_BR

³⁹ <https://www.wycliffe.org/>

⁴⁰ <https://www.scriptureearth.org/data/tuo/PDF/tuoPBCOL-web.pdf>

⁴¹ <https://www.scriptureearth.org/>

Vale ressaltar que as informações presentes aqui foram extraídas da gramática de tukano, bem como da vivência e contato durante o trabalho de campo. Dessa maneira, nas entrevistas e aplicação dos questionários percebemos que havia inconsistências entre os dados coletados e a gramática em língua portuguesa. Isso quer dizer que os elementos gramaticais aqui presentes não correspondem integralmente à gramática de Ramirez (1997). Além disso, por se tratar de um capítulo que servirá de base para o acompanhamento das análises nos capítulos seguintes, buscou-se simplificar ao máximo o conteúdo presente.

Dessa maneira, a seguir, descreveremos alguns fenômenos linguísticos presentes na língua tukano. Para isso, começaremos do nível fonético e fonológico, os quais já apresentam características diferentes das que estamos acostumados em línguas indo-europeias.

1.2.3.1. Fonética e Fonologia: dos tons à ortografia

A língua tukano, como veremos nos próximos subcapítulos, é muito diversa em relação a elementos linguísticos não tão comuns à maioria de línguas do mundo. No âmbito da fonética, essa língua é tonal, ou seja, além dos sons (fones) faz uso de melodias para diferenciar suas palavras, como discutiremos após uma breve introdução aos sons e ortografia do tukano.

Primeiramente, essa língua possui o fone vogal /i/ (a posição desse fone, em relação às outras vogais dessa língua pode ser observada a seguir, na Figura 6), que pode ser grafado por ɨ ⁴² ou i (vogal fechada central). Esta última convenção de grafia é oriunda da gramática do linguista Ramirez (1997). Há também a semivogal /w/ que dependendo da sua variação⁴³ pode ser uma vogal fechada posterior breve ou um fone /v/.

⁴² Há uma discussão entre os professores indígenas sobre qual norma deve ser adotada - se a grafia de /ɨ/ ou /ɨ/. Essa discussão existe por um descompasso entre as descrições da língua tukano na região. Segundo relatos dos participantes, existem várias instituições, muitas delas religiosas, que se estabeleceram nas aldeias e criaram escolas que ensinam a língua tukano seguindo seus próprios modelos. O linguista Ramirez (1997), com o intuito de desenvolver a gramática do tukano, optou pelo uso de /ɨ/, que parece não ter sido a grafia mais utilizada e aceita pelos falantes. Quando estivemos em SGC, em dezembro de 2019, na Assembleia dos Profs. Indígenas do Rio Negro, essa discussão foi um dos temas do debate, que, a cada ano, parece mobilizar mais comissões para esse tema.

⁴³ Neste caso, é difícil afirmar qual o tipo de variação, pois a diferença parecia existir durante as interações

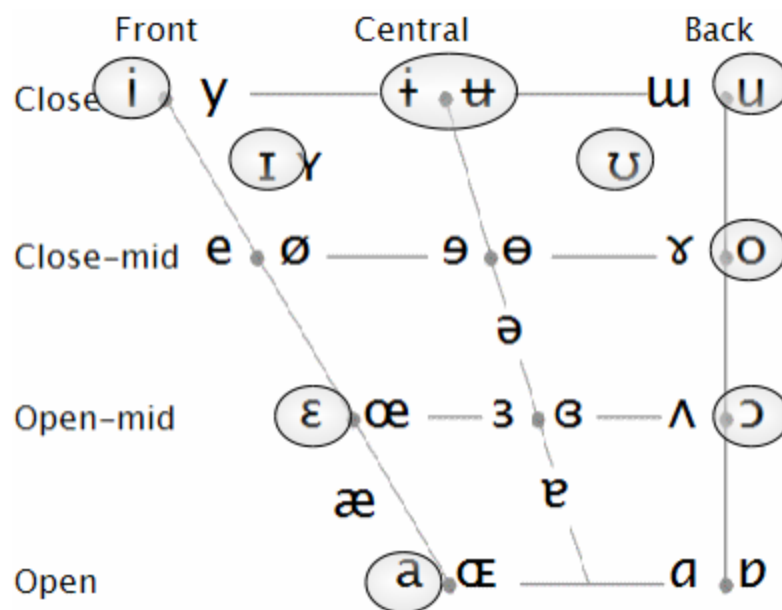


Figura 6. Mapa de vogais do IPA (com marcação das vogais do tukano).

Fonte: <https://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-charts/vowels/>

Em relação à diversidade fonética, é possível observar uma variação diatópica e etária. Segundo relatos de alguns participantes da pesquisa a respeito de sua própria metalinguagem, pessoas mais velhas tendem a usar /d/ em lugar de /r/. De acordo com Ramirez (1997a), também há alofonia entre /b/ – /d/ e /m/ e /b/. Em observações de campo, foi possível perceber a variação geotrópica também nos fones /r/ e /n/. Ainda num aspecto de variação fonética, a língua tukano não faz uso de algumas consoantes do português como /f/ e /ʎ/.

Outra particularidade muito importante da língua tukano é o fato de ser uma língua tonal. Ela possui duas melodias⁴⁴ ou tons: a melodia alta, grafada por um acento

dos trabalhos de campo. Porém, uma análise fonética não é o foco deste trabalho.

⁴⁴ Durante o trabalho de campo pudemos observar que, para pessoas jovens, as palavras *petá* (formiga) e *petâ* (porto) são homônimas, enquanto que para pessoas mais velhas, o tom das palavras é o grande responsável pela delimitação do significado. Percebemos esse fenômeno, pois, falantes de uma mesma família, no caso um idoso e um adulto, apresentaram essas diferenças. Observando outros participantes, foi possível validar esse dado. Como esta pesquisa não é dessa área exclusivamente, não nos focamos em fazer devidamente esse tipo de descrição detalhada. Porém, esse trabalho pode levar um foneticista ou sociolinguista a pensar sobre o impacto que os falantes estão tendo ao se encaminharem ao entorno das cidades.

O trabalho de coleta de dados desta pesquisa, em 2019, foi realizado na cidade de SGC, que possui nativos de

circunflexo (^) e a melodia ascendente, grafada por um acento agudo (´). Além disso, há parada glotal em algumas palavras, grafada por (˘). Trouxemos os seguintes pares mínimos para exemplificar melhor o uso desses tons. A palavra do português “formiga”, em tukano, é **petá** (tom ascendente), se o tom for o alto, **petâ**, a palavra é traduzida para o português como “porto”. Em relação à pausa glotal, **i'tâ** que com ela significa estrume, sem (˘) passa a significar pedra **itâ**.

Para dar continuidade à essa breve descrição gramatical da língua tukano, passemos à exposição das principais características de sua morfologia. Vale ressaltar que o nível de análise linguística em que essa língua mais gramaticaliza seus fenômenos é o morfológico. Embora nos foquemos, a seguir, em aspectos gramaticais que mais utilizaremos nos exemplos desta tese, também faremos um percurso básico para o entendimento de outras sentenças nessa língua, levando em consideração demais elementos morfológicos, que não necessariamente estarão presentes nos exemplos dos capítulos subsequentes.

1.2.3.2. Morfologia e um pouco além

A língua tukano é muito produtiva no âmbito da morfologia. Muitos dos elementos gramaticais — nominais, verbais e semânticos — são representados por meio de morfemas. Isso quer dizer que há uma variação muito grande de morfemas, normalmente sufixos, que adicionam informação às palavras e às frases, as quais, como falantes de português, estamos acostumados com palavras e expressões auxiliares.

Primeiramente, nossas observações⁴⁵ sobre a língua tukano parecem apontar para uma estrutura sufixal, ou seja, toda sua morfologia está voltada para afixos pospostos ao radical. Algumas palavras podem ser construídas por aglutinação. Segundo Ramirez (1997), existem formas dependentes e independentes de verbos e nomes, sendo que os dependentes — normalmente formas morfológicamente presas — não podem aparecer em frases sozinhas.

tukano de várias regiões, e na comunidade de Terra Preta. Talvez um trabalho mais focado em alguma comunidade específica, que possua somente falantes de tukano, possa trazer subsídios melhores para afirmar um possível impacto da nossa civilização e da língua portuguesa sobre a língua tukana.

A língua tukano possui formas para nomes animados (masculinos e femininos) e inanimados (contáveis e não-contáveis). Normalmente, os nomes animados são estruturalmente definidos pelos sufixos de gênero como: **-gi** masculino singular; **-go** feminino singular; **-rã** plural. Os nomes inanimados contáveis não possuem uma desinência fixa, mas realizam o plural **-ri**. Já os não-contáveis, são definidos pelos seus próprios sufixos classificadores, que serão mostrados no Quadro 1. Mesmo assim, vale ressaltar que os inanimados não contáveis podem ser representados com o sufixo **-ro** (partitivo). A seguir, no Quadro 1, há uma lista de classificadores nominais, extraída de Chacon (2007, p.168):

Forma roliça (f.rol)	-ga (kha)
Forma de pote (f.pot)	-ti (-ri)
Forma retilínea (f.ret)	-gi (-khi)
Forma tubular (f.tub)	-wi (-phi)
Forma de abóboda (f.abo)	-wa (-pha)
Forma de lago (f.lag)	- ra

Quadro 1. Classificadores em tukano.

Fonte: Chacon (2007, p. 168).

(1) **a'tíga yamũko**

este fermentado (cerveja)

a'tí - ga yamũko

este - ROL fermentado

“esta cerveja (em lata)”

(2) **ãrigi**

pé de cana

ãri - gi

cana - RET

“pé de cana-de-açúcar”

(3) **siôwa**

peneira

siô - wa

peneira - ABO

“peneira (em formato de abóboda)”

Esses classificadores, como dito anteriormente, podem ser utilizados para a formação de novas palavras (plurais incontáveis), dependendo do seu formato. Além disso, eles são obrigatoriamente utilizados nos demonstrativos (**a'tí**+ este / **siî**+ aquele) quando vão indicar algum objeto.

É interessante notar que os classificadores dos nomes não contáveis dão um caráter lexical diferenciado comparado ao português. Podemos observar isso em (4), no exemplo de Ramirez (1997a, p. 203):

(4) **mi'rô** vegetal tabaco → **mi'rôro** charuto

ohô vegetal banana → **ohô paro** fruta banana → **ohô parori** frutas

bananas

ohô yôo bananeira → **ohô yôori** bananeiras

Vale ressaltar que o trabalho de Chacon (2007) discute o sistema de classificação nominal em tukano e gera esquemas tipológicos hierárquicos sobre quais elementos devem realizar a concordância gramatical (dentre animados, inanimados contáveis e não-contáveis, etc.) dentro dos sintagmas, baseando-se em critérios semânticos e gramaticais presentes nos nomes e nos verbos.

Ainda dentro dos sufixos nominais, há o singulativo, que pode ser representado por **-wĩ** e **-gĩ**, como podemos observar no exemplo (5) a seguir:

(5) **wekó** papagaio → **wekoá** papagaios → **wekoáwĩ** um dos papagaios

Além disso, os nomes podem carregar outras informações, como aumentativo (**-rohó** [masc.] / **-koho** [fem.]⁴⁶ e diminutivo (**-akã**) — tema da discussão semântico-pragmática abordada neste trabalho. Eles podem, também, carregar informações sintáticas, como no exemplo (6) a seguir, que apresenta o elemento **-re**, muito utilizado na elaboração deste trabalho:

(6) **Pedro Joãore paâmi**

Pedro João em bater

Pedro João - re pa - â - mi

Pedro João - REF bater - PASS-REC - VIST. 3-F.SG

“Pedro bate em João”

(a pessoa que profere essa frase vê Pedro bater em João)

No caso acima, a partícula **-re** marca o papel sintático de objeto indireto. Na

⁴⁶ Adiante, no subcapítulo 3.3.7 trataremos da classificação do aumentativo e suas combinações, de acordo com nossas análises.

gramática de Ramirez (1997a), essa partícula é nomeada como marca de referencialidade. Outra partícula, que não vai ser muito utilizada neste trabalho, mas que possui um papel importante, é a marca de focalização **-pi**, que dentre seus vários funcionamentos pode indicar um locativo, podendo ser traduzida como ‘em’, ‘até’, ‘para’, ‘por’. Segundo Ramirez (1997), essa partícula funciona como focalização espaço-temporal da situação. O exemplo escolhido para mostrar seu funcionamento foi identificado em conversas informais com os participantes e é uma metáfora. Em (7) a seguir, “Bogotá” é associada à morte, pois a frase inteira significa “Você quer morrer?”⁴⁷.

(7) **mĩ’î Bogotápi wa’ágisari?**

você Bogotá vai?

mĩ’î Bogotá - pi wa’á - gisa - ri?
 você Bogotá - FOC ir - FUT (-F.SGSENT) - INT

“Você vai para Bogotá?”

Por fim, no que se refere à morfologia nominal, a língua tukano é muito produtiva em relação à criação de palavras por meio da derivação. O Quadro 2 a seguir foi extraído de Chacón (2007, p. 181) e ilustra melhor esse funcionamento:

(30) Sufixos de Forma		Nomes	
kometi	“panela”	komepĩrí	“espinafre”
metałfpot		metal folha	
komegá	“machado”	komé be’to	“anel”
metałfrol		metal círculo	
komegĩ	“bastão de ferro”	kome daá	“arame”
metałfret		metal fio	

Quadro 2. Exemplos da produtividade derivativa nominal.

Fonte: Chacon, 2007, p. 181.

⁴⁷ Este exemplo, embora utilizado, é meramente ilustrativo para expormos como é o funcionamento do locativo e pontuarmos uma ocorrência metafórica nesta língua.

Em se tratando da morfologia verbal, há uma vasta gama de morfemas e partículas que podem se anexar aos verbos. Um dos principais elementos que se realizam nos verbos é a evidencialidade. Na gramática de Ramirez (1997a), a evidencialidade surge com o nome de modalidade no capítulo de Morfologia verbal. Nele, são explicadas quatro modalidades: a vista, a sentida, a dedutiva e a reportativa. Seu funcionamento, segundo Ramirez (1997, p. 121), pode ser descrito segundo o esquema a seguir:

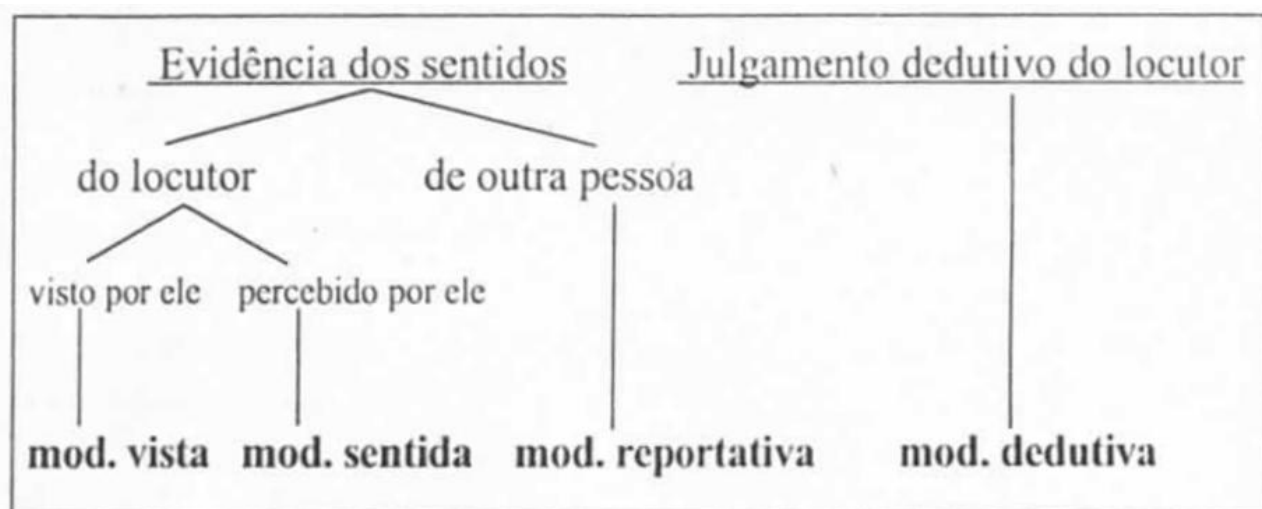


Figura 7. Funcionamento dos evidenciais.

Fonte: Ramirez (1997a, p.121).

Além de trazer as “modalidades” expressas nos verbos, o tukano possui morfemas específicos para o tempo em detrimento delas. Ou seja, há uma variação no paradigma mórfico em relação às “conjugações” verbais, como podemos ver a seguir no Quadro 3:

	PRESENTE	PASSADO RECENTE	PASSADO CADUCADO	
VISTO	-mi /-bī/ -mo /-bō/ -ma /-bā/ -' -ti	-a-mi /-a-bī/ -a-mo /-a-bō/ -a-ma /-a-bā/ -a-pī -a-ti	-wī -wō -wā -wi -ri /-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
SENTIDO	-sa-mi /-sa-bī/ -sa-mo /-sa-bō/ -sa-ma /-sa-bā/ -sa-' -sa-ri /-sa-di/	-a-sī -a-sō -a-sā -a-si -a-sa-ri /-a-sa-di/	-kā-tī -kā-tō -kā-tīa -kā-ti -kā-ti-ri /-kā-ti-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
DEDUTIVO	↓	-a-pī -a-pō -a-pā -a-pā -a-pa-ri /-a-pa-di/	-pī -pō -pā -pā -pa-ri /-pa-di/	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo
REPORTATIVO		-a-pī' -a-po' -a-pa'rā /-a-pa'dā/ -a-pa'ro /-a-pa'do/ -----	-pi' -po' -pa'rā /-pa'dā/ -pa'ro /-pa'do/ -----	3-fsg 3+fsg 3pl outras pessoas interrogativo

Quadro 3. Paradigma de “conjugações” verbais.

Fonte: Ramirez (1997a, p. 120).

Para ilustrar melhor o funcionamento dos evidenciais, a seguir estão algumas frases extraídas de Ramirez (1997, p. 122):

(8) **diâyi wa'î yahaámi**

cachorro peixe roubou

diâyi wa'î yaha - á - mi

cachorro peixe roubar - PAS-REC - VIST. 3.-FSG

“o/um cachorro roubou o peixe”

(o interlocutor foi testemunha visual do roubo)

(9) **diâyi wa'î yahaásĩ**

cachorro peixe roubou

diâyi wa'î yaha - á - sĩ

cachorro peixe roubar - PAS-REC - SENT. 3.-F.SG

“o/um cachorro roubou o peixe”

(o interlocutor ouviu o cachorro roubar o peixe)

(10) **diâyi wa'î yahaápĩ**

cachorro peixe roubou

diâyi wa'î yaha - á - pĩ

cachorro peixe roubar - PAS-REC - DED. 3.-F.SG

“o/um cachorro roubou o peixe”

(o interlocutor deduz, por meio de indícios, que o cachorro roubou o peixe)

(11) **diâyi wa'î yahaápi'**

cachorro peixe roubou

diâyi wa'î yaha - á - pi'

cachorro peixe roubar - PAS-REC - REP. 3.-F.SG

“o/um cachorro roubou o peixe”

(o interlocutor ouviu dizer que o cachorro roubou o peixe)

É importante notar que a marca (-FSG) diz respeito a não feminino singular,

ou seja, diz respeito ao neutro ou gênero não identificável do animal (cachorro), assim como também pode significar masculino. Em (12), a seguir, há a mesma frase com a marcação (+F.SG), propriedade feminina e singular do animal, respectivamente.

(12) **diâyi wa'î yahaámo**
cachorro peixe roubou

diâyi wa'î yaha - á - mo
 cachorro peixe roubar - PAS-REC - REP. 3.-F.SG

“a cachorra roubou o peixe”

(o interlocutor foi testemunha visual do roubo)

Ainda em relação à morfologia verbal, não podemos deixar de mencionar os sufixos imperativos, que serão muito utilizados neste trabalho. Para a segunda pessoa plural ou singular, o sufixo utilizado é o **-ya**. Sua negação é formada pela sequência de partículas (**-tî** negativo, **-kã'** assertivo, **-ya** imperativo), como demonstrado nos exemplos de Ramirez (1997a, p. 144):

(13) **apêya!** → brinque!; brinquem!

sî'riyá! → beba-o!; bebam-no!

apêtikã'ya! → não brinque!; não brinquem!

sî'ritikã'ya! → não beba-o!; não o bebam!

Há também o sufixo **-rã**, que marca plural e que pode ser utilizado como imperativo inclusivo, de sentido exortativo como em (14), e o sufixo **-apa**, que funciona como imperativo de prevenção (15):

(14) **apêrã!** → brinquemos

sĩ'rĩrã! → bebamos

(15) **apêtikã'apa** → cuide em não brincar!

Em tukano, é necessário indicar a direção para verbos de movimento, que é materializado em sufixos verbais. Ramirez (1997a) divide essa noção em centrífuga (-a') e centrípeta (-'ti). Os exemplos (16) e (17) a seguir foram extraídos de Ramirez (1997a, p. 160).

(16) a. **apêmi** → (ele) brinca

b. **apê'timi** → (ele) vem brincando

c. **apê'kã'timi** → (ele) vem brincando (sem rumo (final) preciso)

d. **apê'kãa'mi** → (ele) vai brincando (sem rumo preciso)

É importante notar que a diferença entre (16b) e (16c-d) se dá pelo morfema **-kã'**, que mais precisamente significa 'sem rumo preciso'. Porém, ainda é necessário especificar que em (16c), por mais que seja considerado o direcional centrífugo, não há destinação final. Mesmo assim, essas noções vetoriais podem ser utilizadas em frases mais simples, como a seguir:

(17) **diâyire** **wehê'timi**

cachorro *puxando*

diâyi - re wehê - 'ti - Ø - mi

cachorro- REF puxar - CENTRIP - PRES - VIST.3.-F.SG

“(ele) vem puxando o cachorro”

Como é possível observar no Quadro 3, a língua tukano necessita marcar uma partícula para expressar perguntas⁴⁸. Isso se deve ao fato de a entoação, como a conhecemos em português, poder representar uma harmonia, responsável por uma mudança de paradigma fonológico. Por conta disso, as línguas tonais necessitam de elementos (partículas), que mesmo sem a entoação de pergunta, conseguem apontar uma questão. Isso é observável em tukano a todo o momento. Normalmente, essa representação de pergunta acontece na modalidade vista e é representada por **-ti**, como em (18):

- (18) **wakati?** → acordar? (o primeiro cumprimento no dia)
ãyutí? → tudo bem?

Dentro do âmbito verbal, não se pode esquecer de um elemento que é muito utilizado dentro deste trabalho. O sufixo **-sa**, que dentre as várias coisas que pode significar é um imperativo de distância⁴⁹ (RAMIREZ, 1997a), foi utilizado em quase todas as perguntas elaboradas por nós e aplicadas em nossos testes em língua tukana, tanto nos textos desenvolvidos pelo pesquisador, quanto no material linguístico coletado dos falantes nativos. Além disso, segundo Ramirez (1997, p.136), esse morfema pode funcionar como futuro de predição, como é possível observar nos exemplos em (19b-d):

- (19) a. **apê ni'isa**

brincar esteja

apê ni'i - Ø - sa

brincar ser - PRES - SENT.OUT-PES

“vá brincar!”

⁴⁸ A título ilustrativo, esse comportamento parece ser comum em línguas tonais, como, por exemplo, o chinês.

⁴⁹ Por imperativo de distância, Ramirez (1997a) define o uso de **-sa** quando alguém pede a outra pessoa para fazer algo, sendo que os dois integrantes da interação não estão próximas.

b. yî'î apêgisa'

eu brincarei

yî'î apê - gisa'

eu brincar - FUT (AN.MASC.SGSENT)

“eu (homem) brincarei”

c. apêgisami

brincará

apê - gisa - mi

brincar - FUT (AN.MASC.SGSENT) - 3.-FSG

“(ele) brincará”

d. yî'î apêgosa'

eu brincarei

yî'î apê - gosa'

eu brincar - FUT (AN.FEM.SGSENT)

“eu (mulher) brincarei”

Embora a língua tukano conta com uma série de categorias que se gramaticalizam por meio de morfemas, infelizmente, não pudemos trazê-los em grande quantidade neste texto. Desde o início do capítulo, buscamos deixar claro que os elementos gramaticais elencados neste subcapítulo são, em sua maioria, para uso desta própria tese, pois são muito utilizados nos exemplos e procedimentos metodológicos de elaboração dos

questionários. Assim, não foi nosso intuito realizar uma descrição gramatical geral da língua tukano como as gramáticas já existentes. Para o leitor ter acesso aos outros fenômenos e características dessa língua, aconselhamos que visite as obras Ramirez (1997abc).

Por conseguinte, dando sequência aos níveis de análise linguística, passemos, a seguir, para características básicas do nível sintático da língua tukano.

1.2.3.3. Sintaxe: ordem e função de alguns elementos

A língua tukano possui uma sintaxe diferente das línguas indo-europeias com que estamos mais acostumados. Primeiramente, deve-se saber que é uma língua majoritariamente de sequência Sujeito-Objeto-Verbo (**SOV**). Segundo Ramirez (1997, p. 367), que em sua gramática chegou a uma fórmula geral da sintaxe em tukano, embora haja essa regra sequencial, ainda é possível criar frases com as mais diversas ordens, sendo que a única diferença entre elas é na ênfase dos argumentos, como pode-se observar a seguir, em (20a-e):

(20) a. **yí'î₁ kãre₂ su'tí₃ o'óápi₄** → eu₁ lhe₂ dei₄ roupas₃

yí'î	kã	-	re	su'tí	o'o	-	á	-	pi
eu	ele	-	REF	roupa	dar	-	PAS-REC	-	VIST.OUT-PES

b. **kãre su'tí o'óápi yí'î** → eu lhe dei roupas

c. **yí'î su'tí o'óápi kãre** → eu lhe dei roupas

d. **kãre yí'î su'tí o'óápi** → eu lhe dei roupas

e. **su'tí o'óápi kãre yí'î** → eu lhe dei roupas

Isto significa que essa língua, até determinado ponto, é livre em relação à

ordem sintática, pois mesmo não possuindo casos gramaticais morfológicos propriamente ditos, como latim ou russo, utiliza-se de alguns sufixos para marcar funções sintáticas, como é o caso do **-re** (REF) para identificar o objeto da sentença. Em (a-e) é possível perceber que a tradução para o português pode ser a mesma levando em consideração as funções sintáticas superficiais dos elementos, porém, as diferentes posições dos elementos dessas frases funcionam colocando ênfases em um dos constituintes da conversa. No caso desses exemplos em específico, a variação das posições pode favorecer o foco em roupas, no sujeito ele ou no verbo dar.

No que diz respeito à fórmula sintática geral da língua tukano, Ramirez (1997a, p. 369) chegou à seguinte regra sintática de preferência:

S Instr/Acomp O_{ind} Per_{temporal/locativo/maneira} O_{dir} V

A seguir, estão algumas sentenças que exemplificam melhor o funcionamento dessa fórmula:

(21) **Péduru di'pĩhí me'ra wa'iki di'irore direámi**

Pedro faca com animal carne cortou

Péduru di'pĩhí me'ra wa'iki di'i - ro - re dire - á - mi
 Pedro faca auxílio animal carne - PL - REF cortar - PAS-REC - VIST.3-F.SG

“Pedro cortou a carne com a faca”

Em (21), pode-se observar que, para além dos elementos até então descritos aqui, há o Instrumental, formado com a palavra **me'ra**, que significa “com”. Essa palavra, segundo Ramirez (1997), é classificada como um nome dependente e nunca é utilizada sozinha. É necessário que ela esteja sempre acompanhada por um nome independente, que

neste caso é **di'pīhí** “faca”.

(22) **duarí wi'i yamiákã pãrĩrosa'**

venda casa amanhã abrirá

dua - rí wi'i yamiákã pãrĩ - rosa'

venda - PL casa amanhã abrir - FUT (INAN.SGSENT)

“a loja abrirá amanhã”

É importante ressaltar que no dicionário de Ramirez (1997b), ‘amanhã’ é definido como um nome inanimado. Além disso, nesse caso é utilizado o futuro de predição por meio da marca de inanimado **-ro**, já que é a loja que abrirá e a partícula da modalidade sentida **-sa'**.

Como este subcapítulo é meramente ilustrativo e um guia para o melhor entendimento das frases em tukano durante a leitura deste trabalho, não serão trazidos muitos exemplos, visto que o foco deste trabalho se insere em outras temáticas. Mesmo assim, para encerrar pelo momento as discussões em sintaxe de tukano, é necessário fazer uma apresentação de outros tipos de construções sintáticas. As sentenças a seguir representam (23) uma oração implicativa; (24) uma oração de finalidade; e (25) um discurso direto. Todas elas foram extraídas dos exemplos de Ramirez (1997a, p. 370).

(23) **ĩsâ ehakã masá du'tiá wa'aama**

nós chegar gente esconder fugiram

ĩsâ eha - kã mas - á du'ti - á - wa'a - a - ma

nós (excl.) chegar - IMPL pessoa- PL esconder - CENTRIF - fugir - PAS-REC - VIST.3.PL

“quando nós chegamos as pessoas fugiram”

(24) **yí'î pekâwi yě'eápi kñ yesê wêheákihi ni'kaá**
eu espingarda peguei ele porco matar hoje

yí'î pekâ - wi yě'e - á - pi kñ yesê wêheákihi ni'kaá
 eu lenha - TUB⁵⁰ pegar - PAS-REC - VIST.OUT-PES ele porco matar hoje

“eu peguei a espingarda para que ele mate o porco”

(25) **yí'î pako kñ do'âtitiãmi niãmo**
eu mãe ele estar-doente dizer

yí'î pako kñ do'âti - ti - a - mi niã - á - mo
 eu mãe ele estar-doente - NEG - PAS-REC - VIST.3.-F.SG dizer - PAS-REC- VIST.3.+F.SG

“minha mãe disse que ele não está doente”

Contudo, é importante observarmos a forma de construção das sentenças nessa língua, pois sua recursividade é feita de forma diferente das línguas que estamos acostumados a estudar no dia-a-dia. Para a língua tukano, cada tipo de sentença é realizada por meio de auxiliares específicos que, por uma questão de espaço e pertinência⁵¹, não expusemos nesta pequena compilação. Vale a pena notar que, assim como qualquer outra língua do mundo⁵², é capaz de realizar qualquer tipo de formação sintática⁵³.

⁵⁰ É interessante notar que a palavra “lenha” **pekâ**, quando acrescido o classificador nominal de “forma tubular” **-wi**, se transforma em “espingarda” **pekâwi**.

⁵¹ Neste capítulo trouxemos recursos gramaticais fundamentais da língua tukano, principalmente para que nossos exemplos e análises sejam superficialmente compreendidos pelos leitores.

⁵² Daniel Everett contestou as teorias gerativas de recursividade após estudar por anos a língua brasileira Pirahã. Para saber mais sobre o assunto, há o livro *Don't Sleep there are snakes* (EVERETT, 2008) e o documentário em filme *The grammar of happiness* (2012).

⁵³ Assim como a gramática universal de base gerativa prevê (cf. CHOMSKY, 2002, 2006, 2009).

2. METODOLOGIA

Extremamente importantes para a realização desta tese, os questionários, muito utilizados em abordagens psicolinguísticas experimentais e não tão usuais em trabalhos de semântica e pragmática formais como este, foram responsáveis pela melhor delimitação do tema e do fenômeno estudado. Sendo assim, nos diferenciamos das pesquisas prototípicas dessa área quanto à necessidade de coleta de dados em questionários e diálogos com participantes desta investigação para maior fidedignidade dos objetos. Para explicarmos melhor como tecemos esse processo, este capítulo é destinado mais às temáticas dos questionários, dos participantes e dos procedimentos éticos.

É importante lembrarmos, que a metodologia norteadora deste trabalho é a ideia popperiana de elaboração de hipóteses falseáveis por evidências empíricas, trabalhando com o método hipotético-dedutivo, próprio das abordagens formais em linguística.

Para ilustrar melhor o percurso teórico e prático percorrido por nós, observemos o diagrama⁵⁴ a seguir:

⁵⁴ Nesse diagrama utilizamos a grafia para o aumentativo (-ohó). Embora no decorrer do projeto esse morfema apareça ora (-hó), ora (-ohó), tanto fazia nossa escolha nesse momento. Vale ressaltar que a grafia que utilizamos nesse diagrama é a atestada na gramática de Ramirez (1997b).

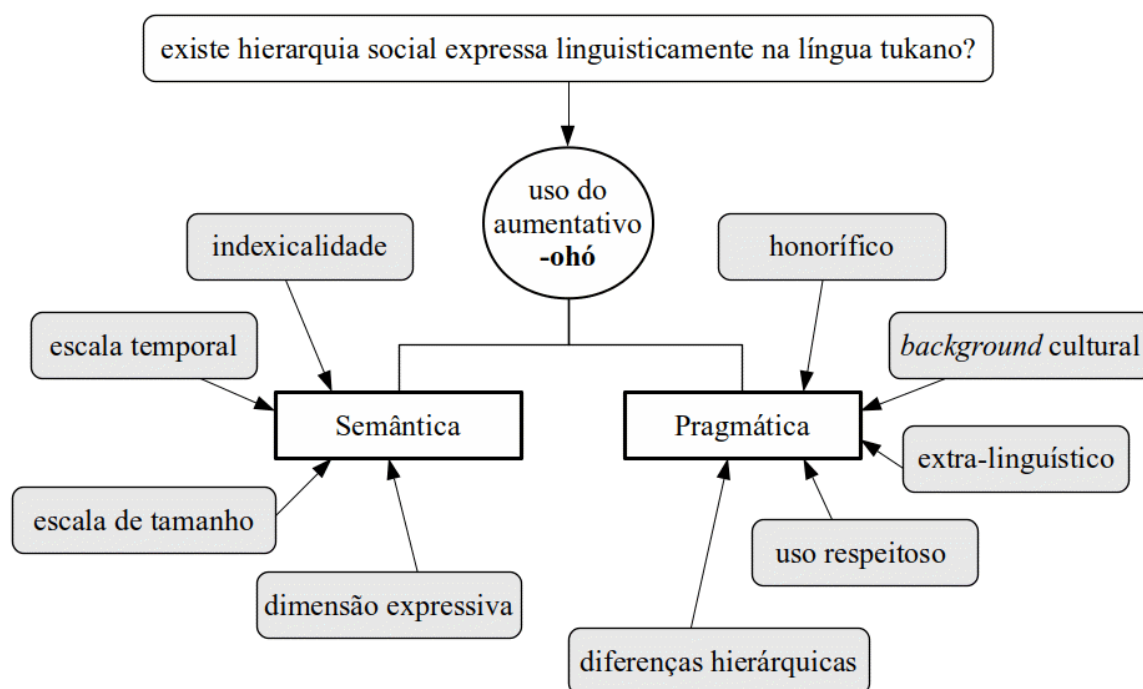


Figura 8. Diagrama do percurso teórico sobre o aumentativo em tukano.

O diagrama apresenta na Figura 8 funciona como árvore de termos cujos conceitos funcionam de forma colaborativa para a realização do fenômeno em questão. Isso é, no decorrer deste trabalho tocamos em todos esses temas para buscarmos um auxílio que nos permitisse explicar como funciona o aumentativo em tukano.

Como ponto primordial para a realização dessa pesquisa, para a coleta de dados, foram aplicados questionários semidirigidos a indígenas falantes nativos de tukano. Neles, os testes linguísticos desenvolvidos consistiram na elaboração e validação de frases que contivessem os elementos por nós estudados. Além disso, contamos, em vários momentos, com o diálogo com os falantes nativos, que nos ajudou na melhor compreensão dos fatos e deu fidedignidade para essa descrição.

Houve o recolhimento de dados dos participantes por meio de fichas elaboradas durante as entrevistas. Essas informações sobre eles têm como objetivo a triangulação dos questionários aplicados com dados sobre a localidade mais precisa dos falantes, suas línguas maternas, de contato, etc. Isso nos permitiu entender melhor algumas variedades linguísticas oriundas dos diversos grupos falantes de tukano, para que possíveis problemas de má compreensão ou diferenças nos dialetos fossem atestadas.

Para ilustrarmos melhor esses dados, elaboramos a Tabela 1 a seguir, que contém uma lista de informações gerais sobre os participantes da pesquisa, divididos⁵⁵ entre SP e AM.

Tabela 1. Dados gerais dos participantes.

	Participantes em SP	Participantes no AM	Totais
Número de pessoas	9	10	19
Sexo masculino	7	8	15
Sexo feminino	2	2	4
Indivíduos pertencentes à etnia tukano	6	5	11
Indivíduos pertencentes a outras etnias	3	5	8
Média de línguas faladas por indivíduo	4	3	Em torno de 3 a 4 línguas
Média de idade	25	42	Média geral em torno de 34 anos

Podemos observar nessa tabela, primeiramente, que a média de idade dos participantes nas duas localidades é bem diferente. Enquanto em SP tivemos contato com

⁵⁵ Vale a pena notar que todos os participantes são oriundos da cidade de São Gabriel da Cachoeira e que essa divisão entre “SP” e “AM” é meramente para cumprir etapas. A única variável que poderia dividir os informantes ou o caminho desta pesquisa é a questão dos residentes em SP terem uma maior vivência científica acadêmica, por estarem ligados às universidades.

falantes universitários de tukano, em SGC fizemos contato com pessoas mais velhas e vividas da região. Isso fez com que gravássemos interações mais ricas nessa localidade. Além disso, é possível observar nas duas localidades que os participantes não necessariamente faziam parte do grupo dos tukanos, mas tinham essa língua como materna e eram fluentes⁵⁶.

Todavia, é importante mencionar, que além dos questionários, brevemente, buscamos a ocorrência do aumentativo em textos escritos em língua tukano. Optamos por essa prática, para justamente tentarmos validar os dados obtidos por nós nos questionários e, também, com o intuito de fazer novas descobertas sobre o funcionamento desse sufixo nas estruturas de diferentes sentenças. Mesmo assim, no decorrer do processo, percebemos que há uma certa dificuldade no desenvolvimento da escrita para uma língua que deixou de ser ágrafa há menos de um século. Isso faz com que a prática de escrita em língua tukano seja diferente das línguas que já a possuem há séculos. Vale a pena notar que, por questões que explicaremos melhor no Capítulo 3, não obtivemos sucesso nessa busca. Por fim, nos subcapítulos subsequentes traremos informações a respeito da nossa prática de campo. Dessa forma, explicaremos detalhadamente todos os passos para a realização deste projeto, desde como recrutamos os participantes e elaboramos os questionários, até as dificuldades encontradas e formas de superá-las.

⁵⁶ Como já explicado no capítulo anterior, muitas etnias perderam sua língua e adotaram tukano para comunicação.

2.1. Procedimentos éticos

A primeira seção deste capítulo se resume aos procedimentos éticos adotados para a realização desta pesquisa. Isto é, a forma como contactamos inicialmente os grupos indígenas da UFSCar, o recrutamento dos participantes da pesquisa, as formas de organização e armazenamento das informações obtidas, além dos processos institucionais dentro do Comitê de Ética da UFSCar.

Dessa maneira, para começarmos nosso percurso investigativo, exporemos, a seguir, como foi nosso primeiro contato com os universitários falantes de tukano na cidade de São Carlos.

2.1.1. Recrutamento de participantes em São Carlos – SP

A Universidade Federal de São Carlos possui uma política de inclusão de alunos indígenas na graduação e na pós-graduação, o que permite o contato social e linguístico entre esses alunos e não-indígenas. Além disso, nessa Universidade, ocorre anualmente um evento chamado Semana dos Estudantes Indígenas da UFSCar, na qual são ofertados minicursos sobre as culturas e as línguas representadas pelos estudantes oriundos de várias regiões e etnias, de forma a proporcionar contato e proximidade com parte da comunidade acadêmica. Sendo a Universidade um espaço plural, os estudantes indígenas se sentiram à vontade para interagir, facilitando nossos primeiros contatos.

Entramos em contato com o Centro de Culturas Indígenas (CCI) da UFSCar para solicitar autorização e apoio para a realização desta pesquisa. Com efeito, eles nos responderam positivamente, colocando-nos em contato, ainda inicial, com quatro estudantes universitários em São Carlos falantes de tukano. Tais estudantes são falantes de Português e possuem a língua tukano como língua materna, pois cresceram em aldeias na região de SGC. A partir dos contatos promovidos pela CCI-UFSCar, os estudantes disponibilizaram-se a auxiliar no desenvolvimento deste projeto de Doutorado a respeito de sua língua materna.

Um dos participantes que estudava em São Carlos, na UFSCar, se transferiu para a Universidade de Campinas (UNICAMP), na época em que o programa de Ações Afirmativas para ingresso de estudantes indígenas estava sendo realizado na UFSCar. Essas ações abriram portas para que outros falantes de tukano pudessem estar na região de SP. Além disso, pela distância entre São Carlos e Campinas, houve a possibilidade de realização do trabalho de campo, por meio da indicação do conhecido indígena, com outros falantes nativos de tukano estudantes em Campinas.

Foram realizadas várias visitas frutíferas aos falantes nesta localidade. Além do contato em maior escala com a língua tukano, tivemos um contato com os costumes dos participantes que nos convidaram para outras de suas atividades de lazer, alimentação e entretenimento que estavam sendo desenvolvidas.

Em suma, antes de começarmos a primeira fase de aplicação de questionários, achávamos que não seria necessário uma pesquisa de campo *in loco*, em SGC, mas após algumas aplicações e, devido ao número de falantes nativos em São Carlos começar a diminuir, resolvemos recrutar novos participantes. Sendo assim, graças aos contatos estabelecidos com alguns participantes, fomos convidados para ir à SGC. Mesmo assim, em dezembro de 2019 realizamos a aplicação de questionários nessa localidade.

2.1.2. Recrutamento de participantes em São Gabriel da Cachoeira – AM

Quando iniciamos este projeto de pesquisa, a etapa de recrutamento de participantes na cidade de SGC, no estado do Amazonas, não foi uma hipótese cogitável, pois, pelos contatos que já estavam sendo feitos com os estudantes indígenas na UFSCar, parecia haver uma quantidade suficiente de falantes para serem consultados. Como já havia o apoio do CCI em relação à identificação de alunos tukanos da Universidade, foi possível a indicação direta de amigos e familiares dos alunos já participantes desta pesquisa, que moram no Amazonas. Assim, devido às respostas positivas desses contatos, em dezembro de 2019 foi realizado o trabalho de campo em SGC, com a aplicação de questionários que completassem a amostra da pesquisa.

Além disso, houve apoio da Profª. Maria da Sílvia Cintra Martins, que nos colocou em contato com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e

com o Instituto Federal do Amazonas (IFAM).

Mesmo com alguns contatos pré-estabelecidos firmados, um dos participantes da pesquisa foi muito solícito durante a etapa de coleta de dados em SGC. Ele, além de nos ajudar com suas intuições linguísticas, respostas aos questionários, práticas de conversação e conversas informais, levou o pesquisador responsável para passar alguns dias em sua comunidade, Terra Negra.

Participamos, também, como ouvintes em palestras da Assembleia Geral dos Professores Indígenas do Rio Negro, sediada em uma escola de SGC. A participação na reunião possibilitou a aplicação de mais questionários.

Vale ressaltar que não realizamos o trabalho de campo em SGC dentro das aldeias protegidas, haja visto que é necessária uma autorização da FUNAI. Além disso, os dados linguísticos puderam ser depreendidos com os falantes da cidade de SGC e até de SP, pois nosso critério era que os participantes fossem falantes da língua tukano.

Por fim, graças aos participantes de SGC ampliamos nosso conhecimento sobre uma parte da realidade dos falantes de tukano, além de agregamos fidedignidade à pesquisa graças a uma maior quantidade de questionários e informações obtidas.

Por conseguinte, após a exposição de como obtivemos os primeiros contatos com os participantes da pesquisa, uma das tarefas organizacionais durante todo o processo de aplicação dos questionários foi o recolhimento e elaboração de fichas de participantes. Sendo assim, no subcapítulo subsequente, exporemos o desenvolvimento dessas fichas e o armazenamento dos questionários e das informações sobre os participantes.

2.1.3. Fichas dos participantes e armazenamento das informações

As fichas dos informantes⁵⁷ (cf. Apêndice II) serviram como um cadastro dos participantes, pois a maioria que respondeu o primeiro questionário participou dos outros e, por meio da ficha, foi possível contactá-los novamente. Além disso, a ficha preenchida forneceu seus dados etnológicos e socioeconômicos, que possibilitaram a identificação e diferenciação das variedades da língua tukano quando houve divergência ou

⁵⁷ Este trabalho em quase sua totalidade utilizou do termo informante para designar os sujeitos participantes. Por uma questão de adequação terminológica passamos a adotar o termo “participante”.

convergência no momento de analisar as respostas dos questionários. Esse procedimento foi de grande ajuda, pois, assim como qualquer outra língua, a língua tukano possui variedades geotrópicas e dialetais.

Em relação à organização dos dados, a ficha de participantes além de possuir o nome dos participantes, os associa a códigos. Esses códigos são a única forma de identificação das folhas de questionário. Isso faz com que exemplos possam ser citados neste trabalho e, conseqüentemente, com que se mantenha uma organização textual eficiente. Por conta disso, caso haja qualquer contestação ou comentário a respeito de algum exemplo, podemos ter acesso aos questionários respondidos somente por meio de um código, favorecendo o anonimato dos participantes. Além do código de informante, representado por meio de números, a localidade também é representada com um código, representada por letras do alfabeto.

Para a etapa de campo em SGC, a ficha aplicada no início da pesquisa foi adaptada, pois percebemos que nem todas as informações colocadas inicialmente eram necessárias e só serviram para aumentar o tempo de abordagem - o que resultava numa promoção maior de cansaço nos aplicadores e participantes. Por conta disso, a versão nova (cf. Apêndice I), contou apenas com as informações mais relevantes, organizadas de uma forma mais intuitiva.

Quanto ao armazenamento das informações, desenvolvemos um sistema cujos questionários estivessem identificados por códigos, por questões de segurança. Além disso, os questionários respondidos foram digitalizados e, juntamente com as versões originais, ficaram de posse dos pesquisadores responsáveis pelo tempo estabelecido pelo Comitê de Ética. Com isso, a seguir, traremos algumas informações a respeito do processo documental desse Comitê, responsável pelo início, de fato, desta pesquisa.

2.1.4. Comitê de Ética

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, posteriormente, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), atendendo as Resoluções CNS nº 466/12 (Aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos), CNS nº 510/2016

(Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena) do Conselho Nacional de Saúde, visando o desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos.

Salienta-se que todos os participantes receberam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice I) para consentirem à participação desta pesquisa. Além disso, será assegurado o sigilo da identidade dos participantes, os quais terão total autonomia em relação à participação.

Mesmo com um grande atraso nos trâmites dos comitês de ética, que tomaram praticamente um ano, ressalta-se que os questionários foram aplicados após a aprovação do projeto pelo Comitê Nacional de Ética (CONEP) sob o processo nº 86945217.0.0000.5504 e parecer nº 2.938.745 .

Além disso, para a continuação do projeto, após os trabalhos de campo em dezembro de 2019, foi pedida a extensão de prazo para a realização de mais coletas de dados por meio de uma emenda ao processo do CONEP referido acima. Essa mudança fez com que outra versão de TCLE fosse desenvolvida, contemplando detalhes diferentes (cf. Apêndice I).

Por fim, com este subcapítulo encerraremos a primeira seção deste capítulo, destinada às questões relacionadas aos processos éticos envolvidos nesta pesquisa. Sendo assim, a seguir, iniciaremos uma nova seção, destinada somente à prática de elaboração dos questionários, englobando todo o processo e tomada de decisões.

2.2. Elaboração dos questionários

Nos subcapítulos subseqüentes, traremos exemplos e explicações da maneira com que resolvemos elaborar as questões. Sendo assim, exporemos os objetivos de cada uma das formas de coletar os dados linguísticos para a elaboração desta pesquisa.

É importante ressaltar que foram aplicadas oito versões de questionários, cada uma com formulações de perguntas e elementos linguísticos distintos. Além disso, o questionário número VII (cf. Apêndice III) possui duas formas de grafias, haja visto que ainda não existem regras ortográficas fixadas para o tukano.

Antes de iniciarmos de fato a explanação sobre esse tema, existem algumas

informações que devem estar claras para que o leitor compreenda melhor o processo em que percorremos. Sendo assim, a seguir, exporemos essas informações importantes.

2.2.1. Informações importantes

Primeiramente, todos os questionários possuem um espaço para anotações do inquiridor⁵⁸, no qual o pesquisador que realizou a aplicação pode comentar sobre a atuação dos participantes, bem como catalogar elementos linguísticos trazidos. Muitos dos avanços que aconteceram durante a aplicação dos questionários se deram pelo fato de os entrevistados participarem ativamente do processo de resposta, fornecendo exemplos e comentando detalhes sobre os questionários.

Além disso, por se tratar de um questionário semi-guiado, foi pedida a permissão para a gravação em áudio dos comentários dos participantes. Assim, oito deles aceitaram ser gravados e suas colocações foram de grande valia para a delimitação mais detalhada do tema.

Vale ressaltar que foram sete diferentes questionários aplicados, que serão listados nos subcapítulos a seguir. Ademais, quantitativamente, é importante trazeremos dados a respeito da quantidade de questionários aplicados. Essa informação segue no Gráfico 1.

⁵⁸ Percebemos, somente após a aplicação dos questionários, que o termo inquiridor, nos dias atuais, não possui uma carga semântica prestigiada. De qualquer maneira, para este termo queremos nos referir à pessoa que aplicou os questionários ou fez a entrevista.

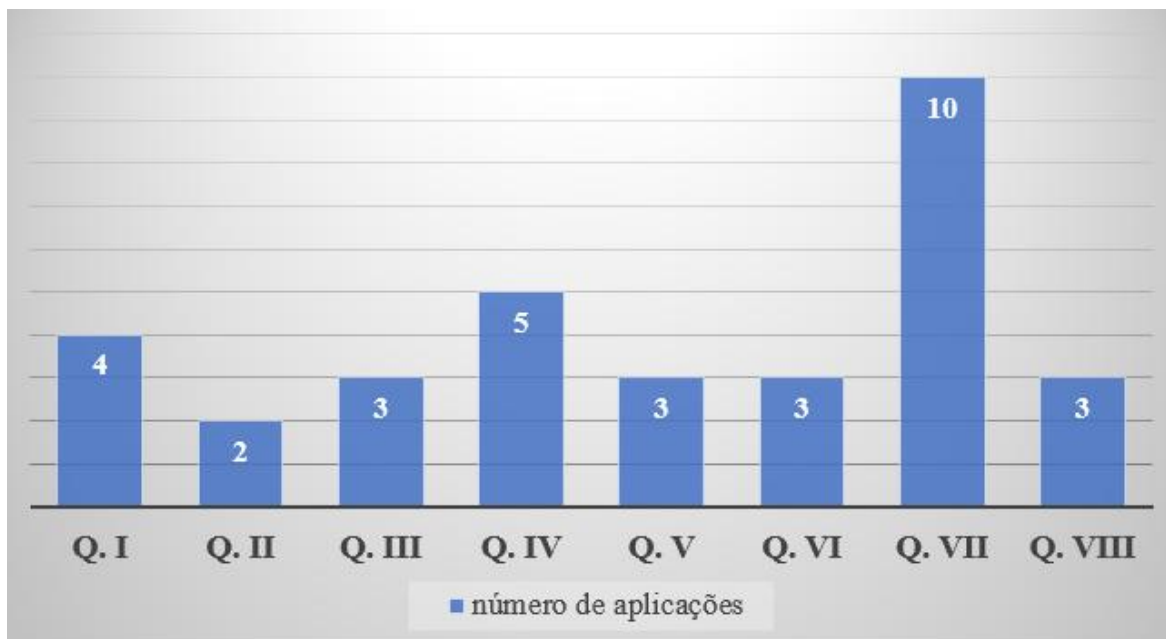


Gráfico 1. Frequência de aplicação dos questionários.

No Gráfico 1, podemos observar que o sétimo questionário foi o mais aplicado. Ele foi o resultado de todo o nosso amadurecimento quanto à formulação de questionários que trataremos nos capítulos subsequentes. Por fim, um olhar atento ao gráfico em questão perceberá que o total de aplicações é desproporcional ao número total de participantes (19). Isso se deve ao fato de alguns deles terem se prontificado a colaborar com a pesquisa aceitando responder a mais de um questionário. O questionário VIII, por exemplo, foi aplicado a três participantes que já haviam contribuído em outros momentos⁵⁹. Sendo assim, realizamos a aplicação de mais de uma das versões dos questionários com quatro dos participantes.

2.2.2. Estratégias de elaboração

Os questionários foram desenvolvidos conforme a necessidade em testar elementos gramaticalizados distintos. Sendo assim, é possível observar, em cada versão,

⁵⁹ Isso se deve ao fato, principalmente, da situação sanitária do Brasil durante a pandemia de Covid-19 ter impactado fortemente no angariamento de novos participantes.

que as estratégias de obtenção de dados e de validações foram sendo aperfeiçoadas para que pudessem funcionar melhor. A seguir, serão trazidos exemplos que fizeram parte dos questionários (cf. Apêndice III)⁶⁰. Para não nos alongarmos tanto, será trazida uma questão para cada exemplo de estratégia.

(1) Qual nota (de 1 a 5) você daria para essas frases?

yì'iré kumupaitá mi'itia'sã⁶¹

eu para cadeira trazer

yì'ì - ré kumupaitá mi'itia - 'sã

eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

- a. péssima – impossível de entender;
- b. ruim – muito difícil de entender;
- c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
- d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
- e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

Em (1), foi pedido aos falantes que dessem uma nota à frase em tukano (de péssima a muito boa), conforme o seu entendimento. Esse tipo de questão foi muito importante no início da nossa coleta de dados, pois permitiu que fosse estudado melhor o paradigma morfológico e semântico da língua, visto que a validação dos participantes para as questões inicialmente propostas nos guiaram até a delimitação melhor do tema e das sentenças que deveriam ser avaliadas precisamente.

⁶⁰ Para a lista mais simplificada de formas gramaticais testadas, confira o Apêndice VI.

⁶¹ O conteúdo das questões, quando em língua tukano, está escrito em negrito. A glosa não fez parte dos questionários aplicados aos participantes. É importante lembrar que utilizaremos o formato de glosa proposto por nós, com algumas diferenças de como exibiremos nos Capítulos 1 e 3. Para este Capítulo, a glosa será dessa maneira: primeiramente as sentenças grafadas em língua tukano, em negrito; na sequência abaixo, haverá sua transliteração, em itálico; e por fim, na sequência haverá a sentença em tukano desmembrada em morfemas separados por hífen (-) e na linha de baixo, justificados a eles, suas classificações morfológicas, que poderão ou não ser concatenadas por (.) ponto, sem qualquer formatação textual. Entretanto, neste Capítulo, as traduções das sentenças não serão exibidas pois muitas delas são agramaticais e fazem parte dos testes investigativos do nosso objeto.

(2) Como você traduziria a frase “Você poderia pegar a cadeira para mim?” nas seguintes situações:

Situação 1. Como um pai pediria a cadeira para um filho?

Situação 2. Como um filho pediria a cadeira para um pai?

Em (2) pedimos para que os participantes traduzissem do português para o tukano uma frase, de acordo com situações hipotéticas, em que poderia haver indícios de honoríficos. Nesta etapa, pudemos ter mais contato com a língua tukano, especialmente com elementos que pudessem nos mostrar a gramaticalização do fenômeno pragmático, em que se ancoram indexicais que representam hierarquia.

(3) Como você traduziria para o português a frase abaixo?

pa'y si't'iré kumupaitá mi'ĩtia ïasami'sã
padre aquele para cadeira trazer quer

pa'y sã - ré kumupatá mi'ĩtia ïa - sami - sa'
 padre aquele - REF cadeira trazer querer - PRES.SENT.3.-F.SG - IMP-DIS

Em (3), foi pedido para que os falantes traduzissem para o português frases em tukano que continham nossos testes e intuições linguísticas sobre o fenômeno que estávamos buscando inicialmente. Vale ressaltar que questões como essa, de tradução direta, no início de um projeto dessa extensão, são úteis para serem aplicadas a participantes que estão dispostos a ajudar e têm tempo para isso. No decorrer do projeto, percebemos que existem estratégias que avaliam melhor elementos linguísticos e tomam

menos tempo para serem resolvidas. Porém, como esta questão foi aplicada no primeiro questionário e não dispunhamos de uma proficiência na língua tukano, ela nos ajudou a entender melhor o funcionamento das frases em tukano. Isto é, foi a instauradora de nossa curiosidade gramatical para essa língua.

(4) Selecione as melhores frases para cada situação.

Situação 1. Um pai pedindo uma cadeira para um filho falaria qual das frases abaixo?

a. **yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã**

eu para cadeira trazer

yí'ì - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

b. **pakìré kumupaitá mi'ítia'sã**

pai para cadeira trazer

pakì - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

pai - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

c. **pakì si't'iré kumupaitá mi'ítia ìasami'sã**

pai aquele para cadeira trazer quer

pakì sî - ré kumupaitá mi'ítia ìa - sami - sa'

pai aquele - REF cadeira trazer querer - PRES.SENT.3.-F.SG - IMP-DIS

Em (4), ainda presente no questionário I, buscamos fazer com que o participante elegesse a melhor frase para cada situação dada. Como à época não tínhamos

b. mi manhekûré kumupaitá mi'ítia'sã

você sogro para cadeira trazer

mi manhekû - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

você sogro - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

c. buhí manhekûré kumupaitá mi'ítia'sã

genro sogro para cadeira trazer

buhí manhekû - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

genro sogro - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

d. buhí yi'íré kumupaitá mi'ítia'sã

genro eu para cadeira trazer

buhí yi'í - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

genro eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

e. buhí yi'íré kumupaitá mikatia'sã⁶³

genro eu para cadeira trazer

buhí yi'í - ré kumupaitá mikatia - 'sã

genro eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

f. manhehkû kí'íré kumupaitá mikatia íasami'sã

sogro ele para cadeira trazer querer

manhekû kí'í - ré kumupaitá mikatia ía - sami - 'sã

sogro ele - REF cadeira trazer querer - PRES.SENT.3.-F.SG - IMP-DIS

⁶³ **mikatia** é uma variação do verbo 'trazer', normalmente representado por **mi'ítia**.

g. **yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã**

eu para cadeira trazer

yí'í - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã

eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

h. **mí'í manhehkũ kumupaitá iamiami**

ocê sogro cadeira quer

mí manhekũ kumupaitá ia - mi -a -mi

você sogro cadeira querer - VIST ou FRUST - PAS-REC -VIST.3.-F.SG

i. caso nenhuma das alternativas, como você falaria?

O exemplo (5) foi a única estratégia utilizada no questionário II e IV. Foram realizados exemplos hipotéticos, em diversas situações, em que figuras hierárquicas estão ancoradas, para que os participantes escolhessem sua predileção, seguindo uma matriz de boa, mais preferida, menos preferida e não aceitável. Essa estratégia foi de grande valia, pois, com ela, pudemos perceber a predileção de elementos que suspeitávamos ser honoríficos em tukano. Os exemplos desenvolvidos contavam com diversas variações nos paradigmas sintático, morfológico, pronominal e de ordem lexical.

(6) Como você traduziria para a língua Tukano a frase “Você poderia pegar a cadeira para mim?” nas seguintes situações:

Situação 1. Como um hupda (makú) pediria a cadeira para um tukano?

Situação 2. Como um tukano pediria a cadeira para um hupda (makú)?

Em (6), repetimos a estratégia utilizada em (2). Porém, buscamos fazer um teste teoricamente inverso. Nela, testamos a impolidez ou os honoríficos vindos de da pessoa hierarquicamente superior na sociedade tukano para os hierarquicamente inferiores - os hupdas⁶⁴.

Contudo, mesmo levando em consideração o *feedback* dos questionários aplicados quanto ao seu formato e ao que estávamos buscando, nos deparamos com obstáculos que foram responsáveis pelas atualizações das estratégias de elaboração. Assim, no subcapítulo seguinte, detalharemos um pouco mais os obstáculos encontrados na aplicação dos primeiros questionários.

2.2.3. Problemas encontrados nos primeiros questionários

As estratégias de elaboração de questionários aplicadas nos subcapítulos anteriores compreenderam as versões I, II, III, IV e foram responsáveis por guiar este trabalho para o rumo que tomou, ou seja, foram responsáveis pela identificação e delimitação dos elementos linguísticos trabalhados que representam a hierarquia social.

Vale lembrar que desde o início deste trabalho, os questionários foram desenvolvidos pelo próprio pesquisador, conforme a demanda de testar determinados elementos foi aparecendo. Isso quer dizer que não foi seguida nenhuma metodologia existente na área para que se fossem obtidos os dados em questão, simplesmente o questionário foi sendo construído conforme a demanda e a evolução de nossas análises.

Isso não significa que o trabalho de coleta de dados não tenha sido apropriado. Pensamos nesta tarefa como essencial, pois sem ela não teríamos tido um

⁶⁴ Os hupdas são povos que vivem no rio Uapés e se dividem em vários grupos nômades que se estabelecem em determinados lugares temporariamente para trabalhar. Embora a página de Populações Indígenas da ONG ISA defina bem esse grupo <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Hupda>>, não considera a forma pejorativa com que as outras etnias mais prestigiadas da região os tratam.

contato preciso com a língua, haja visto que ela não é tão conhecida como as línguas já estudadas pela semântica e pragmática (como as línguas indo-europeias, por exemplo). Dessa maneira, por não haver a intuição linguística necessária para a validação dos elementos, pois ela não é nossa língua materna, foi necessária a aplicação de questionários e o estudo mais aprofundado da língua tukano.

É necessário esclarecermos que optamos pelos questionários, pois eles são um registro físico e válido que guia nossa investigação. Além disso, pudemos aplicá-los a pessoas que não gostariam de interagir verbalmente ou ser gravadas⁶⁵. Mesmo assim, ao final da aplicação do questionário, para muitas pessoas que haviam aceitado ser gravadas, nós perguntamos um pouco mais sobre a língua tukano e seu funcionamento, além é claro de assuntos relacionados ao nosso tema em questão. Como consequência e de muito bom grado, alguns participantes responderam às nossas perguntas de forma a também validar o que estávamos investigando⁶⁶. Isto é, embora nosso foco tivesse sido o questionário físico, acabamos por realizar entrevistas abertas sobre a temática com alguns dos falantes nativos.

Em relação, mais precisamente, à aplicação dos questionários que continham as estratégias listadas até aqui, percebemos que eles eram exaustivos e causavam fadiga nos participantes. Foi possível a observação disso, pois, no início, alguns deles, devido à quantidade de elementos e a dificuldade para a sua avaliação imediata, acabaram tomando respostas mecânicas e repetitivas. A resolução dessa problemática, felizmente, acabou surgindo junto à delimitação mais precisa dos elementos linguísticos que abarcam o fenômeno estudado.

Além disso, os questionários elaborados até sua versão IV possuíam conteúdos muitas vezes repetitivos e muito textuais. Sendo assim, a partir do questionário V, resolvemos mudar o sincretismo das questões, a ponto de incluir imagens e trazer menos conteúdo textual, o que tornou os questionários mais intuitivos e menos cansativos. Dessa forma, no subcapítulo a seguir, faremos o percurso de elaboração dos dos questionários efetivos.

⁶⁵ Logo no início deste capítulo, trazemos alguns metadados sobre o nosso trabalho de campo.

⁶⁶ Muitos dos participantes perceberam que o questionário se tratava sobre como se falava direcionando aos mais velhos. Em praticamente todas as respostas que seguiam por esse caminho, o aumentativo era usado.

2.2.4. Questionários efetivos

Reservamos os subcapítulos seguintes para abordar os questionários mais efetivos, ou seja, as estratégias presentes que geraram resultados mais produtivos devido à delimitação de tema e de elementos linguísticos que foram sendo construídos por meio das estratégias e hipóteses desenvolvidas nos subcapítulos anteriores. Sendo assim, separamos esta seção em outros dois subcapítulos: um que trata dos questionários aplicados no interior do estado de SP e outro na cidade de SGC.

2.2.4.1. Questionários aplicados no interior de SP

Quase todos os questionários foram aplicados em SP, mais precisamente nas cidades de São Carlos e Campinas. Somente o sétimo questionário foi aplicado em SGC.

Devemos ter em mente que neste subcapítulo apresentaremos a evolução dos questionários que foram aplicados. Como a nossa localidade é São Carlos, avançamos com os testes nessa localidade para o desenvolvimento do protótipo de questionário aplicado em SGC. Além disso, as estratégias de elaboração dos questionários se diferem, em partes, com as estratégias mencionadas anteriormente, sendo que uma das principais diferenças foi a delimitação precisa de testes específicos, mais intuitivos e imagéticos, como é possível observar em (7) a seguir:

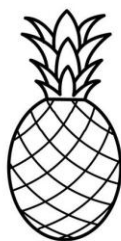
(7) Marque com um (x) a melhor definição para as imagens.

(é possível marcar mais de uma opção por item)



sēragá

abacaxi



() sēragá

() sēragárohó

sēragá - rohó

abacaxi -AUM



() sēragá

() sēragákã

sēragá - akã

abacaxi - DIM

Em (7) testamos, com imagens⁶⁷, o significado prototípico dos sufixos trabalhados, assim como em (8), a seguir, cujos textos e imagens⁶⁸ buscaram testar uma outra carga de significação.

(8)



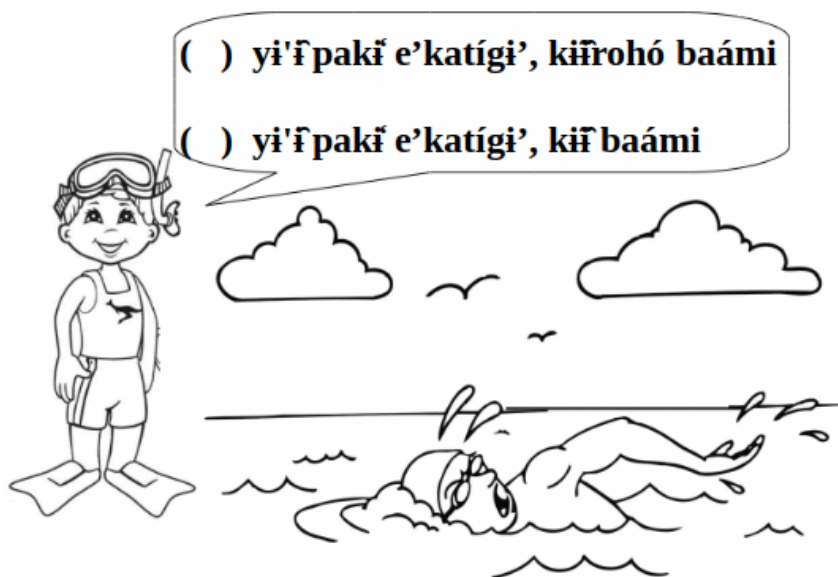
⁶⁷ Esta imagem foi retirada do Pinterest <<https://br.pinterest.com/pin/353954851948292821/>>.

⁶⁸ A imagem do homem adulto foi retirada de I Stock Photo <<https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/preto-e-branco-desenho-rosto-masculino-gm517843878-89686391>>; do idoso de Clip Ground <<https://clipground.com/old-man-clipart-black-white.html>> ; e do bebê de Dreams Time <<https://www.dreamstime.com/baby-icon-face-small-boy-girl-line-drawing-funny-smiling-children-vector-illustration-image126201221>>

	() kĩĩ	() kĩĩ
	() kĩĩrohó	() kĩĩrohó
kĩĩ	kĩĩ - rohó	kĩĩ - rohó
ele	ele - AUM	ele - AUM
	() kĩĩakã	() kĩĩakã
	kĩĩ - akã	kĩĩ - akã
	ele - DIM	ele - DIM

Outra estratégia utilizada, foi testar o fenômeno em afirmativas, presentes em diálogos de quadrinhos⁶⁹, como no exemplo (9) a seguir:

(9)



descrição das frases do balão

yí'ĩ pakĩ e'katigĩ, kĩĩrohó baámi
meu pai está feliz, elezão nada

yí'ĩ pakĩ e'katí - gi, kĩĩ - rohó baá - Ø - mi
 eu pai estar-feliz - AN.MASC.SG ele - AUM nadar - PRES - VIST.3-F.SG

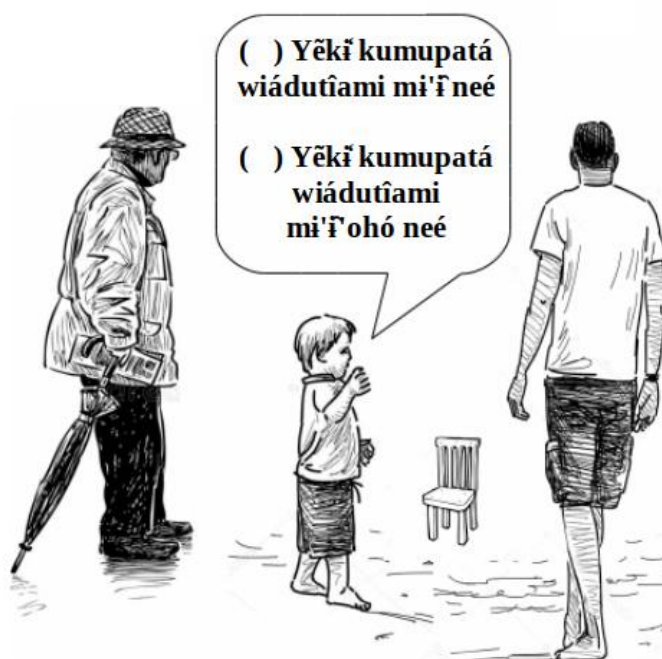
⁶⁹ A imagem do pai nadando foi retirada da página Olympischenringen <<http://www.olympischeringen.nl/kleurplaten-olympische-spelen.html>>.

yí'ĩ pakí e'katígi', kĩĩ baámi
meu pai está feliz, ele nada

yí'ĩ pakí e'katí - gi, kĩĩ baá - Ø - mi
 eu pai estar-feliz - AN.MASC.SG ele nadar - PRES - VIST.3.-F.SG

A seguir, em (10) há um quadrinho⁷⁰ com a fala de um filho endereçada ao pai, em que o assunto é um pedido do avô.

(10)



Descrição das frases do balão:

Yěkí kumupatá wiáduťami mĩ'ĩ neé

⁷⁰ As imagens com este padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>. A montagem do diálogo com as imagens do avô, da criança e do pai foi desenvolvida pelo autor desta pesquisa.

avô cadeira entregar-mandar você colaborar

Yĕkí kumupatá wiádufî - a - Ø - mi mi'ĩ neé
 avô cadeira entregar-mandar - CENTRIP - PRES - VIST.3.-F.SG você colaborar

Yĕkí kumupatá wiádufîami mi'ĩ ohó neé
avô cadeira entregar-mandar vocêzão colaborar

Yĕkí kumupatá wiádufî - a - Ø - mi mi'ĩ - hó neé
 avô cadeira entregar-mandar - CENTRIP - PRES - VIST.3.-F.SG você - AUM colaborar

Em (11), há outra estratégia, também em formato de quadrinhos⁷¹, de um pedido de discurso reportado, em que o informante deve escrever sobre um diálogo de um pai com um filho:

(11) Observe a conversa entre Pedro e seu pai.



Descrição da frase do balão:

⁷¹As imagens com este padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>. A montagem do da cena foi desenvolvida pelo autor desta pesquisa.

pakí mi'f'ohó yí'îre kumupatá mi'ttia'sã
pai vocêzão mim para cadeira trazer

pakí mi'î - hó yí'î - re kumupatá mi'ttia - sa'
 pai você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

José ouviu o diálogo entre Pedro e seu pai e resolveu contar para a Maria.
Escreva em tukano como José diria à Maria o quê ele ouviu.



Outra estratégia utilizada foi uma melhor apresentação da formulação do questionário II, como já comentada em (11) no subcapítulo anterior. Inserimos uma tabela mais intuitiva e mais detalhada, que contém espaços para escolha das opções em colunas de avaliação, como é possível observar em (12) a seguir:

(12)

Pinte o círculo correspondente ao nível de entendimento das frases:

Situação 1. Como alguém pediria uma cadeira para um homem mais velho?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yí'îre kumupatá mi'îtia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yí'îre kumupatá mi'îtiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pakí'ohó mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pakí'ohó mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtia'sã

Descrição das frases da tabela de avaliação:

yí'îre kumupatá mi'îtia'sã

eu para cadeira trazer

yí'î - ré kumupaitá mi'îtia - 'sã

eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

yí'îre kumupatá mi'îtiya

eu para cadeira traga

yí'î - ré kumupaitá mi'îti - ya

eu - REF cadeira trazer - IMP

mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtia'sã

você eu para cadeira trazer

mi'î' - ohó yí'î - ré kumupaitá mi'îtia - 'sã

você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

mi'î'ohó yí'îre kumupatá mi'îtiya

vocêzão eu para cadeira trazer

mĩ'ĩ' - ohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mĩ'ĩti - ya
 você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP

pakí'ohó mĩ'ĩ yĩ'ĩre kumupatá mĩ'ĩtia'sã
paizão você eu para cadeira trazer

pakí - ohó mĩ'ĩ' yĩ'ĩ - ré kumupaitá mĩ'ĩtia - 'sã
 pai - AUM você eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

pakí'ohó mĩ'ĩ'ohó yĩ'ĩre kumupatá mĩ'ĩtia'sã
paizão vocêzão eu para cadeira trazer

pakí - ohó mĩ'ĩ' - ohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mĩ'ĩtia - 'sã
 pai - AUM você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

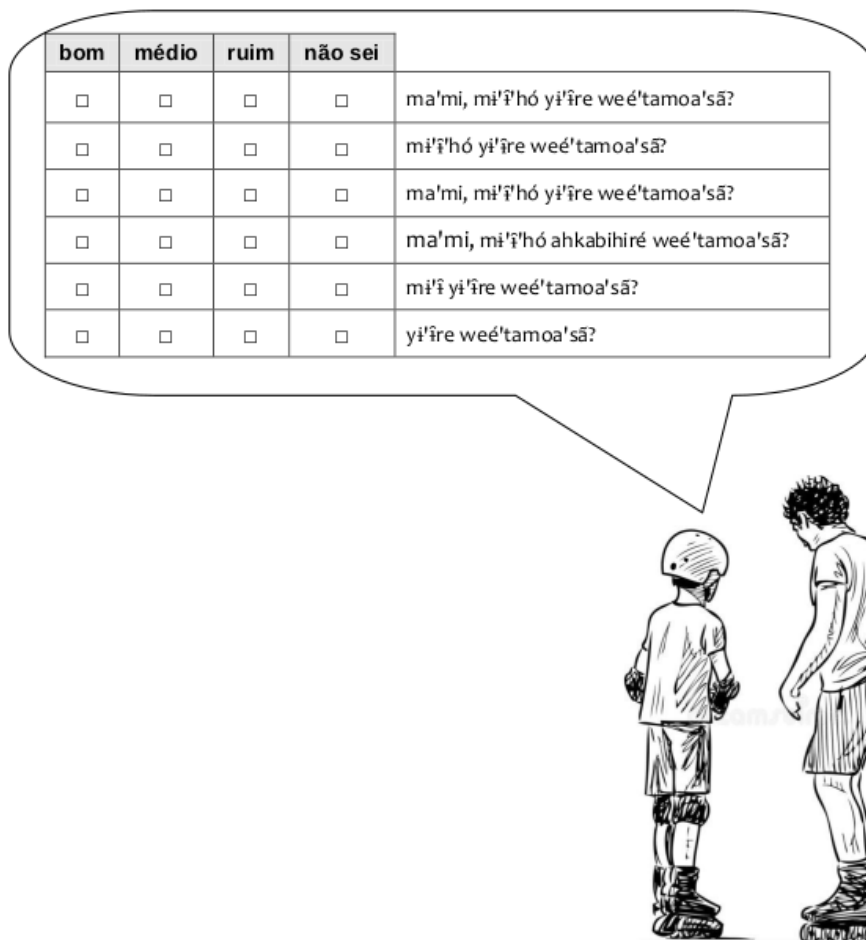
Por fim, as estratégias supracitadas, testadas no questionário efetivo em SP, foram responsáveis pela melhor adaptação das questões posteriormente aplicadas em SGC. Isto é, buscamos levar para o trabalho de campo nessa localidade, um questionário atualizado, cujas estratégias estabelecidas foram o resultado mais bem sucedido das estratégias que conseguimos elaborar. Sendo assim, no subcapítulo a seguir detalharemos como foi esse processo.

2.2.4.2. Questionário VII aplicado em São Gabriel da Cachoeira

O questionário aplicado em SGC não se difere tanto das últimas estratégias exibidas nos subcapítulos anteriores. Uma das principais diferenças entre os questionários

aplicados em SP e *in loco* foi o jeito de avaliar as questões, cujas tabelas como (12) foram colocadas dentro de quadrinhos de desenho⁷², para que fossem escolhidas, de forma mais intuitiva, as melhores opções de diálogo, como é possível observar em (13) a seguir.

(13)



Descrição das frases da tabela dentro do balão:

ma'mi, mi'f'hó yi'îre weé'tamoa'sã?

irmão maior, vocêzão eu para fazer-ajuda?

ma'mi, mi'f - hó yi'f - re weé'tamo - a - 'sã?

irmão maior, você - AUM eu - REF fazer-ajudar - CENTRIP - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

⁷² As imagens com este padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>.

mĩ'ĩ hó yĩ'ĩre weé'tamoa'sã?

vocêzão eu para fazer-ajuda?

mĩ'ĩ - hó yĩ'ĩ - re weé'tamo - a - 'sã?
 você - AUM eu - REF fazer-ajudar - CENTRIP - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

ma'mi, mĩ'ĩ hó ahkabihié weé'tamoa'sã?

irmão maior, vocêzão caçula para fazer-ajuda?

ma'mi, mĩ'ĩ - hó ahkabihi - re weé'tamo - a - 'sã?
 irmão maior, você - AUM caçula - REF fazer-ajudar - CENTRIP - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

mĩ'ĩ yĩ'ĩre weé'tamoa'sã?

vocêzão eu para fazer-ajuda?

mĩ'ĩ yĩ'ĩ - re weé'tamo - a - 'sã?
 você eu - REF fazer-ajudar - CENTRIP - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

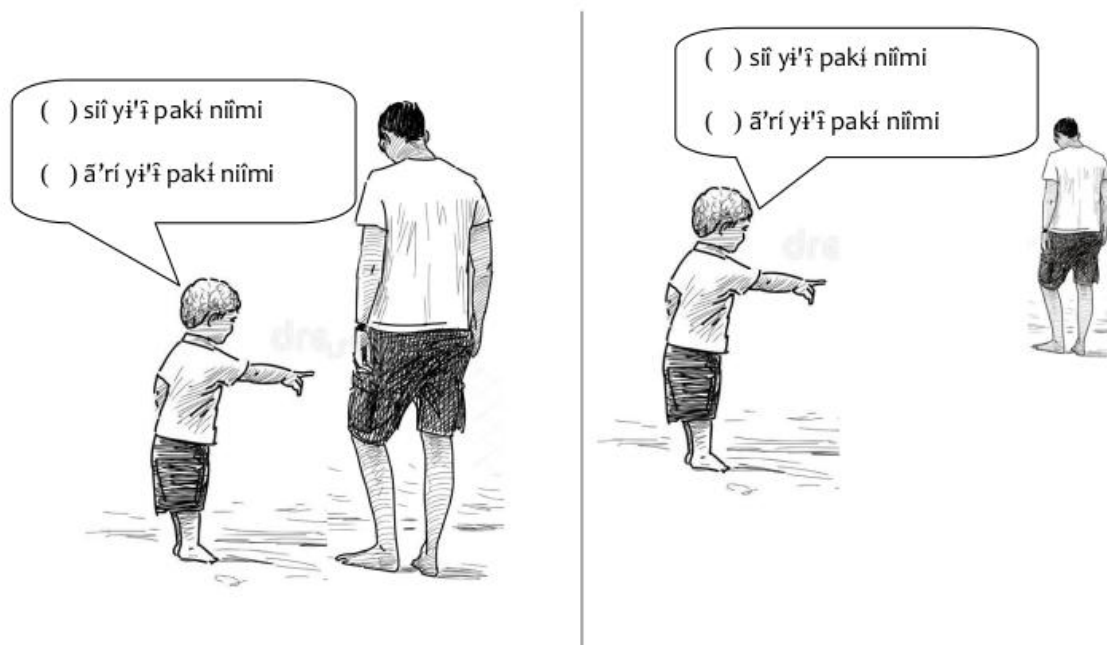
yĩ'ĩre weé'tamoa'sã?

eu para fazer-ajuda?

yĩ'ĩ - re weé'tamo - a - 'sã?
 eu - REF fazer-ajudar - CENTRIP - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Além disso, neste questionário mais especificamente, algumas questões foram compostas por situações que não eram da temática delimitada deste trabalho. Isso serviu para que os participantes não respondessem aos questionários de forma enviesada, i.e., sem saber, inicialmente, do conteúdo dos elementos linguísticos que estavam sendo buscados, como é possível observar em (14):

(14) Marque com um (X) a opção que lhe parece mais adequada para cada diálogo.



descrição das frases dos balões

sũ yĩ'ĩ pakĩ nĩĩmi

aquele eu pai é

sũ yĩ'ĩ pakĩ nĩĩ - Ø - mi

aquele eu pai ser - PRES - VIST.3.-F.SG

“aquele é meu pai”

ã'rí yĩ'ĩ pakĩ nĩĩmi

este eu pai é

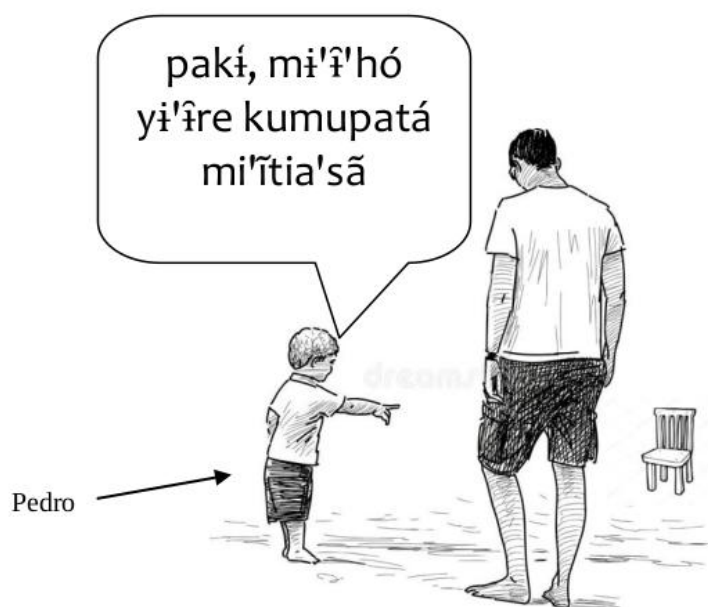
ã'rí yĩ'ĩ pakĩ nĩĩ - Ø - mi

este eu pai ser - PRES - VIST.3.-F.SG

“este é meu pai”

Percebemos, ao decorrer das aplicações, que os questionários com perguntas abertas por muitas vezes não eram devidamente respondidos. Isso fez com que optássemos por controlar as possibilidades de respostas dos participantes, haja visto que o trabalho também evoluiu ao ponto de permitir que fossem geradas possibilidades de escolha. Para exemplificar, a questão (11) anteriormente demonstrada, devido ao insucesso de ser aberta, necessitou ser fechada no questionário VII, como é possível observar a seguir:

(15) José ouviu o seguinte diálogo entre Pedro e seu pai:



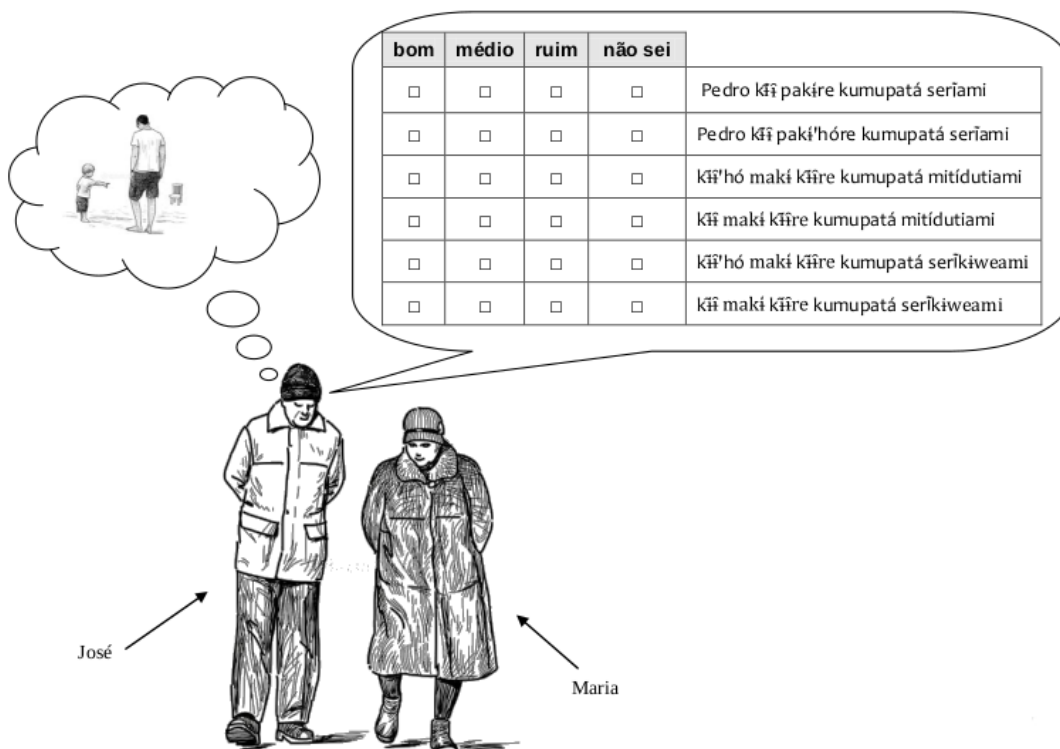
Descrição da frase do balão:

pakí mi'f'ohó yí'f're kumupatá mi'ítia'sã
pai você eu para cadeira trazer

pakí mi'f' - ohó yí'f' - ré kumupaitá mi'ítia - 'sã
 pai você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

A seguir estão possibilidades de José contar a Maria o diálogo que ouviu.

Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kĩĩ pakĩre kumupatá serĩami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kĩĩ pakĩ'hóre kumupatá serĩami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kĩĩ'hó makĩ kĩĩre kumupatá mitĩdutiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kĩĩ makĩ kĩĩre kumupatá mitĩdutiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kĩĩ'hó makĩ kĩĩre kumupatá serĩkiweami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kĩĩ makĩ kĩĩre kumupatá serĩkiweami

Below the table, a man (José) and a woman (Maria) are shown in winter clothing. José is on the left, and Maria is on the right. Arrows point from their names to them.

descrição das frases da tabela dentro do balão

Pedro kĩĩ pakĩre kumupatá serĩami

Pedro ele pai para cadeira pediu

Pedro kĩĩ pakĩ- re kumupatá seri - a - mi

Pedro ele pai - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Pedro kĩĩ pakĩ'hóre kumupatá serĩami

Pedro ele pai para cadeira pediu

Pedro kĩĩ pakĩ- hó - re kumupatá seri - a - mi

Pedro ele pai - AUM - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kĩĩ'hó makĩ kĩĩre kumupatá mitĩdutiami

ele filho ele para cadeira trazer-junto

kĩĩ' - hó makí kũĩ - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 ele - AUM filho ele - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kũĩ makí kũĩre kumupatá mitídutiami

ele filho ele para cadeira trazer-junto

kũĩ makí kũĩ - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 ele filho ele - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kũĩ'hó makí kũĩre kumupatá serikĩweami

elezão filho ele para cadeira estava pedindo

kũĩ' - hó makí kũĩ - re kumupatá serikĩwe - a - mi
 ele - AUM filho ele - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kũĩ makí kũĩre kumupatá serikĩweami

ele filho ele para cadeira estava pedindo

kũĩ' makí kũĩ - re kumupatá serikĩwe - a - mi
 ele filho ele - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Outra estratégia utilizada nos últimos questionários foi a tabela de avaliação de (12), que, ao invés de possuir situações pragmáticas, possui imagens⁷³ de objetos com detalhes úteis para a temática — objeto novo, velho, grande, pequeno, etc. É possível observar um desses exemplos em (16) a seguir:

(16) A seguir, está uma cadeira antiga. Avalie as possibilidades em: bom, médio, ruim e não sei, de acordo com as definições que lhe parecem mais adequadas para

⁷³ As imagens com esse padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>.

essa cadeira⁷⁴:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó mehá'hó kumupatá'hó

Descrição das frases da tabela de avaliação:

kumupatá

cadeira

kumupatá'hó

kumupatá' - hó

cadeira - AUM

mehá kumupatá

antiga cadeira

mehá'hó kumupatá

mehá -'hó kumupatá

antigo -AUM cadeira

mehá'hó kumupatá'hó

mehá -'hó kumupatá - 'hó

⁷⁴ Vale a pena ressaltar que durante a aplicação deste questionário, alguns participantes disseram que kumupatá não era o termo melhor associado à imagem dessa cadeira, mas sim a um banquinho (sem encosto). O termo geral para cadeiras, mais relacionado à figura da questão, segundo alguns deles, seria **duhi**. Mesmo assim, os participantes afirmaram ter entendido de que se tratava de um objeto para sentar. Além disso, **kumupatá** foi oferecido como exemplo pelos próprios informantes em questionários anteriores.

antigo -AUM cadeira - AUM

mehá kumupatá'hó

mehá kumupatá - 'hó

antigo cadeira - AUM

ã'tí'hó kumupatá

esta -'hó kumupatá

esta -AUM cadeira

ã'tí kumupatá'hó

ã'tí kumupatá - 'hó

esta cadeira - AUM

ã'tí'hó mehá'hó kumupatá'hó

esta -'hó mehá -'hó kumupatá - 'hó

esta -AUM antiga - AUM cadeira - AUM

Além disso, é importante ressaltar que, para além das estratégias específicas que resolvemos utilizar nos questionários em SGC, simplificamos a ficha de participante (cf. Apêndice II) para que ela fosse respondida com mais agilidade e sem cansaço. Também, desenvolvemos uma versão do questionário VII com uma das “normas ortográficas” muito utilizada pelos falantes⁷⁵, que não tem muita ligação com a norma de Ramirez (1997abc). Dessa forma, basicamente, ao invés de utilizarmos /i/, utilizamos /u/, além de grafar o som aspirado glotal representado por /h/, que normalmente não é grafado, mas pronunciado após vogais anteriores a P, T, K e M. Além disso, simplificamos a grafia de algumas palavras como, por exemplo, **yí'ĩ** → **yu** e **kĩ** → **kũ**. Percebemos que, além

⁷⁵ É importante notar que essa “norma” mais utilizada pelos falantes de tukano se diz respeito às diferentes formas de escrever tukano aprendidas pelos falantes nas escolas de suas comunidades. Como até o momento não há uma normatização sobre a grafia nessa língua, existem vários grupos que defendem formas diferentes de escrever. Uma das principais diferenças entre elas é a questão do /i/ e /u/, cujo primeiro está presente no material de Ramirez (1997abc) e o uso do /h/, que para esse autor está implícito em algumas construções e não precisa ser grafado, enquanto alguns grupos, por parear tukano às línguas como inglês e português, acaba o grafando.

desse fenômeno ortográfico ser uma questão linguística, também é uma questão política, pois dependendo do distrito de SGC, a escrita varia consideravelmente e os falantes tendem a querer, em cada subgrupo tukano, beneficiar suas formas de escrita próprias.

Contudo, os questionários aplicados em SGC, além de terem um alcance mais amplo, foram ferramentas-chaves para o melhor desenvolvimento de nossas análises⁷⁶. Isto é, além de proporcionarem fidedignidade ao trabalho, sua aplicação se deu em meio a uma breve imersão na localidade.

2.2.4.3. O questionário digital

O último questionário aplicado, isto é, a oitava edição, foi elaborado a partir das sugestões de testes linguísticos sobre partículas e situações propostas pelos professores que compuseram a banca de qualificação deste doutoramento, em dezembro de 2020. As sugestões serviram para a resolução das lacunas remanescentes àquela época. Infelizmente, não foi possível continuar a aplicação do questionário de forma presencial, como havia ocorrido durante o desenvolvimento desta pesquisa devido às problemáticas sociais e de locomoção causadas por conta dos avanços da pandemia do coronavírus⁷⁷, desde o início de 2020.

Como consequência, para que avançássemos em prol da resolução de algumas lacunas decorrentes do próprio processo de investigação, buscamos outra modalidade para aplicação do nosso questionário, uma vez que ainda possuíamos tempo de trabalho aprovado pelo CONEP. Portanto, decidimos por elaborar testes com situações parecidas com as que já vínhamos trabalhando, porém alterando o paradigma pronominal, no intuito de testar construções em que a referência hierárquica seja a do sexo feminino, além de testar o aumentativo no pronome impessoal **ka** e em nomes próprios.

Esses testes tiveram, obrigatoriamente, que ser desenvolvidos em uma modalidade de aplicação virtual. Dessa forma, optamos por utilizar o sistema de gerenciamento de formulários online Google Forms⁷⁸, que nos permitiu coletar alguns

⁷⁶ Capítulo 3.

⁷⁷ SarS-Covid-19.

⁷⁸ <https://docs.google.com/forms>

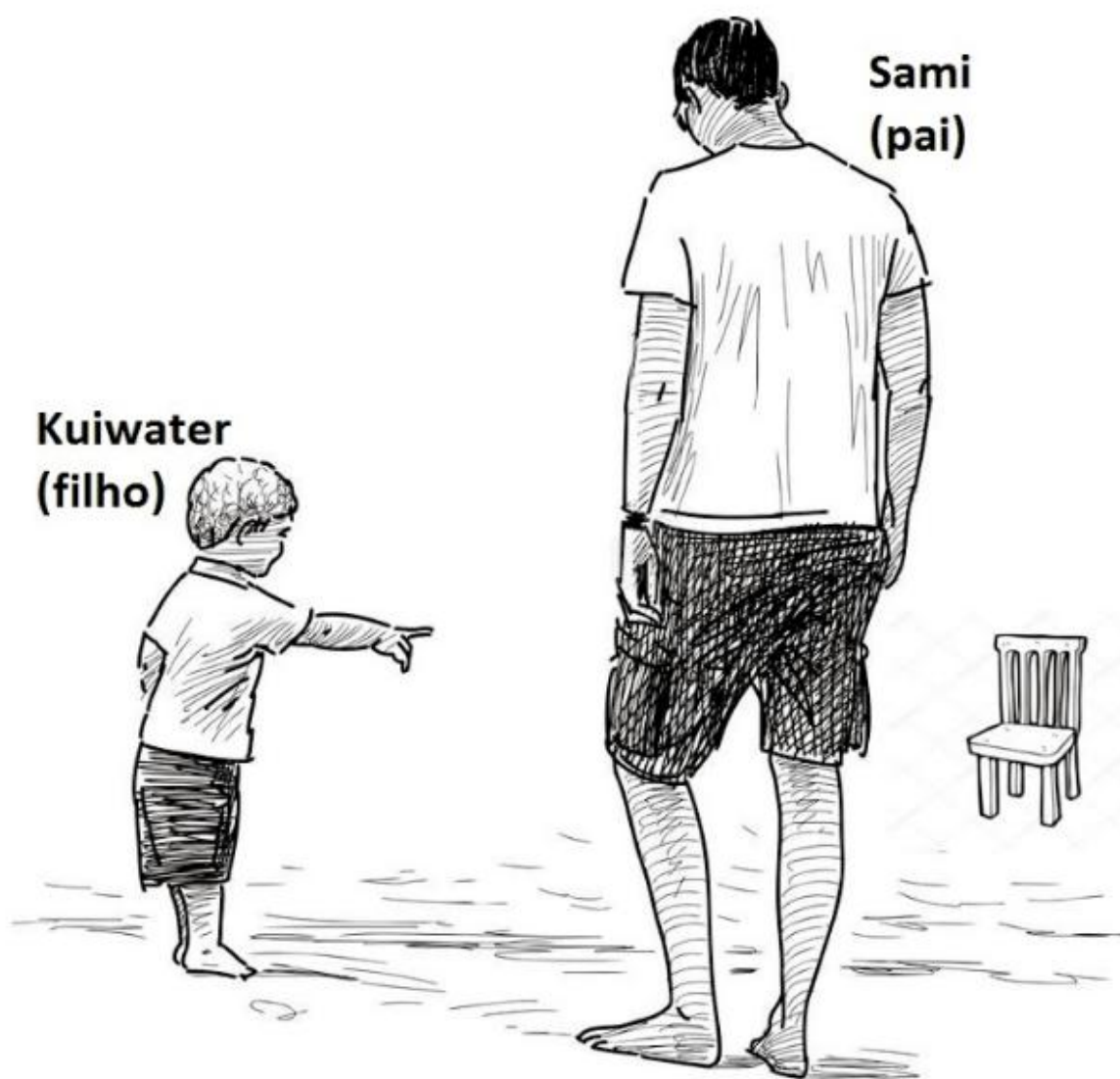
últimos dados para o preenchimento das lacunas deixadas. Além disso, como a situação da pandemia, especialmente no estado do AM, mudou muito a rotina dos participantes da pesquisa, a forma digital de aplicação desse questionário era a única em que podíamos contar.

Sendo assim, decidimos contactar participantes que se dispuseram a continuar com a pesquisa. Isto é, àqueles que preencheram a ficha de informante com seus contatos para o *feedback* da pesquisa. Dessa forma, entramos em contato com quatro falantes de tukano, sendo que somente três nos responderam por mensagens e preencheram o formulário digital anônimo⁷⁹. A seguir comentaremos algumas das situações e o paradigma das questões.

⁷⁹ Decidimos por deixar o formulário no anônimo para evitar que os participantes tivessem muito trabalho para preenchê-lo e deixar o foco mais direcionado às situações e frases.

(17)

1) A seguir estão possibilidades de um filho pedir uma cadeira para seu pai. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento *



Em (17) podemos observar a situação mais comum em que utilizamos neste trabalho. Porém, com uma alteração no que diz respeito à referência. Neste exemplo, nomeamos⁸⁰ tanto o filho quanto o pai para testarmos o paradigma de nomes próprios. A

⁸⁰ Os nomes próprios em tukano foram concedidos pelos participantes da pesquisa em seu desenvolvimento,

seguir, em (18) há a tabela de avaliação sobre a situação (17).

(18)

	bom	médio	ruim	não sei
Samihó yí'ire kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mí'ĩ'tahó yí'ire kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sami yí'ire kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yí'ĩ'tare kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sami Kuiwatere kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mí'ĩ'hó Kuiwatere kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mí'ĩ'rohó yí'ire kumupatá mi'itia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Descrição das frases da tabela de avaliação:

Samihó yí'ire kumupatá mi'itia'sã

Samizão *eu para cadeira trazer*

Sami - hó yí'í - ré kumupaitá mi'itia - 'sã

durante as entrevistas e conversas informais.

Sami - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

mí'ĩtahó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

vocêzão mesmo eu para cadeira trazer

mí'ĩ' - ta - hó yí'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

você - ESPEC - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Sami yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

Sami eu para cadeira trazer

Sami yí'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

Sami eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

yí'ĩtare kumupatá mi'ĩtia'sã

eu mesmo para cadeira trazer

yí'ĩ - ta - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

eu - ESPEC - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Sami Kuiwatere kumupatá mi'ĩtia'sã

Sami Kuiwater para cadeira trazer

Sami Kuiwater - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

Sami Kuiwater - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

mí'ĩhó Kuiwatere kumupatá mi'ĩtia'sã

vocêzão Kuiwater para cadeira trazer

mí'ĩ' - hó Kuiwater - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

você - AUM Kuiwater - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

mĩ'ĩrohó **yĩ'ĩre kumupatá** **mĩ'ĩtia'sã**
vocêzão *eu para cadeira* *trazer*

mĩ'ĩ' - rohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mĩ'ĩtia - 'sã
 você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Em (18) é possível observar que, mesmo dentro do meio digital em que desenvolvemos e aplicamos o questionário, a estrutura da tabela de avaliação se manteve muito parecida com o que vínhamos elaborando nos últimos questionários, especialmente ao questionário VII aplicado em SGC. Nessa questão 1 (cf. Apêndice III), embora tenhamos repetido a situação canônica para a elaboração deste trabalho de pesquisa⁸¹, começamos a realizar os testes linguísticos para averiguar o comportamento do sufixo aumentativo em nomes próprios em tukano, como é o caso de Sami e Kuiwater. Além de começarmos um teste para saber sobre a variação da escrita/fala⁸² do próprio sufixo aumentativo⁸³.

⁸¹ A situação canônica para a elaboração desta pesquisa é, como mencionado anteriormente, a de um filho pedindo a cadeira para um pai. Essa situação representa um Ato de Fala em que o pedido é direcionado a uma figura socialmente superior.

⁸² Infelizmente, a utilização de questionários respondidos diretamente pelos participantes nos remete diretamente à forma escrita da língua. Como já dissemos anteriormente, a língua tukano apresenta certa variedade da forma de escrita por não haver uma convenção ortográfica oficial.

⁸³ Na gramática de Ramirez (1997a, p. 216), as formas do aumentativo em tukano são **-roho /doho/** animado não feminino/inanimado e **-koho** animado feminino. Porém, com a aplicação dos questionários percebemos que os participantes optaram por uma escrita **-ihó** ou **-hó**, sendo a primeira sílaba desse morfe, mesmo em relação ao seu fone, suprimida.

(19)

2) A seguir estão possibilidades de Péduru pedir uma cadeira para Baria. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *

Péduru



Baria



Em (19), há a segunda das sete questões que compuseram o último questionário. Por uma questão de espaço, não vamos, desta vez, mostrar a tabela de

avaliação, mas sim, simplesmente pontuar os elementos que foram testados nela⁸⁴. Assim, como é possível observar na imagem, há uma situação em que um homem, nomeado com um nome traduzido do português para a língua tukano pede uma cadeira para uma mulher de mesma idade, também nomeada por um nome advindo da língua portuguesa e traduzido para tukano - Baria. Também realizamos testes para a identificação do uso do aumentativo feminino exposto por Ramirez (1997a, p. 216), além da partícula **-ta**.

Para que esta seção não se delongue, resumiremos algumas das situações que desempenharam um papel importante para nossos testes linguísticos e sintetizaremos com exemplos chave⁸⁵. Sendo assim, na questão três optamos pela situação de um neto pedir a cadeira para uma avó (**yěkó**), sendo que acrescentamos o aumentativo ao pronome você (**mi'ĩkohó**) direcionado à avó, como é possível observar em (20), além, também do aumentativo acrescido ao substantivo avó (**yěkókohó**), como se observa em (21).

(20) **mi'ĩkohó** **yĩ'ĩre** **kumupatá** **mi'ĩtia'sã**
vocêzona *eu para cadeira* *trazer*

mi'ĩ' - kohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã
 você - AUM.F⁸⁶ eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

(21) **yěkokohó** **yĩ'ĩre** **kumupatá** **mi'ĩtia'sã**
vovózona *eu para cadeira* *trazer*

yěko - kohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã
 avó - AUM.F eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

⁸⁴ Cf. Apêndice III - Questionário VIII.

⁸⁵ Esses são exemplos que testam de fato nossas hipóteses. Nos questionários, muitas das vezes as questões são feitas com frases modificadas que possam significar o que estamos esperando.

⁸⁶ Esta é a forma do aumentativo feminino Ramirez (1997a, p. 216).

As questões seguintes, pertencentes ainda à versão VIII do questionário, têm como opção de escolha para os participantes a frase (20) supracitada. Basicamente, na questão quatro há um homem que pede ajuda para uma mulher mais velha; na cinco há um irmão mais novo pedindo ajuda para uma irmã mais velha; na seis há uma moça jovem pedindo ajuda para a sua avó; e na questão sete, por fim, há um discurso indireto de Péduru comentando para Baria o que Kuiwater disse para seu pai Sami (o pedido da cadeira). Para ilustrar melhor essa questão, observemos (22) a seguir.

(22)



Em (22), como é possível observar, há vários elementos para o teste hipotético paradigmático de ocorrência do aumentativo, assim como nas outras questões do questionário VIII. É importante lembrar que um dos grandes objetivos dessa questão foi o de testar o aumentativo com o pronome tukano de terceira

pessoa indefinida **ka**⁸⁷, fazendo referência ao pai (Sami) ou ao filho (Kuiwater). Dessa maneira, a seguir, em (23), exibiremos a tabela de avaliação da situação (22).

⁸⁷ O teste hipotético paradigmático com esse pronome foi sugerido durante o exame de qualificação desta tese.

(23)

	bom	médio	ruim	não sei
kārohó makí kāre kumupatá seríkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kāre kumupatá seríkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater kā pakíre kumupatá seríami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka pakítarohóre kumupatá seríami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka pakíre kumupatá seríami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kārohó makí kāre kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kāre kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kā makí kare kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kare kumupatá seríkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka pakírohóre kumupatá seríami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ka makí kārohóre kumupatá seríkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kā makí karohóre kumupatá seríkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kārohó makí kare kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Descrição das frases da tabela de avaliação:

kĩĩrohó makí kũĩre kumupatá serikĩweami

elezão filho ele para cadeira estava pedindo

kĩĩ' - rohó makí kũĩ - re kumupatá serikĩwe - a - mi

ele - AUM.M⁸⁸ filho ele - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

karohó makí kũĩre kumupatá serikĩweami

ele(a)zão filho ele para cadeira estava pedindo

ka - rohó makí kũĩ - re kumupatá serikĩwe - a - mi

P.IND - AUM.M⁸⁹ filho ele - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Kuiwater kũĩ pakĩre kumupatá serĩami

Kuiwater ele pai para cadeira pediu

Kuiwater kũĩ pakĩ- re kumupatá seri - a - mi

Kuiwater ele pai - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Kuiwater ka pakĩtarohore kumupatá serĩami

Kuiwater ele/a pai mesmo para cadeira pediu

Kuiwater ka pakĩ - ta - roho - re kumupatá seri - a - mi

Kuiwater P.IND pai - ESPEC - AUM.M - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Kuiwater ka pakĩre kumupatá serĩami

Kuiwater ele/a pai para cadeira pediu

⁸⁸ Novamente buscamos saber se a forma presente na gramática de Ramirez (1997a) também é utilizada nos dias atuais.

Kuiwater ka pakí- re kumupatá seri - a - mi
 Kuiwater P.IND pai - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kĩĩroho makí kĩaĩre kumupatá mitídutiami
elezão filho ele para cadeira trazer-junto

kĩĩ' - hó makí kĩaĩ - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 ele - AUM.M filho ele - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

karohó makí kĩaĩre kumupatá mitídutiami
ele(a)zão filho ele para cadeira trazer-junto

ka - rohó makí kĩaĩ - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 P.IND - AUM.M filho ele - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kĩaĩ makí kare kumupatá mitídutiami
ele filho ele/a para cadeira trazer-junto

kĩaĩ makí ka - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 ele filho P.IND - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

karoho makí kare kumupatá serikiweami
ele/a filho ele/a para cadeira estava pedindo

ka - roho makí ka - re kumupatá serikiwe - a - mi
 P.IND - AUM.M filho P.IND - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Kuiwater ka pakíhore kumupatá serĩami
Kuiwater ele/a paizão para cadeira pediu

Kuiwater ka pakí- hó - re kumupatá seri - a - mi
 Kuiwater P.IND pai - AUM - REF cadeira pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

ka makí kĩĩrohore kumupatá serikĩweami
ele/a filho elezão para cadeira estava pedindo

ka makí kĩĩ - roho - re kumupatá serikĩwe - a - mi
 P.IND filho ele - AUM.M - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kĩĩ makí karohore kumupatá serikĩweami
ele/a filho ele(a)zão para cadeira estava pedindo

kĩĩ makí ka - roho - re kumupatá serikĩwe - a - mi
 ele filho P.IND - AUM.M - REF cadeira estar-pedir - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

kĩĩroho makí kare kumupatá mitídutiami
ele filho ele/a para cadeira trazer-junto

kĩĩ - roho makí ka - re kumupatá mitídu - ti - a - mi
 ele - AUM.M filho P.IND - REF cadeira trazer-junto - CENTRIP - PAS-REC - VIST.3.-F.SG

Vale pontuar que as estratégias utilizadas nesse questionário foram as mesmas utilizadas nas suas versões anteriores, sendo que sua principal diferença eram as variáveis que foram responsáveis pela obtenção de dados linguísticos capazes de responder às nossas hipóteses.

Contudo, o questionário aplicado digitalmente, além de nos possibilitar a coleta de dados em tempos de pandemia e reclusão social, foi uma ferramenta importante para o avanço de nossas análises⁸⁹. Mesmo não havendo formas de guiar o questionário, nem de ouvir os comentários falados dos participantes da pesquisa, sua aplicação, mesmo

⁸⁹ (cf. Capítulo 3)

anônima e aplicada para poucos falantes de tukano, foi de grande valia para o tema em questão. Seus resultados servirão de complemento para nossas análises no Capítulo 3.

2.3. Considerações sobre a elaboração e aplicação dos questionários

Desde o início deste trabalho, não seguimos nenhuma metodologia específica para a aplicação dos questionários. Isto é, buscamos validar as sentenças em tukano, que continham nosso objeto linguístico, de acordo com os recursos gramaticais que dispusemos. Dessa maneira, fomos desenvolvendo os questionários conforme a necessidade de melhor resgatar a informação nos participantes, sempre buscando melhorar as estratégias de elaboração das questões. Essa busca pela melhor abordagem do conteúdo para com os falantes nativos pode ser observada nas várias versões dos nossos questionários.

Além disso, mesmo que a aplicação dos questionários aos primeiros participantes não tivesse sido tão imparcial devido ao foco excessivo da temática das questões, buscamos nos questionários aplicados em SGC, criar certa neutralidade para que as respostas fossem neutras. Dessa maneira, uma dessas formas de buscar a imparcialidade foi inspirada nas diretrizes de elaboração de testes psicolinguísticos, cujos participantes dos experimentos não podem ser alertados sobre o que o ensaio trata exatamente. Essa forma é muito válida, pois faz com que os participantes não sejam defronte enviesados, ou para que não tentem refletir muito a respeito dos usos de elementos gramaticais estudados, fazendo com que se ‘policiem’ mais na forma de falar.

Quando iniciamos este projeto, tínhamos que a quantidade de participantes nunca seria um problema, mas sim uma possível má qualidade das respostas. Porém, após a aplicação dos questionários, percebemos que parece haver vários níveis de proficiências de tukano, além de variações e mudanças regionais e diacrônicas⁹⁰. Esse foi um dos

⁹⁰ Foi possível perceber, durante as gravações e os comentários dos falantes, variações fonéticas entre os dialetos falados em Iauretê e Pari-Cachoeira (distritos de SGC). Uma das principais diferenças é a variação para o fonema /ra/ que possuía alofonia entre [ra] e [na]. Segundo relatos, alguns idosos (avós de participantes de Iauretê) utilizavam [na], embora os mais jovens, dessa mesma localidade, utilizassem [ra].

motivos que nos fez ir a campo *in loco*, em SGC, em busca de mais participantes. Não estamos dizendo que aqueles fora de sua localidade natal, que estavam temporariamente residindo no interior de SP, não possuíam boa proficiência em tukano, mas que, devido às suas respostas, por vezes contraditórias, resolvemos averiguar a realidade de fala da língua.

Por fim, o último questionário aplicado, em meio digital, não havia sido cogitado anteriormente, porém, devido à situação complicada de saúde pública no Brasil devido à Covid-19, tivemos que nos adaptar a essa forma de realizar o questionário. Por mais que essa modalidade de aplicação não seja a mais eficiente para alguns tipos de pesquisa, e poucos participantes tenham voltado a participar nesta edição de questionário, obtivemos respostas que nos fizeram avançar no desenvolvimento e justificativa de nossas hipóteses.

3. O AUMENTATIVO COMO EXPRESSÃO DE HIERARQUIA NA LÍNGUA TUKANO

No início do planejamento desta pesquisa, debruçamo-nos sobre várias teorias relacionadas aos dêiticos e a relação deles com os sujeitos da interação, como veremos nos subcapítulos subsequentes. Sendo assim, a tarefa de catalogação do fenômeno que estudamos dentro de uma ou outra teoria pragmática ou semântica que levasse em consideração os elementos que representassem a tão inquietante hierarquia social não foi uma tarefa fácil.

Uma das primeiras teorias que buscamos estudar para justificar os fenômenos identificados na língua tukano foi a (im)polidez. Isso fez com que nos deparássemos com a teoria de Brown & Levinson (1987), pioneiros nesta área. Embora, no nosso caso especificamente, como observaremos no decorrer deste capítulo, o uso do sufixo estudado não esteja inserido precisamente no campo da polidez, um dos paradoxos em que nos adentramos foi o de que um honorífico ainda pode ser utilizado em uma conversa polida, pois dentro da “teoria das faces” desses autores, mesmo com existência da face positiva ou negativa que enquadra o falante, ainda há outras informações linguísticas que são carregadas pelo sufixo estudado.

Outras teorias nas quais inicialmente fomos buscar subsídios úteis para explicar o fenômeno foi a teoria de polidez de Leech (2014), cujos princípios eram muito similares às máximas conversacionais formuladas por Grice (1975), agregando um conteúdo de variação social ao que poderia ser considerado polido ou impolido. No início, imaginamos que essa “variação cultural” fosse a responsável pelo uso da partícula em questão, por justamente estarmos trabalhando com uma língua indígena brasileira. Isto é, pensamos, por um espaço de tempo, que os fatores extra-linguísticos da comunidade poderiam influenciar os usos linguísticos e, por conta disso, quase nos focamos exclusivamente neles. Com o avanço da investigação, percebemos que o sufixo estudado ainda carregava informações semânticas e, portanto, decidimos agregar uma descrição nessa área de forma a complementar nossa análise pragmática que vinha sendo desenvolvida.

Neste trabalho propomos transcender a questão da polidez, pois a

regularidade do uso desse sufixo perpassa questões de formalidades da interação verbal. O fenômeno da hierarquia social na língua tukano adentra nos moldes de descrição e análise semânticas, especificamente nas questões relacionadas à Dimensão Expressiva descrita por Potts (2005, 2007) e Fortin (2011). Para entendermos essa teoria devemos nos apoiar sobre os alicerces dos princípios dos indexicais, uma vez que ela não diz respeito totalmente aos elementos extra-linguísticos⁹¹, mas aqueles que fazem parte do âmbito da proposição, dentro do sistema da língua.

Com o percurso que faremos a seguir, podemos afirmar que o morfema aumentativo em tukano carrega consigo mais do que informações pragmáticas e no âmbito semântico, ao não funcionar somente como um marcador de tamanho (grande), carrega informações de ordem etática, como a idade de quem está sendo referenciado⁹².

3.1. Dêixis ou indexicais com aumentativos: uma junção (in)comum

Primeiramente, nos cabe diferenciar esses dois termos presentes no título deste subcapítulo dentro dos campos de estudos que propomos trabalhar. Nesta pesquisa, inicialmente propúnhamos fazer uma descrição dos dêiticos responsáveis pela gramaticalização da hierarquia social. Porém, com o decorrer dos estudos, entramos dentro do campo dos indexicais⁹³.

Começando pelos dêiticos, há muita informação descritiva na obra de Levinson (2007[1985]). Para ele (p. 65), “a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala”. As enunciações das línguas naturais estão diretamente “ancoradas” em aspectos do contexto extra-linguístico. Quando dizemos “Eu gostaria que você me trouxesse aquela cadeira.”, além de passar a informação da proposição, está sendo ancorada a pessoa que

⁹¹ Vale a pena ressaltar que os indexicais são elementos linguísticos que são interpretados em função de elementos extra-linguísticos.

⁹² Esse funcionamento também pode ser observado na língua portuguesa, por exemplo quando um filho chama um pai, pode dizer “paizão” que, muito além do tamanho, significa ser mais velho e ter afinidade (expressividade) ou, em conversas informais “tiozão”, que significa uma pessoa com mais idade e que tem costumes de jovens. Mas não encontramos trabalhos que carregam descrições como essa.

⁹³ Para Chierchia e McConnell-Ginet (1990) apud Teixeira (2012), dêixis é um termo antigo, instaurado pelos gregos, enquanto que indexical surge no século XX, sendo Bar-Hillel (1954) o primeiro a propor que esse último fosse estudado por métodos lógicos formais.

está falando “eu”, a pessoa que está ouvindo “você” e o objeto tratado “aquela” cadeira – sendo que quando utilizamos esses pronomes, eles simplesmente representam pessoas e objetos. Basicamente, quando se usam esses indexicais, é necessário identificar o contexto de uso para sabermos, por exemplo, de qual “eu” se trata a proposição. “A dêixis pertence ao domínio da pragmática porque diz respeito diretamente à relação entre a estrutura das línguas e o contexto em que são usadas” (LEVINSON, 2007, p. 66). As categorias gerais da dêixis são pessoa, lugar e tempo, que, por sua vez, são subdivididas entre 1ª, 2ª, e 3ª. pessoa, proximal, distal, tempo de codificação e tempo de recepção.

A Pragmática, como estudo da forma com que os seres humanos utilizam suas línguas na comunicação, é baseada em premissas sociais. “A sociedade não somente controla o acesso à comunicação, mas habilita os usuários da língua no seu contexto comunicativo” (MEY, 2010, p. 198). Mais especificamente, a pragmática social explicitamente invoca as premissas sociais e avalia como elas afetam os usos da língua. Para Levinson (2007, p. 76), então, “a dêixis social diz respeito à codificação de distinções sociais relativas aos papéis dos participantes, particularmente a aspectos da relação social entre o falante e o(s) destinatário(s) ou entre falante e algum referente”.

Isso quer dizer que a estrutura da língua codifica as hierarquias sociais dos falantes. Exemplos dessas gramaticalizações são as formas de tratamentos extremamente “polidas”, denominadas como elementos honoríficos. Existem dois tipos básicos de informações socialmente dêiticas que parecem estar codificadas em línguas de todo o mundo: a relacional e a absoluta. Segundo Levinson (2007, p. 111), os traços relacionais são expressos normalmente por:

- (i) falante e referente (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao referente);
- (ii) falante e destinatário (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao destinatário);
- (iii) falante e espectador (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao espectador ou ao público);
- (iv) falante e ambiente (por exemplo, níveis de formalidade).

Além da reunião de informações a respeito dos honoríficos que Levinson (2007[1987]) faz, Potts, que se dedicou ao estudo das implicaturas no plano expressivo, sempre teve um interesse nos honoríficos do japonês. Isso fez com que ele realizasse releituras de trabalhos antigos sobre o tema, como: Harada (1976) e Toribio (1990), para a

discussão nos seus trabalhos mais recentes - Potts (2003, 2004, 2005, 2007). Harada (1976, p. 500 apud Potts, 2005, p. 500), à época, já deixou claro que as questões associadas às pessoas referidas quando se usam honoríficos não eram um problema da descrição gramatical, mas sim dos pesquisadores da sociolinguística.

Além do exemplo trazido na introdução sobre os honoríficos do japonês, a seguir há um exemplo clássico de honorífico, inicialmente estudado por Toribio (1990) e comentado por Potts (2004, 2005):

- (1) Yamada sensei-ga o-warai-ni nat-ta.⁹⁴
 Yamada teacher-NOM HON-laugh-DAT be.
 “Professor Yamada laughed.”

Em (1) há um exemplo de situação cujo morfema responsável pelo honorífico é afixado como prefixo do verbo, o que faz com que o referente do argumento nominalizado seja tratado respeitosamente. A seguir, em (2) há outro exemplo, extraído de Potts e Kawahara (2004, p. 253), que ilustra ainda mais as possibilidades de formação de honoríficos.

- (2) a . Sam-ga warat-ta.⁹⁵
 Sam-NOM laugh-PAST
 i . 'Sam laughed.'
- b. Sam-ga o-warai-ninat-ta.
 Sam-NOM subj.hon-laugh-subj.hon-PAST
 i . 'Sam laughed.'
 ii . 'The speaker honors Sam.' [*subject honorific*]

⁹⁴ Neste exemplo, por ser extraído de outras obras, decidimos por manter a glosa original.

⁹⁵ Novamente decidimos por manter a glosa original.

c. Sam-ga warai-**yagat**-ta.

Sam-NOM laugh-**antihon**-PAST

i. 'Sam laughed.'

ii. 'The speaker views Sam negatively.' [*antihonorific*]

É interessante notar que em (2) c. há o anti-honorífico, cujo principal papel também é mostrar o sentimento do falante pelo sujeito, além da proposição principal. Segundo os autores, num plano expressivo algumas construções funcionam como informativo da posição social, isto é, se o falante está em um nível superior ou inferior em relação ao interlocutor. Porém, normalmente essas sentenças carregam honoríficos performativos — que são aqueles que modificam a relação da interação, estando intimamente ligado à uma questão de polidez. Sendo assim, é necessário ficar claro que, embora intimamente ligados, os papéis desses fenômenos linguísticos são diferentes. Assim como os honoríficos são ótimos exemplos para o desenvolvimento da teoria do plano expressivo para implicaturas, como veremos a seguir, o fenômeno da polidez é um ótimo exemplo para explicar a ocorrência e a gramaticalidade dos honoríficos.

É interessante notar que, no âmbito de análise linguística da pragmática, é possível explicar o fenômeno estudado simplesmente pela situação em que o fenômeno aparece (3):

(3) Filho, pegue a cadeira para mim.

Nesse exemplo, dentro de um contexto, os possíveis participantes são um filho e um pai. Esses participantes são hierarquicamente distintos, mas não são em todas as línguas que essa hierarquia é marcada. Em (3), o pedido da cadeira do pai para o filho pode ser observado em alguns aspectos linguísticos que possibilitam sua sistematização, como o semântico e pragmático, por exemplo.

Desse modo, é quando entramos nessa sistematização que saímos da terminologia dêitica e adentramos na indexicalidade, ou seja, enquanto utilizamos o termo dêixis nos referimos a um termo utilizado dentro dos campos da Pragmática, com

características específicas, assim como o termo indexical possui sistematizações específicas dentro do campo de estudos da Semântica. Finalmente, nossa análise semântico-pragmática prevê que trabalharemos com a complementação de um desses campos pelo outro. Isso nos faz ter que refletir sobre os limites da atuação de cada uma dessas áreas.

Resumidamente, a Pragmática, assim como a Semântica, tem como objetos de estudo o sentido das sentenças, ou seja, foca na busca da expressão linguística de uma operação de representação mental da realidade. Porém, acrescenta ressalvas contextuais, advindas de estratos semânticos vericonditionais (condicionados a sua relação de veracidade ou falsiabilidade), às interpretações desses significados. Autores como Pires Oliveira e Basso (2007; 2014) trabalham bastante com os embates da convergência entre essas duas áreas de pesquisa, que dispõem, muitas vezes, das mesmas variáveis.

Devido ao nosso objeto de estudos, nossa análise leva em consideração subsídios teóricos dessas duas áreas de análise, por isso, assumimos nossa análise como semântico-pragmática. Isso se dá, pois, para Basso e Pires Oliveira (2014, p. 187), “a existência de objetos distintos, alvos da semântica e da pragmática é crucial porque ela nos diz sobre como é nossa racionalidade conversacional e como a linguagem funciona”. Esse pensamento veio de Ilari (2000), que afirma que à pragmática caberiam os fenômenos incalculáveis ou imprevisíveis, enquanto que os calculáveis e previsíveis deveriam ser tratados pela semântica. Porém, isso não se deve levar a um pensamento polarizado entre as duas áreas, pois, como metaforizam Basso e Pires Oliveira (2014), a pragmática não é uma lata de lixo, cujos fenômenos não estudados são salvos pela semântica, mas sim uma área com objetos diferentes e que complementam o viés analítico sobre certos fenômenos – como os estudados neste trabalho, por exemplo.

Portanto, a fim de elucidarmos mais o leitor em relação ao enquadramento teórico-metodológico deste trabalho descrevemos brevemente nas linhas antecedentes o casamento e a divisão entre essas duas áreas de estudos a qual nos aprofundaremos em nossa análise nos subcapítulos a subseqüentes. Entretanto, antes disso, no subcapítulo a seguir, mostraremos um panorama dos usos do aumentativo na língua tukano.

3.1.1. Os usos do aumentativo na língua tukano

Desde o início desta investigação nosso foco era a forma com que a língua tukano gramaticaliza a hierarquia social. Assim, somente identificamos o aumentativo no meio de todo o processo da pesquisa. Após nossos primeiros questionários⁹⁶ terem sido invalidados pelos participantes desta pesquisa, achávamos que nossas hipóteses iniciais estariam perdidas. Porém, não desistimos de continuar investigando e optamos pela elaboração de questionários mais abertos, cujos participantes podiam escrever frases em tukano que representassem determinados contextos. Com isso descobrimos que o uso dos aumentativos era muito recorrente em determinados casos – aqueles em que há ancoragem de pessoas mais velhas, i.e., quando é necessário gramaticalizar⁹⁷ a diferença que existe entre as pessoas mais novas e mais velhas em uma interação.

Graças a essa descoberta, percebemos que nossa hipótese não estava errada. De fato, na língua tukano havia a necessidade de representar a hierarquia social entre os interlocutores. Sendo assim, identificamos que a principal forma de fazê-lo é por meio do aumentativo **-hó**, que se tornou o objeto de análise nesta tese.

Além disso, um dos testes realizados para buscar subsídios que fossem de acordo com as nossas hipóteses, foi o de testagem do uso e do não uso do aumentativo em discursos diretos e indiretos, i.e., nas sentenças faladas (em um contexto de interação entre os próprios sujeitos referidos) e nas sentenças indiretas (neste caso aquelas em que só está se comentando ou constatando um fato ou objeto. Em (4a-b) há exemplos das sentenças em que entendemos discursos diretos cujo contexto de interação se dá entre as figuras superiorizadas ou não, em que (4a) se apresente sem aumentativo e (4b) com aumentativo.

(4) a. **mi'î yi'îre kumupatá mi'îtiasa'**
você para mim cadeira traga

⁹⁶ (cf. Capítulo 2).

⁹⁷ Neste contexto, entendemos gramaticalizar como codificar na língua, assim como definido por Levinson (2007, p.11), “Pragmática é o estudo das relações entre língua e o contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua.”

mĩ'î yi'î - re kumupatá mi'ĩtia - sa'
 você eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“traz a cadeira para mim”

b. **mĩ'ihó yi'ire kumupatá mi'ĩtiasa'**
vocêzão para mim cadeira traga

mĩ'î - hó yi'î - re kumupatá mi'ĩtia - sa'
 você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzão traz a cadeira para mim”

(dita de um filho para um pai, por exemplo)

Já os exemplo (5-ab) representam discursos indiretos, ou seja, comentários sobre uma situação ou fato.

(5) a. **Yěkí kumupatá wiáduťami mi'ĩ neé**
avô cadeira entregar-mandar você colaborar

Yěkí kumupatá wiáduť - a - Ø - mi mi'ĩ neé
 avô cadeira entregar-mandar - CENTRIP - PRES - VIST.3.-F.SG você colaborar

“o avô gostaria que você pegasse a cadeira para ele.”

b. **Yěkí kumupatá wiáduťami mi'ĩ hó neé**
avô cadeira entregar-mandar você colaborar

Yěkí kumupatá wiáduť - a - Ø - mi mi'ĩ - hó neé
 avô cadeira entregar-mandar - CENTRIP - PRES - VIST.3.-F.SG você - AUM colaborar

“o avô gostaria que vocêzão pegasse a cadeira para ele.”

(dita de um filho para o pai, em relação ao avô)

A seguir, o Gráfico 2 traz as informações estatísticas, em números absolutos, sobre as respostas ao questionário VII. Este, que além de ter sido aplicado em maior quantidade, *in loco* no AM e aos estudantes de SP, foi um questionário-chave para a testagem das hipóteses desta tese.

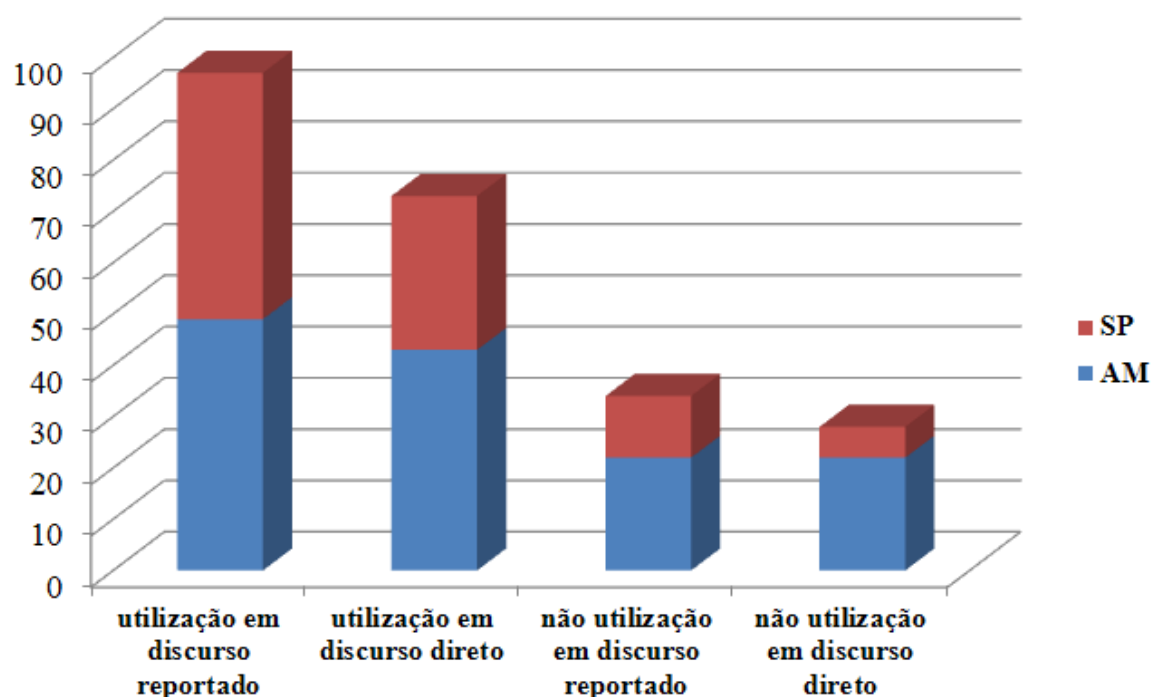


Gráfico 2. Frequência de uso em números absolutos das respostas que continham aumentativos em discursos reportados e diretos no questionário VII aplicado em SP e no AM.

É possível observar no gráfico que há predileção pela escolha da utilização do aumentativo quando há uma figura superiorizada. Em contrapartida, alguns dos participantes optaram por não utilizar o aumentativo tanto em discursos diretos quanto indiretos, porém para esses casos, a opção foi menor.⁹⁸

A seguir, o Gráfico 3 traz as informações estatísticas sobre as questões

⁹⁸ É importante notar que esse gráfico trata dos números absolutos das respostas às questões. Isso justifica o fato de a barra numérica ir até o número 100, mesmo o número de participantes para este questionário ser bem inferior.

aplicadas nos contextos em que a hierarquia social está presente, em comparação aos tipos de sentença em todo os questionários. Para esse Gráfico, optamos pela nomenclatura enunciado, em referência ao momento da enunciação entre os sujeitos participantes e, comentário, quando se trata de uma simples constatação de informação.

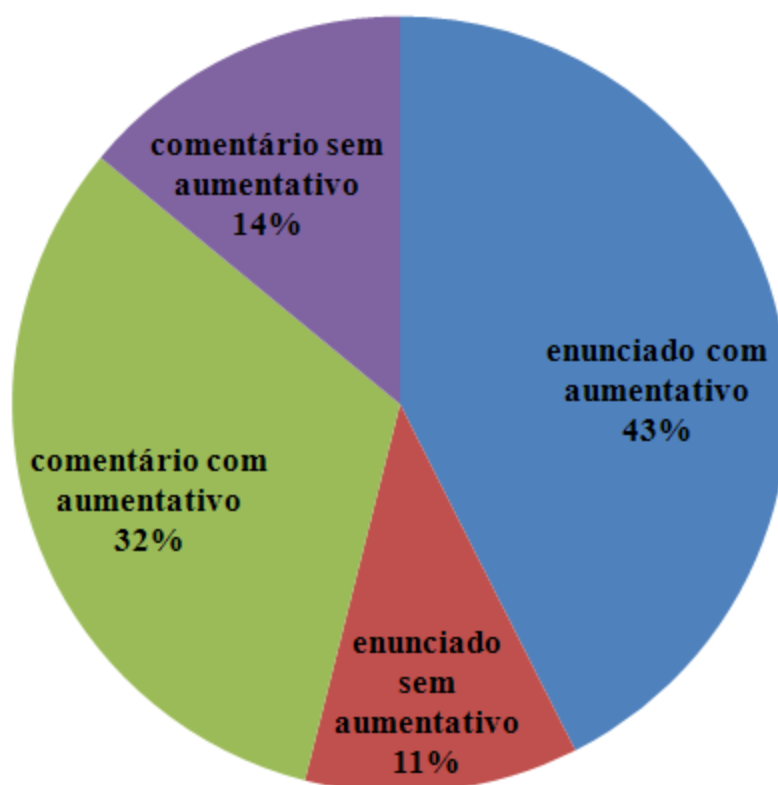


Gráfico 3. Frequência estatística de predileção pelo aumentativo em tipos de sentença/contexto entre todos os questionários.

Dessa forma, com esse gráfico, podemos concluir que o uso do aumentativo é evidente tanto nos enunciados quanto comentários em que há figuras superiorizadas, sendo que nos enunciados é utilizado em maior quantidade, devido ao fator contextual, que vai de acordo com a nossa hipótese de que há a necessidade de seu uso para ancoragem de pessoas hierarquicamente superiores.

Outra informação interessante a respeito da hierarquia social na língua tukano é que, segundo os nossos testes, o aumentativo é mais empregado a homens, sendo

que só se apresentou no contexto familiar para os pais⁹⁹. Um fato importante é que, nos questionários imagéticos, quando havia opções de escolha entre substantivos e pronomes com ou sem aumentativos relacionados a pessoas mais velhas, sempre havia escolha de aumentativos tanto para o sexo feminino quando masculino. Quando havia a situação explícita para a escolha da melhor sentença aplicável, o aumentativo não era utilizado com mulheres, mas, quando figuras de mulheres mais velhas estavam sendo representadas isoladamente nas imagens dos questionários, a opção escolhida pelos participantes dessa investigação fazia uso do aumentativo.

Para as figuras de homens mais velhos, também eram escolhidas palavras com aumentativo, sendo que a única diferença de uso desse sufixo¹⁰⁰ linguística entre os dois sexos e pessoas mais novas existia na formulação de sentenças de pedidos, como exploraremos neste Capítulo. Contudo, a questão do vínculo familiar pode também estar ligada com a afetividade¹⁰¹, já que o tratamento dos pais ou mães para com os filhos ou deles para com as mães não apresentou o uso do aumentativo. Isto é, a questão de uso desse sufixo parece nos intrigar ainda mais quanto à sua motivação — se honorífica ou etária. No decorrer deste trabalho buscamos chegar a conclusões a respeito da relação entre o uso dos aumentativos. Dessa forma, o que nos coube aqui foi a descrição do funcionamento da ancoragem de pessoas de uma hierarquia ou idade superiores dentro de situações específicas de fala em tukano.

3.1.1.1. O aumentativo na avaliação de imagens

Como trazido no Capítulo 2, utilizamos muitas imagens nos últimos questionários que aplicamos. Elas serviram, sobretudo, para ilustrar melhor os diálogos e as situações específicas em que buscávamos testar as sentenças. Além disso, utilizamos imagens para testar o paradigma etário que o aumentativo demonstrou instaurar, ou seja, as utilizamos para a comparação de objetos e pessoas novas e velhas (idosas) com o intuito de

⁹⁹ Talvez isso se deva ao fato de a sociedade tukano ser patriarcal.

¹⁰⁰ Entendemos partícula como um elemento linguístico, em nosso caso morfológico, cuja principal característica é representada por uma carga semântico-pragmática. Há o trabalho de MAGALHÃES (2009), que discorre a respeito da designação de “partículas” dentro da área de Linguística.

identificar as aplicações do morfema aumentativo. Para ilustrar melhor nossa busca, observemos as imagens¹⁰² e o formato da questão¹⁰³ a seguir, em (6)¹⁰⁴.

(6)



kĩĩ
ele

kĩĩ
 kĩĩrohó
kĩĩ - rohó
ele - AUM

kĩĩakã
kĩĩ - akã
ele - DIM

kĩĩ
 kĩĩrohó
kĩĩ - rohó
ele - AUM

kĩĩakã
kĩĩ - akã
ele - DIM

¹⁰² A imagem do homem adulto foi retirada de I Stock Photo <<https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/preto-e-branco-desenho-rosto-masculino-gm517843878-89686391>>; do primeiro idoso de Clip Ground <<https://clipground.com/old-man-clipart-black-white.html>> ; da idosa e do idoso ao seu lado de: <<https://fr.depositphotos.com/110193370/stock-illustration-aged-people-set-black-white.html>> ; e do bebê de Dreams Time <<https://www.dreamstime.com/baby-icon-face-small-boy-girl-line-drawing-funny-smiling-children-vector-illustration-image126201221>>.

¹⁰³ Essa questão pode ser encontrada no Questionário nº 5.

¹⁰⁴ Novamente, não nos prontificaremos em colocar todas as imagens testadas neste subcapítulo, pois estaríamos ocupando muito espaço no corpo do texto. Para ver melhor as imagens, pedimos que visitem os Apêndices desta tese.



koô

koôkohó

koô - kohó

ela - AUM

koôakã

koô - akã

ela - DIM

mĩ'ĩ

mĩ'ĩhó

mĩ'ĩ - hó

você - AUM

mĩ'ĩakã

mĩ'ĩ - akã

você - DIM

Da mesma forma que diferenças de tamanho físico foram testadas com o aumentativo e diminutivo, como prototipicamente, a diferença entre idoso (pessoa mais velha) e jovem (pessoa mais nova) também foi associada a esses morfemas. Ademais, foi possível perceber que os participantes escolhiam tanto opções que apresentavam esse morfema, quanto as que não apresentavam, por exemplo na imagem do senhor idoso em (6), muitos escolhiam conjuntamente as opções “você” e “vocêzão”, uma vez que o enunciado da questão afirmava ser possível escolher mais de uma resposta¹⁰⁵.

Com isso, é possível notar, como já falado nos subcapítulos anteriores, há uma associação do morfema de aumentativo ao plano etário, já que não somente veicula uma informação que se refere ao plano físico (grande, pequeno), mas ao temporal (idoso,

¹⁰⁵ Vale a pena notar que as glosas e as traduções não estavam no questionário que foi aplicado. Elas estão neste texto para que seja melhor entendido e justificado.

jovem). Foram as imagens que nos deram mais certeza de que os expressivos não estavam somente no âmbito dos pedidos, como testamos majoritariamente com a situação de um filho pedir a cadeira para um pai, mas estavam em afirmações e em constatações.

Além da questão (6) anterior, foram testados de várias outras formas esses elementos associados aos planos temporais. Um exemplo que ilustra bem isso é (7) a seguir. Buscamos, nele, testar esse paradigma em objetos inanimados. Para isso, utilizamos a imagem de uma cadeira¹⁰⁶ com aparência antiga¹⁰⁷.

(7)



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó mehá'hó kumupatá'hó

Em (7) buscamos testar, no paradigma sintático, o uso do aumentativo¹⁰⁸ com objetos inanimados. A glosa e a descrição exata dos elementos em língua tukano dessa questão¹⁰⁹ estão no Capítulo 2. Basicamente, em relação ao paradigma e à capacidade de utilização do aumentativo em diferentes elementos das sentenças, pedimos para que os participantes da pesquisa avaliassem construções feitas com os seguintes sintagmas:

¹⁰⁶ As imagens com esse padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos, disponível em: <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>.

¹⁰⁷ Como o questionário, na maioria das suas aplicações, foi guiado, alguns dos participantes faziam perguntas e colocações sobre alguns elementos presentes nele. De qualquer forma, eles conseguiram captar a ideia de que a imagem se tratava de uma cadeira antiga.

¹⁰⁸ Novamente, por uma questão de espaço e extensão do corpo do texto e por causa do nosso foco no aumentativo, não traremos neste capítulo o teste com uma cadeira mais nova (cadeira de escritório), em que realizamos um teste com sentenças muito parecidas, intercalando aumentativos e diminutivos.

¹⁰⁹ Essa questão fez parte do questionário VII, aplicado diretamente em SGC.

CADEIRA
CADEIRA+AUM
ANTIGA CADEIRA
ANTIGA+AUM CADEIRA
ANTIGA+AUM CADEIRA+AUM
ANTIGA CADEIRA+AUM
ESTA+AUM CADEIRA
ESTA CADEIRA+AUM
ESTA+AUM ANTIGA+AUM CADEIRA+AUM

Quadro 4. Relação de formas testadas para o uso do aumentativo em objetos.

No questionário em que aplicamos, para (7), a forma melhor avaliada foi CADEIRA+AUM, como já estávamos esperando¹¹⁰. Essa forma foi escolhida mais frequentemente do que a forma sem o aumentativo. Mesmo assim, formas como: ANTIGA+AUM CADEIRA e ESTA+AUM ANTIGA+AUM CADEIRA+AUM também chegaram a ser avaliadas como boas¹¹¹. Além disso, alguns dos participantes, nessa questão especificamente, disseram que a palavra mais indicada para este tipo de cadeira seria **duhi**¹¹².

Vale ressaltar que, nos últimos questionários (VI e VII), todas as questões possuíam imagens para ilustrar os diálogos, constatações, informações, etc. Optamos por fazer desta maneira, pois percebemos que o sincretismo das imagens com o texto ilustram melhor as situações em que as sentenças ou palavras eram utilizadas. Isso fez com que os

¹¹⁰ Já esperávamos que essa forma fosse a mais adequada para o objeto, pois essa forma vai de acordo com nossas hipóteses sobre o aumentativo em tukano.

¹¹¹ Isso pode estar de acordo com o que, em conversas com os participantes, a língua tukano, embora possua uma forma de concordanciamento canônica, como presente nas obras de Ramirez (1997a, 1997b e 1997c), há uma versatilidade em relação a alguns tipos de concordância. Por exemplo, utilizar classificador em nomes adjetivos e demonstrativos isoladamente ou em todos esses elementos; ou, no caso supracitado, utilizar o aumentativo em quaisquer elementos do sintagma.

¹¹² Somente ao final da aplicação dos questionários, na última etapa, alguns participantes em SGC disseram utilizar mais a palavra **duhí** para cadeira como a cadeira que temos em nosso senso comum (para nós provavelmente ela tem quatro pernas e um encosto para as costas). Para os tukano, essa cadeira é **duhí**, enquanto **kumupatá** é mais associado à um tipo do que para falantes de português como língua materna é banquinho. Porém, anteriormente a essa descoberta, os participantes de SP e inclusive alguns do AM não comentaram a respeito da escolha mais correta da palavra. Isto pode significar que para muitos deles **duhí** e **kumupatá** são sinônimos ou são membros próximos de um mesmo campo semântico.

respondessem com mais facilidade aos questionários, que estavam bem afinados e afinados para as variáveis que estávamos testando.

Embora tenhamos colocado este subcapítulo sobre as questões imagéticas como um dos primeiros temas do capítulo de análises, os questionários que continham essa estratégia foram os últimos aplicados. Porém, os quadrinhos favoreceram o entendimento dos participantes às situações em que estávamos realizando os testes. Graças a isso, pudemos avançar com mais certeza em nossas análises que veremos nos subcapítulos subsequentes. Todavia, antes das análises ainda exporemos um pouco mais da nossa jornada à validação do uso do aumentativo. Assim, a seguir, mostraremos como foi nossa busca por ele em textos escritos em tukano.

3.1.1.2. A busca pelo aumentativo em textos escritos

Como dito no primeiro capítulo, a língua tukano possui pouquíssimos materiais escritos disponíveis. Mesmo assim, uma das formas que encontramos para entrar mais em contato com os elementos estudados aqui foi averiguar a ocorrência do aumentativo em textos tukanos.

No trabalho de campo em dezembro de 2019, obtivemos alguns exemplares de cartilhas impressas sobre temas do cotidiano¹¹³, desenvolvidas pela ONG ISA, além de livros infantis¹¹⁴ desenvolvidos pela Associação Escola Indígena Tukano Yupuri (AEITY). Realizamos uma busca nesse reduzido material impresso, que, mesmo possuindo diálogos (nas histórias infantis), ainda assim não apresentavam nenhuma ocorrência de uso do aumentativo.

O único material textual digitalizado em tukano que obtivemos acesso foi o Novo Testamento em Tukano (2009). Realizamos uma conversão desse texto para que

¹¹³ Mais especificamente, há uma cartilha sobre criação de galinhas e galinheiro (AZEVEDO, 2009), nomeada **Karekeã na derowe ehkasetise**, totalmente em tukano. Existem outras cartilhas impressas pela Associação Escola Indígena Tukano Yupuri (AEITY) em língua tukano e tuyuka, mas não obtivemos acesso a elas na cidade de SGC. É muito provável que esse material fique nessa associação, para uso interno entre os alunos.

¹¹⁴ Obtivemos acesso impresso somente a dois livros infantis, sendo ambos desenvolvidos por meio de incentivos governamentais. O primeiro deles foi desenvolvido pela AEITY intitulado **Mariye kihti añuse** (2007). O segundo tem incentivo internacional e nacional e é intitulado **Nukupu asipa'ase**, de Ishikawa (2019). Para mais informações sobre os materiais em tukano, visite o Apêndice V, que contém uma lista comentada dessas obras.

pudesse ser interpretado pela ferramenta de manipulação de corpus linguístico chamada AntConc¹¹⁵, que apresenta sua interface como na Figura 9, a seguir.

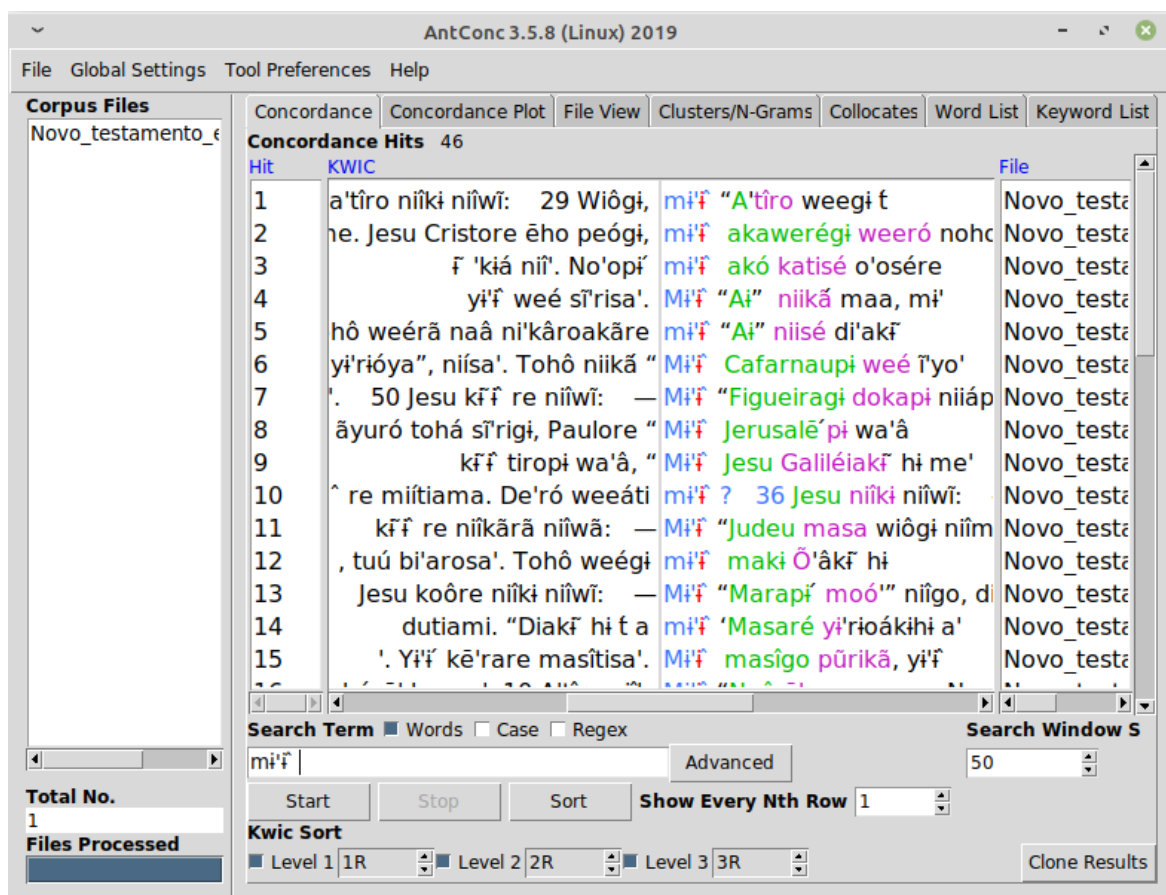


Figura 9. Exemplo de concordanciamento da ferramenta AntConc.

Fonte: janela capturada pelo autor.

Após exaustivas buscas de aumentativos com uso da ferramenta acima, não identificamos nenhuma ocorrência dessa partícula gramatical. Procuramos os sufixos estudados em pronomes e em substantivos que designam figuras mais velhas, como pai — **pakí**; Deus — **Õ'ákíhi**, etc.

Em outra busca mais específica dentro dos textos da Bíblia, os trechos a seguir em (8) trazem o mesmo conteúdo de Lucas 22:42, sendo a. sua versão em tukano,

¹¹⁵ O AntConc é um software livre com várias ferramentas de análise textual estatística em corpus linguístico. Pode ser baixado no seguinte endereço: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>.

extraída do Novo Testamento em tukano (WYCLIFFE BIBLE TRANSLATIONS, 2009), e b. em português, extraída da Bíblia Online¹¹⁶.

(8) a. **Sêrígi, a'túro nũki nũwĩ:**

Pediu, desta maneira ser foi

Sêrí - gi , a'tú - ro nũ - ki nũ wĩ

pedido - 3.-FSG , este - CAT ser - IND ser PAS-CAD.VIST.3.F.SG

“Havia pedido, desta maneira.”

— **Pakí, mi'î iaká, yi'îre a'té yã'âro yi'riátehe wa'âtikã'ato.**

Pai , você quer, eu este mal fazer-passar ir

— Pakí, mi'î ia - ká , yi'î - re a'té yã'â- ro yi'riátehe wa'â- 'ti - kã-'ato

— Pai , você querer - IMPLCS , eu - REF este ruim - INAM fazer-passar ir - CENTRIP- AS -IMP

“— Pai, se você quiser, faça ir embora esse mal de mim.”

yi'î tohô nũmikã, yi'î iaró weetikã'ya

eu ali estar ,eu vontade fazer

yi'î tohô nũ - mi - kã, yi'î ia - ró wee - tí - kã - 'ya

eu ali ser - FRUST - AS, eu querer - PL.INC fazer - CENTRIP - AS - IMP

“eu mesmo eu ali estando, não faça a minha vontade”

Mi'î iaró pe'e wa'aáto, nũki nũwĩ.

sua vontade torna , ser foi

Mi'î ia - ró pe'e wa'a - áto, nũ - ki nũ - wĩ

Você querer - PL.INC CREF tomar - IMP, ser - IND ser - PAS-CAD.VIST.3.-F.SG

¹¹⁶ Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/lc/22>>.

“que tornou o que Você queria.”

b. Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.

Nas passagens de (8), é possível observar que não há o fenômeno que estudamos aqui, ou seja, não encontramos o morfema em foco. Isso pode significar duas coisas: a primeira é que, de fato, estamos diante de um fenômeno honorífico, que é utilizado em contextos orais¹¹⁷, haja visto que a tradução de um livro grande e denso como a Bíblia é uma novidade para a língua tukano e, muito provavelmente, os tradutores não entenderam devidamente o uso do aumentativo; a segunda coisa que pode significar é que o honorífico como tal só é utilizado dentro do meio familiar, como nos mostra a observação aos dados obtidos em questionários e conversas com os falantes de tukano.

Contudo, é necessário que mais testes sejam realizados para que esse fenômeno seja validado em outros contextos comunicacionais cujos participantes não sejam familiares. Infelizmente, devido ao nosso recorte, os questionários aplicados se pautaram majoritariamente em situações familiares, tendo somente variações de pessoas possivelmente indexadas em um nível hierárquico, como padres, curandeiros, dentre outras pessoas¹¹⁸ (cf. Capítulo 2).

¹¹⁷ Embora tenhamos utilizado questionários escritos, sua aplicação ocorreu de forma guiada, ou seja, o aplicador, além de acompanhar os questionamentos dos participantes e confirmar algumas informações, participou da interação, ouvindo dicas e comentários sobre a língua tukano. Sendo assim, boa parte desse conteúdo, com a autorização dos participantes, pôde ser gravada para conferência posterior. Dessa forma, praticamente todo o conteúdo de discussões deste trabalho se deu graças ao material desenvolvido na interação com os falantes nativos de tukano.

¹¹⁸ A palavra “pessoas” foi inserida no contexto de pessoas gerais — qualquer pessoa. Esse termo não deve ser interpretado pejorativamente, mas como pessoas aleatórias as quais mentalizamos para elaborar as situações dos testes linguísticos, como no exemplo “Como um pai pede uma cadeira para alguém?”.

3.1.1.3. A indexicalidade dos sujeitos na língua tukano

Seguindo a teoria dos indexicais, neste subcapítulo vamos mostrar brevemente como funciona a ancoragem dos sujeitos na língua tukano. Sendo nosso foco principal a questão relacionada ao aumentativo, partiremos do princípio de que a forma em que os indexicais funcionam pode ser explicada segundo teorias de Kaplan (1989). Dessa maneira, os exemplos a seguir mostrarão, a título ilustrativo, a ancoragem dos sujeitos quando se há aumentativo em tukano. Essa teoria se faz necessária nesta etapa de leitura, pois nos subcapítulos subsequentes trabalharemos com questões relacionadas à dimensão expressiva, que, por sua vez, usa subsídios teóricos dos indexicais.

Antes de começarmos a mostrar as sentenças cujo aumentativo funcionou “do jeito” que esperávamos, mostraremos os casos em que ocorreu o contrário. Primeiramente, é importante ressaltar que os pais, como figuras hierarquizadas¹¹⁹, não se marcam com aumentativo nas interações – eu → euzão¹²⁰ — isso é possível de ser observado no exemplo agramatical (9) a seguir:

(9) * **mĩ'ĩ** **yĩ'ĩ'ohóre** **kumupatá** **mĩ'ĩtia'sã**
você mimzão para cadeira trazer

mĩ'ĩ yĩ'ĩ - ohó - re kumupatá mĩ'ĩtia - 'sã
 você eu - AUM - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“você traz a cadeira para mimzão”

Observando o exemplo supracitado, é possível observar que sujeitos hierarquicamente superiores não possuem a necessidade de se marcar na interação,

¹¹⁹ Por figura hierarquizada entendemos qualquer sujeito que tenha mais prestígio socialmente.

¹²⁰ Vale ressaltar devido as sugestões da banca de qualificação, ocorrida em dezembro de 2020, realizamos, no último questionário (VIII edição) o teste da partícula especificadora –**ta**, que possui o sentido de reforçar a pessoa **yĩ'ĩ** (eu) + **-ta** → **yĩ'ĩta** (eu mesmo / euzinho). Porém, percebemos que o seu uso para os contextos em que estamos utilizando não aconteceu.

somente o oposto. Isso se dá, principalmente, pelo fato de sempre essa frase ser avaliada como agramatical pelos participantes. Já uma situação oposta, os filhos normalmente utilizam o aumentativo quando se destinam aos pais, sendo possível essa marcação tanto no pronome¹²¹ quanto em um vocativo¹²² ou pronome lexicalizado¹²³, como é possível observar a seguir em (10):

(10) **pakí'ohó mi'ĩ yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã**
paizão você mim para cadeira trazer

pakí' - ohó mi'ĩ yĩ'ĩ - re kumupatá mi'ĩtia - 'sã
 pai - AUM você eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“paizão você traz a cadeira para mim?”

Outra não utilização do aumentativo que identificamos foi a de que mães não utilizam o aumentativo para se marcarem na interação, bem como os pais. Além disso, nem sequer os filhos utilizam o aumentativo quando, na interação, se destinam às mães. Para exemplificar melhor essa questão, observemos os exemplo (11), (12) e (13) a seguir:

(11) * **mi'ĩkohó yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtiasa'**
vocêzona mim para cadeira trazer

¹²¹ É o exemplo que consideramos o principal para o fenômeno que estudamos.

¹²² O vocativo é uma forma gramatical, herdada de línguas antigas como o latim, que representa o ato de chamar um sujeito. Para a língua portuguesa, o esse elemento gramatical se materializa normalmente na sintaxe, como em “Maria, venha tomar café!” – o sujeito Maria é deslocado para o início da frase. Em textos sacros, é comum haver interjeições antes dos nomes, como “Oh Deus, que criastes o céu...”. Porém, em algumas línguas modernas, como as línguas eslavas ocidentais – russo, ucraniano e bielorusso -, há uma forte herança do vocativo associado às figuras superiores que temos discutido neste trabalho. Em contextos de oração ou de conversa com esses sujeitos, as antigas desinências responsáveis pelo vocativo em proto-eslavo ainda estão presentes, como é o caso de Бог [bok] (deus) → Боже [‘boge] (Deus) ou отец [o’rets] (pai) → отче [o’tche] (Pai).

¹²³ Cunhamos o termo “pronome lexicalizado” para designar casos em que substantivos comuns como “pai”, “filho” ou “sogro” são utilizados prediletamente no lugar dos pronomes “você” ou “eu”, por exemplo.

mĩ'î - kohó yĩ'î - re kumupatá mi'ítia- sa'
 você - AUM (+F) eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzona traz a cadeira para mim.”

(12) * **pakó mi'î'koho yĩ'îre kumupatá mi'ítia'sã**
mãe vocêzona eu para cadeira trazer

pakó mi'î - kohó yĩ'î - re kumupatá mi'ítia- sa'
 mãe você - AUM (+F) eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“mãe vocêzona traz a cadeira para mim?”

(13) * **pakókoho yĩ'îre kumupatá mi'ítia'sã**
mãezona mim para cadeira trazer

pakó - kohó yĩ'î - re kumupatá mi'ítia - 'sã
 mãe - AUM (+F) eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“mãezona traz a cadeira para mim”

Além disso, foram testadas sentenças em contextos cuja figura hierarquizada, no caso uma mãe ou um pai utilizavam o aumentativo para se referirem a si mesmos. Porém, essa construção (14) também não foi aceita pelos participantes e, assim, considerada agramatical para a língua tukano.

(14) * **mĩ'î yĩ'îhóre kumupatá mi'ítiasa'**
você mimzão para cadeira trazer

mĩ'î yĩ'î - hó - re kumupatá mi'ñia - sa'
 você eu - AUM - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“você traz a cadeira para mimzão”

Nos nossos questionários, também realizamos testes para saber se mulheres utilizavam aumentativo quando se destinavam aos homens nas interações e vice-versa. Não conseguimos obter nenhuma evidência favorável ao uso do aumentativo nesse caso, muito menos de mulher para mulher ou homem para homem.

Dessa maneira, o que de fato conseguimos obter em relação aos dados foi que a diferença de idade é responsável por esse uso, sendo que sempre ocorre em contextos específicos unidirecionais, como no caso de filhos e filhas para pai, avô, sogro, além do irmão mais novo para o irmão mais velho — sempre como foco uma figura masculina e com mais idade.

Indo nessa direção, a teoria dos indexicais nos permite observar mais a fundo, até certa parte, a forma com que os elementos se ancoram no contexto. Primeiramente, a definição do contexto *c*, como podemos concluir, é um dos elementos mais importantes nessa teoria, pois toda a interação instaura todos os parâmetros necessários de *c*. No nosso caso, o C_A é o foco de toda a interação, pois, sendo o agente do contexto, é obrigado a se destinar à figura superiorizada num mundo *w*, utilizando o aumentativo. Isto é, do inferior → superior. Observemos o exemplo que consideramos o principal para explicar o fenômeno que estudamos em (15) a seguir:

(15) **mĩ'ihó yĩ'îre kumupatá mi'ñiasa'**
vocêzão mim para cadeira trazer

mĩ'î - hó yĩ'î - re kumupatá mi'ñia - sa'
 você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzão traz a cadeira para mim”

Em um nível epistemológico, é possível observar que o contexto é responsável por atribuir valores semânticos aos indexicais, enquanto a circunstância de avaliação é equivalente aos mundos possíveis. A seguir, buscamos mostrar a valoração¹²⁴ dos elementos que compõem a sentença (15):

$$\begin{aligned} & [[m\acute{i}'\acute{h}o\ y\acute{i}'\acute{a}re\ kumupat\acute{a}\ m\acute{i}'\acute{t}iasa']] \\ & [[kumupat\acute{a}\ m\acute{i}'\acute{t}iasa']]^{c\ c^w} ([[y\acute{i}'\acute{a}]]^{c\ c^w} < [[m\acute{i}'\acute{a}]]^{c\ c^w}) \\ & [[kumupat\acute{a}\ m\acute{i}'\acute{t}iasa']]^{c\ c^w} (c_A) \end{aligned}$$

$$[\lambda w \langle m\acute{i}'\acute{h}o\ kumupat\acute{a}\ m\acute{i}'\acute{t}iasa' \rangle (c_A)]$$

$$[\lambda w \langle \text{voc\^e}z\tilde{a}o\ trazer\ a\ cadeira \rangle (c_A)]$$

É importante notar que para o exemplo (15), segundo as funções kaplanianas, o ouvinte permanecerá sendo o ouvinte, assim como o falante será o falante. Isso nos encaminha para uma discussão que impossibilita uma análise que leve em consideração somente as condições de verdade da sentença, mas sim nos indica que a existência de condições de felicidade. Dessa forma, quando alguém deixa de usar um honorífico, não está dizendo algo falso, mas sim infeliz ou impolido em um contexto específico.

É importante notar que na segunda linha da declaração dos elementos, como não há formalizações específicas para nosso caso na teoria dos indexicais, optamos por colocar o pronome “eu” sendo menor que o pronome “você” — $[[y\acute{i}'\acute{a}]]^{c\ c^w} < [[m\acute{i}'\acute{a}]]^{c\ c^w}$. Isso, pois o centro dessa teoria está na ancoragem do agente ou falante, que, no nosso caso, é a primeira pessoa, hierarquicamente ou etariamente inferiorizada no tempo t e mundo w do contexto em que é proferida. Na sentença (15) isso acontece, pois o falante, para que essa sentença seja gramatical, deve ser sempre um “eu” filho, ou jovem, que se destina a um “você” mais velho, como um pai, avô, etc. A seguir, em (16), há um outro exemplo prototípico do uso do aumentativo honorífico em condições parecidas de realização, i.e., no

¹²⁴ É importante ressaltar que, de acordo com nosso aparato lógico, o fenômeno estudado por nós é de cunho intensional. Isto é, toda a carga semântica que nosso sufixo carrega tem como impacto a valoração dos sujeitos participantes da interação e, para que isso ocorra, há a necessidade de instauração de contextos em mundos possíveis.

mesmo contexto de pedido em que viemos desenvolvendo nesta pesquisa.

(16) **pakí'ohó mi'î yí'îre kumupatá mi'ítia'sã**
paizão você mim para cadeira trazer

pakí' - ohó mi'î yí'î - re kumupatá mi'ítia - 'sã
 pai - AUM você eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“paizão você traz a cadeira para mim?”

Como podemos observar, **pakí'ohó** (paizão), neste exemplo, tem além do papel de ancoragem de um sujeito superior na interação por meio de um vocativo, que faz uso do aumentativo e do próprio termo de parentesco (pai). Para esse caso, podemos representar $[[yí'î]]^{c\ cw} < [[mi'î]]^{c\ cw} < [[pakí'ohó]]^{c\ cw}$, sendo que paizão é uma figura superior ao você, que por sua vez é uma figura superior ao eu, que é representado por um filho, por exemplo. Se isolarmos o mesmo contexto, a sentença (17), a seguir, também é bastante utilizada. Nela não há a presença de **mi'î**, i.e, pai não faz o papel de vocativo na sentença, sendo, então, o termo de parentesco superior diretamente ao eu – $[[yí'î]]^{c\ cw} < [[pakí'ohó]]^{c\ cw}$.

(17) **pakí'ohó yí'îre kumupatá mi'ítia'sã**
paizão mim para cadeira trazer

pakí' - ohó yí'î - re kumupatá mi'ítia - 'sã
 pai - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“o paizão traz a cadeira para mim?”

Salienta-se que esse mesmo fenômeno acontece, também, com os termos de

parentesco femininos **yēko** (avó) e **ma'miό** (irmã mais velha). Como é possível observar em (18), a seguir, o uso de **yēkokohό** (vovόzona) carrega uma carga semântica similar ao “vocēzão” associado às figuras masculinas. Dessa forma, podemos dizer, também que é uma figura maior que o sujeito “eu” na nossa situação modelo de testes $[[y\acute{i}'\acute{i}]]^{c\text{ }c^w} < [[y\acute{e}kokohό]]^{c\text{ }c^w}$.

(18) **yēkokohό y\acute{i}'\acute{i}re kumupatá mi'ttia'sã**

vovόzona eu para cadeira trazer

yēko - kohό y\acute{i}'\acute{i} - ré kumupaitá mi'ttia - 'sã

avό - AUM.F eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vovόzona vocē traz a cadeira para mim?”

Essa teoria ainda deixa algumas lacunas em relação ao funcionamento exato do aumentativo no nosso caso em questão. Mesmo assim, esse panorama teórico e analítico dos indexicais é necessário para que entendamos melhor as próximas teorias abordadas neste trabalho. Dessa forma, os fenômenos semânticos e pragmáticos responsáveis pela gramaticalização das diferenças de idades ou de respeito entre os sujeitos ancorados serão explicados e mais detalhados nos capítulos subsequentes.

3.2. *A dimensão expressiva como explicação para o fenômeno*

Antes de começarmos a entender o Plano Expressivo, devemos ter em mente o fenômeno que está sendo retratado nesta dissertação. Para melhor exemplificar, a frase a seguir (19) representa um uso composicional comumente utilizado para um

augmentativo:

(19) O carrão tem 5 metros de comprimento.

É muito produtivo, em língua portuguesa, conceber objetos de tamanhos maiores simplesmente ao adicionarmos os sufixos -ão (masc.) e -ona (fem.) ao final de algum substantivo. Isso nos mostra o caráter do uso composicional do aumentativo, que nos dá a interpretação final do que está sendo dito, ou seja, designa um aumento, em escala de espaço ou massa, do objeto.

Por outro lado, o uso expressivo veicula informações extras responsáveis por agregar informações ao que está sendo dito. O trabalho de Funcia (2014) nos traz o exemplo (20) a seguir:

(20) O cachorrinho da Luana é um rottweiler.

Segundo Funcia, em (20), há a informação agregada da afetuosidade do falante pelo cachorro de Luana. Além disso, o diminutivo nesse sentido poderia também veicular uma ideia de desprezo quanto ao cachorro ou à tenra idade do cachorro, visto que a raça rottweiler tende a ser grande. A análise desse exemplo nos mostra que o uso dos expressivos também possui alta produtividade.

Seguindo essa mesma lógica de raciocínio, mas associando à língua tukano e ao aumentativo, percebemos que esse sufixo não somente carrega uma carga espacial, como o tamanho aumentado de algum objeto, mas veicula idade, pois o uso do aumentativo, quando destinado a um sujeito no contexto de fala, é muito bem associado a sua senioridade ou ao respeito que se tem a ele. Dito em outras palavras, o aumentativo veicula, em uma dimensão expressiva, não somente o tamanho (espacial), mas a idade e possivelmente a posição socialmente hierárquica¹²⁵ entre os falantes. No exemplo que

¹²⁵ Vale ressaltar que posição hierárquica, para os grupos indígenas, normalmente diz respeito à senioridade. Isto é, os anciãos normalmente possuem um papel especial em diversas dessas sociedades. Esse pode ser o

consideramos o principal para o fenômeno que estudamos, repetido em (21) a seguir, podemos observar que “vocêzão” está intimamente associado a um pai, avô ou figura mais velha. Em casos cujos participantes da interação possuem a mesma idade ou o falante é mais velho que o interlocutor, o exemplo é infeliz.

(21) **mĩ'ihó yĩ'îre kumupatá mi'ítiasa'**

vocêzão mim para cadeira trazer

mĩ'î - hó yĩ'î - re kumupatá mi'ítia - sa'

você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzão traz a cadeira para mim”

Esse exemplo, que consideramos o principal para o fenômeno, nos mostra o poder de carregar uma informação extra que um simples sufixo aumentativo possui. Isso faz com que tenhamos nos focado nesse objeto mais precisamente, nos pautando principalmente nas teorias de Potts (2005, 2007) e Fortin (2011) para melhor detalhar o fenômeno específico.

3.2.1. Potts e o plano expressivo

Para entendermos a teoria de Potts (2005, 2007), devemos fazer um percurso sobre as teorias de Implicaturas Convencionais (CI), pois os expressivos são exemplos melhor analisados delas. Vejamos o exemplo (22) a seguir:

(22) João é rico mas é humilde.

fato de o aumentativo honorífico ser totalmente associado aos sujeitos mais velhos.

A afirmação em (22), numa visão semântica clássica, gera uma oposição entre ser rico e ser humilde. O filósofo Grice (1975) foi o primeiro a separar as CIs, como visto acima das Implicaturas Conversacionais. Essas últimas, por outro lado, tentam preencher esse vazio deixado pela semântica, pois são dependentes de contexto, canceláveis e não convencionais, como é possível observar no diálogo em (23) a seguir:

(23) A: Pode me dizer as horas?

B: Bem, o lixeiro já passou.

Em (23) é possível observar que há necessidade de saber do contexto para que as frases sejam compreendidas pelos falantes. É importante notar que deve haver um *background* de dados comuns para que B consiga carregar a resposta adequada para A. É necessário em (23) que os dois participantes saibam o horário em que o lixeiro passa, para que a resposta de B signifique que já é tarde, ou que já passou de uma margem de horário específica.

Dando sequência ao panorama das CIs, Bach (1999), em seu artigo *The Myth of Conventional Implicatures*, foi um crítico de um certo tipo de implicatura convencional de Grice, pois para ele as interpretações desse tipo de análise são muito estreitas e pobres de conteúdo semântico. Por conta disso e pela sua visão de uma semântica multidimensional, Bach então postula não haver uma implicatura convencional, pois a informação que é carregada por ela faz parte do conteúdo proposicional da sentença. Esse autor denomina de “supostos dispositivos de implicatura convencional” ou *Alleged Conventional Implicature Devices* (ACIDs) e propõe um teste simples para identificá-las: basta transformar a sentença em discurso indireto. Vejamos o exemplo (24a-c) a seguir:

(24) a. Maria disse que João é rico mas é humilde.

b. Maria disse que João é rico e é humilde.

c. Maria disse que há uma oposição entre ser rico e humilde.

Para Bach (1999), em (24a) “mas” assume o papel de ACID e não de simples implicatura convencional, pois faz parte do que foi veiculado por Maria. Para ele, quando uma sentença expressar sincreticamente mais de uma proposição, uma delas (chamada de proposição principal) será mais importante do que a outra (a proposição secundária), mas ambas serão parte do que é dito.

Foi como alternativa à concepção de CI de Bach que Potts (2005), em sua tese de doutorado, afirmou pela primeira vez que há itens que veiculam duas informações — uma delas relacionada e outra não relacionada às condições de verdade da sentença principal. Resumidamente, essa segunda informação veicula uma avaliação subjetiva do falante que não faz parte do conteúdo proposicional da sentença principal. Vejamos o exemplo (25) a seguir:

(25) Felizmente João pegou as chaves certas.

Segundo essa concepção de Potts (2003, 2005), em (25) há duas sentenças:

- a. João pegou as chaves certas.
- b. O falante considera bom o fato de João ter pego as chaves certas.

Se aplicarmos o teste ao discurso indireto (26), podemos perceber que “felizmente” tem seu escopo relacionado ao falante, então não faz parte do conteúdo proposicional da sentença, mesmo que tenha sido veiculado por Maria.

(26) Maria disse que felizmente João pegou as chaves certas.

Para Castilho e Castilho (1993), alguns itens lexicais podem ser gatilhos de

modalização, como é o caso de “felizmente” em (26). Morzycki (2013) também afirma que advérbios como esse podem ser gatilhos de CIs. O ponto importante desse exemplo são as inferências que são responsáveis por gerar as implicaturas. Potts (2005) continuou descrevendo as implicaturas e se focou nas lacunas deixadas por Bach. Sendo assim, nomeou dois tipos de CIs, as expressões complementares e as expressivas — ambas multidimensionais¹²⁶, i.e., podendo expressar mais de uma proposição ao mesmo tempo.

Dando sequência nos trabalhos desse autor, Potts (2007, p. 166) define algumas propriedades para as CIs. Segundo ele, são seis características que mostram a veiculação do conteúdo expressivo. As frases a seguir são exemplos desenvolvidos para os diminutivos do português brasileiro por Funcia (2014, p. 11-16) e ilustram essas propriedades, que também foram adaptadas e aplicadas em seus trabalhos por Fortin (2011) e Pires de Oliveira e Basso (2014).

- Independência (*independence*): o conteúdo principal da sentença não pode ser modificado pelo conteúdo expressivo;

(27) a. O cachorrinho da Maria tá doente.

b. O cachorro da Maria tá doente.

- Não-destacabilidade (*non-displaceability*): se refere à não destacabilidade (desassociação) ao falante que proferiu a sentença com o conteúdo expressivo;

(28) a. João: O cachorrinho da Maria morreu.

b. Pedro: João disse que o cachorrinho da Maria morreu.

¹²⁶ Multidimensionalidade como o próprio nome já diz, diz respeito às formas com que se observa determinado fenômeno, pois parte-se do princípio que ele acontece em diferentes esferas. No caso da semântica formal, uma análise multidimensional poderia ser aquela que leva em consideração mundos, contextos, dentre outras variáveis. Dentro desse campo, quando há necessidade de processar essas variáveis, saindo da esfera extensional, dá-se o nome de semântica intensional. Porém, no caso da ocorrência de multidimensional que foi responsável por esta nota de rodapé, neste caso em particular, deve ser interpretada como multiproposicional.

- Dependência da perspectiva (*perspective dependence*): o conteúdo expressivo está diretamente associado ao falante que enuncia a sentença;

(29) João acha que o Neymar é um jogadorzinho de nada, mas eu acho ele um craque.

- Inefabilidade descritiva (*descriptive ineffability*): não é possível traduzir ou substituir o conteúdo expressivo com outras palavras (em forma de paráfrase);

(30) a. João é um advogado muito **foda**.

b. João é um excelente advogado.

- Imediatismo (*immediacy*): as tentativas de cancelamento dos expressivos depois que eles já foram veiculados são em vão;

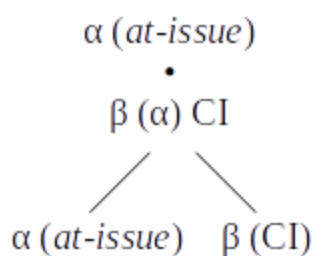
(31) A filha da Fernanda já está grandinha, mas eu detesto aquela criança.

- Repetibilidade (*repeatability*): os expressivos podem se repetir em uma sentença sem que se crie redundâncias em sua dimensão;

(32) Esse gatinho é bem pequenininho.

Continuando em Potts (2005, p. 48), o autor propõe formalizações para o tratamento dos expressivos. Em (33), a seguir há um esquema em que o autor divide as sentenças em: a proposição principal, que contém o conteúdo imediato da sentença (*at-issue*), e a proposição secundária, que contém o conteúdo expressivo.

(33)



Nesse esquema, o conteúdo (*at-issue*) é representado por α e o componente expressivo por β , sendo a equação $\beta(\alpha) CI$ a realização da interação do item expressivo para a construção do conteúdo imediato. Mesmo assim, vale lembrar que, como vimos nas propriedades supracitadas, não significa que o item que gera a CI contribua para a proposição principal.

Para esse autor, sentenças que contêm só conteúdos *at-issue* podem ser analisadas pelos tipos semânticos $\langle e \rangle$ e $\langle t \rangle$, em que $\langle e \rangle$ representa os indivíduos e $\langle t \rangle$ os valores de verdade, sendo que o predicado não é nada mais que a combinação de um argumento $\langle e \rangle$ para formar uma sentença $\langle t \rangle$. Para exemplificar melhor os tipos lógicos, observemos a sentença (34) a seguir:

(34) Maria anda.

Nessa sentença há o argumento “Maria”, representado por $\langle e \rangle$, e o predicado “anda”, representado por $\langle e, t \rangle$, que formam a sentença $\langle t \rangle$ “Maria anda”. Isso faz com que, segundo Potts (2005), deva haver uma forma de diferenciar os itens responsáveis pelo conteúdo expressivo e o imediato. Para essa realização, ainda dentro dos tipos lógicos, é utilizada a seguinte metalinguagem:

$e^a \rightarrow$ argumento de conteúdo imediato
 $e^c \rightarrow$ argumento de conteúdo expressivo
 $t^a \rightarrow$ sentença de conteúdo imediato
 $t^c \rightarrow$ sentença de conteúdo expressivo

O exemplo (35) a seguir mostra a formalização¹²⁷, baseado em Potts (2005) para os conteúdos expressivos e imediatos (*at-issue*). Seguindo a lógica do esquema de separação de conteúdos expressivos e imediatos de Potts (2005, p. 48), para todo item ou construção γ que veicula conteúdo expressivo, seu tipo lógico é $\langle\alpha^a, \beta^c\rangle$.

(35) O desgraçado do João chegou.

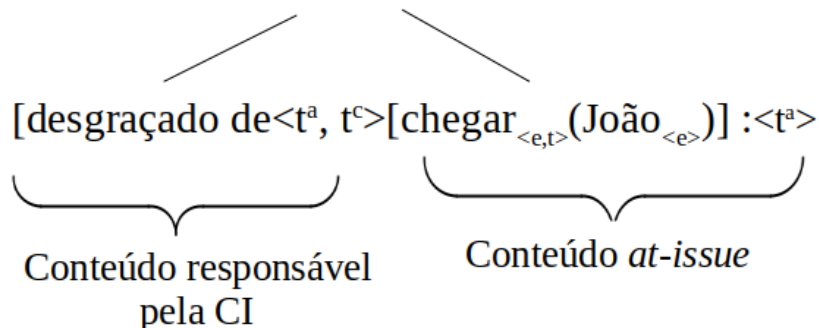
desgraçado de $\langle t^a, t^c \rangle$

João $\langle e^a \rangle$

chegar $\langle e^a, t^a \rangle$

$[\text{chegar}_{\langle e,t \rangle}(\text{João}_{\langle e \rangle})]:\langle t^a \rangle \}$ Conteúdo *at-issue*

$[\text{desgraçado de} \langle t^a, t^c \rangle [\text{chegar}_{\langle e,t \rangle}(\text{João}_{\langle e \rangle})] \langle t^a \rangle]:\langle t^c \rangle \}$ Conteúdo CI



Em relação à interpretação dos expressivos, quanto ao direcionamento da atitude do falante diante do alvo desses conteúdos, Potts (2005, p. 167) propôs a seguinte fórmula:

¹²⁷ Esse exemplo segue a estrutura de formalizações para expressivos feita por Funcia (2014, p. 16), que, por sua vez, se espelha, em partes, à formalização de Potts (2005, p. 167).

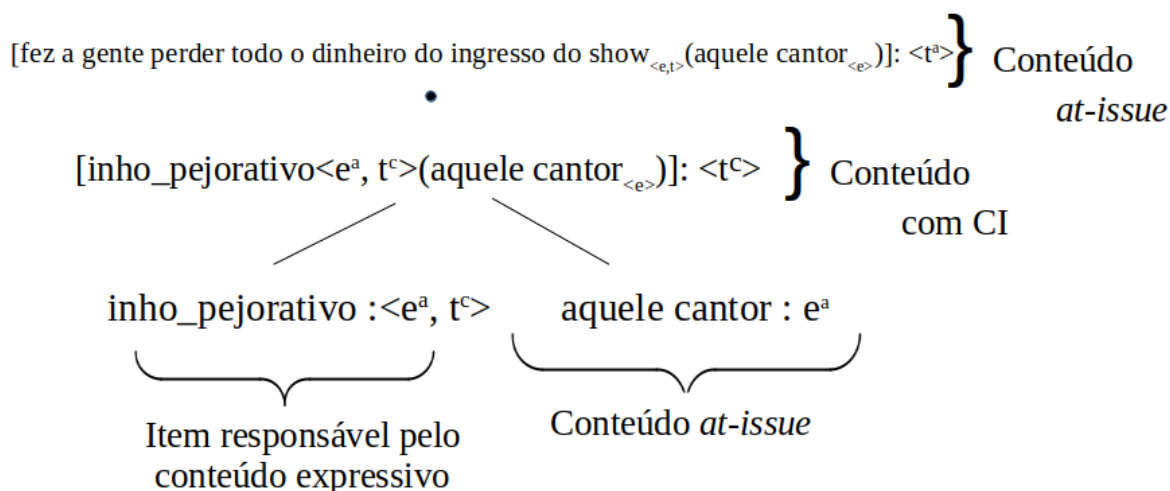
$$\left\{ \begin{array}{l} \text{damn} \\ \text{bloody} \\ \cdot \\ \cdot \\ \text{fucking} \end{array} \right\} \Longrightarrow \lambda X. \mathbf{bad}(\wedge X): \langle \tau^a, t^a \rangle, t^c \rangle$$

A fórmula mostra um possível paradigma interpretativo da carga expressiva que é carregada para a sentença. Nas próprias palavras de Potts (2005, p. 168), “(...) o falante está em um estado emocional elevado em relação a X ”¹²⁸. Esse autor afirma que *bad* simplesmente é a etiqueta para a função, assim como *good*, poderia ser uma função em que a negatividade seria convertida para positividade da avaliação feita pelo falante, na dimensão expressiva.

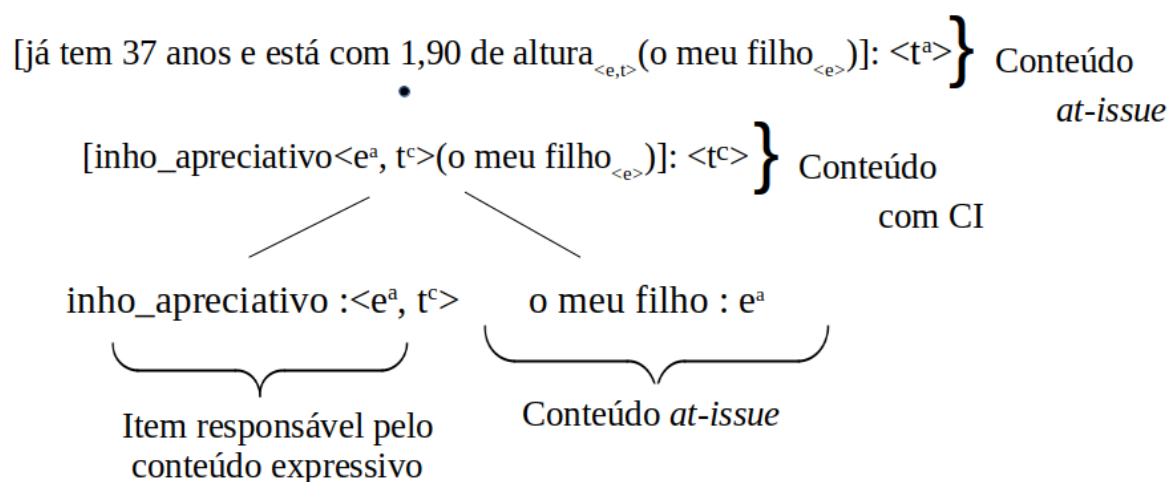
Seguindo a linha inicial de raciocínio de Potts e da fórmula supracitada, Funcia (2014), em um trabalho inédito, buscou fazer elencar um panorama das funções do diminutivo em língua portuguesa por meio da teoria da dimensão expressiva. Em (36) e (37), a seguir, há dois exemplos de uso do diminutivo de acordo com as formalizações (p. 20) ilustrativas supracitadas em (351).

(36) Aquele cantorzinho fez a gente perder todo o dinheiro do ingresso do show.

¹²⁸ “*the speaker is in a heightened emotional state regarding X*”



(37) O meu filhinho já tem 37 anos e está com 1,90m de altura.



Em (38), a seguir, aplicamos a mesma linha de raciocínio de formalização para nosso estudo de caso da língua tukano. Dessa forma, pretendemos fazer melhor entender a carga veiculada no aumentativo nessa língua, que, assim como o diminutivo em português analisado por Funcia (2014), não só veicula uma informação espacial, relacionada ao tamanho das coisas, mas sim na dimensão expressiva veicula outros tipos de informações. No caso da língua que estudamos, decidimos por nomear o item responsável pelo conteúdo expressivo de “aum_etático”, pois, deixando por enquanto a discussão sobre honoríficos de lado, nosso objeto de estudos, seguindo essa teoria, parece funcionar como uma propriedade etática. Isso se deve ao fato de os dados extraídos dos questionários parecerem estar mais associados ao fator da idade de quem estava ancorado na frase.

Potts (2007), quando dá continuidade nos seus estudos sobre a dimensão expressiva, faz uso de noções vindas das teorias dos indexicais¹²⁹ de Kaplan (1989), no que diz respeito ao julgamento dos contextos. Para o autor (2007, p.8), há a necessidade de haver um juiz C_j de um contexto C na forma de indivíduo, ao lado do falante C_A , tempo C_T , localidade C_L e mundo C_W , cabendo a essa figura (o juiz), dentro do parâmetro C_ϵ , o papel de julgar o falante em relação ao seu índice expressivo. Além disso, é importante ressaltar que na maioria das vezes o juiz será o próprio agente (i.e., o falante do contexto). Dessa maneira, como explica Potts, o contexto é uma lista ordenada de $c = \langle c_A, c_T, c_W, c_J, c_\epsilon \rangle$, a qual c_A é o agente de c , c_T é o tempo de c , c_W é o mundo de c , c_J é o juiz de c , e c_ϵ é um conjunto de índices expressivos.

Como é possível observar, seguindo essa teoria, todas as operações realizadas por um item expressivo é uma operação contextual em que se envolve um juiz e que, por conta disso, a função c_ϵ pode ser a resultante de um novo contexto, além de ser um parâmetro que armazena os valores dos índices expressivos (**I**). Sendo a adaptação formal proposta pelo autor (2007, p. 18) a seguinte:

$C_\epsilon \approx I'_{a,bc_\epsilon}$ sse c_ϵ e c'_ϵ se diferem no máximo em que

a. $\langle a \mathbf{I}' b \rangle \in c'_\epsilon$; e

b. se c_ϵ contém um índice expressivo $\langle a \mathbf{I} b \rangle$, em que $I \neq I'$, então $\langle a \mathbf{I} b \rangle \notin c'_\epsilon$

and $\mathbf{I}' \subseteq \mathbf{I}$

Resumindo essa formalização, o autor propõe que, para dois contextos c e c' que sejam distintos graças a um item expressivo, é necessário que c_ϵ de cada um deles seja diferente. Isso significa que um índice expressivo $\langle a \mathbf{I}' b \rangle$ ¹³⁰ pertence ao contexto alterado c' (i.e. a c'_ϵ). Além disso, o valor de I que foi alterado e gerou c' é menos que o valor desse mesmo índice no contexto anterior, ou seja, o valor de I' está contido no valor original de I . Potts (2007, p. 18) desenvolve o exemplo (39) para essa formalização, que será

¹²⁹ (cf. Capítulo 3.1.3).

¹³⁰ É importante notar que em $\langle a \mathbf{I} b \rangle$, a sempre será um agente (do contexto); enquanto que I sempre será o índice expressivo de uma sentença; e b a proposição.

apresentado a seguir. Nele, há a representação de uma situação na qual a declaração de Tom sobre Jerry é negativa, i.e., o que Tom sente negativamente por Jerry, devido à mudança dos valores¹³¹. A situação em que Potts (2007) traz para esse exemplo é a de que Tom havia chamado seu amigo de bastardo.

$$(39) \quad \begin{array}{ccc} \langle a \text{ I } b \rangle & [-.5, 0] & \langle a \text{ I } b \rangle \\ \{ \langle [[\text{tom}]] [-1, 1] [[\text{jerry}]] \rangle \} \approx [[\text{tom}], [[\text{jerry}]]] & \{ \langle [[\text{tom}]] [-.5, 0] [[\text{jerry}]] \rangle \} \end{array}$$

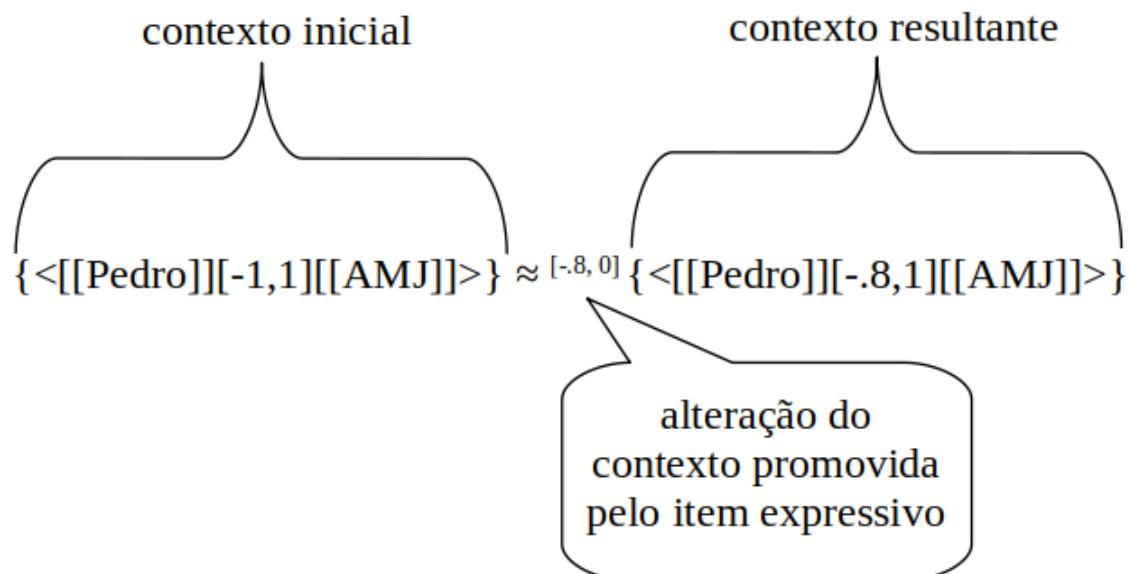
Para continuarmos, observemos o exemplo (40) sobre diminutivos¹³², extraído de Funcia (2014, p. 27).

(40) (Pedro diz:) Aquela mulherzinha do João ligou de novo.

Graças à contribuição dos conceitos oriundos dos estudos kaplanianos para a teoria dos expressivos, Potts (2007) propõe valorações contáveis para a expressividade presente nas sentenças. Pois bem, partamos do princípio de que a sentença (40) seja proferida em contexto neutro, i.e., no qual os índices expressivos trazem intervalos com o valor 0. Dessa forma, seu proferimento acarretará em mudanças no contexto de índices expressivos (c_ε), o que fará com que seja instaurado um novo contexto (c'). Na fórmula, a seguir (FUNCIA, 2014, p. 27), o diminutivo (i.e., o item expressivo) possui, por exemplo, o valor de alteração de contexto (\approx) igual a $[-.8, 0]$. Para que a fórmula fosse exibida em uma linha, a sentença “aquela mulher do João” foi representada como “AMJ”.

¹³¹ Neste exemplo há uma mudança de $[-1, 1]$, cujo autor (2007) diz ser um valor neutro para $[-.5, 0]$, que é definido como negativo em uma escala (POTTS, 2007, p.15).

¹³² Como já dito anteriormente, esse trabalho foi um dos pioneiros a fazer uma devida análise e reunião de fundamentação teórica sobre os diminutivos seguindo as teorias da dimensão expressiva presentes em Potts (2005, 2007) e Fortin (2011), este último que, por sua vez, também faz uso das teorias de Potts.



Nessa fórmula, o diminutivo é responsável pela mudança do valor do índice expressivo de um valor neutro, como estipulado [-1,1] para um valor negativo [-.8,0], i.e., em (40), Pedro tem uma atitude negativa em relação à mulher do João. Dessa maneira, Potts (2007) propõe uma teoria que leva em consideração e classifica diferentes valores para os índices expressivos, dependendo do seu conteúdo e da atitude¹³³ em que o falante possui a respeito de alguém.

Como complemento de sua própria teoria, a qual em Potts (2005) era capaz de capturar aspectos “bons” ou “ruins”, em sua obra de 2007, se focou em quantificar a valoração desse bom ou ruim. Ainda seguindo a análise de Funcia (2014, p. 28), utilizando a teoria de Potts, há três exemplos, mostrados a seguir, que ilustram bem essa quantificação.

(41) Esse juizinho não sabe apitar!

(42) Essa droga de juiz não sabe apitar!

(43) Essa bosta de juiz não sabe apitar!

¹³³ A questão da atitude, bem como a equação formalizada da função “bom” e “mal” podem ser encontradas em Potts (2005, p. 167-168).

Em (41), segundo o autor, pode-se atribuir um valor [-.5, 0], em (42) um valor como [-.6,0] e em (39) [-.7,0], o que significa que (41) possui um grau de expressivo depreciativo mais fraco que (42), assim como este possui um grau mais fraco que (43). Para ilustrar melhor esse fenômeno, há a fórmula a seguir para a representação de (41):

$$\{<[[c_j]] [-1, 1] [[esse_juiz]]>\} \approx^{[-.5, 0]} \{<[[c_j]] [-.5, 0] [[esse_juiz]]>\}$$

Se fôssemos aplicar essa formalização ao nosso objeto de estudo - o aumentativo na língua tukano -, levando em consideração o caráter “bom” e respeitoso do seu uso, podemos simplesmente valorar a interação com um grau positivo. Isso é, como não é possível diferenciar outros níveis de respeito que não sejam o aumentativo e o neutro, não temos outros elementos para contrastá-los em algum tipo de gradação. Mesmo assim, podemos dizer que para o exemplo que consideramos o principal para o fenômeno que estudamos supracitado em (38), poderíamos fazer a seguinte formalização:

$$\begin{aligned} \{<[[c_j]] [-1, 1] [[mí'î]]>\} &\approx^{[.1, 1]} \{<[[c_j]] [.1, 1] [[mí'î]]>\} \\ \{<[[eu]] [-1, 1] [você]]>\} &\approx^{[.1, 1]} \{<[[eu]] [.1, 1] [[você]]>\} \end{aligned}$$

Dessa maneira, mudando o valor para [.1, 1], “eu” possui um sentimento muito positivo quanto a “você”. É possível observar que essa fórmula consegue explicar, pelo menos, que há uma distinção entre os valores de um “eu” proferido de alguém inferiorizado em uma escala para um “você”, superiorizado nessa mesma escala. Portanto, essa teoria, embora explique em partes o funcionamento do fenômeno, ainda deixa algumas lacunas, como a escala¹³⁴ etática¹³⁵ aplicada aos expressivos, que buscaremos

¹³⁴ Como veremos nos subcapítulos subsequentes, a noção de escala para o nosso objeto é um termo, que embora na observação das idades possa ser idealizado em nossas cabeças, de fato, como uma escala, em sua representação formal, deve representar um binário. Isto é, se utiliza ou não se utiliza o aumentativo como marca de hierarquia. O que faz essa distinção, justamente é a idade entre os falantes.

¹³⁵ Em uma das formalizações anteriores sobre a teoria de Potts (2005), utilizamos a abreviatura

resolver nos próximos subcapítulos.

No entanto, sem levar necessariamente em consideração os graus escalares de diferenças expressivas, há uma disposição, proposta por Potts (2007, p. 22), que mostra a replicabilidade da expressividade em distintos contextos. Isto é, tendo em vista todos os contextos delimitados, é o juiz o elemento mais próximo e gatilho para a expressividade. Assim, para exemplificar, vamos utilizar a sentença exemplo¹³⁶ de nosso objeto.

$$\{ [[[-\mathbf{hó}]] \langle C_A, C_T, C_W, C_J \{ \langle C_J \text{ I } [[\mathbf{mi}'\hat{i} \text{ y}\hat{i}'\hat{r}e \text{ kumupatá } \mathbf{mi}'\hat{t}iasa'] \rangle \rangle \} \rangle \}$$

$$\{ [[[-\mathbf{ão}]] \langle C_A, C_T, C_W, C_J \{ \langle C_J \text{ I } [[\mathbf{você } \text{ traz } \text{ a } \text{ cadeira } \text{ para } \text{ mim}]] \rangle \rangle \} \}$$

Contudo, Potts (2005, 2007) deixa alguns problemas, como salienta Funcia (2014), sobre sua teoria explicar os diminutivos depreciativos. No entanto, essa questão é sanada por Fortin (2011). Com isso, no subcapítulo a seguir vamos expor um panorama a respeito das teorias desse autor sobre o uso do diminutivo no espanhol e buscaremos aplicar seus subsídios teóricos ao objeto do nosso estudo.

3.2.2. A teoria de Fortin e a gradação dos expressivos

Antes de começarmos, é importante ressaltar que o autor Fortin (2011), de certa forma, preenche as lacunas deixadas por Potts (2007), pois em seu trabalho descreve os diminutivos do espanhol e instaura a morfologia expressiva, invalidando afirmações de Potts como a de que nenhum item lexical contribui tanto para o conteúdo imediato quanto para o conteúdo expressivo (do significado da CI). Para isso, esse autor associa a dimensão expressiva aos adjetivos graduais. Dessa maneira, afirma que os afixos conotativos (i.e. que carregam a carga expressiva) são equivalente a adjetivos graduais. Isso é, carregam

“aum_etático” para designar a propriedade que concluímos estar associada a uma escala de tempo, que se refere à idade dos participantes da interação.

¹³⁶ $\mathbf{mi}'\hat{i} \text{ y}\hat{i}'\hat{r}e \text{ kumupatá } \mathbf{mi}'\hat{t}iasa'$ → “você traz a cadeira para mim”.

ítems capazes de intensificarem ou não, em uma dada escala, determinados elementos presentes na interação entre sujeitos. Em outras palavras, esses elementos podem ser expressados por termos como “alto”, “demais”, “muito”, “ruim”, etc., em contrapartida aos adjetivos não graduais, como “casado”, “perdido”, “grávida”, etc. Além disso, outro fator importante sobre os adjetivos graduais é a sua capacidade de ser comparável em uma escala, como podemos observar em (44) a seguir:

(44) João é alto.

Quando alguém prefere a sentença “João é alto”, no âmbito semântico no geral, não é possível afirmar a altura exata de João, pois o fato de João ser alto, nesse sentido, diz muito respeito à grade de comparação em que o falante que proferiu a sentença possui. Isso faz com que para diferentes sujeitos a altura de João possa ser diferente, por exemplo, para quem tem a mesma altura que ele não o achará alto, assim como quem for mais alto que ele o achará baixo, etc. Dessa maneira, o adjetivo gradual estará sujeito à avaliação dos falantes — comportamento que não pode ocorrer com os adjetivos não graduais, pois não é possível comparar ou graduar suas definições, como podemos ver no exemplo (45) a seguir:

(45) João morreu.

Não é possível, de modo algum, graduar o conteúdo semântico do adjetivo em (45). Como podemos inferir nesse exemplo, é impossível discutirmos se João está mais ou menos morto que Pedro, por exemplo. Esse fato não diz respeito nem ao João em si, nem à carga semântica que “morto” carrega.

Além disso, outra propriedade dos adjetivos graduais é relacionada a sua negação, i.e. A negação de um adjetivo gradual não necessariamente acarreta no seu oposto, como é possível observar em (46) a seguir:

- (46) a. João não é pequeno \neq João é grande
 b. João não é grande \neq João é pequeno

Porém, a negação de adjetivos graduais absolutos pode sim acarretar no seu oposto, como podemos ver em (47):

- (47) Esse documento não é legal = Esse documento é ilegal

Além desses tipos de adjetivos, é possível dividir os graduais entre dimensionais e avaliativos, sendo eles os responsáveis por relacionar indivíduos a valores em uma escala de propriedades que podem ser espaço-temporais, de tamanho, idade, etc. A seguir, na Figura 10 há um diagrama dos tipos de adjetivos, como viemos explicando até o presente momento:

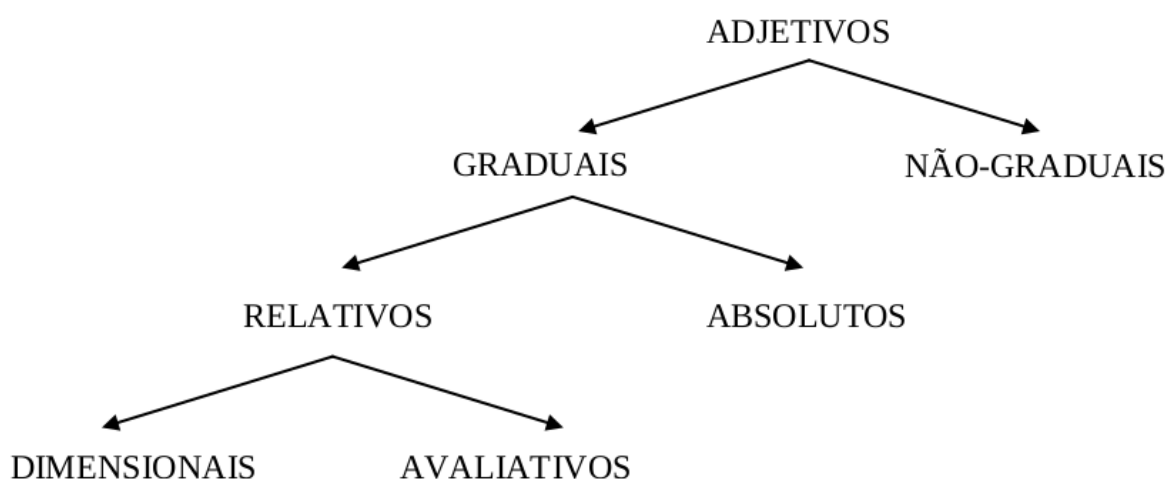


Figura 10. Diagrama de tipos de adjetivos.

Fonte: Funcia (2014, p. 32), adaptado de Kennedy (1997) e Kennedy e McNally (2005).

No seu trabalho, Fortin (2011), aplicou as teorias de Potts (2005, 2007) sobre os significados expressivos para os diminutivos em espanhol, levando em consideração os tipos de valoração dos adjetivos graduais. Isso foi muito importante e permitiu que Funcia (2014), pautado nas teorias desses dois autores, realizasse, também, a descrição e análise formal dos diminutivos em português. Sendo assim, um dos pontos mais importantes da teoria de Fortin, apontado por Funcia é a capacidade, por meio da ampliação de horizontes aplicacionais, de contemplar todas as formas de diminutivo que veiculem conteúdo expressivo. Levando em consideração a afirmação desse autor, nosso objeto de estudos, além de ser um aumentativo — antagônico ao diminutivo — parece ser perfeitamente contemplado pela associação à teoria que leva em consideração a relação com adjetivos graduais.

Para avançarmos, devemos ter em mente que, segundo a teoria de Kennedy (1997), os adjetivos graduais podem ser entendidos como funções de medida, que são representados por um grau d (*degree*) e devem estar ordenados linearmente em alguma escala. Para ilustrar essa função, tomemos como exemplo a sentença (48) a seguir:

(48) João é velho.

Para explicarmos melhor essa questão, o adjetivo gradual deve ser entendido como explicamos supracitadamente — como um grau d em uma escala. Isso, segundo Kennedy (1997), instaura mais um tipo semântico para essa frase, não sendo somente possível tratá-la pelos tipos $\langle e \rangle$ e $\langle t \rangle$, mas também pelo $\langle d \rangle$, i.e., $\langle d, \langle e, t \rangle \rangle$. Seguindo por esse caminho, Fortin (2011, p. 114 apud FUNCIA, 2014, p. 35) sugere a seguinte fórmula:

$$\begin{aligned} [[\varphi]] &= \lambda d \lambda x. \mathbf{m}_\varphi(x) \geq d \\ [[\text{velho}]] &= \lambda d \lambda x. \mathbf{velho}_\varphi(x) \geq d \end{aligned}$$

Nessa fórmula, φ representa o adjetivo gradual e m a função de medida

associada a ele. Embora essa função pudesse capturar boa parte do comportamento dessa graduação, há a necessidade de desrelativizá-la. Isso é, na sentença (48), “João é velho”, é velho em relação ao quê ou a quem? Para solucionar esse problema, Fortin (2011) propôs uma outra função que trabalha a supracitada, o *std* ou *standard degree of comparison*¹³⁷:

$$[\lambda d \lambda x. \mathbf{m}(x) \geq d] \Rightarrow \lambda x. d[\mathbf{std}(d) \wedge \mathbf{m}(x) \geq d]$$

$$[\lambda d \lambda x. \mathbf{velho}(\text{João}) \geq d] \Rightarrow d[\mathbf{std}(d) \wedge \mathbf{velho}(\text{João}) \geq d]$$

Em relação aos diminutivos, antes de prosseguirmos, devemos ter em mente que há uma distinção entre seu conteúdo descritivo e expressivo, como introduzimos no subcapítulo (3.2). Para retomarmos brevemente essa questão, observemos os exemplos (49) e (50), extraídos da explicação de Funcia (2014, p. 38) a seguir:

(49) Esse livrinho tem 20 páginas.

(50) Esse livrinho tem 3000 páginas.

É possível notar que em (49) o conteúdo do diminutivo é meramente descritivo, pois pelo nosso conhecimento, um livro de 20 páginas pode ser considerado um livro pequeno, em uma escala dimensional de espaço. Porém, em (50) percebemos que o diminutivo extrapola essa dimensão de (49), pois veicula outro conteúdo, mais relacionado à uma escala de depreciação já que um livro de 3000 páginas normalmente não é considerado pequeno (em escala de tamanho físico).¹³⁸ A este último exemplo, Funcia (2014 apud Fortin, 2011) denomina como veiculador de conteúdo expressivo. Indo nessa direção, as sentenças (51) e (52), a seguir, segundo Fortin (2011, p. 119), embora pareçam descritivas, podem ser consideradas expressivas.

¹³⁷ “grau standard de comparação”.

¹³⁸ Em relação à comparação do tamanho de objetos, é importante ressaltar que o campo de estudos que melhor trata essa questão é a semântica de protótipos. Por exemplo, há um protótipo de livro e sobre ele operam conceitos do que pode ser um livro grande e um livro pequeno.

(51) El artista era un pintorcito.

O artista era um pintorzinho.

(52) Tu novio es un pintorcito.

Seu namorado é um pintorzinho.

Segundo o autor, a interpretação preferencial de (51) é de que o artista é baixo, i.e., um conteúdo expressivo gradual dimensional (grande, pequeno, médio, etc.); já em (52) a gradação passa a ser avaliativa (qualidade, gosto, etc.).

(53) a. $\lambda d \lambda x. \mathbf{small}_s(\text{SIZE} \downarrow)(x) \geq d$

b. $\lambda d \lambda x. \mathbf{small}_s(\text{VOLUME} \downarrow)(x) \geq d$

c. $\lambda d \lambda x. \mathbf{small}_s(\text{SIGNIFICANCE} \downarrow)(x) \geq d$

d. $\lambda d \lambda x. \mathbf{small}_s(\text{COURAGE} \downarrow)(x) \geq d$

e. $[[\text{DIM}]] = \lambda d \lambda x. \mathbf{DIM}_s(\Phi \downarrow)(x) \geq d$

Nas fórmulas (53a-e), segundo Fortin (2011), há uma explicitação das diferentes dimensões que podem estar associadas ao diminutivo em sua interpretação que tem a ver com “pequeno” (*small*). Dessa forma, o que aparece entre parênteses como (SIZE ↓) representa um valor standard (_s), cujo adjetivo se aplica como argumento em relação à dimensão relevante, como é possível traduzir dos exemplo “tamanho”, “volume”, “significância”, “coragem”, etc., que possui relação com o padrão de acarretamento gradual negativo, representado por “↓”. Para as sentenças (51) e (52), de acordo com as fórmulas de (53a-e), Fortin (2011, p. 122) propõe as seguintes formalizações:

(54) a. pintorcito “pintor pequeno” $\rightarrow \lambda d \lambda x. \mathbf{ito}_s(\text{SIZE} \downarrow)(\text{pintor}) \geq d$

b. pintorcito “pintor jovem” $\rightarrow \lambda d \lambda x. \mathbf{ito}_s(\text{AGE} \downarrow)(\text{pintor}) \geq d$

c. pintorcito “pintor ruim” $\rightarrow \lambda d \lambda x. \text{ito}_s(\text{SIGNIFICANCE} \downarrow) (\text{pintor}) \geq d$

Um ponto interessante de se notar é que o próprio autor afirma que o mesmo funcionamento expressivo como adjetivo gradual funciona para o aumentativo, o foco deste trabalho. Para que isso aconteça, a diferença fundamental entre essas duas estruturas, embora não tivesse sido o foco dos trabalhos de Fortin (2011) ou Funcia (2014), é o padrão de acarretamento gradual, que deverá ser marcado por “ \uparrow ”, como podemos observar em (55), a seguir:

(55)

$[[\text{AUM}]] = \lambda d \lambda x. \text{AUM}_s(\Phi \uparrow) (x) \geq d$

Vale lembrar que Φ pode ser substituído nessa fórmula por qualquer propriedade adjetiva gradual¹³⁹, assim como nos diminutivos (FORTIN, 2011). Essa conclusão é muito importante para nós, pois parece contemplar melhor o fenômeno estudado. Isso quer dizer que, se aplicássemos esta última fórmula ao exemplo¹⁴⁰ do fenômeno em tukano, conseguimos capturar melhor a sua essência, formalizada em (56a-b (nossa adaptação)).

(56)

a. **mi'ihó** “você mais velho” $\rightarrow \lambda d \lambda x. \text{hó}_s(\text{AGE} \uparrow) (\text{mi}'\hat{\text{i}}) \geq d$

b. **mi'ihó** “você respeitoso” $\rightarrow \lambda d \lambda x. \text{hó}_s(\text{RESPECT} \uparrow) (\text{mi}'\hat{\text{i}}) \geq d$

Talvez, para o caso aqui estudado, algumas das afirmações de Fortin (2011) não sejam totalmente aplicáveis, embora sua teoria nos permita expor formalmente mais

¹³⁹ É importante lembrar que essa adjetivação gradual não se diz respeito exatamente a adjetivos, mas à gradação valorativa (subjativa) que os morfemas aumentativos ou diminutivos podem instaurar.

¹⁴⁰ **mi'ihó yi'ire kumupata mi'itiasa'** \rightarrow “você traz a cadeira para mim”.

detalhadamente alguns nuances sobre o fenômeno que estudamos. Acontece que o diminutivo para esse autor parece ser muito produtivo no que diz respeito ao seu uso. Isso quer dizer que a descrição feita em seu trabalho teve muita relação com a grande versatilidade desse morfema em se combinar com diversos tipos de adjetivos graduais, como os expostos supracitadamente. No caso do fenômeno aqui estudado, embora o aumentativo represente algo “aumentado” em sua forma física/descritiva, na dimensão expressiva parece se unir sempre aos sujeitos mais velhos, de forma a representar certo respeito perante a eles. Isso é, não há repetição observável desse fenômeno expressivo em outros contextos¹⁴¹ na língua tukano.

Dando sequência, para detalhar ainda mais a relação expressiva dos sufixos conotativos, Fortin (2011), ao redefinir aspectos da teoria de Potts (2007), propõe duas noções. A primeira, chamada de Amplitude do Intervalo Emocional (AIE), é responsável, como seu próprio nome explicita, por indicar a intensidade do estado emocional. Já a segunda, chamada de Ponto Médio do Intervalo Emocional (PMIE), diz respeito à natureza da emoção — se positiva (i.e., apreciativa) ou negativa (i.e., depreciativa). É importante saber que o intervalo proposto por Potts (2007) pode variar arbitrariamente, sendo o índice I $[-1, 1]$ neutro. Sendo assim, Fortin (2011, p. 155-158) propõe as seguintes regras para as suas noções:

$$(57) \text{ AIE} = |I_e - I_d|$$

$$(58) \text{ PMIE} = (I_e + I_d) / 2$$

Para lidar com AIE, o autor propõe a fórmula a seguir:

$$(59) I_x = x \cdot (I - \text{PMIE})$$

Nela, x alterará I de modo que o valor final de PMIE, que por sua vez

¹⁴¹ Vide os subcapítulos anteriores (3.1.2, 3.1.2.1 e 3.1.2.2).

servirá para indicar se o estado emocional final é positivo ou negativo. Dessa maneira, segundo a margem de Potts (2007):

se x for maior que 1, a intensidade do estado emocional será diminuída;
 se x for menor que 1, a intensidade do estado emocional será aumentada;
 e x for igual a 1, a intensidade do estado emocional será mantida.

Para lidar com PMIE, o autor propõe a fórmula a seguir:

$$(60) I^y = I + y$$

Dessa forma, isso irá alterar o viés emocional.

se y for maior que 1, o resultado é um estado emocional positivo;
 se y for menor que 1, o resultado é um estado emocional negativo;
 e y for igual a 1, o resultado é a manutenção do estado emocional.

Se as peças forem juntadas, chegaremos à fórmula a seguir, que tem por objetivo capturar a mudança contextual feita por um expressivo (MCE) na teoria de Fortin (2011, p. 157):

$$(61) MCE = (I_x)^y = x \cdot (I - PMIE) + y$$

Os parâmetros “ x ” e “ y ” nas fórmulas supracitadas representam o papel de um dado item expressivo quando usado num dado contexto. Dessa maneira, o valor de I

mudará sempre em relação ao seu uso expressivo.

Para entendermos melhor o cerne da proposta de Fortin (2011), observemos a análise do diminutivo depreciativo proposta por Funcia (2014, p. 49-50) em (62) a seguir:

(62) (Dito por João:) Esse juizinho não sabe mesmo apitar!

“esse juizinho” = ej

João = c_J = j

AG = diminuição no eixo avaliativo (i.e., o juiz em questão é de qualidade ruim)

[[DIM]] =

$$\lambda P \lambda x. \delta[\text{bounded}(x)]. P(x) \wedge \exists d[\text{std}(d) \wedge \mathbf{DIM}_{(\text{QUALIDADE})}(x) \geq d] \quad \} \quad \mathbf{CD}$$

•

$\langle c_J \text{ MCE } b \rangle$

$$[[\mathbf{MCE}]] = \lambda x \in \mathbb{R}^* . \lambda y \in \mathbb{R}^* . \lambda I. [(I_x)^y = x . (I - \text{PMIE}) + y] \quad \} \quad \mathbf{CE}$$

Cálculo da contribuição expressiva:

Considere o intervalo inicial $I = [-.5, .5]$

por (57), AIE de $I = 1$

por (58), PMIE de $I = 0$

Considere o expressivo E , que alterará um I por meio dos fatores $x = .5$ e $y = -.5$

por (59), $I^x = x . (I - \text{PMIE})$, temos

$$x . ([-.5, .5] - \text{PMIE}) = x . ([-.5, .5] - 0) = x . [-.5, .5] = .5 . [-.5, .5] = [-.25, .25]$$

por (60), $I^y = I + y$, temos

$$I + -.5 = [-.25, .25] + y = [-.25, .25] + -.5 = [-.75, -.25]$$

Chamamos esse novo intervalo de I'' ; sendo assim:

por (57), AIE de I" = .5

por (58), PMIE de I" = -.5

Dito de outra forma, em (62) houve uma mudança do contexto neutro *c* com relação ao estado emocional de João para com o juiz, direcionado para um contexto *c''*, em que João tem um estado emocional negativo/depreciativo com relação ao juiz (PMIE de *c''* = -.5), com o dobro da intensidade do contexto neutro (AIE de *c''* = .5), como é possível observar a seguir, em (63).

(63)

$$\lambda P \lambda x. \delta[\text{bounded}(x)]. P(x) \wedge \exists d[\text{std}(d) \wedge \mathbf{DIM}_{(\text{QUALIDADE})}(x) \geq d]$$

•

$$\langle j [-.75, .-25] e_j \rangle$$

Para não repetirmos várias vezes essas fórmulas, o seu autor fez vários testes e demonstra como elas são aplicáveis às interpretações apreciativas, depreciativas e de hipocorísticos¹⁴². Sendo que, para esses últimos, há uma maior dificuldade em encontrar parâmetros para comparação.

Como dito anteriormente, Fortin (2011) já havia previsto que suas teorias e formalizações sobre os diminutivos também poderiam ser aplicáveis aos aumentativos, sendo sua principal diferença o padrão de acarretamento que para esses últimos é marcado por “↑”. Além disso, para o caso da língua tukano¹⁴³, seu aumentativo apresentaria somente uma gradação avaliativa naquelas expostas por esse autor. Dessa maneira, utilizamos a “idade” como gradação cujo padrão de acarretamento para a expressividade é positivo.

Passemos, a seguir, a aplicar as formalizações exemplificadas até aqui ao exemplo que consideramos o principal para o fenômeno que estudaremos a seguir, em (64),

¹⁴² É uma palavra que funciona como sinônima de apelidos. Porém, possui carga expressiva apreciativa ou depreciativa (que expressam algum estado emocional), como por exemplo: Fabinho, Cidinha, Zezinho, etc.

¹⁴³ Não investigamos os diminutivos em tukano pautados nas teorias de Potts (2005; 2007) e Fortin (2011).

em que o sufixo principal, responsável pela veiculação do conteúdo expressivo apreciativo e de caráter etático, é um aumentativo. Para isso, devido à dificuldade de encontrarmos graus específicos em uma escala de comparação, visto que nosso fenômeno demonstra ser binário¹⁴⁴, decidimos ajustar o índice I inicial como [.5, -.5]¹⁴⁵.

(64) (dito por alguém mais novo) **mi'ihó yi'ire kumupatá mi'itiasa'**

“**mi'ihó**” = vocêzão

yi'î = c_J = eu

AG = aumento no eixo avaliativo (i.e., você é mais velho e/ou respeitoso)

[[AUM]] =

$$\lambda P \lambda x. \delta[\text{bounded}(x)]. P(x) \wedge \exists d[\text{stnd}(d) \wedge \mathbf{AUM}_{(\text{ETÁTICO} \uparrow)}(x) \geq d] \quad \} \quad \mathbf{CD}$$

•

⟨c_J MCE b⟩

$$[[\mathbf{MCE}]] = \lambda x \in \mathbb{R}^* . \lambda y \in \mathbb{R}^* . \lambda I. [(I_x)^y = x . (I - \text{PMIE}) + y] \quad \} \quad \mathbf{CE}$$

Cálculo da contribuição expressiva:

Considere o intervalo inicial $I = [.5, -.5]$

por (65), AIE de $I = 0$ (i.e. a intensidade do estado emocional será aumentada)

por (66), PMIE de $I = 1$ (i.e. o resultado é um estado emocional positivo)

Considere o expressivo E, que alterará um I por meio dos fatores $x = .5$ e $y = -.5$

por (67), $I^x = x . (I - \text{PMIE})$, temos

$$x . ([.5, -.5] - \text{PMIE}) \rightarrow x . ([.5, -.5] - 1) \rightarrow x . [-.5, 1.5] \rightarrow .5 . [-.5, 1.5] \rightarrow [-.25, .75]$$

por (a), $I^y = I + y$, temos

¹⁴⁴ O fenômeno que estamos estudando será tratado como binário, pois é difícil de medir a escala de “honorificação”, como existe em japonês ou coreano, por exemplo.

¹⁴⁵ Lembrando que Potts (2007) considera [-1, 1] como valores neutros, cujos participantes não possuem sentimentos bons ou ruins entre si. No meio de seu texto mostra (p. 15) um diagrama das margens dos intervalos (limites mínimos e máximos) possíveis de conteúdo expressivo para funções como *bad* e *good*.

$$I^5 = [-.25, .75] + y \rightarrow [-.25, .75] + .-5 \rightarrow [-.30, .70]$$

Chamamos esse novo intervalo de I'' ; sendo assim:

por (65), AIE de $I'' = 1$

por (66), PMIE de $I'' = .5$

Dito de outra forma, em (c) houve uma mudança do contexto neutro c com relação ao estado de um “eu” menor na hierarquia em uma escala etática para com um “você” mais velho, direcionado para um contexto c'' , cujo “eu” tem um estado emocional apreciativo com relação ao “você” (PMIE de $c'' = .5$), com o dobro¹⁴⁶ da intensidade do contexto neutro (AIE de $c'' = 1$), como é possível observar em (68).

(68)

$$\lambda P \lambda x. \delta[\text{bounded}(x)]. P(x) \wedge \exists d[\text{stnd}(d) \wedge \mathbf{AUM}_{(\text{ETÁTICO})}(x) \geq d]$$

•

$\langle \text{eu} [-.30, .70] \text{ você} \rangle$

Levando essas formalizações em consideração, passemos agora para o subcapítulo seguinte, cujas conclusões a respeito das teorias de Potts (2005; 2007) e Fortin (2011) aplicadas ao nosso objeto de estudos serão centralizadas e melhor discutidas.

3.2.3. O aumentativo como significado expressivo

Embora tenhamos conseguido demonstrar fórmulas que capturassem boa parte do funcionamento da dimensão expressiva, com um percurso iniciando por Kaplan (1989), seguindo por Potts (2005, 2007) e por Fortin (2011), com exemplos de sua aplicação teórica em Funcia (2014), existem algumas questões sobre o fenômeno que não

¹⁴⁶ É interessante notar, como Potts (2007) diz, que os valores são arbitrários. Ou seja, neste caso, o dobro não objetivamente significa o dobro de um valor numérico.

puderam ser explicadas de modo satisfatório pelo aparato teórico utilizado até o momento. É necessário que recorramos às justificativas da pragmática para que, em conjunto com as conclusões obtidas até o momento, possamos explicar melhor o fenômeno.

Dentre elas, podemos listar que esse fenômeno em questão ocorre preferencialmente dentro do âmbito familiar e masculino, uma vez que parece não incluir mulheres nessa dimensão expressiva quando relacionada à questão da hierarquia ou ao honorífico. Como pudemos observar em subcapítulos supracitados, como, por exemplo, na avaliação de imagens pelos participantes, mulheres idosas recebiam o sufixo aumentativo (-*kohó*), indo de acordo com a veiculação do adjetivo gradual referente à escala etária (i.e., de pessoas mais velhas). Porém, nos testes que realizamos durante a aplicação dos questionários, percebemos que esse morfema não era utilizado para mulheres nas mesmas situações em que eram aplicados para homens. Isso quer dizer que embora a expressividade, no âmbito da idade dos indivíduos, é aplicável ao sexo feminino, a categoria responsável pela hierarquização desse gênero possui um comportamento específico, uma vez que somente os termos de parentesco “avó” e “irmã mais velha” podiam receber o morfema aumentativo no sentido de ancoragem de sujeito superiorizado, mesmo assim, para esses casos não era possível utilizar “vocêzona”¹⁴⁷ com esse mesmo sentido. Dessa forma, para os outros casos de indivíduos do sexo feminino, em contextos isolados, pode ser que o aumentativo signifique simplesmente “mais velha” ou sênior. Além disso, a discussão no âmbito pragmático nos proporciona refletir mais a respeito do que faz com que a carga expressiva seja ativada, complementando as análises semânticas até aqui explicadas.

Dessa forma, no subcapítulo a seguir sobre gramaticalização da hierarquia buscaremos introduzir uma seção desta tese que irá tratar das lacunas deixadas pelas teorias sobre expressividade levantadas no decorrer dos subcapítulos anteriores.

¹⁴⁷ Vale a pena notar que o termo de parentesco *makó* (mãe) não pode receber o aumentativo no sentido honorífico, como *yekó* (avó) ou *ma'mió* (irmã mais velha). Além disso, *mi'ihó* ou *mi'ikohó* (vocêzona) não pode ser utilizado com nenhuma mulher nos contextos estudados (de interação com filhos, netos e pessoas mais novas).

3.3. Gramaticalização da hierarquia: de volta à nossa hipótese inicial

Quando falamos em hipótese honorífica, adentramos majoritariamente no campo de discussão da Pragmática, pois levamos em consideração variáveis que perpassam os subsídios da Semântica Formal. Como já citado, muitos autores, como Toribio (1990), Kaplan (1999) e Potts (2005), associaram a motivação do honorífico ao fator social, extra-linguístico. Isso não quer dizer que não seja possível trabalhar com sua gramaticalidade dentro desses dois campos de análise linguística, pois um pode complementar o outro. A análise proposta neste trabalho é semântico-pragmática, i.e., busca explicar o funcionamento dos planos expressivo e indexical relacionados aos honoríficos ou à hierarquia social.

Para a sua realização, não podemos deixar de tratar da questão entre honorífico e polidez, haja visto que a frequência de ocorrência de um honorífico já parte do pressuposto de que a situação comunicativa é polida (POTTS, 2005, p. 185). Isto é, nosso objeto de estudos, embora englobe a polidez, se aprofunda ainda mais em questões dessa espécie, ao levar em consideração a “obrigatoriedade” de uso do morfema aumentativo, que está presente constantemente quando direcionado aos familiares mais velhos, colocando-os hierarquicamente em um nível em que deve haver uma separação.

Se o fenômeno fosse mais ligado à polidez, deveria existir em outros elementos ou contextos formais da língua, como ao se falar para um grupo desconhecido, conhecido ou até para contextos inferiores, levando em consideração a face positiva ou negativa em que está querendo ser mostrada (BROWN e LEVINSON, 1987). Isso não necessariamente acontece com os honoríficos que estão mais relacionados às obrigações linguísticas e sociais que devem existir para a cisão entre os sujeitos de um enunciado, como acontece na língua tukano.

Por conseguinte, antes de nos aprofundarmos em questões relacionadas ao caráter comunicativo do nosso objeto de análises, a seguir exporemos uma temática que não foi tão bem aceita entre os participantes. Assim, após esse assunto, nos focaremos em argumentar os fatores que fazem e que não fazem a o sufixo estudado por nós ser considerada uma marcação honorífica. Para isso, faremos comparações entre outras línguas

que possuem honoríficos gramaticalizados, como coreano e japonês e, detalharemos ainda mais algumas particularidades observadas na aplicação dos questionários que vão de acordo com nossas hipóteses iniciais.

3.3.1. O questionário recusado

Após o conselho do Prof. Thiago Costa Chacon sobre investigar os desonoríficos ou a impolidez em tukano, devido à existência de uma divisão étnica que há entre os povos que convivem com os tukanos, decidimos por desenvolver um questionário que contemplasse o povo Hupda¹⁴⁸. Como não sabíamos exatamente como era o tratamento com esse povo, desenvolvemos um questionário básico, seguindo uma estratégia elaborada conforme nossa necessidade de obtenção de dados linguísticos, para que obtivéssemos um primeiro contato com os termos utilizados.

O questionário III foi desenvolvido com uma questão única, contemplando 12 situações, em que hupdas fazem pedidos para tukanos mais velhos e vice-versa. Infelizmente, por mais que tivéssemos oferecido esse questionário a quase todos os 19 participantes desta pesquisa, somente três deles, em SP, se dispuseram a respondê-lo.

Além de aplicarmos o questionário VII em SGC em dezembro de 2019, carregamos cópias do questionário III para oferecer aos participantes que estavam mais solícitos. Porém, como já sabíamos, todos eles, nessa localidade, se recusaram a respondê-lo — disseram que não queriam falar sobre isso porque se sentiam desconfortáveis.

Já esperávamos esse comportamento, pois, ainda em SP, ao tentarmos aplicar esse questionário a alguns dos estudantes universitários mais politizados, também se recusaram a preenchê-lo, porque disseram perceber o preconceito que tinham com os hupdas. Isso também os deixou desconfortáveis.

Embora o papel da Linguística não seja o de discutir questões antropológicas ou sociais, precisamos estudar um pouco algumas questões relativas a esse povo para termos um melhor contato com o corpus linguístico. Nas poucas respostas às situações dos questionários III aplicados, percebemos que há muito o uso da lexicalização

¹⁴⁸ Para mais detalhes sobre o povo Hupda, acesse a página: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Hupda>.

dos pronomes: **peogí**, “indivíduo hierarquicamente em posição inferior (por exemplo, os grupos chamados popularmente por Maku)” Ramirez (1997b, p. 139-140); e **peú**, que embora não existisse em dicionários, segundo os próprios falantes de tukano, significaria “patrão”. O primeiro termo, em plural **peoná**, também é encontrado na plataforma virtual dos Povos Indígenas do Brasil, da ONG ISA: “(...), também de origem Tukano, significa "donos dos caminhos", alusão ao fato de que os Maku não viajam de canoa, como todos os outros índios da região, mas a pé, pelos caminhos.”.

Como previsto, sempre que um tukano direciona a solicitação a um hupda, ou utiliza o paradigma do pronome pessoal normal **mí'î** ou a lexicalização **peogí**, já os hupdas, quando se direcionavam aos tukanos utilizavam a lexicalização **peú** ou, para mais velhos, utilizavam o aumentativo, como no exemplo (69) a seguir:

(69) **ma'mĩ mí'î' hó yî'îre kumupatá miti bahsasã**¹⁴⁹
irmão maior, vocêzão mim para cadeira trazer rápido

ma'mĩ mí'î - hó yî'î - re kumupatá miti bahsa - sã
 irmão maior você - AUM eu - REF cadeira trazer rapidamente - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“irmão mais velho, vocêzão poderia trazer essa cadeira para mim rapidamente?”

Esse exemplo é muito interessante, pois ainda condiz com a hipótese de que o aumentativo carrega uma informação etática. Além disso, por carregar essa informação, ainda dá indícios de que pode ser um honorífico. Porém, pela amostragem pequena, não podemos afirmar com certeza o funcionamento obrigatório honorífico.

Em conversas informais em SGC, perguntamos sobre casamento entre as etnias e, praticamente em toda as conversas com os sujeitos participantes, nos afirmavam que já não havia mais regras rigorosas sobre casamento, como exogamia¹⁵⁰. Isto é, o casamento entre membros de mesmas etnias ou comunidades já não era mais um tabu e as famílias já não faziam exigências culturais. Dessa maneira, os amantes, nos últimos

¹⁴⁹ Essa frase está representada aqui como foi escrita no papel. Como já dito anteriormente, não há um acordo ortográfico que permita a fixação de regras de escrita.

¹⁵⁰ Significa a impossibilidade de casamento entre membros de um mesmo clã ou comunidade.

tempos, podem escolher entre pessoas do mesmo grupo. Mesmo assim, em dois dos três questionários III aplicados, os participantes responderam “situação inexistente” quando perguntávamos “Como um sogro tukano pedia uma cadeira para um hupda”.

Por fim, com todo o exposto até aqui, percebemos que não era possível fazer envolvendo os hupdas e o público a que nos focamos em aplicar os questionários. Isso fez com que não soubéssemos mais a respeito dos usos desonoríficos, ou seja, opostos ao que estivemos investigando neste trabalho. Sendo assim, para discutirmos mais das propriedades pragmáticas do objeto de estudos desta pesquisa, a seguir, o subcapítulo vai expor conclusões sobre as nossas percepções iniciais em relação à alternância de referência de pronome para substantivo (lexicalizado).

3.3.2. Os pronomes lexicalizados

Como uma das primeiras motivações para a realização deste trabalho, o uso de pronomes lexicalizados, i.e., a predileção pelos falantes em utilizar uma espécie de pronome de tratamento ao invés do paradigma pronominal convencional, em determinadas situações, sempre teve nossa atenção. Este subcapítulo mostra o percurso da lexicalização dos pronomes pessoais em tukano e até que ponto ela está relacionada aos honoríficos gramaticais ou ao plano expressivo. Para ilustrar melhor esse uso lexicalizado, em (70) a seguir trazemos **ma'mi** (irmão maior - ou irmão mais velho¹⁵¹).

(70) **ma'mi, mi'f'hó yî'f're weé'tamoa'sã?**
irmão maior, voceção eu para fazer-ajudar?

ma'mi, mi'f' - hó yî'f' - re weé - 'ta -moa - 'sã?
 irmão maior, você - AUM eu - REF fazer - CENTRP - ajudar - IMP-DIST (SENT.OUT-PES)?

”irmão mais velho, vocêção poderia me ajudar?”

¹⁵¹ Vale a pena notar que a noção de maior em tukano é bastante associada a mais velho. Nesse exemplo, obtivemos a informação por meio das interações com os participantes desta pesquisa.

Realizamos diversos testes nos questionários utilizando construções parecidas como essa. Percebemos que a estrutura é bem produtiva, mas não tanto quanto o uso do aumentativo para designar as pessoas mais velhas. Em (71), a seguir, trazemos uma forma que utilizamos para testar a lexicalização do pronome na posição referencial ou de objeto da sentença. Esse tipo de uso não foi tão produtivo quanto (70).

(71) **ahkabihi, ma'mire** **kumupatá mi'ítia'sã**
 caçula *irmão maior para* *cadeira* *trazer*

ahkabihi, ma'mi - re kumupatá mi'ítia - 'sã
 caçula , irmão maior - AUM cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“caçula, traz a cadeira para o irmão maior?”

Um dos paradigmas um pouco mais aceitos que (71) está presente em (72), a seguir. Não conseguimos afirmar se a lexicalização é obrigatória ou não para pessoas mais velhas ou mais novas, mas é possível perceber seu teor de vocativo¹⁵².

(72) **ahkabihi, yi'îre** **kumupatá mi'ítia'sã**
 caçula, *mim para* *cadeira* *trazer*

ahkabihi, yi'î - re kumupatá mi'ítia - 'sã
 caçula , eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“caçula, traga a cadeira para mim.”

¹⁵² Uma forma básica para chamar ou direcionar melhor a quem a sentença ou, no nosso caso, o pedido está sendo direcionado.

Além disso, foram realizados testes com o aumentativo juntamente com a forma lexicalizada, mas percebemos que, embora seja aceito e entendido, não é tão utilizado, i.e., há a predileção dos falantes pelo uso de **mi'ĩ'hó**, ao invés do uso vocativo +aumentativo, como é possível observar a seguir em (73) e (74):

(73) **pakíhó, yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã**

paizão, para mim cadeira trazer

pakí - hó , yĩ'ĩ - re kumupatá mi'ĩtia - 'sã

pai - AUM, eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“paizão, traz a cadeira para mim”

(74) **yēkokohó yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã**

vovózona eu para cadeira trazer

yēko - kohó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

avó - AUM.F eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Dentre os testes que realizamos em nossos questionários, percebemos que os substantivos que designavam parentesco eram muito produtivos em se tratando de pronomes lexicalizados, i.e., muitos deles podiam substituir os pronomes nas sentenças sem alterar a sua referência. Dentre eles, os mais testados foram os termos de parentesco a seguir, no Quatro 1.

Yēki/yēko	avô/avó
pakí/pako	pai/mãe

ahkabihi	caçula
ma'mi	irmão mais velho
buhí	genro
manheki	sogro
pa'y	Padre

Quadro 5. Termos de parentesco testados nos questionários.

Para este trabalho não ficar muito extenso, optamos por não trazer todas as sentenças em que testamos¹⁵³ no corpo do texto, elegemos aquelas melhor ilustrativas. O que podemos afirmar é que o fenômeno responsável pela lexicalização¹⁵⁴ dos pronomes é completamente diferente e desassociado com o fenômeno da hierarquia social presente na língua tukano, diferentemente do que inicialmente estávamos esperando. Isso é, em relação à posição hierárquica dos falantes, a lexicalização não parece ter influência nas situações com o aumentativo.

Vale ressaltar, também, que nos questionários que aplicamos, embora tenhamos buscado testar questões relacionadas à afinidade dos sujeitos nas situações, i.e., das diferenças gramaticais responsáveis pela hierarquia, infelizmente não pudemos avaliar a ocorrência geral dos pronomes lexicalizados. Embora tenhamos nos focados neles, no início da pesquisa, devido às conversas informais com os primeiros participantes desta pesquisa, percebemos, como já dito anteriormente, que há diferentes níveis de proficiência entre os falantes, já que muitos não têm essa língua como materna e, além disso, as respostas aos questionários não foram totalmente simétricas — alguns deles deixaram de responder algumas questões, por exemplo.

Contudo, o que foi levantado neste subcapítulo só confirma o que no decorrer deste trabalho fomos percebendo. Graças aos testes que realizamos, conseguimos

¹⁵³ Se acrescentássemos todos os exemplos testados no corpo do trabalho, estaríamos ocupando muitas páginas devido as suas explicações e glosas. Caso haja dúvidas do leitor no que diz respeito aos exemplos testados, aconselhamos consultar os questionários no Apêndice III ou a lista simplificada de formas testadas no Apêndice VI.

¹⁵⁴ Isto é, o uso de substantivos ao invés de pronomes.

afunilar melhor nosso foco — os aumentativos — e, gradualmente fomos deixando o tópico da lexicalização em segundo plano. Embora tenhamos trazido essa questão em muitos questionários, o objetivo foi o de tentar, até as últimas instâncias, testar a relação desse fenômeno com os aumentativos, o que não teve o sucesso esperado. Assim, como este subcapítulo nos instigou, a seguir, exporemos uma breve análise sobre os termos de parentesco na língua tukano.

3.3.2.1. Os termos de parentesco na língua tukano

O linguista Henri Ramirez, ao final do dicionário da língua tukano (1997b), trouxe algumas informações sobre os termos de parentesco nessa língua. Na figura 11, a seguir, há um extrato do novelo complexo do sistema de parentesco e respeito social dos tukanos. É possível observar que existem algumas particularidades quanto à organização familiar e do respeito dentro dos membros de uma família. Nessa língua, há uma grande distinção entre os irmãos mais velhos e os irmãos mais novos.

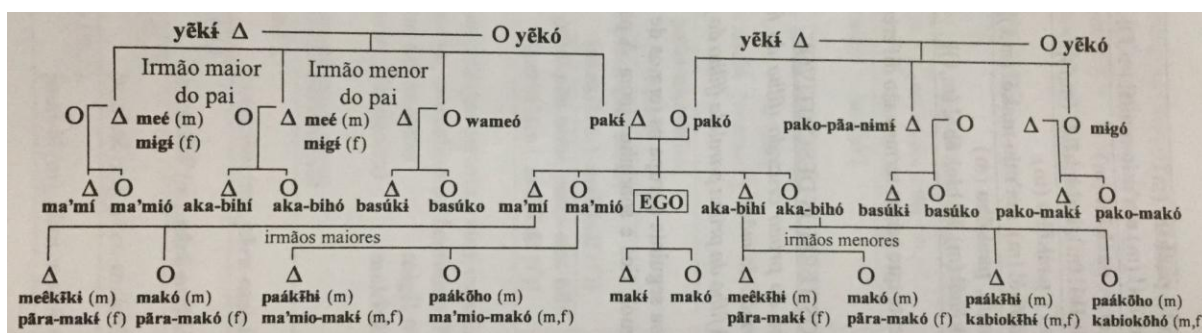


Figura 11. *Árvore genealógica em tukano.*

Fonte: Ramirez (p.308, 1997b).

Nessa figura, os triângulos designam indivíduos do sexo masculino, enquanto os círculos aquele do sexo feminino. Já a palavra EGO ao centro é o eu na perspectiva de quem faz as comparações de parentesco. Vale a pena notar que o respeito é

implicado pelo próprio sistema de parentesco, i.e., ao chamar um pai de pai ao invés de “você”, por uma questão de referência remete-se à figura paterna – normalmente superiorizada em relação a um filho em qualquer sociedade. Assim, algumas línguas têm a necessidade de explicitar a hierarquia social com o uso de algum elemento linguístico, como por exemplo, as línguas orientais: coreana e japonesa¹⁵⁵. É interessante notar que a língua tukano de certa forma também necessita explicitamente do morfema aumentativo para a realização dessa hierarquia.

Contudo, não nos alongaremos em discussão a respeito dos termos de parentesco, pois como exposto no subcapítulo anterior, foram poucos os termos testados em nossos questionários, pois optamos pelo recorte de teste com aqueles que representavam figuras hierárquicas mais comuns às famílias, tais como pai/mãe, avô/avó, sogro/sogra. Além disso, como forma de testar ao máximo os paradigmas que pudessem remeter ao honorífico, a seguir, exporemos nossa hipótese não comprovada sobre seu uso enunciativo-sintático.

3.3.3. A hipótese não comprovada sobre o honorífico enunciativo

Uma das hipóteses iniciais deste trabalho e que não pôde ser comprovada, foi a do honorífico enunciativo. Isso é, de a hierarquia social, mais especificamente o sujeito superiorizado, na língua tukano se gramaticalizar ao alterar a referência ao sujeito falante, transformando o sujeito falante em terceira pessoa, dando caráter de distanciamento e superioridade em uma sentença ou pedido, como em (75) a seguir:

(75) * **pa'y** **sîré** **kumupatá** **mi'ítia** **iasamisa'**
padre aquele para cadeira trazer quer

pa'y sîi - ré kumupatá mi'ítia ia - sami - sa'
 padre aquele - REF cadeira trazer querer - PRES.SENT.3.-F.SG - IMP-DIS

¹⁵⁵ Como veremos a seguir no subcapítulo 3.3.5.

“o padre quer que você traga a cadeira para ele”

Esse exemplo foi uma das primeiras sentenças que tivemos contato em língua tukano. À época, tínhamos convívio com a comunidade dos indígenas da Universidade e, em conversas informais com um informante, obtivemos esse exemplo¹⁵⁶.

Em nossos questionários, além de buscarmos validar a sentença acima, desenvolvemos variações dessa mudança de paradigma de pessoa (para a terceira pessoa), como podemos observar no exemplo (76) a seguir:

(76) * **manhekũ ki'iré kumupaitá mikatia¹⁵⁷ ïasami'sã**
sogro ele para cadeira trazer querer

manhekũ ki'ï - ré kumupaitá mikatia ïa - sami - 'sã
 sogro ele - REF cadeira trazer querer - PRES.SENT.3.-F.SG - IMP-DIS

“o sogro quer que você traga a cadeira para ele”

Sob o mesmo ponto de vista, é possível observar um fenômeno parecido, na língua portuguesa, com o que estávamos buscando inicialmente. Na frase (77), a seguir, um pai sendo o falante, pode se colocar em terceira pessoa. Dessa forma, parece haver um distanciamento entre o locutor e o interlocutor.

(77) O pai que quer que você traga a cadeira para ele.

¹⁵⁶ O falante de tukano, à época, possivelmente teve uma intuição linguística equivocada ao assumir essa sentença como correta em sua língua. É muito provável que sua intuição estivesse mais ligada às formas do português, como veremos a seguir neste mesmo subcapítulo.

¹⁵⁷ **mikatia** em tukano significa querer. É simplesmente um sinônimo de **miti** ou **mitia**, cujos próprios participantes da pesquisa tinham preferência no uso em alguns contextos.

Se observarmos o fenômeno presente em (77) pautados na teoria de Kaplan (1989), observaremos que embora haja a alternância de sujeito falante da primeira para a terceira pessoa, a referência física (o indivíduo pai) é o mesmo. Dessa maneira, “o pai” passar a ser o agente do contexto $[[ele]] = C_A$, i.e., ele deixa de ser o “eu” falante para se tornar uma terceira pessoa falante. Mais precisamente, o conteúdo desse indexical sempre será o indivíduo que fala.

Embora a teoria kaplaniana consiga explicar detalhadamente como o fenômeno referencial funciona, não consegue justificar o seu uso. Para isso, de uma forma complementar, se pensarmos quanto à situação comunicativa pragmática, o pai se pôr em terceira pessoa pode ser considerado uma estratégia para que o filho o obedeça.¹⁵⁸ É importante notar que esse fenômeno na língua portuguesa não é tão estudado pela pragmática, mas sim pelos estudos discursivos. À vista disso, Conde (2008) fez uma análise dos efeitos de sentido na alternância da referência entre sujeito-enunciador pautada em análises psicanalítico-enunciativas de Indursky (1997)¹⁵⁹ e Lacan (1988)¹⁶⁰.

Vale a pena mostrarmos, a título ilustrativo, um fenômeno na língua polonesa que vai de acordo com o que estamos discutindo neste subcapítulo. Nessa língua, antes da dominação do território dos seus falantes pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), havia pronomes de tratamento historicamente associados à nobreza, tais como *Pan* (para homens) e *Pani* (para mulheres), com equivalência de significado ao “Dom” ou “Dona” na língua portuguesa e mais recentemente ao “senhor” e “senhora”¹⁶¹. Acontece que quando a Polônia se tornou membro da URSS, esses pronomes de tratamento foram abolidos da língua polonesa, dando lugar à palavra *obwatel* comumente usada para designar os cidadãos, em sentenças gramaticalmente ajustadas em terceira pessoa do singular ou em segunda pessoa do plural, assim como eram utilizados os pronomes de tratamento aos nobres. Sendo assim, imaginemos uma situação em que um policial aborda um motorista que ultrapassou os limites de velocidade estabelecidos no tempo soviético.

¹⁵⁸ Vale ressaltar que a teoria dos indexicais kaplanianos deve ser interpretada como uma função que leva em consideração contextos e elementos extralinguísticos. Mesmo assim, há certa distinção prática e metodológica quanto o olhar da pragmática e da semântica, embora ambas possam trabalhar conjuntamente.

¹⁵⁹ Essa obra de Indursky é formatação em livro de sua tese de doutorado (INDURSKY, 1992). Ela analisa a formação da legitimidade e autoridade nos discursos do universo dos quartéis.

¹⁶⁰ Ambos autores, segundo Conde (2008, p.195) se apoiam na noção psicanalítica de quarta pessoa, que é justamente o preenchimento da não pessoa (ele) por um “eu”. Isso faz com que no processo enunciativo deva haver três entes: o ser empírico; o sujeito da enunciação; e o sujeito enunciado.

¹⁶¹ Vale a pena notar que na língua portuguesa as palavras “senhor” e “senhora”, assim como todos os pronomes de tratamento sempre exigem que a frase esteja em terceira pessoa.

Segundo conversas com um falante nativo que viveu nesta época, frase dita por pelo homem da lei seria (78) a seguir.

(78) Niech mi obywatel powie dlaczego jechał tak szybko?¹⁶²

deixar mim cidadão falar porquê dirigir tão rapidamente

Niech mi obywatel powi - e dlaczego jecha - ł tak szybko

Deixar eu.DAT cidadão contar - 3 porquê dirigir - PASS.3 tão rapidamente

“Deixa o cidadão falar para mim porquê dirigiu tão rápido?”

No exemplo (78) podemos notar que a sentença se encontra em terceira pessoa. Além disso, antes da URSS, bem como após a sua queda, os pronomes de tratamento que antes eram relacionados à nobreza voltaram a ser utilizados. Lozowski et al. (2013) complementam afirmando que *obywatel*, nos dias atuais, é utilizado ao lado de *pan* e *pani*, mas não é mais utilizado em terceira pessoa, sendo sua concordância a segunda pessoa do plural, como podemos observar no seu exemplo (p. 328), em (79) a seguir.

(79) Obywatelu, powiedzcie mi...

Citizen-PL¹⁶³, tell-2.PL me...

“Cidadão, diga para mim...”

É importante notarmos que em português essa sentença em terceira pessoa também poderia ser aplicável num contexto parecido, sendo que muito provavelmente o pronome de tratamento a ser utilizado seria “senhor” ou “senhora”, como podemos observar em (80a-b) a seguir.

¹⁶² Exemplo trazido de conversas informais com falantes nativos que já presenciaram uma situação como essa.

¹⁶³ Para este exemplo seguimos a glosa de Lozowski (2013).

- (80) a. O senhor pode me dizer porquê tá correndo?
 b. O senhor pode me falar por quê a pressa?

Como já dissemos no capítulo anterior, devido à língua tukano ser falada por vários povos do Alto do Rio Negro, havia diferenças entre a proficiência dos seus falantes. Esse pode ser um dos motivos porque inicialmente tivemos contato com uma frase gramaticalmente incorreta. Mesmo assim, após a aprovação do projeto no Comitê de Ética, começamos os testes efetivos.

A seguir também nos depararemos com um caso em que também não obtivemos sucesso durante a aplicação dos questionários - o honorífico plural.

3.3.4. O (in)certo honorífico em primeira pessoa do plural

Durante a aplicação dos últimos questionários, graças aos apontamentos do Prof. Renato Basso e à ajuda de falantes de tukano, antes de nossa viagem de campo para aplicação dos questionários em SGC em dezembro de 2019, foi possível elaborarmos testes dentro dos questionários aplicados para verificar uma possível ocorrência de honorífico na primeira pessoa do plural (nós).

Em questionários anteriores, já havíamos buscado acrescentar o aumentativo (-ohó) nos pronomes plurais para testá-lo, mas não obtivemos sucesso. No decorrer desse processo, um dos participantes, não entendendo o que exatamente estava sendo cobrado em uma dessas questões, propôs uma solução para o problema. Ele disse que o aumentativo com pronomes plurais não funcionava, mas que usar o pronome no plural junto com a palavra **kirã** daria a entender um distanciamento entre os falantes e alguém ou algum grupo externo. Dessa maneira, no último questionário, elaboramos a situação¹⁶⁴ (81), a

¹⁶⁴ As imagens com esse padrão de desenho foram retiradas do portfólio de samakarov@mail.ru, na página Deposit Photos, disponível em: <<https://pt.depositphotos.com/portfolio-6283712.html>>. A montagem do diálogo foi desenvolvida pelo autor desta pesquisa.

seguir:

(81)



() marî kirã, a'te nîmîrire, wesêrire da'rãrã' weé'

() marî, a'te nîmîrire, wesêrire da'rãrã' weé'

Descrição das frases do balão:

marî kirã, a'te nîmîrire, wesêrire da'rãrã' weé'¹⁶⁵

*nós adultos*¹⁶⁶, *estes dias em roças na trabalhamos fazer*

marî kirã, a'te nîmî - ri - re, wesê - ri - re da'rá - rã' weé'
nós (incl.) adultos, estes dia - PL.CONT- REF, roça - PL.CONT- REF trabalhar - PL fazer

“nós adultos trabalhávamos na roça nessa época”

¹⁶⁵ O predicado dessa frase foi extraído de Ramirez (1997b).

¹⁶⁶ Essa tradução não é muito precisa pois não encontra-se no dicionário de Ramirez (1997b). Alguns dos participantes disseram se tratar de “velhos”, “adultos”, etc.

marî, a'te nîmîrîre, wesêrîre da'rârã' weé'
nós, estes dias em roças na trabalhamos fazer

marî , a'te nîmî - ri - re, wesê- ri - re da'rá - rã' weé'
 nós (incl.), estes dia - PL.CONT- REF, roça - PL.CONT- REF trabalhar - PL fazer

“nós trabalhávamos na roça nessa época”

Embora o elemento que nos faça acreditar que há marcação de hierarquia no plural em primeira pessoa pareça produtivo, não foi o que pudemos observar na aplicação dos questionários. Para muitos dos sujeitos participantes, embora entendessem o que **kîrã** significava, a sentença escolhida por eles para melhor representar a fala no contexto do quadrinho supracitado foi aquela que não possuía essa palavra. Mesmo assim, em alguns casos, essa palavra pôde ser validada, o que nos deixa com dúvidas quanto à sua função de marcador hierárquico.

De qualquer modo, devido ao pouco tempo de investigação do honorífico no plural e às estratégias utilizadas, não obtivemos um resultado tão satisfatório. Como somente utilizamos o nós inclusivo no nosso teste em (81), há a possibilidade de termos investido no caminho errado. É necessário que algumas variáveis dessa questão sejam realocadas para que possamos realizar novos testes que nos façam chegar a um ponto mais conclusivo a respeito da possibilidade de honorífico em pronomes no plural. Para isso, inicialmente poderíamos tentar utilizar o pronomes nós exclusivo (**isâ**), além de eles (**naâ**). Também, poderíamos mudar o contexto, sendo um grupo de idosos interagindo com jovens e vice-versa. Assim, conseguiríamos abarcar várias possibilidades de ocorrência¹⁶⁷.

A seguir traremos exemplos do funcionamento dos honoríficos em línguas como coreano e japonês, para que os comparemos com a língua tukano. Vale a pena notar que um dos principais pontos de comparação é a marcação da figura feminina¹⁶⁸ dentro dos papéis hierárquicos.

¹⁶⁸ Por figura feminina, não nos atentaremos às questões sociológicas e antropológicas do termo, mas sim às linguísticas de marcação gramatical.

3.3.5. O que outros honoríficos nos dizem sobre a figura feminina

Para tentarmos entender melhor o funcionamento do honorífico em tukano, pensamos que a observação de exemplos em línguas já conhecidas por possuírem esse fenômeno, como coreano e japonês, seja de grande valia.

Sendo assim, a começar pela língua coreana, obtivemos contato com algumas gramáticas mais recentes feitas para estrangeiros, as quais podemos citar Ihm et al. (2003), Hye-Jeoung (2007) e Chu et al. (2010). Nelas, embora houvesse informações a respeito do fenômeno honorífico, haviam pouquíssimos morfemas e exemplos a respeito do fenômeno. Dessa maneira, a única informação que conseguimos extrair do material desses autores se referia à polidez e à cordialidade que deveria haver para com as pessoas de maior *status* social ou idade. Além disso, pela nossa observação nessas gramáticas pudemos perceber que o conjunto de morfemas responsáveis por esse fenômeno em coreano são bastante produtivos e podem se juntar a substantivos em forma de sufixo, sendo majoritariamente sua ocorrência em verbos¹⁶⁹. Outro fator importante, ainda sobre essa língua, é que nas gramáticas se afirmava que os honoríficos sempre deveriam ser utilizados para outras pessoas (tu), nunca para a primeira pessoa.

Como nas gramáticas supracitadas não encontramos uma boa variedade de morfemas honoríficos, recorreremos à pesquisas em sites confiáveis e encontramos mais informações sobre eles e, em linguagem mais facilitada, em um blog de uma plataforma de ensino de coreano chamada FluentU¹⁷⁰. Essa plataforma, além de dar exemplos paralelos (masculinos e femininos) nos casos de honoríficos, como podemos observar em (82), a seguir, dá uma explicação para a relação da idade com o uso dessas formas. Segundo esse blog, o motivo para tal comportamento diz respeito aos valores das tradições do confucionismo¹⁷¹.

¹⁶⁹ Para exemplificar melhor o funcionamento do fenômeno de honorificação em tukano, por meio de sufixos concatenados em verbos, vejamos o exemplo a seguir: jeoneun hangsang jeonyeog-e eumsig-eul meog-seubnida, que é traduzido como “Eu sempre como comida à noite” dito por qualquer pessoa para uma pessoa que demanda alto nível de respeito. A língua coreana possui várias categorias de respeito e o sufixo verbal-seubnida é o mais utilizado publicamente. O exemplo que trouxemos nesta nota de rodapé foi extraído da página <<https://www.howtostudykorean.com/unit1/unit-1-lessons-1-8/unit-1-lesson-6/portuguese/>>.

¹⁷⁰ Mais informações em: <<https://www.fluentu.com/blog/korean/korean-honorifics/>>

¹⁷¹ Sistema filosófico chinês criado por Confúcio. Mais informações em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/confucionismo/>>

(82)

오빠 (op-pa): irmão mais velho / para a figura masculina de uma mulher

형 (hyung): irmão mais velho / para a figura masculina de um homem

누나 (nu-na): irmã mais velha / para a figura feminina de um homem

언니 (un-ni): irmã mais velha / para a figura feminina de uma mulher

Podemos observar que os honoríficos em coreano parecem apresentar um leque grande de morfemas para contemplar os mais diversos tipos de relações com indivíduos superiorizados. Além disso, indo de acordo com o que propomos neste trabalho, em coreano parece haver uma clara distinção entre honoríficos femininos e masculinos, como é possível observar nas partículas supracitadas, em que é distinguido tanto o interlocutor quanto o locutor superiorizados ou não. Isso nos leva a refletir sobre o fenômeno que estamos estudando, que parece acontecer majoritariamente com indivíduos do sexo masculino.

Colocando um pouco de lado¹⁷² as análises já realizadas sobre os honoríficos dentro de alguns campos de estudos linguísticos e nos focando na língua japonesa, como já exposto em capítulos e subcapítulos anteriores, a hierarquia social parece se realizar, majoritariamente, em sua flexão verbal. Isso é possível de ser observado nos exemplos extraídos de Harada (1976), Okamoto (1997; 1999) e Pizziconi (2003). Mesmo assim, segundo o material mais avançado em que tivemos acesso (PRIDEAUX, 1970), os honoríficos dessa língua funcionam de forma tão complexa quanto o paradigma da língua coreana, além de possuírem uma literatura mais detalhada.

Dessa maneira, segundo o Blog de estudos em japonês, chamado Go! Go! Nihon¹⁷³, os morfemas a seguir, em (83) correspondem aos honoríficos nominais mais

¹⁷² O termo “colocar de lado” no sentido em que estamos expondo aqui significa que direcionamos no ssa busca para gramáticas e plataformas de ensino e consulta online, como blogs, por exemplo. É importante notar que, às vezes, certos fenômenos não são devidamente captados por gramaticistas, sendo muitas vezes mais bem explicados e detalhados por editores de revistas, plataformas de ensino e blogs de divulgação de língua e cultura — como no nosso caso, em que estamos utilizando blogs sobre a língua coreana e japonesa, pois eles resumem e expõem de maneira mais concisa e precisa os usos dos honoríficos.

¹⁷³ Disponível em: <<https://gogonihon.com/en/blog/sama-san-kun-chan-the-many-japanese-honorifics/>>

comuns nessa língua:

(83)

さん (-san): é o honorífico mais comum → possui uso muito parecido com senhora, senhor, senhorita, etc. da língua portuguesa;

ちゃん (-chan): honorífico feminino → é utilizado por amigos (as), crianças, amantes, mulheres (indica proximidade e afinidade);

くん (-kun): masculino → é utilizado para se referir a homens subordinados;

さま (-sama): mais formal que -san → é utilizado para convidados, clientes ou deuses.

Como é possível observar nos exemplos dessa língua, existem distinções entre os sexos, bem como pelo tipo de relação e papel social que os indivíduos da interação exercem. Isso é bastante interessante e mostra o caráter dos elementos extralinguísticos. Um outro fato que merece importância nessas duas línguas, assim como em tukano, é o uso de morfemas para a representação dos honoríficos, sendo sufixados também em pronomes, e substantivos¹⁷⁴.

De acordo com o que pudemos observar nessas duas línguas, como um dos elementos essenciais para honoríficos, há a necessidade de tratamento para indivíduos do sexo feminino. Isso nos faz refletir sobre o que estamos considerando como esse fenômeno na língua que estamos estudando. Isso é, pode ser que o honorífico, para indivíduos do

¹⁷⁴ No início deste trabalho utilizamos o termo para pronomes lexicalizados como a predileção na utilização de um substantivo no lugar de um pronome regular. Em tukano é muito comum que se utilize com substantivos que designam essas pessoas mais superiorizadas dentro da família, como pakihó ou avohó (esse é um empréstimo do português “avô”, que entrou para a língua tukano). Em japonês, além do honorífico se encaixar perfeitamente em substantivos como esse, também se encaixa em nomes próprios, como Okino → Okinosan.

sexo feminino exista¹⁷⁵, mas não conseguimos captá-lo na investigação que desenvolvemos. Assim como pode ser que nesta língua em particular não exista honorífico para indivíduos do sexo feminino devido a comportamentos culturais próprios. De qualquer maneira, o fator do papel social dos indivíduos é cultural e, portanto, extralinguístico.

Embora o uso de **ni'iho** ou **ni'ikoho** (vocêzona) não seja utilizado e aceito com indivíduos do sexo feminino nos contextos em que estudamos¹⁷⁶, algumas figuras lexicalizadas que fazem uso do aumentativo são possíveis, como é o caso de **yekó** (avó) e **ma'mió** (irmã mais velha)¹⁷⁷. Isso nos permite afirmar, até o momento para a língua tukano, que: (i) o honorífico de fato ocorre por padrão em indivíduos do sexo masculino; e (ii) o honorífico para os indivíduos do sexo feminino acontece somente com termos de parentesco específicos, como avó e irmã mais velha, devido a fatores extra-linguísticos culturais. Assim sendo, no subcapítulo seguinte tentaremos argumentar ainda sobre o caráter honorífico do sufixo estudado.

3.3.6. O aumentativo como honorífico

Um dos grandes argumentos para que o aumentativo em tukano seja considerado um honorífico é que seu uso se apresentou mais em contextos comunicativos orais em que havia sujeitos mais velhos, como Harada (1976) define como momentos de falar “polido”. É claro que, embora nossos questionários, principal a forma de obtermos os dados relevantes, tivessem sido impressos, deixamos claro que estávamos buscando a fala em contextos orais, com participantes específicos. Além disso, não identificamos o uso do

¹⁷⁵ Com dados iniciais, pensávamos em assumir a marcação do honorífico para o sexo feminino como vazio (Ø), uma vez que faz com que esses indivíduos apresentem mais proximidade do que o uso do aumentativo - **hó** em indivíduos do sexo masculino. Para isso havíamos pensado em utilizar a afirmação de senso comum, que é a de que, genericamente, em qualquer sociedade (sem contar casos isolados), as mães sempre são mais próximas dos filhos, pois a elas cabe o papel de alimentá-los e bem tratá-los, diferentemente dos pais, que em uma etapa inicial da vida de seus filhos acaba sendo mais “distante”. Porém, percebemos que não podemos assumir o honorífico para as mulheres como categoria vazia, haja visto que para que seja um morfema zero, deveria haver uma oposição estrutural referente ao morfema preenchido. Dessa maneira, optamos por não tentar fazer esse tipo de representação.

¹⁷⁶ Em que há ancoragem dos sujeitos dependendo do seu nível hierárquico, como é o caso de um filho realizando um pedido a uma mãe, por exemplo.

¹⁷⁷ É interessante notar que o aumentativo para a situação em que testamos não pode ser comprovado, utilizando em figuras superiores como **makó** (mãe) e com **masó** (mulher).

aumentativo como marca etática dos sujeitos em contextos reportados ou em qualquer outro material escrito.

Outro aspecto importante é que esse aumentativo no plano etático se aplica mais a homens, especialmente pais e avós, enquanto que a um padre católico, por exemplo, não parece ser obrigatório. Essa questão pode ser relacionada ao aspecto cultural antropológico dos tukano, em que o homem ainda é o centro da sociedade. O que mais nos intriga é o fato de esse elemento se realizar mais eficientemente em contextos familiares, com homens membros da mesma família.

De qualquer maneira, a marcação da hierarquia social nas línguas humanas, em um âmbito geral e ilustrativo, pode ser demonstrada na Figura 12 por meio de um espectro gradiente de parametrização, que parte de línguas cujas formas são “mais gramaticalizadas” às “menos gramaticalizadas” (cujas forças que determinam o “trocar” de palavras está no contexto social). Basicamente, algumas línguas parecem necessitar verbalmente de parametrizações, por meio de morfemas, ou formas específicas, etc., enquanto outras não possuem um sistema tão fechado de formas e dependem de variáveis mais contextuais e/ou não necessitam fazer distinções entre os sujeitos participantes de uma interação.

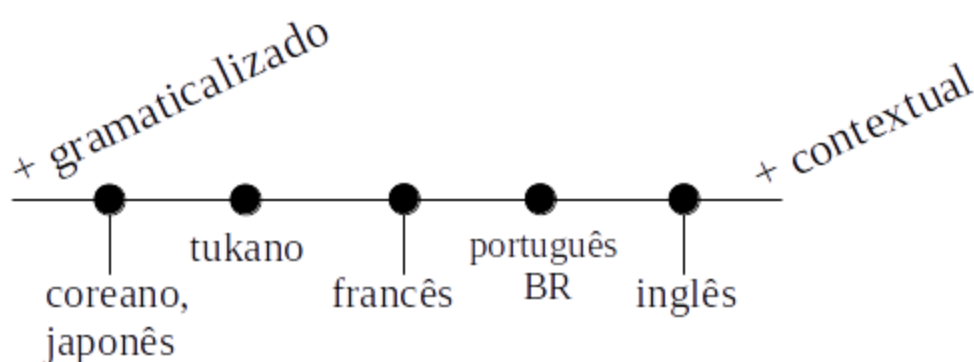


Figura 12. Gradiente de parametrização da hierarquia em línguas.

Línguas, como coreano, japonês e persa possuem inerentemente morfemas considerados honoríficos (POTTS, 2005; OKAMOTO, 1997, 1999; PIZZICONI, 2003; BROWN et al., 2014 & IZADI, 2015), enquanto línguas como o francês e o inglês falado no passado (BROWN & GILMAN, 1960), o espanhol, e o próprio português, por vezes,

fazem distinções entre os pronomes “vous”, “thou”, “vosotros” e “vós” em detrimento de “tu”, “you”, “você”, “usted” e suas respectivas formas no plural. A distinção entre um contexto formal e informal para o uso dos pronomes existe, mas é variável entre regiões. No exemplo do português brasileiro, o “tu” é utilizado em determinados lugares onde o uso de “você” pode significar distanciamento entre os falantes, como em alguns estados do nordeste, por exemplo. O inverso pode acontecer em outras localidades, dependendo da variação geotrópica.

Além disso, é muito comum no Brasil o uso de “senhor” e “senhora” como pronome de tratamento para representar respeito às pessoas mais velhas. Isso pode ser ilustrado a seguir no esquema da Figura 13.

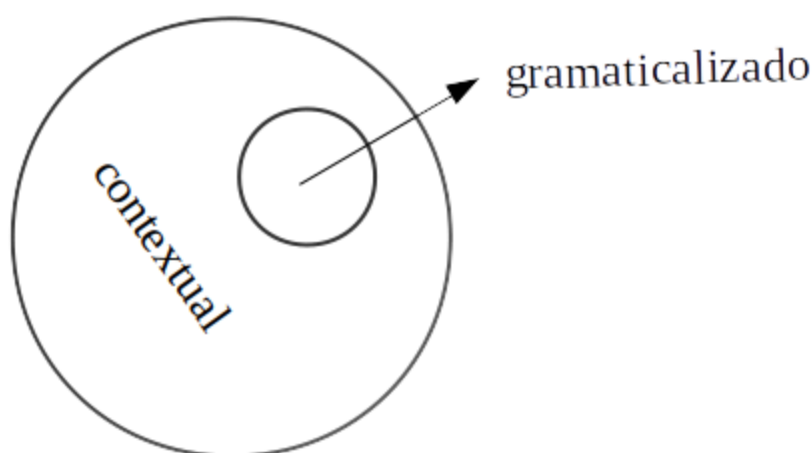


Figura 13. Gramatização ou contextualização da hierarquia social.

Na Figura 13 buscamos, a título ilustrativo, mostrar o fenômeno em questão em relação à sua contextualidade e gramaticalidade. Isso é, queremos mostrar que a marcação da hierarquia social está presente em todas as línguas, sendo que a principal variação entre elas se diz respeito à gramaticalização desse fenômeno — se mais enraizado na gramática de uma língua como num morfema nominal, como no caso do tukano, ou verbal do japonês, e/ou se mais relacionado à representação das pessoas por meio de um pronome diferente, como mais evidentemente no francês e espanhol, ou ainda, marcando ou não a hierarquia utilizando um pronome de tratamento lexicalizado “senhor”,

“senhora”, “*sir*” ou “*madame*”, por exemplo. No caso, ainda, da língua inglesa, “*sir*” e “*madame*” (84), embora pronomes de tratamento, não parecem ser usados na terceira pessoa como acontece na língua portuguesa com “senhor” e “senhora” (85).

(84) a. *Would you like some coffee, sir?*

b. *Madame, would you some coffee?*

(85) O senhor gostaria de tomar café? E a senhora?

Contudo, concordamos com Brown (2011), que fez uma releitura dos honoríficos do coreano e afirma que todos esses fenômenos estão intrinsecamente relacionados aos papéis sociais dos indivíduos que participam das interações, tendo, portanto, um caráter extralinguístico. Isso é, por mais que construções com esses elementos sejam bem aceitas na estrutura da língua, ainda são muito associadas a questões que vão além da língua, como a hierarquia e o distanciamento social. Foi isso que buscamos trazer nesta tese — uma determinada quantidade de desdobramentos que pudessem nos fazer entender mais como funciona o aumentativo em tukano, de acordo com os passos das teorias dos honoríficos. Como fruto deste trabalho e, devido às observações realizadas, a seguir exporemos uma pequena análise sobre a classificação do aumentativo, suas formas e combinações.

3.3.7. Classificação do aumentativo e suas combinações

O aumentativo em tukano, segundo Ramirez (1997a, p. 216) é distinguido estruturalmente entre as categorias *animado não feminino/inanimado* (-**roho**) e *animado feminino* (-**koho**) e se associa aos seres de grande tamanho. Além disso, segundo esse autor, o aumentativo utilizado com seres animados tem forte conotação afetiva¹⁷⁸. Porém,

¹⁷⁸ Buscamos neste trabalho encontrar subsídios para sustentar a hipótese de que o sufixo aumentativo funciona como honorífico, uma vez que ancora sujeitos hierarquicamente distintos em enunciados. Vale a

como temos observado no decorrer deste trabalho, a informação que parece ser veiculada com o aumentativo não necessariamente tem esse tipo de conotação, mas sim a representação de hierarquia social, uma vez que o uso do diminutivo não demonstra nem afetividade nem desafetividade. Isto é, um pai não tem necessidade de utilizar elementos linguísticos para se comunicar com um filho, mas um filho tem a necessidade de utilizar o aumentativo para se comunicar com os pais.

Mesmo que o material de Ramirez (1997abc) seja uma boa obra estruturalista e descritivista sobre a língua tukano, ele leva pouco em consideração as particularidades do uso dos elementos dessa língua. Isto é, embora exponha uma vasta gama de elementos linguísticos descritos, há certa carência em investigação aprofundada de seus usos¹⁷⁹.

É necessário justificarmos que em vários momentos neste trabalho nomeamos como partículas os elementos linguísticos responsáveis pelo aumentativo e pelo honorífico, porém, há uma necessidade de definirmos, ao menos, uma noção do que são partículas. Para isso, Magalhães e Silva (2019) buscam analisar e definir o que elas são de acordo com as particularidades de vários trabalhos descritivos que utilizaram essa nomenclatura. De acordo com esses autores, é necessária uma reflexão coletiva para sistematizar e inventariar aquilo que é chamado de partícula, uma vez que muitos dos elementos “estranhos” com quais os linguistas deparam são chamados assim. No nosso caso, temos que ter em mente que nosso objeto se trata de uma partícula multifacetada, i.e., além de ter seu funcionamento “regular” o de aumentativo, possui, também, uma característica de designar pessoas hierarquicamente superiores. Isto significa que a partícula que estudamos pode ser compreendida, além do nível morfológico, no nível sintático-semântico.

Para começarmos a descrição da classificação morfológica da partícula que estudamos, devemos ter em mente que se trata de um aumentativo, sendo representada gramaticalmente como um sufixo. Se observarmos um animal – **diâyi** (cachorro), por exemplo – ao acrescentarmos o morfema aumentativo, representado pelos morfemas supracitados, teremos **diâyikohó** (cachorrone) ou **diâyirohó** (cachorrão). Acontece que, em nossos testes percebemos que pode haver duas formas simplificadas de realizar esse

pena ressaltar que, devido à nossa temática, este trabalho deixou lacunas no que se refere à “afetividade” ou *endearment*.

¹⁷⁹ Esse não necessariamente é um problema, uma vez que a proposta desse material era ser uma obra estrutural, descritiva e didática. Sendo as gramáticas que levam em consideração o uso linguístico, trabalhos que requerem mais aprofundamento e imersão.

aumentativo, como em **diâyihó** e **diâyiohó**, sendo uma base radical (**diâyî**) acrescida do morfê **-hó** ou **-ohó**. No decorrer deste trabalho e dos testes, utilizamos muito essa forma resumida, pois foi ela que os falantes mais aceitavam – em relação aos morfês **-kohó** e **-rohó**. Além dessa alomorfia do morfê para o gênero não feminino e inanimado, para seres vivos, houve uma tendência de significação que foi além da forma física grande, i.e., o uso do aumentativo **diâyihó** pode designar um cachorro grande, como um cachorro idoso.

Dessa forma, em nossos testes observamos que os pronomes também eram capazes de receber o morfema aumentativo e designarem pessoas de maior idade, como: **kĩĩrohó** / **kĩĩhó** (ele mais velho), **koôkohó** / **koôhó** (ela mais velha), **mĩ'ĩ'ohó** / **mĩ'ĩ'hó** (vocêzão), **mĩ'ĩkohó** (vocêzona). O principal exemplo neste trabalho (86), a seguir, é uma das formas em que acreditamos que o aumentativo para além do seu papel espacial, pode significar a representação da hierarquia.

(86) **mĩ'ĩhó yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtiasa'**

vocêzão para mim cadeira traga

mĩ'ĩ - hó yĩ'ĩ - re kumupatá mi'ĩtia - sa'

você - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

“vocêzão traz a cadeira para mim”

No decorrer de nossa pesquisa, buscamos realizar testes com possíveis elementos em que o aumentativo pode se encaixar. Dessa forma, acrescentamos esse sufixo aos nomes próprios, como no exemplo do nome tukano **Sami** em (87).

(87) **Samihó yĩ'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã**

Samizão eu para cadeira trazer

Sami - hó yĩ'ĩ - ré kumupaitá mi'ĩtia - 'sã

Sami - AUM eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Mesmo nomes legitimamente tukanos não serem tão utilizados, identificamos **Sami** e **Kuiwater**. Em conversas informais com os participantes desta pesquisa, nas últimas gerações os nomes em tukano tem sido utilizados somente dentro das famílias, especialmente com os membros mais idosos. Realizamos testagens, também, com nomes portugueses importados, tais como **Péduru** e **Baria**¹⁸⁰.

No entanto, termos de parentesco, como descritos supracitadamente como “pronomes lexicalizados” podem ser acrescidos do aumentativo e se tornarem ancoragens de pessoas superiorizadas – honoríficos. É possível observar que, em (88) a seguir, o termo de parentesco **yēko** (avó), no contexto do pedido da cadeira, é preferencialmente realizado com aumentativo **yēkokohó**.

(88) **yēkokohó yì'îre kumupatá mi'ñtia'sã**

vovózona eu para cadeira trazer

yēko - kohó yì'î - ré kumupaitá mi'ñtia - 'sã

avó - AUM.F eu - REF cadeira trazer - IMP-DIS (SENT.OUT-PES)

Em nossos questionários testamos, também, figuras como **ma'mi** (irmão mais velho) e **ma'mió** (irmã mais velha) no contexto de pedido (ajuda / ou trazer um objeto). Para todos os casos e questionários aplicados, sempre o termo de parentesco acrescido de aumentativo era o predileto dos falantes.

Contudo, é possível perceber que uso do aumentativo para ancoragem de sujeitos socialmente superiorizados se trata de um elemento linguístico fossilizado que pode ser desmembrado em hierarquia, senioridade e gênero, i.e., uma partícula que carrega informações linguísticas complexas. No subcapítulo a seguir exporemos algumas considerações sobre essa complexidade, no âmbito da semântica e pragmática.

¹⁸⁰ Percebemos que essas palavras – os substantivos próprios – não poderiam ser acrescidos do aumentativo para o contexto em questão – o de um pedido destinado a uma pessoa hierarquicamente superior ou mais velha. Embora as construções **Samirohó** ou **Bariakohó** funcionem em língua tukano para designarem pessoas de grande tamanho, não podem funcionar como pessoas idosas ou mais velhas.

3.4. Considerações sobre a análise semântico-pragmática

Como já supracitado, a semântica e a pragmática são campos de análises e estudos que possuem objetos distintos, mas que podem se complementar na explicação de um fenômeno linguístico. Dessa maneira, neste trabalho, utilizamos subsídios teóricos dessas duas áreas para que pudéssemos discutir devidamente as respostas para as perguntas que tínhamos proposto inicialmente.

Como funciona o sistema de gramaticalização da hierarquia social na língua tukano? Foram essas perguntas que pautaram toda a nossa investigação. Esta que inicialmente percorreu caminhos que não foram exatamente os que chegaram à conclusão que redigimos aqui. No início do nosso trabalho, além de não termos um grande domínio sobre a língua tukano e, sobretudo, não estarmos em uma localidade próxima de onde essa língua é falada, tivemos dificuldades para delimitar adequadamente nosso foco.

Superando as dificuldades, no meio da aplicação dos questionários descobrimos que o fenômeno que estávamos buscando realmente existia em tukano e voltamos nossos esforços e nosso foco para um elemento linguístico morfológico rico – o aumentativo¹⁸¹.

No que diz respeito ao aumentativo, conseguimos explicá-lo por meio dos subsídios teóricos que utilizamos e, dessa maneira, podemos afirmar que se trata tanto de um morfema, que na dimensão descritiva carrega consigo propriedades escalares¹⁸², como a idade, por ser destinado a pessoas mais velhas, quanto respeito, por estar presente nas interações que o necessitam. Havendo isso, também, é possível afirmarmos se tratar de

¹⁸¹ Por mais que tenhamos escondido, inicialmente, o que buscávamos nos questionários guiados para que não os respondessem com um olhar focado para o fenômeno, pelo menos, ao final da aplicação, tentávamos entrevistar os falantes. No início, recebíamos respostas previsíveis, afirmando que os mais velhos têm que ser tratados com respeito pelos mais novos, etc. Porém, quando fomos delimitando mais nosso recorte e focamos nossos olhares para o sufixo do aumentativo, começamos a perguntar sobre ele ao final da aplicação dos questionários. Todos os informantes disseram que o aumentativo representava respeito direcionado aos mais velhos.

¹⁸² É importante notar que seguindo a teoria que leva em conta o plano expressivo é possível exprimir variados acarretamentos graduais oriundos “adjetivações escalares” como idade, afetividade, respeito, tamanho, etc. Dessa maneira se alguém é chamado de paizão, ou irmãozão o acarretamento gradual de respeito não funciona como em vocêzão para tukano, devido ao fato de ser um pronome. Temos que ter em mente que há uma grande distinção entre graus de afetividade e de hierarquização, não somente na língua tukano mas em qualquer outra língua.

uma forma honorífica nos moldes pragmáticos, tendo em vista que o aumentativo agregado ao pronome “você”, utilizado nos contextos em que investigamos, só pode significar uma figura “você superior”, assim como só é utilizado com sucesso em termos de parentesco de sujeitos seniores – pai, sogro, avô/avó, irmão mais velho, irmã mais velha¹⁸³, etc. Embora os testes realizados com imagens não deixassem isso claro, os questionários evidenciam melhor esse fenômeno presente em interações domésticas.

É possível afirmarmos, também, que no caso do aumentativo em tukano, a marcação de hierarquia é realizada de forma binária, i.e., quando não se necessita de honorífico, há uso de aumentativo, enquanto que ao se destinar aos homens mais velhos há a necessidade explícita de uso desse sufixo, que faz com que se veicule um informação adicional ao conteúdo proposicional, como vimos anteriormente. Isso significa que há uma distinção entre os honoríficos da língua coreana e japonesa, que como vimos supracitadamente não são binários e, por isso, possuem várias gradações hierárquicas gramaticalizadas.

Mesmo assim, existem lacunas que ainda precisam ser preenchidas, como é o fato de o honorífico não ser tão utilizado com mulheres mais velhas. Os testes imagéticos mostraram que, em relação à dimensão descritiva, no que diz respeito à escala etática, o aumentativo pode ser utilizado para designar mulheres mais velhas, mas não pudemos observar claramente seu uso nos exemplos com as situações cuja hierarquia foi marcada em indivíduos do sexo masculino. Talvez uma justificativa para esse fenômeno seja de difícil alcance, já que tocará em um terreno que sairá da linguística. De qualquer maneira, há necessidade de realização de mais testes no intuito de captar essa nuance.

Por fim, outra lacuna deixada no que diz respeito à marcação de hierarquia é a questão do diminutivo **-akã**, que embora tenha se demonstrado produtivo na escala dimensional (i.e., pequeno) como pudemos observar na análise das imagens, não parece funcionar como marcador hierárquico inferiorizado segundo os testes situacionais que realizamos pelos questionários. De certa maneira, esse fato nos aproxima ainda mais em provar o caráter honorífico de **-(o)hó**.

¹⁸³ Vale a pena notar que embora irmã mais velha seja um termo que pode receber aumentativo em um contexto de interação com irmão mais novo, vocêzona, mulherzona, etc. não podem ser associadas a essa figura, muito menos à figura da mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da hipótese inicial de que havia honoríficos na língua tukano e, embora tenhamos começado este trabalho com amostras que foram invalidadas pelos participantes nos questionários iniciais, percebemos que o fenômeno ainda era presente na língua em questão e só precisávamos delimitar melhor os elementos em que ele se representava gramaticalmente. Isso nos direcionou para os estudos a respeito da dimensão expressiva, trabalhada por Potts (2005; 2007) e Fortin (2011). Embora, em nosso viés analítico, haja mais literatura para o funcionamento expressivo dos diminutivos (FORTIN, 2011; FUNCIA, 2014; PIRES DE OLIVEIRA E BASSO, 2014), neste trabalho foi possível realizar uma descrição que levasse em consideração essas fundamentações teóricas aplicadas ao uso do aumentativo da língua tukano. Basicamente, buscamos preencher uma das lacunas deixadas pelo próprio Fortin (2011), que afirmou que suas formalizações desenvolvidas para analisar diminutivos do espanhol poderiam ser aplicadas para aumentativos. Segundo ele, deveriam haver mais estudos que mostrassem essa possibilidade de funcionamento. De qualquer modo, é importante lembrar que a nossa descoberta do funcionamento desse sufixo só foi possível graças ao aprofundamento do nosso objeto, por meio das pistas em que os participantes foram nos dando conforme aplicamos os questionários.

Além disso, este trabalho culminou na discussão de objetos tratados tanto pela semântica quanto pela pragmática. Isto é, partimos de uma hipótese honorífica, que se insere melhor dentro do escopo da pragmática, mas para que chegássemos a ela, precisamos passar por caminhos descritivo-analíticos da semântica, no que tange o plano expressivo dos usos do aumentativo. Dessa maneira, descobrimos que o morfema aumentativo em tukano não somente está no plano da representação física da dimensão (i.e. numa escala de tamanho), mas se instaura numa escala étática responsável por tirar a neutralidade das relações entre os mais novos e mais velhos e representar um honorífico. Com isso, percebemos que essa marcação é muito produtiva no pronome de segunda pessoa “você”, o transformando em “vocêzão” para indivíduos do sexo masculino.

Ainda assim, existem lacunas que precisam ser preenchidas, como é o fato de o honorífico não ser utilizado para mulheres em posições superiorizadas. Apesar de, segundo nossos testes imagéticos, o aumentativo ser utilizado para designar o sexo

feminino em uma escala etática em contextos específicos, não conseguimos observar seu uso honorífico com o pronome “você”. No entanto, a justificativa dessa característica, possivelmente, remete à própria organização social do povo tukano (i.e., extra-linguística). De qualquer maneira, há a necessidade de se avançar nas investigações, com a elaboração de mais testes com o intuito de melhor descrever o panorama de usuários e contextos desse sufixo.

Além disso, é importante lembrarmos da questão do uso do diminutivo, que, embora tenha se demonstrado produtivo na escala dimensional (i.e., pequeno) e na escala etática (i.e., crianças) nos testes imagéticos, não parece funcionar como marcador hierárquico inferiorizado. Esse fato, de certa maneira, nos aproxima mais em provar o caráter honorífico do aumentativo, uma vez que isola a estrutura relacionada à variação hierárquica entre os participantes.

Como se pode constatar por meio da literatura científica, este trabalho possui um tema pouco explorado, que mobiliza diversos níveis de análise linguística para o entendimento de um fenômeno presente de formas diferentes em muitas línguas pelo mundo. Isto é, realizamos essa investigação partindo do princípio de que a hierarquia social não é um fenômeno presente em várias línguas, sendo que cada uma delas fica responsável em gramaticalizá-la ou representá-la em um determinado contexto.

Em um viés político¹⁸⁴, ao delimitarmos como objeto de pesquisa uma língua pertencente ao território brasileiro há muito mais tempo que a língua portuguesa, fazemos o resgate cultural e estimulamos a valorização identitária dos povos que a falam. Além disso, com o panorama das possibilidades de uso de elementos linguísticos que representam hierarquia social, enriquecemos os campos de pesquisa em semântica e pragmática que ainda estão em crescimento no Brasil, por meio de uma língua brasileira “por direito”.

Embora não tenhamos nos pautado em objetivos e justificativas políticas para a elaboração deste trabalho, o envolvimento que tivemos com outras atividades graças a ele foi muito enriquecedor em vários sentidos. Como consequência a isso, participamos de atividades como a Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)¹⁸⁵, cuja edição de 2020

¹⁸⁴ Este trabalho em sua essência não foi realizado tendo sua justificativa política, i.e., não é um trabalho de políticas linguísticas. Porém, devido à temática, sua natureza, prática e vivências, no mundo atual, instauram uma preocupação quanto à preservação das línguas e povos indígenas.

¹⁸⁵ O conteúdo digital da olimpíada pode ser acessado em: <<http://www.obling.org/>>.

foi batizada com o nome **Yepâ-masa**¹⁸⁶ e deu visibilidade à língua tukano em suas provas e oficinas, além de futuras propostas de cursos sobre o tema. Além disso, o auxílio e a vivência com os nativos, em SGC e SP possibilitou frutíferas e gratificantes trocas de informações e conhecimentos.

Por fim, esperamos que o presente trabalho possa colaborar com mais dados nas hipóteses sobre a tendência de existir formas de representação da hierarquia social em elementos das línguas naturais, contribuindo para discussões científicas frutíferas e sendo de grande valia para os estudos em Semântica e Pragmática.

¹⁸⁶ Esse é o nome de um dos grupos tukano e significa “gente da nossa origem” ou “gente da nossa mãe” (terra).

REFERÊNCIAS

Bibliografia citada

ALTMAN, Cristina. As Línguas Gerais e a Empresa Missionária Colonial. Linguagem e Representação Metalingüística” em José R. Bessa Freire & Maria Carlota Rosa (orgs.), **Línguas Gerais: Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial**, Rio de Janeiro, EDUERJ, 2003, pp. 77-83.

ALTMAN, Cristina. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá / Nheengatu. **Limite**. ISSN: 1888-4067. nº 6, 2012, pp. 11-51.

ANCHIETA, José de. **Arte de gramatica da lingua mais usada na costa do Brasil**. Salvador: UFBA, 1980. 58 p.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT Claude. **Gramática de Port-Royal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramaticização**. [Tradução de Eni Orlandi] Campinas: Editora da UNICAMP. 1992.

AZEVEDO, D. L. **BAHSAMORI (o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yé pamahsã Tukano)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vilas Boas; Azevedo, Dário Alves. **Karekeã na derowe ehkasetise**. Informativo 03 - fevereiro, 2009. parceria: AEITY, FOIRN, ISA. [alunos do 3º e 4º ciclos - Professores Ramiro e Antonio].

BACH, K. The Myth of Conventional Implicature. **Linguistics and Philosophy** 22, pp. 327-366, 1999.

BAR-HILLEL, Y. Indexical expressions. **Mind**, n. 63, p. 359–379, 1954.

BARRETO, J. P. L. **Formação e transformação de COLETIVOS INDÍGENAS do noroeste amazônico (do mito à sociologia das comunidades)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

BARRETO, J. R. R. **Agenciamento do mundo pelos KUMUÂ YE’PAMAHSÂ (o conjunto dos bahsese na organização do espaço Di’ta Nuhku)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

BASSO, R. M; TEIXEIRA, L. R.; VOGT, D. R.; Indexicais. **As interfaces da Gramática**, vol. I, pp. 53-72, Curitiba, 2012.

BASSO, Renato Miguel & OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. A Semântica, a pragmática e os seus mistérios. *Revista Virtual de*

Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. [pdf]

BECCARI, Alessandro Jocelito. **Uma tradução da Grammatica Speculativa de Tomás de Erfurt para o português: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário**. 2013. 497f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Defesa: Curitiba, 26/03/2013.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Último acesso em 30/03/2020.

BLOG FluentU Korean. Must-know Korean Honorifics and Titles for Everyday Talk. Disponível em: <https://www.fluentu.com/blog/korean/korean-honorifics/>. Último acesso em 03/09/2020 às 10:47.

BLOG Go! Go! Nihon. Sama, san, kun, chan: the many Japanese honorifics Disponível em: <https://gogonihon.com/en/blog/sama-san-kun-chan-the-many-japanese-honorifics/>. Último acesso em 03/09/2020 às 11:45.

BLOG VOA TUKANO. Disponível em: <http://voatukano.blogspot.com/>. Último acesso em 02/09/2018.

BOECKX, C.; NIINUMA, F. Conditions on Agreement in Japanese. **Natural Language and Linguistic Theory**, 22. 2004. (453–80).

BOOIJ, G. **The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BORGES Neto, José. “Semântica de Modelos”. In: MÜLLER, Ana; NEGRÃO Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (orgs.) **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003. (pp 9-44).

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. in T.A. Sebeok (ed.). **Style in Language**. MIT Press, 1960, pp. 253-76.

BROWN, Penelope; LEVINSON, S. **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROWN, Lucien; WINTER, Bodo; IDEMARU, Kaori; GRAWUNDER, Sven. Phonetics and politeness: Perceiving Korean honorific and non-honorific speech through phonetic cues. **Journal of Pragmatics** 66 (2014) 45--60.

CHACON, T. C.. O Sistema de Classificação Nominal do Tukáno. **Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio)**, v. 4, p. ---, 2007.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas. Editora da UNICAMP: 2008.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. New York: Mouton de Gruyter, 2002.

_____. **Language and mind**. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Cartesian Linguistics: A chapter in the History of Rationalist Thought**. New York: Cambridge, 2009.

_____ ; BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. **On nature and language**. New York: Cambridge University Press, 2002.

CHU, I; HA, J; LEE, E. **El Coreano. Nivel inicial**. Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, Instituto Educativo Coreano Argentino, 2010. — 191 p.

CONDE, Dirceu Cleber. **A alternância da referência do sujeito-enunciador como expressão da identidade e seus efeitos de sentido**. 2008, 374p. (Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, 2008.

CONDE, D. C; LEAL, E. S; ANTUNES, R. A. M. R. “PODE PARÁ” – Verbo modal nas sentenças imperativas do português brasileiro: uma análise semântico-pragmática. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.15, n.4, out./dez.2018.

EVERETT, Daniel. **Don't sleep, there are snakes: Life and language in the amazonian jungle**. New York: Pantheon Books, 2008.

FORTIN, A. **The Morphology and Semantics of Expressive Affixes**. Oxford, 2011.

FUNCIA, Manolo Abe. **AS VÁRIAS FUNÇÕES DO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS: Uma análise sob a perspectiva da Semântica e da Pragmática Formais**. Iniciação Científica. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP: 2014.

GIACONE, Padre Antonio. **Pequena gramática e dicionário da lingua tucana**. Missão Salesiana do Rio Negro - Amazonas, sem ano [déc. 1960].

GOMES, Rosilene Campos Magalhães. **Território e línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira-AM**. Dissertação de Mestrado. 13/12/2013. Universidade Federal do Amazonas, 2013.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o Relativismo Linguístico e o Aspecto Criativo da Linguagem**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, 2008.

GRICE, Paul. Logic and Conversation. In: COLE, P e MORGAN, J (Eds). **Syntax and Semantics 3: Speech acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HARADA, S. I. Honorifics. In Masayoshi Shibatani (ed.), **Syntax and Semantics: Japanese Generative Grammar**, New York: Academic Press, 1976. (pp. 499–561).

HYE-JEOUNG, Kim. **Coreano para principiantes**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2007.

IHM, Ho-Bin; HONG, Kyung-Pyo; CHANG, Suk-In. **Korean grammar for international learners**. Yonsei University Press: Seoul, 2003.

ILARI, R. Semântica e pragmática: duas formas de descrever e explicar os fenômenos da significação. **Revista de Estudos da Linguagem**, vol. 9, n. 1, p. 109-162. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1999.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso**

presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984). 1992. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

_____. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades@**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Último acesso em 12/08/2020.

ISHIKAWA, Noemia; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Nukupu asupa'ase**. Editora Valer / INPA: Manaus, 2019.

IZADI, Ahmad. Persian honorifics and im/politeness as social practice. **Journal of Pragmatics** 85 (2015) 81--91.

KAPLAN, David. Demonstratives: An essay on the semantics, logic, metaphysics, and epistemology of demonstratives and other indexicals. In: ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (Ed.). **Themes from Kaplan**. New York: Oxford University Press, 1989. p. 481-563.

KRIPKE, Saul. **Naming and Necessity**. Harvard University Press e Basil Blackwell: Oxford, 1980.

LACAN, J. **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LEAL, Ednei de Souza. **Pressupostos epistemológicos na "Phraseologia" dos Serões Gramaticais de Ernesto Carneiro Ribeiro**. Dissertação de Mestrado. UFPR. Curitiba, 2015. 92f.

_____. **Complexidade Linguística: Um panorama e um estudo de caso**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-graduação em Linguística. São Carlos, 2020. 130f.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London, New York: Longman Group Ltd, 1983.

_____. **The Pragmatics of Politeness**. Oxford: Oxford University Press, 343.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (original 1983).

_____. **Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature Language, Speech, and Communication**. The MIT Press, Massachusetts, 2000.

LEIPZIG GLOSSING RULES: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. Leipzig, 2008. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf>, acessado em fevereiro de 2020.

LONGO, Luciene Aparecida Ferreira de Barros; FERREIRA, Luciane Ouriques; AZEVEDO, Marta Maria do Amaral. Nupcialidade indígena: possibilidades e limitações de análise utilizando os dados do Censo Demográfico de 2010. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 375-398, Aug. 2016. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982016000200375&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Mar. 2020. <https://doi.org/10.20947/s0102-30982016a0035>.

LOZOWSKI, Przemyslaw; GLAZ, Adam; DANAHER, David S. **The Linguistic Worldview: Ethnolinguistics, Cognition, and Culture**. Londres: Versita, 2013.

LUCCHESI, D., and RIBEIRO, I. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp.125-153. ISBN 978-85-232-0875-2.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva; SILVA, Léia de Jesus. Dossiê "Partículas". **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 717-719, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300002>

MAIA, J. P. **WAIMAHSÃ (peixes e humanos)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

MAIA, Marcus et al. **Línguas Indígenas e Gramática Universal**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

MEY, Jacob L. Current Issues in Societal Pragmatics. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 11 (1), 2010.

MIESTAMO, Matti; SINNEMÄKI, Kaius; KARLSSON, Fred (orgs.). **Language Complexity: Typology, contact, change**. Amsterdam: John Benjamins. 2008.

MILANEZ, F; SA, L; KRENAK, A; CRUZ, F; RAMOS, E; DE JESUS, G. Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas . **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, Vol. 10, N. 03, 2019 p. 2161-2181.

OKAMOTO, Shigeko. Social context, linguistic ideology, and indexical expressions in Japanese. **Journal of Pragmatics** 28 (1997) 795-817.

_____. Situated Politeness: Manipulating honorific and non-honorific expressions in Japanese conversations. International Pragmatics Association: **Pragmatics** 9:1.51-74 (1999).

ONG Amazônia Socioambiental - Tukanos. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tukano/>. Último acesso em 02/09/2018.

PEDROSO, Diego Rosa. "**Quem veio primeiro?**": **Imagens da hierarquia no Uaupés (Noroeste Amazônico)**. 2013. 149p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo - USP.

PERRY, J. Indexicals and demonstratives. In: HALE, B.; WRIGHT, C. (Ed.). **A Companion to the Philosophy of Language**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 1997. p. 586-612.

_____. **The Problem of the Essential Indexical and Other Essays**. New York: Oxford University Press, 1993.

- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Semântica formal**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- PIZZICONI, Barbara. Re-examining politeness, face and the Japanese language. **Journal of Pragmatics** 35 (2003) 1471–1506.
- POTTS, C.; KAWAHARA, S. Japanese honorifics as emotive definite descriptions. R. Young (ed), **SALT XIV** 253-270, Ithaca, NY: Cornell University. 2004.
- POTTS, C. Conversational Implicatures Via General Pragmatic Pressures. **Theoretical Linguistics**. September 22, 2006.
- _____. How far can pragmatic mechanisms take us? **Theoretical Linguistics**. March 29, 2006; minor changes September 4, 2006.
- POTTS, C. The expressive dimension. **Theoretical Linguistics** 33(2): pp. 165–197, 2007.
- _____. **The Logic of Conventional Implicatures**. 2003. 330 p. Tese (Doutorado) – Curso de PhD in Philosophy in Linguistics, University of California, Santa Cruz, 2003. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~cgpotts/dissertation/potts-dissertation-1up.pdf>>.
- _____. **The Logic of Conventional Implicatures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- _____. The expressive dimension. **Theoretical Linguistics** 33(2): pp. 165–197, 2007.
- PRIDEAUX, Gary Dean. **The Syntax of Japanese Honorifics**. Mouton & Co. N.V., Publishers, The Hague: Paris, 1970.
- RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo I - Gramática**. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.
- RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo II - Dicionário**. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.
- RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo III - Método de Aprendizagem**. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. As Línguas Gerais Sul-Americanas, **Papian**. 4:2, 1996, pp. 6-18.
- _____. Tarefas da lingüística no Brasil. **Estudos Lingüísticos (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada)**, vol. 1, n. 1, 1966, p. 4-15.
- SCHLENKER, Philippe. **Propositional Attitudes and Indexicality: A Cross-Categorical Approach**. 2010p. 1999. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, USA.
- SCHLENKER, P. A plea for monsters. **Linguistics and Philosophy**, v. 26, p. 29–120, 2003.

SEARLE, J. **Speech acts**. Cambridge: University Press, 1969.

SEARLE, J. R. **Expression and meaning: Studies in the theory of speech acts**. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1979.

SERIBHI (Dário Alves de Azevedo) [et al.]. **Mariye kihti añuse**. Belo Horizonte: FALE/UFMG: SECAD/MEC: AEITY - Associação Escola Indígena Tukano Yupuri, 2007. 56p.

SOARES, N, G; SOUZA, R., ROMANELLI, S. (Orgs.). **Dom Pedro II: um tradutor Imperial**. In: Introdução - Dom Pedro II: um tradutor Imperial. PGET/UFSC Copiart: Florianópolis, 2013.

STORTO, Luciana. **Línguas Indígenas: tradição, universais e diversidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig. **Indexicais e operadores-monstros no português brasileiro**. 151p. 2012. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

The grammar of happiness. Direção: Michael O’Neil, Randall Wood. Produção: Michael O’Neil, Chris Hilton. Roteiro: Michael O’Neil, Christopher Thorburn. Narração: Linda Cropper. Sydney: Essential Media and Entertainment, 2012. 1 DVD (55 min), color.

The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/>. (2013).

TORIBIO, J. A. Specifier–Head Agreement in Japanese. In Aaron L. Halpern (ed.), **The Proceedings of the Ninth West Coast Conference on Formal Linguistics**, Stanford Linguistics Association, Stanford, 1990. Calif.: CSLI, 535–48.

WEST, Birdie. **Gramatica popular del tucano**. Bogota: Instituto Lingüístico de Verano, 1980.

WEST, Birdie; WELCH, Betty. **Gramatica pedagogica del tucano**. Bogota: Editorial Buena Semilla, 2004.

Wycliffe Bible Translators. **Novo Testamento na língua Tukano do Brasil (Õ’âkîhî Yeere Uúkûri Turi)**, 2da ed., 2009. Liga Bíblica em cooperação com a Associação Lingüística Evangélica Missionária ALEM. Disponível em: <https://www.scriptureearth.org/data/tuo/PDF/tuoPBCOL-web.pdf>

YAMADA, Akitaka. **The syntax, semantics and pragmatics of Japanese addressee-honorific markers**. Tese de doutorado. Georgetown University, 2019.

Bibliografia consultada

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do Índio: Transformações e cotidiano em Iauretê**. São Paulo, Editora Unesp: 2006.

BARBOSA, H. **Línguas Indígenas: riqueza da nação brasileira**. Senatus, Brasília, v. 3, n. 1, p. 54-59, abr. 2004.

BASSO, Renato et al. **Semântica**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009. 182f.

BASSO, R. M; BERGAMINI-PEREZ, J. A semântica de vetores: uma proposta de análise para os adjuntos temporais. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 96, pp.33-53, jul./dez. 2017.

CAMPOS DA COSTA, Jorge. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância: a lógica não trivial da linguagem natural**. (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1984.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. 1993. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do Português Falado. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CHIERCHIA, G; MCCONNELL-GINET, S. **Meaning and Grammar: an introduction to semantics**. USA: MIT Press, 1990. 492 p. (5ª ed. 1996).

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective**. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.

_____. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. In: **Linguistic Inquiry**, 36, p. 315-332. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2005

COSTA, Jorge Campos da. A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DALL'AVA, F. **As teorias pressupicionais sobre indexicais: um estudo contrastivo**. Iniciação Científica (Graduação), Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

DALL'AVA, F. **Indexicais descritivos: uma investigação semântico-pragmática**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2018.

DAVIS, C.; POTTS, C.; SPEAS, M. The Pragmatic Values of Evidential Sentences. T. Friedman and M. Gibson (eds), **SALT XVII** 71-88, Ithaca, NY: Cornell University. 2007.

ELBOURNE, P. Demonstratives as individual concepts. **Linguistics and Philosophy** 31 (4), 409-466, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

FERREIRA, Marcelo. **Curso de semântica formal**. Textbooks in Language Sciences 6. Berlin: Language Science Press, 2019.

- FRANCHETTO, Bruna (orgs.). **Alto Xingu: Uma sociedade multilíngue**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Funai, 2011.
- FREGE, Gottlob. **Sobre o sentido e a referência**. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978, p. 129-158.
- GREENBERG, Joseph H. "Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements", In: Joseph H. Greenberg (ed.). **Universals of Language**. London: MIT Press, pp. 70-114.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KEARNS, Kate. **Semantics**. New York: Pelgrave Macmillan, 2011.
- KENNEDY, C. Comparison and polar opposition. In *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT)*, vol. 7, p. 240–257, 1997.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. **Language** 81, p.345–381, 2005.
- LASMAR, Cristiane. **De volta ao Lago de Leite: Gênero e transformação no Alto do Rio Negro**. São Paulo: Unesp, 2005.
- LIEBER, R. **Introducing Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- LIMA, Bruno F. de. **A Cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de Campinas: Campinas, 2020.
- MIOTO, Carlos et al. **Novo Manual de Sintaxe**. 3ª edição. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2007.
- MORTARI, Cezar. A. **Introdução à lógica**. São Paulo: Unesp, 2001, p. 349-384.
- MORZYCKI, M. **Adverbs**. 2013. p. 286-240. In: _____. *Modification*. East Lansing: Michigan State University, 2013.
- NUNBERG, G. Indexicality and Deixis. **Linguistics and Philosophy**, 16, p. 1-43, 1993.
- NUNBERG, G. Descriptive Indexicals and Indexical Descriptions. In Anne Bezuidenhout & Marga Reimer (eds.), **Descriptions and Beyond**. Oxford University Press. pp. 261-279, 2004.
- RECANATI, F. SZABÓ, Z 2005. et al. **Semantics versus Pragmatics**. Oxford University Press Inc, New York, 2005.
- RUHI, Sukriye. Face as an indexical category in interaction. **Journal of Pragmatics** 42 (2010) 2131–214.
- RUSSELL, B. On denoting. **Mind**, v. 14, p. 479–493, 1905.

ZWARTS, J. Vector as relative positions: a compositional semantics of modified PPs. **Journal of Semantics**, 1997. 14:57-86.

ZWARTS, J. and WINTER, Y. Vector space semantics: a model-theoretic analysis of locative prepositions. **Journal of Logic, Language and Information**, 2000. 9:169-211.

APÊNDICE I — TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Versão I – utilizado durante 2018 e 2019

Versão II – desenvolvido devido à emenda do comitê de ética e utilizado de 2020 a 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **INDEXICAIS E HIERARQUIA NAS LÍNGUAS TUKANO: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes e Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde.

Nessa pesquisa nós buscamos entender como a hierarquia social é representada na gramática das línguas, especialmente na língua tukana.

Em sua participação você deverá responder a perguntas referentes à gramática da língua tukano, de forma a (i) avaliar frases criadas pelos pesquisadores, se são compreendidas ou não, bem como (ii) criar frases e (iii) realizar pequenas traduções da língua portuguesa para a língua tukana. Tudo isso será realizado de forma escrita, além de um gravador permanecer ligado durante a sessão fechada de coleta de dados.

Para tanto, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. Após a organização dos dados no projeto de pesquisa, os áudios serão desgravados e o material escrito (questionários) permanecerá sob posse do pesquisador por 5 anos e, após esse período, serão destruídos.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados sem o seu nome ou seus dados pessoais, garantindo a preservação de sua identidade.

A pesquisa possui riscos mínimos, tais como (i) cansaço, caso as respostas ao questionário se alonguem, e/ou (ii) constrangimento, caso alguma questão entre em assuntos pessoais. Se você sentir desconforto em dar alguma informação, não insistiremos e sua participação poderá ser cancelada.

Como principal benefício, este trabalho enriquecerá o campo de pesquisa em linguística e poderá ser responsável por um resgate cultural, além de estimular a valorização identitária dos povos que a falam tukano.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro por ela. Entretanto, caso você tenha despesas com a participação (como transporte, por exemplo), você será ressarcido no dia da entrevista. Além disso, você terá direito a indenização por quaisquer danos resultantes de sua participação na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

O pesquisador responsável me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Esses órgãos defendem os interesses e a integridade dos sujeitos que participam de pesquisas como esta.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar - CEP

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676

CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil.

Telefone: (16) 3351-8110.

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Horário de atendimento: 8h às 12h e das 14h às 18h

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

SRTVN –Via W 5 Norte – lote D, Edifício PO 700, 3º andar – Ala Norte

CEP: 70.719.040 – Asa Norte – Brasília – DF – Brasil.

Telefone: (61) 3315-5877

E-mail: imprensa@saude.gov.br

Horário de atendimento: 08h às 18h

Para qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis, a saber:

Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes

Telefone: (11) 9 8540 – 0831

Endereço institucional: Departamento de Letras, sala 22 - Térreo - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP

E-mail: rogerantunes@yahoo.com.br

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Telefone: (16) 3306 - 6453

Endereço institucional: Departamento de Letras, sala s/n - 1º andar - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP

E-mail: cleberconde2@gmail.com

_____, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do pesquisador responsável (Me. Roger A. de M. R. Antunes)

Eu, _____, aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou desistir de participar. Além disso, declaro ter recebido uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **INDEXICAIS E HIERARQUIA NAS LÍNGUAS TUKANO: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes e Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde.

Nessa pesquisa nós buscamos entender como a hierarquia social é representada na gramática das línguas, especialmente na língua tukana.

Em sua participação você deverá responder a perguntas referentes à gramática da língua tukano, de forma a (i) avaliar frases criadas pelos pesquisadores, se são compreendidas ou não, bem como (ii) criar frases e (iii) realizar pequenas traduções da língua portuguesa para a língua tukana. Tudo isso será realizado de forma escrita, além de um gravador permanecer ligado durante a sessão fechada de coleta de dados.

Para tanto, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. Após a organização dos dados no projeto de pesquisa, o material recolhido pelo pesquisador (áudios e questionários) permanecerá sob posse do pesquisador por pelo menos 5 anos e, após esse período, será destruído.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados sem o seu nome ou seus dados pessoais, garantindo a preservação de sua identidade.

A pesquisa possui riscos mínimos, tais como (i) cansaço, caso as respostas ao questionário se alonguem, e/ou (ii) constrangimento, caso alguma questão entre em assuntos pessoais. Se você sentir desconforto em dar alguma informação, não insistiremos e sua participação poderá ser cancelada.

Como principal benefício, este trabalho enriquecerá o campo de pesquisa em linguística e poderá ser responsável por um resgate cultural, além de estimular a valorização identitária dos povos que a falam tukano.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro por ela. Entretanto, caso você tenha despesas com a participação (como transporte, por exemplo), você será ressarcido no dia da entrevista. Além disso, você terá direito a indenização por quaisquer danos resultantes de sua participação na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Sempre que você quiser, poderá solicitar uma cópia deste documento pelo e-mail do pesquisador responsável.

Ao final da pesquisa, você receberá por e-mail um arquivo .PDF com o seu resultado.

O pesquisador responsável me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Esses órgãos defendem os interesses e a integridade dos sujeitos que participam de pesquisas como esta.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar - CEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676 CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Telefone: (16) 3351-8110. E-mail: cephumanos@ufscar.br Horário de atendimento: 8h às 12h e das 14h às 18h	SRTVN –Via W 5 Norte – lote D, Edifício PO 700, 3º andar – Ala Norte CEP: 70.719.040 – Asa Norte – Brasília – DF – Brasil. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: impresacns@saude.gov.br Horário de atendimento: 08h às 18h

Para qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis, a saber:

Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes Telefone: (11) 9 8540 – 0831 Endereço institucional: Departamento de Letras, sala 22 - Térreo - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP E-mail: rogerantunes@yahoo.com.br	Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde Telefone: (16) 3306 - 6453 Endereço institucional: Departamento de Letras, sala s/n - 1º andar - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP E-mail: cleberconde2@gmail.com
---	--

_____, ____ de _____ de 20 __.

Assinatura do pesquisador responsável (Me. Roger A. de M. R. Antunes)

Eu, _____, aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou desistir de participar. Além disso, declaro ter recebido uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE II — FICHAS DE INFORMANTES

Versão I – utilizado durante 2018 e 2019

Versão II – desenvolvido em formato simplificado para o trabalho de campo em SGC em dezembro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL
 GRUPO DE ESTUDOS EM SEMÂNTICA REFERENCIAL - GESer



FICHA DO INFORMANTE

DADOS GERAIS		CÓDIGO:
NOME:		
APELIDO:		IDADE:
DATA DE NASCIMENTO:		SEXO: <input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher
ENDEREÇO/CONTATO:		
ESTADO CIVIL: <input type="checkbox"/> solteiro(a) <input type="checkbox"/> casado(a) <input type="checkbox"/> viúvo(a) <input type="checkbox"/> outro		
NATURALIDADE:	CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE EM QUE ANO CHEGOU A ESTA CIDADE?	
DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
ASCENDÊNCIA ÉTNICA:	FORMAÇÃO:	
NATURALIDADE da mãe: do pai: do cônjuge:	FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não *Em caso negativo, por quem foi criado?	
ATIVIDADE LABORAL/ ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO:	PROFISSÃO: da mãe: do pai: do cônjuge:	
LÍNGUA MATERNA:		
FALA OUTRA(S) LÍNGUA(S): 1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não *Se sim, quais?		
1.1 Em que contexto fala/utiliza as outras línguas:		
1.2 Onde e como aprendeu as outras línguas:		
1.3 Tem contato com outras línguas que não fala:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL
 GRUPO DE ESTUDOS EM SEMÂNTICA REFERENCIAL - GESer



Sim Não *Se sim, quais?

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

ASSISTE TV?

- todos os dias
 às vezes
 nunca

ACESSA À INTERNET?

- todos os dias
 às vezes
 nunca

Em caso de acessar a internet com frequência, quais páginas você mais acessa? Onde? (redes sociais, notícias, pesquisas).

SE POSSUIR REDES SOCIAIS, COSTUMA ESCREVER EM QUAL LÍNGUA?

OUTRAS INFORMAÇÕES

TIPOS DE LAZER:

QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

APÓS A ENTREVISTA

POSTURA DO INFORMANTE:

1. cooperativa 2. não cooperativa 3. agressiva 4. indiferente

NOME DO ENTREVISTADOR:

LOCAL DA ENTREVISTA:

DATA DA ENTREVISTA:

OBSERVAÇÕES GERAIS:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL
 GRUPO DE ESTUDOS EM SEMÂNTICA REFERENCIAL - GEsER



FICHA DO INFORMANTE

DADOS GERAIS		CÓDIGO:
NOME:		
IDADE:		SEXO:
ETNIA:	FORMAÇÃO:	
EM QUAL LOCALIDADE VOCÊ FOI CRIADO? E SUA MÃE? E SEU PAI?	PROFISSÃO:	
	LÍNGUA DA MÃE:	
	LÍNGUA DO PAI:	
	FALA OUTRAS LÍNGUAS? QUAIS?	



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PPGL
GRUPO DE ESTUDOS EM SEMÂNTICA REFERENCIAL - GEsER



APÓS A ENTREVISTA

FICHA PREENCHIDA PELO PRÓPRIO PARTICIPANTE? SIM NÃO

POSTURA DO INFORMANTE:

1. cooperativa 2. não cooperativa 3. agressiva 4. indiferente

NOME DO ENTREVISTADOR:

LOCAL DA ENTREVISTA:

DATA DA ENTREVISTA:

OBSERVAÇÕES GERAIS:

APÊNDICE III — QUESTIONÁRIOS

Questionário I – desenvolvido em outubro de 2018

Questionário II – desenvolvido em fevereiro de 2019

Questionário III – desenvolvido em outubro de 2019

Questionário IV – desenvolvido em outubro de 2019

Questionário V – desenvolvido em novembro de 2019

Questionário VI – desenvolvido como teste e aplicado antes do trabalho de campo em SGC

Questionário VII – utilizado em dezembro de 2019 em SGC

Questionário VII versão 2 – desenvolvido para abranger uma variante ortográfica do tukano na cidade de SGC

Questionário VIII – desenvolvido e aplicado digitalmente por meio do Google Forms

QUESTIONÁRIO I - LÍNGUA TUKANA - DATA ___/___/___

QUESTIONÁRIO CÓD. _____ INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL.E CÓD. _____

Questão 1

Qual nota (de 1 a 5) você daria para essas frases?

1. yí'íré kumupaitá mi'ítia'sã

- a. péssima – impossível de entender;
 b. ruim – muito difícil de entender;
 c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
 d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
 e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

2. pa'y kumupaitá mi'ítia íasami'sã

- a. péssima – impossível de entender;
 b. ruim – muito difícil de entender;
 c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
 d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
 e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

3. pa'y si't' íré kumupaitá mi'ítia íasami'sã

- a. péssima – impossível de entender;
 b. ruim – muito difícil de entender;
 c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
 d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
 e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

4. ahkabihi ma'mi'íré kumupaitá mi'ítia'sã

- a. péssima – impossível de entender;
 b. ruim – muito difícil de entender;
 c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
 d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
 e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

5. pahkí'íré kumupaitá mi'ítia'sã

- a. péssima – impossível de entender;

- b. ruim – muito difícil de entender;
- c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
- d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
- e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

6.pahkí si't'iré kumupaitá mi'ítia íasami'sã

- a. péssima – impossível de entender;
- b. ruim – muito difícil de entender;
- c. razoável – é possível entender, mas apresenta muitos erros;
- d. boa – dá para entender, mas ainda apresenta algo que não é utilizado;
- e. muito boa – consigo entender perfeitamente.

Questão 2

Como você traduziria a frase “*Você poderia pegar a cadeira para mim*” nas seguintes situações:

Situação 1. Como um pai pediria a cadeira para um filho?

Situação 2. Como um filho pediria a cadeira para um pai?

Situação 3. Como um padre/pastor ou sacerdote pediria uma cadeira para um fiel?

Situação 4. Como um fiel pediria uma cadeira para um pastor/padre ou sacerdote?

Situação 5. Como um irmão mais velho pediria a cadeira para um irmão mais novo?

Situação 6. Como um irmão mais novo pediria a cadeira para um irmão mais velho?

Questão 3

Como você traduziria para o português a frase abaixo?

pa'y si'ĩ' íré kumupaitá mi'ĩtia íasami'sã

Questão 4

Selecione as melhores frases para cada situação.

Situação 1. Um padre pedindo uma cadeira falaria qual das frases abaixo?

- () 1. y'í'íré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () 2. pa'y kumupaitá mi'ĩtia íasami'sã
- () 3. pa'y si'ĩ'íré kumupaitá mi'ĩtia íasami'sã

Situação 2. Um pai pedindo pedindo uma cadeira para um filho falaria qual das frases abaixo?

- () 1. y'í'íré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () 2. pahkí'íré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () 3. pahkí si'ĩ'íré kumupaitá mi'ĩtia íasami'sã

Situação 3. Um irmão mais velho pedindo uma cadeira falaria qual das frases abaixo?

- () 1. y'í'íré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () 2. ahkabihi ma'mi'í'íré kumupaitá mi'ĩtia'sã

Anotações do inquiridor

QUESTIONÁRIO - LÍNGUA TUKANA - DATA DE APLICAÇÃO ___/___/___

QUESTIONÁRIO CÓD. _____ INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL. CÓD. _____

Questão única

De acordo com a pontuação de 0 a 3, classifique as frases, conforme a legenda abaixo:

(3)	preferida
(2)	+/- preferida
(1)	- preferida
(0)	não aceitável

Situação 1. Como um sogro pediria uma cadeira para um genro?

- () a. manhehkũ kî'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- () b. mi manhehkũ'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () c. buhí manhehkũ'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () d. buhí yî'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () e. buhí yî'iré kumupaitá mikatia'sã
- () f. manhehkũ kî'iré kumupaitá mikatia iasami'sã
- () g. yî'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () h. mi'î manhehkũ kumupaitá iamiami

Situação 2. Como um genro pediria uma cadeira para um sogro?

- () a. buhí kî'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- () b. mi buhí'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () c. manhehkũ buhí'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () d. manhehkũ yî'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- () e. manhehkũ yî'iré kumupaitá mikatia'sã
- () f. buhí kî'iré kumupaitá mikatia iasami'sã
- () g. yî'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

Situação 3. Como um avô pediria a cadeira para um neto?

- a. nehkũ'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- b. nehkũ ki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- c. mi nehkũ'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- d. mahki nehkũ'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- e. mahki yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- f. mahki yi'iré kumupaitá mikatia'sã
- g. nehkũ ki'iré kumupaitá mikatia iasami'sã
- h. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- i. m'ĩi nehkũ kumupaitá iamiami mahki

Situação 4. Como um neto pediria uma cadeira para um avô?

- a. mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- b. mahki ki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- c. mi mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- d. nehkũ mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- e. nehkũ yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- f. nehkũ yi'iré kumupaitá mikatia'sã
- g. mahki ki'iré kumupaitá mikatia iasami'sã
- h. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

Situação 5. Como um pajé pediria a cadeira para uma pessoa?

- a. kumũ'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- b. kumũ ki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã
- c. yi'iré kumupaitá mikatia'sã
- d. kumũ ki'iré kumupaitá mikatia iasami'sã
- e. mi kumũ'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã
- f. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

g. mi'i kumũ kumupaitá iamiami mahki

Situação 6. Como uma pessoa pediria uma cadeira para um pajé?

a. kumũ yi'iré kumupaitá mi'ĩtia ia'sã

b. kumũ yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

c. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

d. kumũ yi'iré kumupaitá mikatia'sã

Situação 7. Como um padre pediria a cadeira para um fiel?

a. pa'y'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã

b. pa'y ki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã

c. mi pa'y'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

d. mahki pa'y'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

e. mahki yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

f. mahki yi'iré kumupaitá mikatia'sã

g. pa'y ki'iré kumupaitá mikatia iasami'sã

h. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

i. mi'i pa'y kumupaitá iamiami mahki

Situação 8. Como um fiel pediria uma cadeira para um padre?

a. mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã

b. mahki ki'iré kumupaitá mi'ĩtia iasami'sã

c. mi mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

d. pa'y mahki'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

e. yi'iré kumupaitá mi'ĩtia'sã

f. pa'y yi'iré kumupaitá mikatia'sã

g. mahki ki'iré kumupaitá mikatia iasami'sã

Situação 9. Como um pai pediria uma cadeira para um filho?

- a. yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- b. pahki kí'iré kumupaitá mi'ítia íasami'sã
- c. mahki yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- d. mahki pahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- e. mi pahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- f. mahki yí'iré kumupaitá mikatia'sã
- g. pa'y kí'iré kumupaitá mikatia íasami'sã
- h. pahki kí'iré kumupaitá mikatia íasami'sã
- i. pahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- j. mĩ'i pahki kumupaitá iamiami mahki

Situação 10. Como um filho pediria uma cadeira para um pai?

- a. yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- b. mahki kí'iré kumupaitá mi'ítia íasami'sã
- c. pahki yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- d. pahki mahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- e. mi mahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- f. pa'y yí'iré kumupaitá mikatia'sã
- g. mahki'iré kumupaitá mi'ítia'sã

Situação 11. Como um irmão mais velho pediria uma cadeira para um caçula?

- a. ahkabihi ma'mi'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- b. ahkabihi ma'mi'iré kumupaitá mikatia'sã
- c. ahkabihi yí'iré kumupaitá mikatia'sã
- d. ma'mi kí'iré kumupaitá mi'ítia íasami'sã
- e. yí'iré kumupaitá mi'ítia'sã
- f. mĩ'i ma'mi kumupaitá iamiami ahkabihi

Situação 12. Como um caçula pediria uma cadeira para um irmão mais velho?

QUESTIONÁRIO - LÍNGUA TUKANA - DATA DE APLICAÇÃO ___/___/___

QUESTIONÁRIO CÓD. _____ INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL. CÓD. _____

Questão única

Como você traduziria para a língua Tukano a frase “*Você poderia pegar a cadeira para mim?*” nas seguintes situações:

Situação 1. Como um hupda (makú) pediria a cadeira para um tukano?

Situação 2. Como um tukano pediria a cadeira para um hupda (makú)?

Situação 3. Como um irmão mais velho (tukano) pediria a cadeira para um hupda (makú)?

Situação 4. Como um hupda (makú) pediria a cadeira para um irmão mais velho (tukano)?

Situação 5. Como um sogro (tukano) pediria uma cadeira para um hupda (makú)?

Situação 6. Como um hupda (makú) pediria uma cadeira para um sogro (tukano)?

Situação 7. Como um pastor/padre ou sacerdote pediria a cadeira para um hupda (makú)?

Situação 8. Como um hupda (makú) pediria a cadeira para um pastor/padre ou sacerdote?

Situação 9. Como um pajé (tukano) pediria uma cadeira para um hupda (makú)?

Situação 10. Como um hupda (makú) pediria uma cadeira para um pajé (tukano)?

Situação 11. Como um pai (tukano) pediria uma cadeira para um hupda (makú)?

Situação 12. Como um hupda (makú) pediria uma cadeira para um pai (tukano)?

Anotações do inquiridor

QUESTIONÁRIO - LÍNGUA TUKANA - DATA DE APLICAÇÃO ___/___/___

QUESTIONÁRIO CÓD. _____ INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL. CÓD. _____

Questão única

De acordo com a pontuação de 0 a 3, classifique as frases, conforme a legenda abaixo:

(3)	preferida
(2)	+/- preferida
(1)	menos preferida
(0)	não aceitável

Situação 1. Como um sogro pediria uma cadeira para um genro?

- () a. mi'ĩ'ohó manhehkũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () b. buhí mi'ĩ'ohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. buhí mi'ĩ'akã yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () d. buhí yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. mi'ĩ yeé manhehkũ kumupatá iamiami
- () g. mi'ĩ manhehkũ kumupatá iamiami
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 2. Como um genro pediria uma cadeira para um sogro?

- () a. mi'ĩ'ohó buhíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () b. manhehkũ buhíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. manhehkũ yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () d. manhehkũ'ohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. manhehkũ mi'ĩ'ohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 3. Como um avô pediria a cadeira para um neto?

- () a. mahkí mi'ĩ'ohó nhehkũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () b. mahkí mi'ĩakã nhehkũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. mahkí nhehkũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () d. mahkí y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. mi'ĩ yeé nhehkũ kumupatá iamiami, mahkí
- () g. mi'ĩ nhehkũ kumupatá iamiami, mahkí
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 4. Como um neto pediria uma cadeira para um avô?

- () a. mahkíre kumupatá mi'ĩtia iasami'sã
- () b. mi'ĩ'ohó mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. nhehkũ mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () d. nhehkũ y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. nhehkũ'ohó y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () g. nhehkũ mi'ĩ'ohó y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 5. Como um pajé pediria a cadeira para uma pessoa?

- () a. kumũre kumupatá mi'ĩtia iasami'sã
- () b. y'i'ĩre kumupatá mikatia'sã
- () c. kumũ k'i'ĩre kumupatá mikatia iasami'sã
- () d. mi'ĩ'ohó kumũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. mi'ĩ'akã kumũre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. mi'ĩ'akã y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

g. mi'ĩ yeé kumũ kumupatá iamiami, mahkí

h. mi'ĩ kumũ kumupatá iamiami, mahkí

caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 6. Como uma pessoa pediria uma cadeira para um pajé?

a. kumũ y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

b. y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

c. kumũ y'i'ĩre kumupatá mikatia'sã

d. kumũ'ohó y'i'ĩre kumupatá mikatia'sã

e. kumũ mi'ĩ'ohó y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 7. Como um padre pediria a cadeira para um fiel?

a. pa'yre kumupatá mi'ĩtia iasami'sã

b. pa'y ki'ĩre kumupatá mi'ĩtia iasami'sã

c. mi'ĩ'ohó pa'yre kumupatá mi'ĩtia'sã

d. mi'ĩ'akã pa'yre kumupatá mi'ĩtia'sã

e. mahkí pa'yre kumupatá mi'ĩtia'sã

f. mahkí y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

g. y'i'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

h. mi'ĩ yeé pa'y kumupatá iamiami, mahkí

i. mi'ĩ pa'y kumupatá iamiami, mahkí

caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 8. Como um fiel pediria uma cadeira para um padre?

a. mahkíre kumupatá mi'ĩtia iasami'sã

c. mi'ĩ'ohó mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã

d. pa'y mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã

- e. yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- f. pa'y'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- g. pa'y mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 9. Como um pai pediria uma cadeira para um filho?

- a. yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- b. mahkí yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- c. mahkí pakíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- d. mi'ĩ'ohó pakíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- e. mi'ĩ'ohó pa'yre kumupatá mi'ĩtia'sã
- f. mi'ĩ'akã pa'y'ire kumupatá mi'ĩtia'sã
- g. mi'ĩ'akã pakíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- h. pakíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- i. mi'ĩ yeé pakí kumupatá iamiami mahkí
- j. mi'ĩ pakí kumupatá iamiami mahkí
- k. mi'ĩ yeé pa'y kumupatá iamiami mahkí
- l. mi'ĩ pa'y kumupatá iamiami mahkí
- caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 10. Como um filho pediria uma cadeira para um pai?

- a. yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- b. pakí yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- c. pakí'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- d. pa'y'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- e. pakí mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- f. mi'ĩ'ohó mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã
- g. mahkíre kumupatá mi'ĩtia'sã

- () h. pakí mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () i. pa'y mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 11. Como um irmão mais velho pediria uma cadeira para um caçula?

- () a. ahkabihi ma'míre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. ahkabihi yí'ĩre kumupatá mikatia'sã
- () d. ahkabihi mi'ĩakã yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () e. ahkabihi mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () g. yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () h. mi'ĩ yeé ma'mi kumupatá iamiami, ahkabihi
- () i. mi'ĩ ma'mí kumupatá iamiami, ahkabihi
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Situação 12. Como um caçula pediria uma cadeira para um irmão mais velho?

- () a. ma'mí ahkabihi kumupatá mi'ĩtia'sã
- () c. ma'mí yí'ĩre kumupatá mikatia'sã
- () e. yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () f. mi'ĩ yeé ahkabihi kumupatá iamiami, ma'mí
- () g. mi'ĩ ahkabihi kumupatá iamiami, ma'mí
- () h. ahkabihi mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
- () caso nenhuma das alternativas, como você falaria? _____

Anotações do inquiridor

QUESTIONÁRIO V - LÍNGUA TUKANA - DATA ___/___/___

QUESTIONÁRIO CÓD. _____ INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL E CÓD. _____

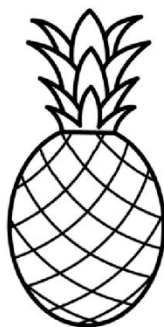
Questão 1

Marque com um (x) a melhor definição para as imagens.

(é possível marcar mais de uma opção por item)



sêragá

 sêragá sêragároho sêragá sêragákã

mĩĩ

 mĩĩ mĩĩ'ohó mĩĩ mĩĩ'akã



kĩĩ



() kĩĩ

() kĩĩrohó

() kĩĩakã



() kĩĩ

() kĩĩrohó

() kĩĩakã



() koô

() koôakã

() koôkoho



() mi'ĩ

() mi'ĩ'akã

() mi'ĩ'ohó

Como um casal de idosos se refere a eles mesmos?

- ĩsã ĩsã pekarã ĩsã pekasehé
 ĩsârohó ĩsâakã marî marî pekarã
 marî pekasehé marîrohó marîakã



Como um jovem se refere a um casal de idosos?

- naâ
 naârohó
 naâ pekasehé
 naâ pekarã



Questão 2

Observe a conversa entre Pedro e seu pai.



José ouviu o diálogo entre Pedro e seu pai e resolveu contar para a Maria.

Escreva em tukano como José diria à Maria o quê ele ouviu.



Questão 3

Marque com um (x) a melhor frase que o pai fala para o filho.



() ãyú! mi'ĩ sihâgi wee

() ãyú! mi'ĩ'akã sihâgi
wee

() ãyú! mi'ĩ'ohó sihâgi
wee

Marque com um (x) a melhor frase o filho fala sobre o pai.

() yi'ĩ paké e'katígi', kãrohó baámi

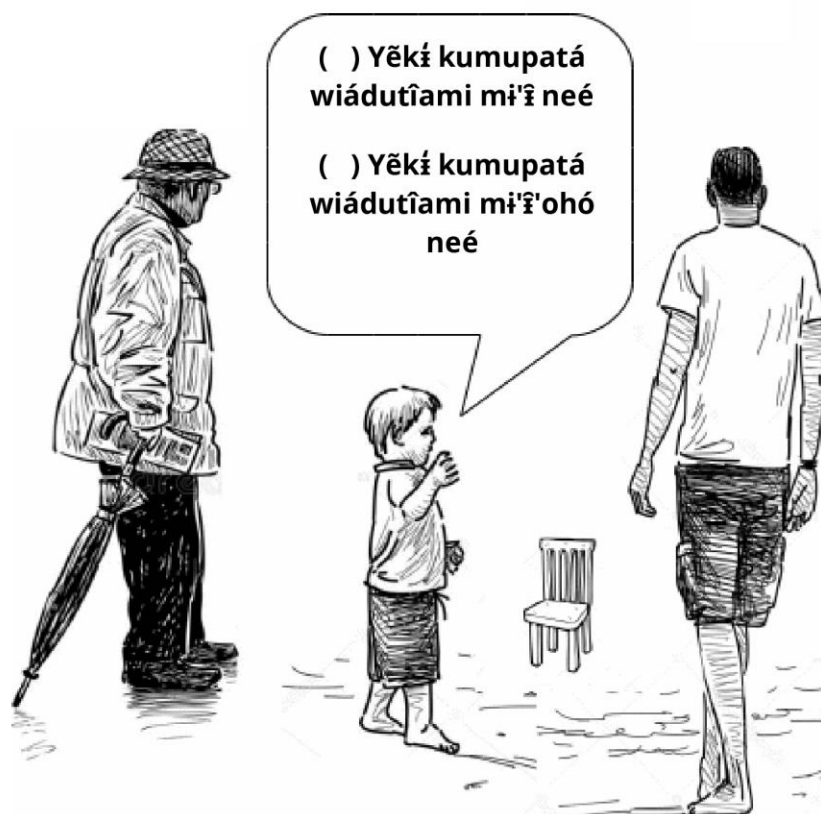
() yi'ĩ paké e'katígi', kã baámi



Marque com um (x) a melhor frase o neto fala sobre o avô.



Marque com um (x) a melhor frase que o filho fala para o pai.



Questão 4

Pinte o círculo correspondente ao nível de entendimento das frases:

Situação 1. Como alguém pediria uma cadeira para um homem mais velho?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakí'ohó mi'ĩ yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakí'ohó mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã

Situação 2. Como um homem mais velho pediria uma cadeira para alguém mais novo?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ'ohóre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ yí'ĩ'ohóre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩakã yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩakã yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia ia'sã

Situação 3. Como um homem pediria uma cadeira para uma mulher?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩakã yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩakã yí'ĩ'ohóre kumupatá mi'ĩtia'sã

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ yí'ĩ'ohóre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	masó mi'ĩ yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã

Situação 4. Como uma mulher pediria uma cadeira para um homem?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩakã yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	masí mi'ĩ yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ yí'ĩ'kohóre kumupatá mi'ĩtia'sã

Situação 5. Como um filho pediria uma cadeira para um pai?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakí'ohó yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakí mi'ĩ'ohó yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakí'ohó mi'ĩ'ohó yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã

Situação 6. Como um filho pediria uma cadeira para uma mãe?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakó yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakó mahkí're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakó mi'ĩ'koho yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakókoho yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pakókoho mi'ĩ'koho yí'ĩ're kumupatá mi'ĩtia'sã

Situação 7. Como uma mãe pediria uma cadeira para um filho?

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'íre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'íre kumupatá mi'ítiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'í'akã pakóre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mahkíakã yí'íre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'í pakió kumupatá iamiami mahkí

Anotações do inquiridor

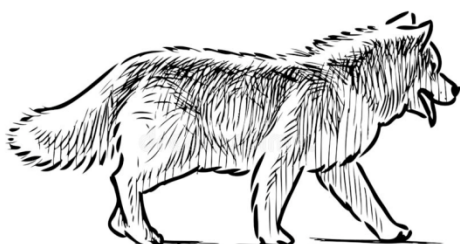
QUESTIONÁRIO VI - LÍNGUA TUKANA - DATA ___/___/___

INFORMANTE CÓD. _____ LOCAL. E CÓD. _____

Questão 1

Marque com um (x) a melhor definição para as imagens.

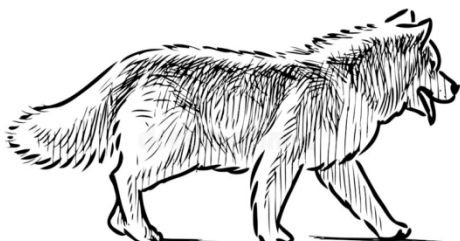
(é possível marcar mais de uma opção por item)



- () diâyi
() diâyí'hó



- () diâyi
() diâyiakã



- () diâyi
() diâyí'hó



- () diâyi
() diâyí'hó
() diâyiakã

- () diâyi
() diâyí'hó
() diâyiakã



- () diâyi
() diâyí'hó
() diâyiakã

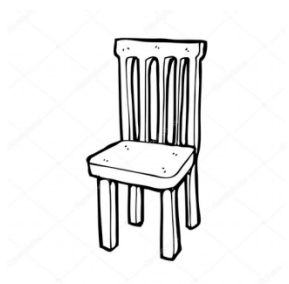
Como um jovem se refere a um casal de idosos?

- () misã
 () misã'hó
 () misã pekasehé
 () misã pekarã



Questão 2

Pinte o círculo correspondente ao nível de entendimento das frases conforme os desenhos:



kumupatá



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	kumupatá
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	kumupatá'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mehá kumupatá
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mehá'hó kumupatá
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mehá'hó kumupatá'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mehá kumupatá'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó kumupatá
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí kumupatá'hó

A seguir estão as possibilidades de se chamar um cachorro idoso.



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	diâyi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	diâyi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	biki diâyi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	biki'hó diâyi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	biki'hó diâyi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	biki diâyi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó diâyi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí biki diâyi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó biki'hó diâyi'hó

A seguir estão as possibilidades de um idoso pedir uma cadeira para um padre.

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩre kumupatá mi'ĩtiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ yí'ĩ'hóre kumupatá mi'ĩtia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yí'ĩ'hóre kumupatá mi'ĩtiya



A seguir estão as possibilidades de um padre pedir uma cadeira para um idoso.

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yi'ire kumupatá mi'ttia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	yi'ire kumupatá mi'tiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yi'ire kumupatá mi'ttia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ'ohó yi'ire kumupatá mi'tiya
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pa'y'hó mi'ĩ yi'ire kumupatá mi'ttia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pa'y'hó mi'ĩ'ohó yi'ire kumupatá mi'ttia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ yi'ĩ'hóre kumupatá mi'ttia'sã
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mi'ĩ pa'y'hóre kumupatá mi'ttia'sã



Questão 3

Observe a conversa entre Pedro e seu pai.



José ouviu o diálogo entre Pedro e seu pai e resolveu contar para a Maria.

Qual seria a melhor forma de José dizer a Maria?



Questão 4

Pinte o círculo correspondente ao nível de entendimento das frases conforme os desenhos:

A seguir estão as possibilidades de se referir a uma pessoa idosa.



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí bikigi' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí bikigi' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí'hó bikigi' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí bikigi'hó nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí bikigi' nĩmi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí'hó bikigi' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí biki'hó

A seguir estão as possibilidades de se referir a uma pessoa alta.



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí i'miági' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí i'miági' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí'hó i'miági' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí i'miági'hó nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí i'miági' nĩmi'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí'hó i'miági' nĩmi
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí'hó masí
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí'hó
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ã'rí masí i'miá'hó

Anotações do inquiridor

QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

INFORMANTE CÓDIGO: _____ LOCALIDADE: _____ DATA: ____/____/____

Questão 1. Marque com um (X) a melhor definição para as imagens.
(é possível marcar mais de uma opção por item)

a)



- masí
- masó
- koô
- kîî

b)



- masí
- masó
- koô
- kîî

c)



- pakí'hó
- pakí
- pa'y
- pa'y'hó

d)



- koô
- koôkohó
- koôakã

e)



- kîî
- kîî'hó
- kîîakã


f)




- kîî
- kîî'hó
- kîîakã

QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 2. Marque com um (X) a opção que lhe parece mais adequada para cada diálogo.



() sîi yî'f pakí nîimi
() ã'rí yî'f pakí nîimi



() sîi yî'f pakí nîimi
() ã'rí yî'f pakí nîimi

Questão 3. Marque com um (X) a opção que lhe parece mais adequada para o diálogo a seguir.

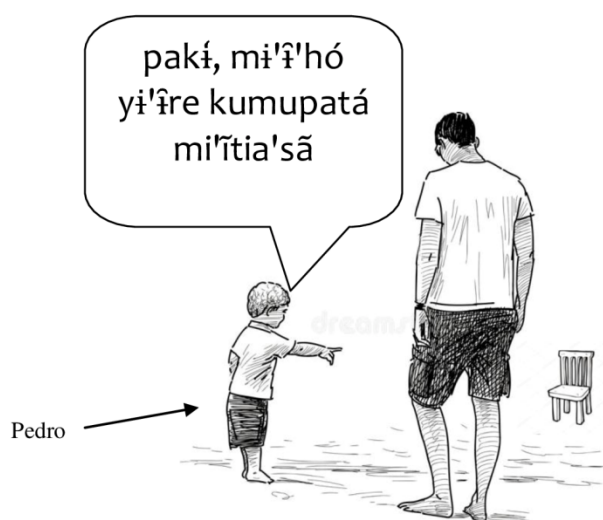




() marî kirã, a'te nîmîrîre, wesêrîre da'rãrã' weé'
() marî, a'te nîmîrîre, wesêrîre da'rãrã' weé'

QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 4. José ouviu o seguinte diálogo entre Pedro e seu pai:



A seguir estão possibilidades de José contar a Maria o diálogo que ouviu. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:



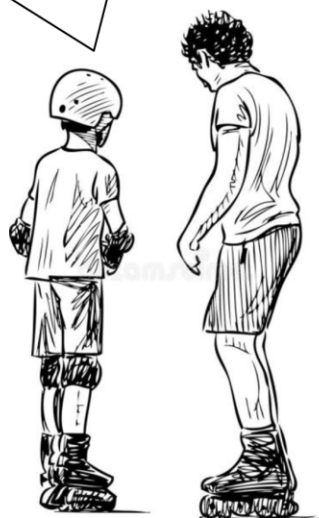
bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kɨɨ pakíre kumupatá seriami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kɨɨ pakí'hóre kumupatá seriami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kɨɨ'hó makí kɨɨre kumupatá mitídutiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kɨɨ makí kɨɨre kumupatá mitídutiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kɨɨ'hó makí kɨɨre kumupatá serikiweami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kɨɨ makí kɨɨre kumupatá serikiweami



QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 5. A seguir estão possibilidades de um irmão mais novo pedir ajuda para o irmão mais velho. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mi'f'hó yi'f're weé'tamoa'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó yi'f're weé'tamoa'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mi'f'hó yi'f're weé'tamoa'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mi'f'hó ahkabihiré weé'tamoa'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f yi'f're weé'tamoa'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yi'f're weé'tamoa'sã?



QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 6. A seguir estão possibilidades de um padre pedir uma cadeira para um idoso. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yí'fíre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yí'fíre kumupatá mi'ítiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó yí'fíre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó yí'fíre kumupatá mi'ítiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f pa'y'hóre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó pa'y'hóre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó pa'yre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f pa'yre kumupatá mi'ítia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mi'f'hó yí'f'hóre kumupatá mi'ítia'sã



QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 7. A seguir estão possibilidades de um idoso pedir uma cadeira para um padre. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yí'fíre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, yí'fíre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, yí'fíre kumupatá mí'tiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y'hó, yí'fíre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mí'f'hó yí'fíre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mí'f'hó yí'f'hóre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mí'f yí'f'hóre kumupatá mí'tia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y'hó, mí'f'hó yí'fíre kumupatá mí'tia'sã



QUESTIONÁRIO VII – LÍNGUA TUKANA

Questão 8. A seguir está uma cadeira antiga. Avalie as possibilidades em: bom, médio, ruim e não sei, de acordo com as definições que lhe parecem mais adequadas para essa cadeira:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó mehá'hó kumupatá'hó

Questão 9. A seguir está uma cadeira nova. Avalie as possibilidades em: bom, médio, ruim e não sei, de acordo com as definições que lhe parecem mais adequadas para essa cadeira:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'má kumupatakã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'makã kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí ma'má kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tiakã ma'má kumupatá

QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

INFORMANTE CÓDIGO: ____ LOCALIDADE: ____ DATA: ____ / ____ / ____

Questão 1. Marque com um (X) a melhor definição para as imagens.
(é possível marcar mais de uma opção por item)

a)



- masu
- masó
- koô
- kũ

b)



- masu
- masó
- koô
- kũ

c)



- paku'hó
- paku
- pa'y
- pa'y'hó

d)



- koô
- koôkohó
- koôakã

e)



- kũ
- kũ'hó
- kũakã

f)



- kũ
- kũ'hó
- kũakã

QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 2. Marque com um (X) a opção que lhe parece mais adequada para cada diálogo.



() sif yu paku niimi
() a'ri yu paku niimi



() sif yu paku niimi
() a'ri yu paku niimi

Questão 3. Marque com um (X) a opção que lhe parece mais adequada para o diálogo a seguir.

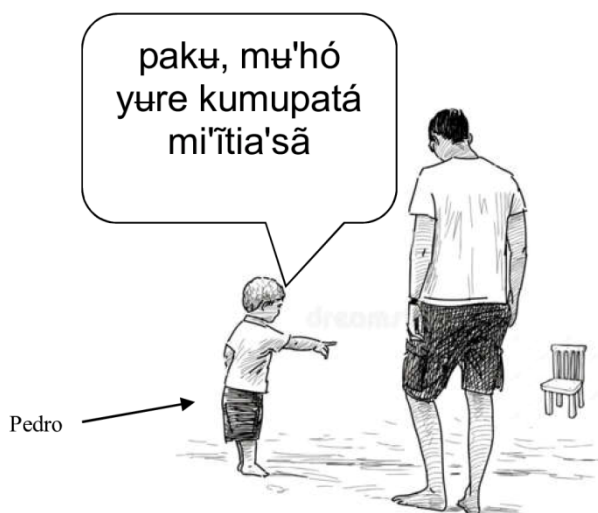




() marí kurã, a'te numurire, wesêire da'rará' weé'
() marí, a'te numurire, wesêire da'rará' weé'

QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 4. José ouviu o seguinte diálogo entre Pedro e seu pai:



A seguir estão possibilidades de José contar a Maria o diálogo que ouviu. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kũ pakúre kumupatá serĩami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pedro kũ pakú'hóre kumupatá serĩami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kũ'hó makú kũre kumupatá mitíduhtiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kũ makú kũre kumupatá mitíduhtiami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kũ'hó makú kũre kumupatá serĩkuweami
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kũ makú kũre kumupatá serĩkuweami

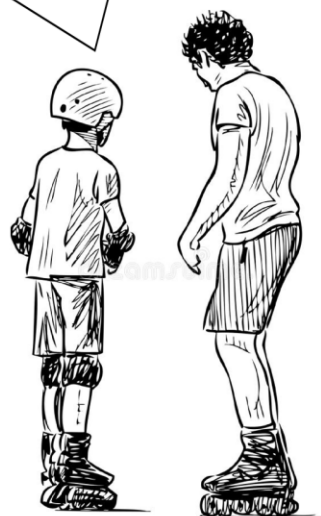
José

Maria

QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 5. A seguir estão possibilidades de um irmão mais novo pedir ajuda para o irmão mais velho. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mu'hó yure weé'tamua'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mu'hó yure weé'tamua'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mu'hó yure weé'tamua'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'mi, mu'hó ahkabihiire weé'tamua'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mu yure weé'tamua'sã?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yure weé'tamua'sã?



QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 6. A seguir estão possibilidades de um padre pedir uma cadeira para um idoso. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yere kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yere kumupatá mi'itiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ'hó yere kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ'hó yere kumupatá mi'itiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ pa'y'hóre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ'hó pa'y'hóre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ'hó pa'yre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ pa'yre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mɛ'hó yɛ'hóre kumupatá mi'itia'sã



QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 7. A seguir estão possibilidades de um idoso pedir uma cadeira para um padre. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento:

bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	yure kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, yure kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, yure kumupatá mi'itiya
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y'hó, yure kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mu'hó yure kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mu'hó yu'hóre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y, mu yu'hóre kumupatá mi'itia'sã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	pa'y'hó, mu'hó yure kumupatá mi'itia'sã



QUESTIONÁRIO VII – versão 4 – LÍNGUA TUKANA

Questão 8. A seguir está uma cadeira antiga. Avalie as possibilidades em: bom, médio, ruim e não sei, de acordo com as definições que lhe parecem mais adequadas para essa cadeira:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá'hó kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	mehá kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí'hó mehá'hó kumupatá'hó

Questão 9. A seguir está uma cadeira nova. Avalie as possibilidades em: bom, médio, ruim e não sei, de acordo com as definições que lhe parecem mais adequadas para essa cadeira:



bom	médio	ruim	não sei	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	kumupatá'hó
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'má kumupatakã
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ma'makã kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tí ma'má kumupatá
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	ã'tiakã ma'má kumupatá

Questionário VIII sobre a língua tukano

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada INDEXICAIS NA LÍNGUA TUKANO: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA, sob a responsabilidade dos pesquisadores Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes e Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde.

Nessa pesquisa nós buscamos entender como a hierarquia social é representada na gramática das línguas, especialmente na língua tukana.

Em sua participação você deverá responder a perguntas referentes à gramática da língua tukano, de forma a (i) avaliar frases criadas pelos pesquisadores, se são compreendidas ou não, bem como (ii) criar frases e (iii) realizar pequenas traduções da língua portuguesa para a língua tukana. Tudo isso será realizado de forma escrita, além de um gravador permanecer ligado durante a sessão fechada de coleta de dados.

Para tanto, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. Após a organização dos dados no projeto de pesquisa, os áudios serão desgravados e o material escrito (questionários) permanecerá sob posse do pesquisador por 5 anos e, após esse período, serão destruídos.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados sem o seu nome ou seus dados pessoais, garantindo a preservação de sua identidade.

A pesquisa possui riscos mínimos, tais como (i) cansaço, caso as respostas ao questionário se alonguem, e/ou (ii) constrangimento, caso alguma questão entre em assuntos pessoais. Se você sentir desconforto em dar alguma informação, não insistiremos e sua participação poderá ser cancelada.

Como principal benefício, este trabalho enriquecerá o campo de pesquisa em linguística e poderá ser responsável por um resgate cultural, além de estimular a valorização identitária dos povos que a falam tukano.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro por ela. Entretanto, caso você tenha despesas com a participação (como transporte, por exemplo), você será ressarcido no dia da entrevista. Além disso, você terá direito a indenização por quaisquer danos resultantes de sua participação na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

O pesquisador responsável me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Esses órgãos defendem os interesses e a integridade dos sujeitos que participam de pesquisas como esta.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar - CEP
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – Caixa Postal 676
CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil.
Telefone: (16) 3351-8110.
E-mail: cephumanos@ufscar.br
Horário de atendimento: 8h às 12h e das 14h às 18h

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
SRTVN – Via W 5 Norte – lote D, Edifício PO 700, 3º andar – Ala Norte
CEP: 70.719.040 – Asa Norte – Brasília – DF – Brasil.
Telefone: (61) 3315-5877
E-mail: imprensacns@saude.gov.br
Horário de atendimento: 08h às 18h

Para qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis, a saber:

Me. Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes
Telefone: (11) 9 8540 – 0831
Endereço institucional: Departamento de Letras, sala 22 - Térreo - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP
E-mail: rogerantunes@yahoo.com.br

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
Telefone: (16) 3306 - 6453
Endereço institucional: Departamento de Letras, sala s/n - 1º andar - Universidade Federal de São Carlos - Via Washington Luís, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP
E-mail: cleberconde2@gmail.com

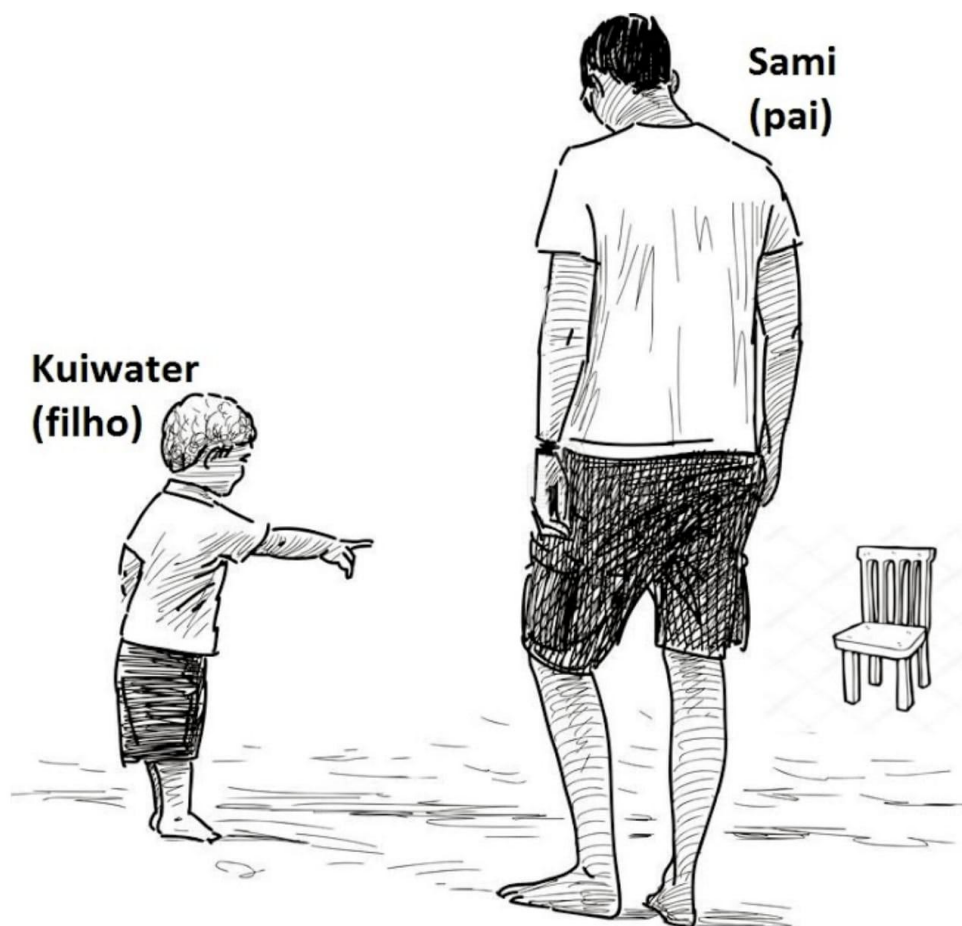
Ao dar continuidade neste formulário, eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou desistir de participar. Além disso, declaro ter recebido uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

***Obrigatório**

Questões

Responda às questões a respeito de das 7 situações a seguir conforme o seu entendimento e, ao final, clique em enviar o formulário. Fique tranquilo, você permanecerá em anonimato.

1. 1) A seguir estão possibilidades de um filho pedir uma cadeira para seu pai. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
Samihó yi'ire kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ttahó yi'ire kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Sami yi'ire kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yi'itare kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sami Kuiwatere kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩhó Kuiwatere kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩrohó yi'ire kumupatá mi'ttia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. 2) A seguir estão possibilidades de Péduru pedir uma cadeira para Baria. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
mi'ĩtahó yi'ire kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩhó yi'ire kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

mi'ĩ yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩ yi'ĩtare kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Baria yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bariata yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bariakohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bariahó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩkohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. 3) A seguir estão possibilidades de um neto pedir uma cadeira para sua avó. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
mi'ĩkohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ĩtakohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yěkótakohó yi'ĩre kumupatá mi'ĩtia'sã	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yěkókohó	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

yěkóhó
yi'ire
kumupatá
mi'ttia'sã

yěkóhó
yi'ire
kumupatá
mi'ttia'sã

4. 4) A seguir estão possibilidades de um homem pedir ajuda para uma mulher. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
yēkókohó yí'ire weé'tamoa'sã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yēkó yí'ire weé'tamoa'sã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
masótahó yí'ire weé'tamoa'sã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
masótakohó yí'ire	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

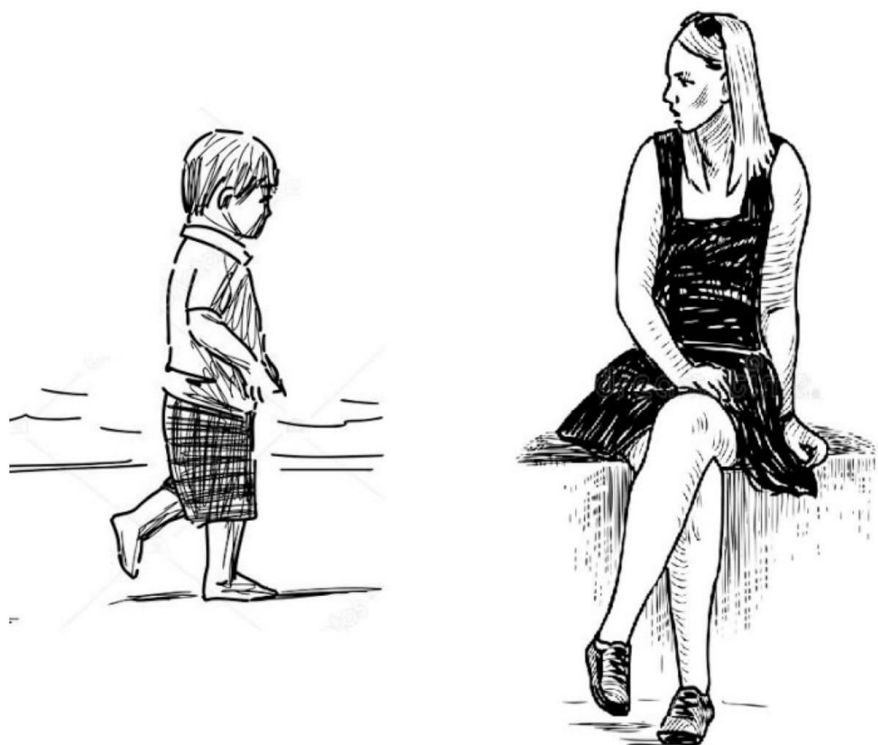
weé'tamoasã?

masó yĩ're
weé'tamoasã?

mi'ĩkohó yĩ're
weé'tamoasã?

mi'ĩhó yĩ're
weé'tamoasã?

5. 5) A seguir estão possibilidades de um irmão mais novo pedir uma ajuda para a sua irmã mais velha. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
yi'ire weé'tamoasã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'ikohó yi'ire weé'tamoasã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ma'mió yi'ire weé'tamoasã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ma'miókohó yi'ire weé'tamoasã?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

ma'miótakohó
yi'ire
weé'tamoa'sã?

mi'ĩ'takohó
yi'ire
weé'tamoa'sã?

6. 6) A seguir estão possibilidades de uma moça jovem pedir ajuda para a sua avó. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

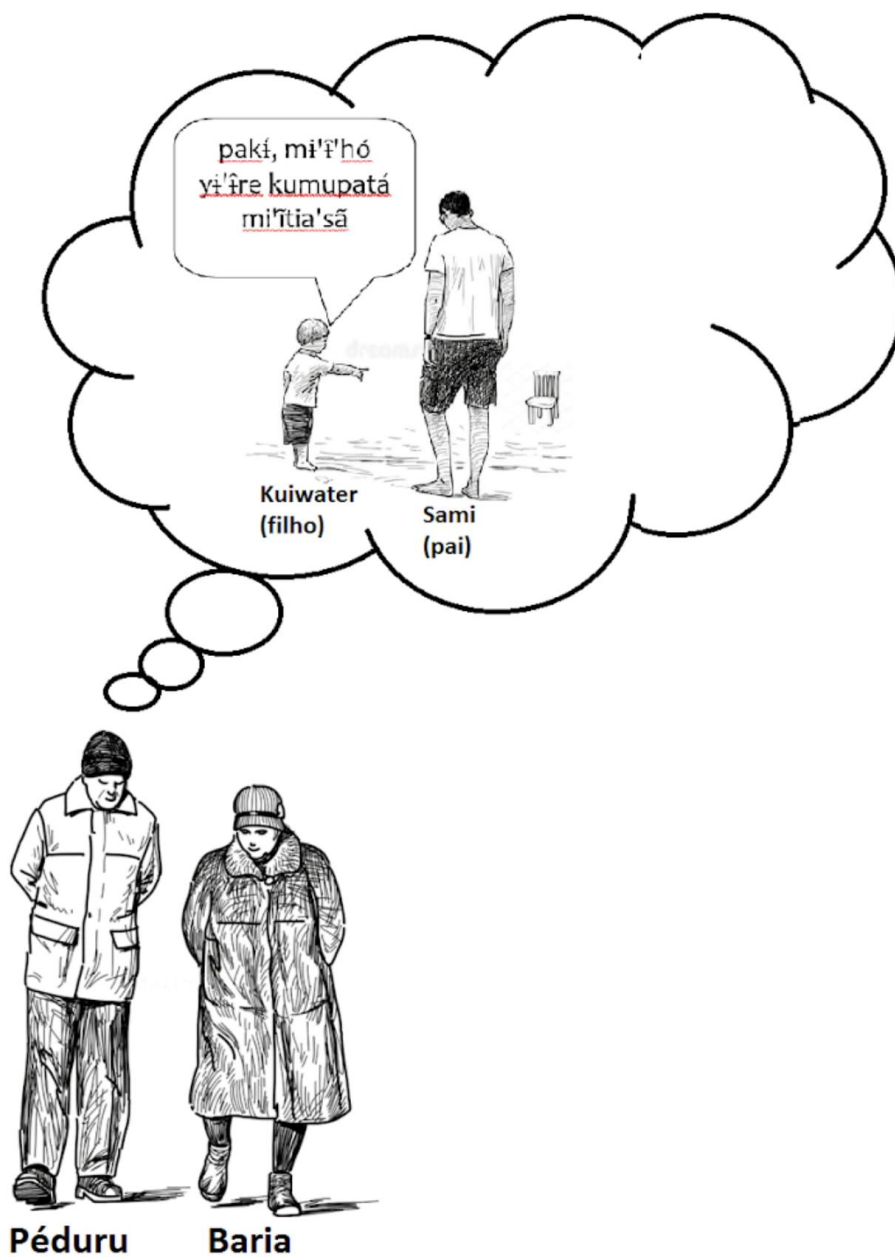
	bom	médio	ruim	não sei
yěkó yi'ire weé'tamoa'sā?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
mi'f'kohó yi'ire weé'tamoa'sā?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yěkókohó yi'ire weé'tamoa'sā?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
yěkótakohó	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

yĕkótakohó
yi'ire _____
weé'tamoa'sã? _____

_____ _____ _____ _____

yĕkóta yi'ire _____
weé'tamoa'sã? _____

7. 7) A seguir estão possibilidades de Péduru contar a Baria o diálogo que ouviu de um filho e seu pai. Avalie as possibilidades desse diálogo em: bom, médio, ruim ou não sei, de acordo com seu entendimento: *



Marcar apenas uma oval por linha.

	bom	médio	ruim	não sei
kĩrohó makí kĩre kumupatá serĩkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kĩre kumupatá serĩkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater kĩ pakire kumupatá serĩami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka pakitarohóre kumupatá serĩami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka pakire kumupatá serĩami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kĩrohó makí kĩre kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kĩre kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
kĩ makí kare kumupatá mitídutiami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
karohó makí kare kumupatá serĩkiweami	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Kuiwater ka	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Kuiwater ka pakirohóre kumupatá serĩami	_____
ka maki kĩrohóre kumupatá serĩkiweami	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
kĩ maki karohóre kumupatá serĩkiweami	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
kĩrohó maki kare kumupatá mitĩdutiami	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE IV – TABELAS DOS GRÁFICOS

Tabelas com os dados estatísticos sobre a aplicação dos questionários utilizados.

Tabelas com dados estatísticos (não identificáveis) dos informantes e das suas respostas

Dados do gráfico sobre a frequência do uso dos aumentativos (há somente questionários em que o aumentativo é testado)

código	Enunciado	Comentário	Não utilizado no enunciado	Não utilizado no comentário
q5i9	6	2	1	0
q5i8	5	2	2	1
q5i2	7	4	2	0
q4i2	0	5	0	2
q4i4	0	3	0	0
q4i3	0	2	0	1
q4i6	0	3	0	1
q4i5	0	9	0	1
q6i2	5	0	0	0
q6i1	9	0	1	0
q6i3	16	0	6	0
q7i15	10	9	2	7
q7i11	4	2	3	0
q7i13	3	4	1	1
q7i14	2	3	2	0
q7i10	5	4	1	2
q7i12	3	2	2	0
q7i16	6	3	2	3
q7i17	3	5	3	2
q7i18	3	2	1	1
q7i19	10	9	5	6

Dados dos informantes de SP

idade	escolaridade	quantidade de línguas faladas	etnia tukano	outras etnias	sexo
27	Ensino Médio	2	VERDADEIRO	FALSO	F
23	Ensino Médio	2	VERDADEIRO	FALSO	M
28	Ensino Médio	4	VERDADEIRO	FALSO	M
27	Ensino Médio	2	FALSO	VERDADEIRO	M
25	Ensino Médio	3	FALSO	VERDADEIRO	M
25	Ensino Médio	3	FALSO	VERDADEIRO	F
22	Ensino Médio	5	VERDADEIRO	FALSO	M
24	Ensino Médio	3	VERDADEIRO	FALSO	M

Dados dos informantes AM

idade	escolaridade	quantidade de línguas faladas	etnia tukano	outras etnias	sexo
27	Ensino Médio	2	VERDADEIRO	FALSO	M
30	Ensino Médio	3	FALSO	VERDADEIRO	M
45	Superior	2	FALSO	VERDADEIRO	M
48	Ensino Médio	3	FALSO	VERDADEIRO	M
35	Ensino Médio	2	VERDADEIRO	FALSO	M
65	Superior	2	VERDADEIRO	FALSO	M
40	Superior	6	VERDADEIRO	FALSO	M
48	Superior	2	FALSO	VERDADEIRO	M
26	Ensino Médio	2	FALSO	VERDADEIRO	F
59	Superior	2	VERDADEIRO	FALSO	F

APÊNDICE V – LISTA COMENTADA DE REFERÊNCIAS A MATERIAIS EM TUKANO

LISTA COMENTADA DE REFERÊNCIAS A MATERIAIS EM TUKANO

Optamos por elaborar esta lista de materiais em tukano para explicarmos melhor, a título de informação, algumas das obras a respeito e escritas nessa língua.

É importante ressaltar que, embora tenhamos procurado exaustivamente obras nessa língua, não conseguimos encontrar outras que não as presentes nesta lista. Mesmo assim, devemos ter em mente que outras obras que não foram citadas aqui existem, porém há certa dificuldade em conseguir acesso a elas.

Durante o nosso trabalho de campo, houve relatos sobre obras em tukano de pouca tiragem, espalhadas pelas comunidades e utilizadas nas escolas indígenas. Enquanto estivemos em SGC, tentamos visitar a biblioteca da FOIRN, porém ela estava fechada na ocasião. Na loja de artesanato da FOIRN havia um livro infantil para ser adquirido e na loja da ONG ISA havia um manual curto para ser distribuído.

Contudo, somente serão comentadas aqui obras que foram citadas neste trabalho.

Gramáticas, métodos de ensino e dicionários

Os materiais com este tema foram nossa maior motivação para a realização desta lista de referências comentadas, pois buscamos resumir alguns pontos sobre as obras listadas a seguir.

A gramática mais antiga, sem dúvidas, sobre a língua tukano é a gramática do Padre

Antônio Giacone, que participou de missões salesianas em SGC. Embora o material não esteja datado, imaginamos que pela época e seu formato seja da década de 1960.

GIACONE, Padre Antonio. **Pequena gramática e dicionário da língua tukana**. Missão Salesiana do Rio Negro - Amazonas, sem ano [déc. 1960].

No outro lado da fronteira de Iauretê, o governo Colombiano juntamente com o SIL (Instituto Lingüístico de Verano) financiaram a descrição de línguas indígenas da época, que culminou na Gramática popular del tukano em 1980.

WEST, Birdie. **Gramatica popular del tukano**. Bogota: Instituto Lingüístico de Verano, 1980.

Baseado muito na gramática de West supracitada, o missionário-linguista salesiano, com financiamento da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, desenvolveu uma obra bastante completa sobre a língua tukano. Nela, fenômeno por fenômeno linguístico é bem explicado e desenvolvido, diferentemente da gramática de West que é mais direta e não contempladora. Mesmo assim, muitos elementos linguísticos são citados diretamente da obra Colombiana.

Essa obra, mesmo não tão antiga, não está mais disponível para compra. No nosso trabalho de campo em SGC, somente poucas pessoas tiveram acesso a ela, inclusive os próprios salesianos não possuem mais exemplares para venda.

RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo I - Gramática**. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.

RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo II - Dicionário**. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.

RAMIREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA. Tomo III - Método de**

Aprendizagem. Manaus (AM): Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia - CEDEM, 1997.

A gramática mais recente da língua tukano é a Gramática pedagógica del tukano, de West e Welch. Ela é basicamente uma releitura de sua obra de 1980, com aplicações pedagógicas, muito provavelmente para ser utilizadas em comunidades para educação escolar indígena.

WEST, Birdie; WELCH, Betty. **Gramática pedagógica del tukano.** Bogotá: Editorial Buena Semilla, 2004.

Trabalhos acadêmicos em língua portuguesa

O prof. Thiago Chacon descreveu minuciosamente o sistema de classificação nominal em tukano, mais especificamente os traços de distinção dos nomes, levando em consideração sua forma física. Embora Ramirez (1997) tivesse feito um compilado de descrição dos classificadores nominais nessa língua, o trabalho de Chacon foi mais abrangente e representativo.

CHACON, T. C.. O Sistema de Classificação Nominal do Tukáno. **Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio)**, v. 4, p. ---, 2007.

O trabalho de Rosilene se insere na geografia e é bastante importante para termos uma noção estatística de ocupação, quantidade de línguas e povos na região.

GOMES, Rosilene Campos Magalhães. **Território e línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira-AM.** Dissertação de Mestrado. 13/12/2013. Universidade Federal do Amazonas, 2013.

A dissertação de Diego nos ajudou a ter uma noção um pouco maior a respeito da organização dos clãs e das famílias tukanas.

PEDROSO, Diego Rosa. **"Quem veio primeiro?": Imagens da hierarquia no Uaupés (Noroeste Amazônico)**. 2013. 149p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo - USP.

Trabalhos acadêmicos em tukano

O único compilado de obras acadêmicas em tukano é a Coleção Reflexividades Indígenas, cujos autores, estudantes tukanos, traduziram suas teses e dissertações para a língua tukano e publicaram pela Editora da Universidade do Amazonas. Infelizmente essa coleção estava esgotada e não obtivemos acesso à biblioteca que a possuía.

AZEVEDO, D. L. **BAHSAMORI (o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yëpamahsã Tukano)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

BARRETO, J. P. L. **Formação e transformação de COLETIVOS INDÍGENAS do noroeste amazônico (do mito à sociologia das comunidades)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

BARRETO, J. R. R. **Agenciamento do mundo pelos KUMUÂ YE'PAMAHSÂ (o conjunto dos bahsese na organização do espaço Di'ta Nuhku)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

MAIA, J. P. **WAIMAHSÃ (peixes e humanos)**. Manaus, AM: EDUA, 2018. (Coleção Reflexividades Indígenas)

Outras obras

O material a seguir se trata, na realidade, de uma cartilha informativa sobre a criação de galinhas. Ela foi desenvolvida e ilustrados por alunos dos 3ºs e 4ºs períodos da AEITY e publicada com financiamento da FOIRN e ISA. Foi um dos únicos materiais encontrados no perímetro urbano de SGC.

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vilas Boas; Azevedo, Dário Alves. **Karekeã na derowe ehkasetise**. Informativo 03 - fevereiro, 2009. parceria: AEITY, FOIRN, ISA. [alunos do 3º e 4º ciclos - Professores Ramiro e Antonio].

Uma das únicas páginas de internet com frases em tukano que encontramos foi o Blog Voa Tukano, de Marinaldo, um estudante de linguística que divulga o funcionamento do seu idioma nativo - o tukano Ye'pâ-masa - de uma forma expositiva e pedagógica.

BLOG VOA TUKANO. Disponível em: <http://voatukano.blogspot.com/>. Último acesso em 02/09/2018.

O livro infantil a seguir teve incentivo internacional, mais precisamente de uma instituição japonesa. Sua história é a de um turista japonês que se encanta com a diversidade da amazônia ao visitar uma comunidade tukano. Esse livro foi comprado na loja física da FOIRN.

ISHIKAWA, Noemia; IKEDA, Takehide; BANIWA, Aldevan; BRUNO, Ana Carla. **Nukupu asupa'ase**. Editora Valer / INPA: Manaus, 2019.

A obra a seguir foi desenvolvida e ilustrada, também, por alunos da AEITY. O livro apresenta três histórias: a primeira sobre as constelações; a segunda sobre o espírito da

floresta (Boraro); e a terceira sobre a origem da noite e do dia. Esse material conta de forma simples e didática (em língua tukano), mitos importantes para a comunidade que o desenvolveu.

SERIBHI (Dário Alves de Azevedo) [et al.]. **Mariye kihti añuse**. Belo Horizonte: FALE/UFMG: SECAD/MEC: AEITY - Associação Escola Indígena Tukano Yupuri, 2007. 56p.

É possível realizar o download do novo testamento da bíblia em tukano.

Wycliffe Bible Translators. **Novo Testamento na língua Tukano do Brasil (Õ'âkîhî Yeere Uúkûri Turi)**, 2da ed., 2009. Liga Bíblica em cooperação com a Associação Lingüística Evangélica Missionária ALEM. Disponível em: <https://www.scriptureearth.org/data/tuo/PDF/tuoPBCOL-web.pdf>

APÊNDICE VI – LISTA EXPLICATIVA DE FORMAS TESTADAS (EM PORTUGUÊS)

LISTA EXPLICATIVA DE FORMAS TESTADAS (em português)

Esta lista foi criada com o intuito de expormos melhor as formas testadas nos questionários, i.e., listaremos a seguir as estruturas gramaticais e lexicais que desenvolvemos para serem aplicadas aos sujeitos participantes desta pesquisa, falantes nativos da língua tukano.

Para saber mais a respeito das estratégias de elaboração, i.e., as formas como desenvolvemos os testes para obtenção de informações linguísticas, visite o Capítulo 2 desta tese.

Vale a pena lembrarmos que as situações das questões sempre tiveram um foco bem específico - sempre havia uma pessoa hierarquicamente ou etariamente superior e inferior. Isto é, desde o início desta pesquisa buscamos a marcação gramatical de hierarquia social nessa língua.

Para melhor orientar o leitor, as seguintes formas serão explicadas em língua portuguesa. Isso faz com que não repitamos as formas em língua tukano. Para vê-las na íntegra, favor confira o Apêndice III (Questionários).

Antes de começarmos, devemos salientar que nossa frase básica, que serviu para derivação de todas as outras frases e substituições de pronomes por substantivos (pronomes lexicalizados) foi:

traz a cadeira para mim?

Essa frase foi escolhida pois o ato ilocucionário diretivo pragmático empregado nesse

contexto facilita a demonstração da separação entre os sujeitos falantes, pois não são todos que fariam um favor para qualquer pessoa. Então, esta é uma boa forma para se ancorar as pessoas do contexto, levando em consideração fatores extra-linguísticos.

Por fim, a lista a seguir será numerada conforme a sequência de questionários.

Questionário I. No primeiro questionário nosso foco era a validação da lexicalização do pronome, i.e., tentamos identificar os possíveis substantivos que eram utilizados em lugar de pronomes. Podemos citar: avô, padre¹⁸⁷/sacerdote, pajé, pai, irmão mais velho se intercalando como referências a “eu”, “ele” e “você”. Por exemplo: O avô quer que você traga a cadeira; Pegue a cadeira para o avô; Pai, pegue a cadeira, etc. Nessa primeira etapa de pesquisa, buscávamos uma forma de marcar a hierarquia do maior para o menor, então realizamos testes que, normalmente, colocavam a figura superior em evidência (lexicalizado). Um teste que também foi realizado no início do trabalho diz respeito à correferencialidade na alternância para a terceira pessoa do sujeito superiorizado. Para esse teste, utilizamos exemplos como: “O sacerdote gostaria que você buscasse a cadeira para ele”; “O pai gostaria que o filho pegasse a cadeira”; “O pajé gostaria que você trouxesse a cadeira para este”, etc.

Questionário II. As sentenças testadas neste questionários não se diferem tanto do primeiro questionário - o que se difere realmente é a estratégia de obtenção das respostas, i.e., a forma como conseguimos obter informações linguísticas para validar nossas hipóteses. Neste questionário acrescentamos, para o teste de alternância de referência, os substantivos como sogro e genro, p.ex. “Traga a cadeira para o sogro” ou “Genro, traga a cadeira para o Sogro”, etc.. Além disso, criamos uma nova estrutura de sentença para realizar os testes, p.ex. “Seu pai quer a cadeira”.

Questionário III. Neste questionário foram testados os desonoríficos. Tentamos utilizar as sentenças utilizadas previamente, porém, ao invés de utilizarmos pronomes lexicalizados como filho, sogro, pai, utilizamos palavras para designar os hupdas (pelos tukanos) - maku, peogi e hupda.

¹⁸⁷ A escolha do padre tem a ver com os missionários salesianos que se incorporaram na região, isso fez com que muitos dos falantes de tukano, nos dias atuais, são católicos.

Questionário IV. Esse questionário é muito parecido com o segundo, sendo que sua principal diferença é a estratégia de obtenção dos dados linguísticos.

Questionário V. Nesse questionário mudanças maiores passam a ser implementadas, i.e., nele começamos a utilizar imagens e quadrinhos para que o questionário ficasse mais intuitivo. Isso nos permitiu testar as noções de tamanho do aumentativo e do diminutivo. Começamos esse questionário por imagens grandes e pequenas de abacaxis¹⁸⁸, pessoas, idosos, idosas e bebês. Nesse questionário também tentamos colocar o aumentativo na primeira pessoa do plural “nós(zão)” e no discurso indireto “ele(zão) pediu a cadeira”. Uma das questões que mais ilustram esse último teste é um quadrinho com um diálogo cujo filho pede a cadeira para o pai e um casal de adultos, ao ver a situação, faz um comentário sobre ela (buscamos identificar o aumentativo nesse comentário). Outra forma testada neste questionário foi o discurso indireto de um filho que repassa um pedido do seu avô para seu pai, p.ex. “O avô(zão) quer que você(zão) pegue a cadeira pra ele”. Por fim, uma outra mudança nos testes realizados nessa edição foi a validação de sentenças nos mesmos contextos anteriores porém, com mulheres, mães e avós.

Questionário VI. O questionário VI se difere de seu antecessor em relação à escolha e qualidade das imagens. Além disso, fizemos testes imagéticos melhor elaborados com objetos, como cadeiras novas e velhas; animais, como cachorros novos e idosos; e pessoas novas, velhas e altas. Além disso, tentamos realizar testes para saber se um idoso utiliza o aumentativo quando faz um pedido para um padre e vice-versa. Uma outra mudança bastante significativa nesse questionário foi em relação à capacidade de utilização do aumentativo em diferentes elementos de sentenças constatativas. Assim, pedimos para que os participantes da pesquisa avaliassem construções feitas com os seguintes sintagmas: CADEIRA; CADEIRA+AUM; ANTIGA CADEIRA; ANTIGA+AUM CADEIRA; ANTIGA+AUM CADEIRA+AUM; ANTIGA CADEIRA+AUM; ESTA+AUM CADEIRA; ESTA CADEIRA+AUM; e ESTA+AUM ANTIGA+AUM CADEIRA+AUM.

Questionário VII. O questionário VII é muito parecido ao questionário VI quanto às estratégias de obtenção dos dados linguísticos, todavia, seu destaque principal é a escolha

¹⁸⁸ Fruta muito comum na região de SGC.

imagética. Além disso, esse questionário possuiu testes que não diziam respeito exclusivamente ao uso do aumentativo para que fizesse com que os participantes se mantivessem imparciais quanto à temática. Resumidamente, pedimos para que eles identificassem oposições entre “este”, “aquele”, “filho” e “pai”, por exemplo. Outra característica importante desse questionário foi sua localidade de aplicação - SGC.

Questionário VIII. Por fim, o questionário VIII foi elaborado com as estratégias que vinham sendo desenvolvidas nos outros questionários. Além do meio de aplicação desse questionário ser diferente dos outros por ser digital, pouco mudou quanto às situações pragmáticas de uso do aumentativo. A principal motivação para sua elaboração foram as lacunas deixadas nesse projeto – como o teste do aumentativo em figuras femininas superiorizadas -, além das sugestões – como o uso da partícula especificadora **-ta** e o pronome indefinido **ka** com aumentativo – feitas pela banca de qualificação em dezembro de 2020.